

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

FINALISTA DO PRÊMIO MAN BOOKER

O
CARRINHO
de
LINHA
AZUL

ANNE TYLER

VENCEDORA DO PRÊMIO PULITZER

 EDITORIAL PRESENÇA



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

FINALISTA DO PRÉMIO MAN BOOKER



ANNE TYLER

VENCEDORA DO PRÉMIO PULITZER

 EDITORIAL PRESENÇA

ANNE TYLER

O CARRINHO DE LINHA AZUL

Tradução de
Marta Mendonça

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Spool of Blue Thread*

Autora: *Anne Tyler*

Copyright © 2015 by Anne Tyler

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Fotografia e design da capa © Kelly Blair

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, janeiro, 2017

ISBN: 978-972-23-5930-6

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PARTE 1

NÃO ME POSSO IR EMBORA
ATÉ O CÃO MORRER

CAPÍTULO UM

Num final de noite em julho de 1994, Red e Abby Whitshank receberam um telefonema do filho Denny. Na altura estavam a preparar-se para se deitarem. Abby estava junto à cómoda, de camisa de noite a tirar os ganchos, um a um, do seu ligeiramente despenteado puxo cor de areia. Red, um homem moreno e magro de calças de pijama às riscas e uma *T-shirt* branca, tinha acabado de se sentar na beira da cama para descalçar as meias; por isso, quando o telefone tocou na mesa de cabeceira ao seu lado, foi ele quem atendeu.

— Casa dos Whitshank — disse.

E depois:

— Ora então, olá.

Abby desviou o olhar do espelho, com as mãos ainda na cabeça.

— O quê — disse ele, sem ponto de interrogação. — Hum? — disse. — Oh, mas que diabo, Denny!

Abby baixou os braços.

— Estou? — disse ele. — Estou? Estou?

Ficou em silêncio por uns instantes e depois pousou o auscultador.

— O que foi? — perguntou-lhe Abby.

— Diz que é homossexual.

— *O quê?!*

— Diz que precisava de me dizer uma coisa: é homossexual.

— E tu desligaste-lhe o telefone!

— Não, Abby. Ele é que me desligou o telefone a mim. A única coisa que eu disse foi: «Mas que diabo...», e ele desligou-me o telefone. Clique! Sem mais nem menos.

— Oh, Red, como é que foste capaz? — queixou-se Abby. Virou-se para pegar no roupão de banho em chenilha

desbotada que em tempos tinha sido cor-de-rosa. Vestiu-o e apertou o cinto com força. — O que é que te deu para dizeres uma coisa dessas? — perguntou-lhe.

— Não quis dizer nada com isso! Dizem-te uma coisa assim do nada e é claro que a tua resposta vai ser «Mas que diabo...», não é?

Abby pegou na mecha de cabelo que lhe pendia sobre a testa.

— O que eu quis dizer — justificou-se Red — foi: «Mas que diabo, Denny, o que é que vais inventar a seguir para nos preocupar?» E ele sabe que foi isso que quis dizer. Acredita que sim. Mas agora já pode dizer que a culpa é toda minha, que sou tacanho ou bota de elástico ou seja lá o que for que ele me queira chamar. Ele *gostou* que eu lhe tivesse respondido aquilo. Percebi-o pela rapidez com que me desligou o telefone; estava só à espera de que eu dissesse a coisa errada.

— Certo — retorquiu Abby, assumindo uma atitude mais prática. — De onde é que ele estava a ligar?

— Como é que hei de saber de onde é que estava a ligar? Não tem uma morada fixa, não nos disse nada o verão inteiro, já mudou de emprego duas vezes, tanto quanto sabemos, e o mais certo é terem existido mais vezes das quais nem sequer temos conhecimento... Um rapaz com dezanove anos e não fazemos a mínima ideia em que sítio do planeta é que se encontra! Há ali qualquer coisa que não está bem...

— Pareceu-te estar a ligar de longe? Ouvia-se aquele som meio soprado? Pensa lá. Achas que podia estar aqui em Baltimore?

— Não faço ideia, Abby.

Ela sentou-se ao lado dele. O colchão inclinou-se na sua direção; era uma mulher corpulenta e robusta.

— Temos de o encontrar — disse. Depois: — Devíamos ter aquela coisa... a identificação de chamadas. — Inclinou-se para a frente e fitou o telefone com uma expressão zangada. — Oh, meu Deus, quero identificação de chamadas *neste instante!*

— Para quê? Para lhe devolveres a chamada e ele deixar o telefone tocar?

— Ele não faria isso. Saberia que era eu. E atenderia se soubesse que era eu.

Levantou-se da cama de um salto e começou a andar de um lado para o outro em cima do tapete persa que já estava quase branco de tão gasto no meio, depois de tantos anos de uso. O quarto era bonito, amplo e bem desenhado, mas tinha o aspeto confortavelmente desgastado de um espaço cujos ocupantes há muito que tinham deixado de olhar para ele.

— Como é que te pareceu a voz dele? — perguntou ela. — Estava nervoso? Estava perturbado?

— Estava bem.

— Dizes *tu*. Achas que tinha estado a beber?

— Não deu para perceber.

— Havia outras pessoas com ele?

— Não deu para perceber, Abby.

— Ou, se calhar... só uma pessoa?

Ele lançou-lhe um olhar severo.

— Achas que estava a falar a sério? — perguntou-lhe.

— É claro que estava a falar a sério! Porquê dizê-lo se não estivesse?

— O rapaz não é homossexual, Abby.

— Como é que sabes?

— Porque sei. Acredita no que te digo. Vais acabar por te sentir ridícula, estilo: «Caramba, dramatizei mesmo aquela situação.»

— Bem, isso é o que tu preferes acreditar.

— A tua intuição feminina não te diz nada? Estamos a falar de um rapaz que engravidou uma rapariga quando ainda andava no secundário!

— E depois? Isso não quer dizer nada. Pode muito bem ter sido um indício.

— Desculpa?

— Nunca podemos ter certezas absolutas sobre a vida sexual de ninguém.

— Pois não, graças a Deus — respondeu Red.

Baixou-se, com um queixume, e procurou os chinelos debaixo da cama. Abby, entretanto, tinha parado de andar de um lado para o outro e estava novamente a fitar o telefone. Pousou a mão em cima do auscultador. Hesitou. Então pegou no auscultador, levou-o ao ouvido durante cerca de meio segundo e tornou a pousá-lo.

— O problema com o identificador de chamadas — disse Red, como se falasse para os seus botões — é que parece que estamos a fazer batota. A pessoa devia estar disposta a arriscar quando atende o telefone. É mais ou menos essa a ideia generalizada no que diz respeito aos telefones, acho eu.

Pôs-se de pé e caminhou na direção da casa de banho. Atrás dele, Abby disse:

— Isto explicaria muita coisa! Não te parece? Se ele for realmente homossexual.

Red já estava a fechar a porta da casa de banho, mas pôs a cabeça de fora para lhe lançar um olhar furioso. As suas sobrancelhas pretas e finas, por norma direitas como réguas, estavam praticamente unidas.

— Às vezes — disse ele — arrependo-me profundamente do dia em que casei com uma assistente social.

Em seguida, fechou a porta com firmeza.

Quando regressou, Abby encontrava-se sentada muito direita em cima da cama, com os braços cruzados sobre o

peito rendado da sua camisa de noite.

— Nem penses em tentar atribuir a culpa dos problemas do Denny à minha profissão — disse-lhe ela.

— Só estou a dizer que às vezes a pessoa pode ser demasiado compreensiva — retorquiu ele. — Demasiado tolerante e compassiva. Entrar no cérebro privado de um miúdo.

— É impossível ser-se «demasiado compreensivo».

— Bem, só uma assistente social pode pensar tal coisa.

Ela exalou num gesto de exaspero e depois tornou a olhar de relance para o telefone. Este estava do lado de Red, não do dela. Red levantou as mantas e enfiou-se dentro da cama, bloqueando-lhe a visão. Estendeu o braço e apagou o candeeiro da mesa de cabeceira. O quarto mergulhou na escuridão, somente um brilho ténue proveniente das janelas altas com vista para o relvado do jardim da frente.

Red estava deitado de costas agora, mas Abby continuava sentada. Disse:

— Achas que vai voltar a ligar?

— Oh, sim. Mais cedo ou mais tarde.

— Foi preciso muita coragem para nos ligar da primeira vez — disse ela. — Se calhar toda a coragem que tinha.

— Coragem! Mas qual coragem? Somos os pais dele! Porque é que haveria de precisar de coragem para ligar aos próprios pais?

— Por tua causa — respondeu-lhe Abby.

— Que disparate. Nunca lhe levantei a mão.

— Não, mas condenas tudo o que faz. Estás sempre a encontrar-lhe falhas. Com as miúdas és todo mole e o Stem é parecido contigo. Agora o Denny!... As coisas são mais complicadas com o Denny. Às vezes penso que não gostas dele.

— Por amor de Deus, Abby. Sabes bem que não é verdade.

— Oh, eu sei que o amas. Mas já vi a maneira como olhas para ele, estilo «Quem é esta pessoa?», e não penses que ele também não viu.

— Se é esse o caso — replicou Red —, então porque é que ele anda sempre a tentar fugir de *tí*?

— Ele não anda a tentar fugir de mim!

— Desde os cinco ou seis anos que não te deixava entrar no quarto dele. O miúdo preferia mudar os lençóis sozinho em vez de te deixar entrar para o fazeres por ele! Raramente trazia os amigos cá a casa, não nos dizia como é que se chamavam, nem sequer te contava o que fazia na escola o dia inteiro. «Não te metas na minha vida, mãe», dizia ele. «Não te intrometas, não sejas cusca, dá-me espaço.» O livro ilustrado de que ele menos gostava, aquele que odiava tanto que rasgou as páginas todas, lembras-te?, tinha aquele coelho bebé que queria transformar-se em peixe e depois em nuvem, tudo isso só para poder escapar, e tinha aquela mãe coelho que dizia que ia transformar-se também para ir atrás dele. O Denny rasgou todas as páginas!

— Isso não tinha nada que ver com...

— E admiras-te que se tenha tornado homossexual? Não que ele se tenha efetivamente tornado homossexual, mas se tivesse, se isso lhe tivesse passado pela cabeça só para nos chatear, queres saber porquê? Eu digo-te porquê: a culpa é da mãe. A culpa é sempre da mãe galinha.

— Oh! — exclamou Abby. — Isso é um conceito tão ultrapassado, ignorante e... *errado*. Nem sequer o vou dignificar com uma resposta.

— Já estás a empregar bastantes palavras para me dizeres isso.

— Então e o pai, já que queres ir buscar essas tuas teorias da Idade Média? E o pai do género machão e trabalhador das obras que diz ao filho para fazer cara alegre, para mostrar alguma garra, para deixar de se lamuriar com coisinhas de nada, para subir ao raio do telhado e colocar as telhas à martelada?

— As telhas não se colocam à *martelada*, Abby.

— Então e esse pai?

— Pronto, está bem! Eu fiz isso. Fui o pior pai do mundo. Está feito.

Seguiu-se um momento de silêncio. O único som que se ouviu veio da rua; o sussurro de um carro a passar.

— Eu não disse que foste o *pior* — disse Abby.

— Certo — retorquiu Red.

Mais um minuto de silêncio.

Abby perguntou:

— Não há um número que se marca para ligar diretamente para a última pessoa que nos telefonou?

— Asterisco sessenta e nove — respondeu Red, de imediato. Aclarou a garganta. — Mas tu não vais fazer isso.

— Porque não?

— O Denny é que escolheu terminar a conversa, caso seja preciso recordar-te.

— Ficou magoado, foi por isso — replicou Abby.

— Se tivesse ficado magoado, teria demorado algum tempo a desligar. Não me teria calado assim tão de repente. Ele desligou como se estivesse à *espera* para desligar. Oh, estava praticamente a esfregar as mãozinhas quando me deu a notícia! Foi logo direto ao assunto. «Gostava de te dizer uma coisa», disse ele.

— Há pouco disseste que tinha sido «Preciso de te dizer uma coisa».

— Bem, ou uma ou outra — respondeu Red.

— Qual foi?

— Isso importa?

— Importa, sim.

Ele pensou por uns instantes. Depois ensaiou as frases em voz baixa.

— «Preciso de te dizer uma coisa» — experimentou. — «Gostava de te dizer uma coisa.» «Pai, gostava de...» — A sua voz perdeu-se. — Sinceramente não me recordo — disse.

— Podes marcar asterisco sessenta e nove, por favor?

— Não percebo qual é a ideia dele. Sabe que não sou contra os homossexuais. Pus um homossexual como responsável pelas nossas placas de gesso, caramba. E o Denny *sabe* isso. Não percebo porque é que ele pensou que isso me fosse afetar. Quer dizer, é claro que não vou ficar encantado com a ideia. Queremos sempre que os nossos filhos tenham uma vida sem grandes complicações. Mas...

— Passa-me o telefone — pediu-lhe Abby.

O telefone tocou.

Red pegou no auscultador no mesmo instante em que Abby se lançava por cima dele e o agarrava também. Ele agarrou-o primeiro, mas seguiu-se uma pequena disputa e, de alguma maneira, ela acabou por ficar com ele. Sentou-se muito direita e disse:

— Denny?

Em seguida, respondeu:

— Ah. Jeannie.

Red tornou a deitar-se para trás.

— Não, não, ainda não estamos deitados — disse ela. Seguiu-se uma pausa. — Claro que sim. Vemo-nos amanhã às oito. Adeus.

Estendeu o auscultador a Red, que o agarrou e depois esticou o braço para o pousar no sítio.

— Quer que lhe empreste o meu carro — explicou ela. Deitou-se para trás no seu lado da cama.

Em seguida, disse, numa voz que soou débil e deprimida:

— Agora já não dá para marcar asterisco sessenta e nove, pois não?

— Não — retorquiu Red. — Parece que não.

— Oh, Red. Oh, o que vamos fazer? Nunca, mas nunca mais vamos ter notícias dele! Não nos vai dar mais nenhuma oportunidade!

— Então, querida — disse-lhe ele. — Havemos de ter notícias dele. Prometo. — Estendeu os braços e puxou-a para ele, pousando a cabeça dela no seu ombro.

Ficaram deitados nessa posição durante algum tempo, até que, aos poucos, Abby parou de se mexer e a sua respiração tornou-se mais lenta e regular. Red, porém, continuava a fitar a escuridão. A dada altura, proferiu umas palavras para si mesmo, a título experimental.

— «... preciso de te dizer uma coisa» — murmurou, quase num sussurro. Depois: — «... gostava de te dizer uma coisa.» — Depois: — «Pai, gostava de...» «Pai, preciso de...» — Mexeu a cabeça na almofada, num gesto impaciente. Em seguida, recomeçou: — «... dizer-te uma coisa: sou homossexual.» «... dizer-te uma coisa: *acho* que sou homossexual.» «Sou homossexual.» «Acho que sou homossexual.» «Acho que talvez seja homossexual.» «Sou homossexual.»

Mas entretanto calou-se e por fim adormeceu também.

Bem, é claro que voltaram a ter notícias dele. Os Whitshank não eram uma família *melodramática*. Nem o Denny era do género de desaparecer da face da Terra, de cortar com qualquer contacto ou de deixar de falar; pelo menos não de forma permanente. Era um facto que não tinha aparecido nesse verão para as habituais férias na praia, mas talvez tivesse faltado de qualquer maneira; precisava de ganhar algum dinheiro para o ano escolar

seguinte. (Andava na Universidade de St. Eskill, em Pronghorn, no estado do Minnesota.) E, de facto, telefonou-lhe em setembro. Precisava de dinheiro para os manuais, explicou ele. Infelizmente, Red era o único em casa na altura, pelo que a conversa não foi muito reveladora.

— Falaram sobre o quê? — quis saber Abby e Red respondeu-lhe:

— Disse-lhe que teria de pagar os manuais do seu próprio bolso.

— Mas falaste-lhe sobre a última vez que ele ligou? Pediste-lhe desculpa? Explicaste-te? Ele perguntou-te mais alguma coisa?

— Não chegámos a falar sobre nada disso.

— Red! — exclamou Abby. — É o costume! A reação típica: um rapaz anuncia que é homossexual e a família continua a comportar-se como se não fosse nada, fingindo não o ter ouvido.

— Pronto, está bem — respondeu Red. — Liga-lhe. Telefona para o dormitório dele.

Abby parecia algo indecisa.

— E que motivo é que dou para lhe estar a ligar? — perguntou ela.

— Diz que o queres interrogar.

— Vou antes esperar que ele torne a ligar — decidiu ela.

Mas quando ele voltou a ligar (o que aconteceu cerca de um mês depois, quando Abby estava presente para atender) foi para falar sobre as suas reservas de avião para as férias do Natal. Queria mudar a data de chegada porque primeiro iria a Hibbing para visitar a namorada. A namorada!

— O que é que eu havia de responder? — disse Abby a Red, mais tarde. — Tive de lhe dizer: «Pronto, está bem.»

— O que é que havias de dizer, realmente — concordou Red.

Ele não tornou a falar no assunto, mas Abby andou num estado de nervosismo durante as semanas que antecederam o Natal. Percebia-se que estava ansiosa para esclarecer as coisas. O resto da família andava a pisar ovos à volta dela. Não tinham conhecimento da questão sobre a homossexualidade (Red e Abby tinham concordado nesse facto, não contar a ninguém sem a autorização de Denny), mas sabiam que se passava alguma coisa.

Era intenção de Abby (embora não de Red) sentar Denny e ter uma conversa franca com ele assim que chegasse a casa. Mas na manhã do dia em que o avião dele ia chegar, receberam uma carta de St. Eskil a recordá-los dos termos do contrato: os Whitshank seriam responsáveis pelas propinas do próximo semestre não obstante o facto de Denny ter desistido.

— Desistido — repetiu Abby. Fora ela quem abrira a carta, embora os dois a estivessem a ler. A forma vagarosa e ponderada como falou realçou todas as implicações dessa palavra. Denny tinha desistido; era um desistente; desistira da família há muitos anos. Que outro adolescente norte-americano de classe média vivia como ele vivia; a viajar pelo país como se fosse um vagabundo, completamente longe do controlo dos pais, contactando-os de forma esporádica e evitando, sempre que possível, permitir-lhes que entrassem em contacto com ele? Como é que as coisas tinham chegado a esse estado? De modo algum tinham permitido aos restantes filhos comportarem-se dessa maneira. Red e Abby entreolharam-se durante um longo e exasperante momento.

Compreensivelmente, portanto, o tema que dominou o Natal nesse ano foi o facto de Denny ter desistido da universidade. (Tinha chegado à conclusão de que a educação era um desperdício de dinheiro, fora tudo o que lhes dissera, uma vez que não fazia a mínima ideia do que

queria fazer na vida. Talvez daí a um ou dois anos, dissera ele.) A sua homossexualidade, ou não homossexualidade, parecera ter ficado perdida na confusão.

— Quase que percebo porque é que certas famílias fingem que não lhes foi dito nada — disse Abby, logo a seguir ao período natalício.

— Hum-hum — respondeu-lhe Red, com uma expressão indecifrável.

Dos quatro filhos de Red e Abby, Denny fora sempre o mais bonito. (Era uma pena que parte dessa beleza não tivesse sido herdada pelas raparigas.) Tinha o cabelo preto e liso, os olhos azuis penetrantes e as feições típicas dos Whitshank, mas o tom de pele era ligeiramente mais escuro do que a pele branca dos outros e o corpo parecia mais bem estruturado, não era tanto um saco de protuberâncias e ossos. Contudo, havia algo no rosto dele (um certo desequilíbrio, uma irregularidade ou assimetria) que o impedia de ser verdadeiramente belo. As pessoas que comentavam o aspeto físico dele faziam-no posteriormente, em tom de surpresa, como se se felicitassem a si próprias pela capacidade de discernimento.

Por ordem de nascimento, ele fora o terceiro. Amanda tinha nove anos quando ele nascera e Jeannie tinha cinco. Teria sido complicado para um rapaz ter irmãs mais velhas? Intimidante? Humilhante? Ambas eram muito assertivas; em especial Amanda, que tinha uma veia autoritária. Mas ele menosprezava Amanda, em certa medida, e era ligeiramente afetuoso para com Jeannie, a pequena maria-rapaz. Como tal, não havia propriamente motivo para alarme. Agora em relação a Stem...! Stem apareceu quando Denny tinha quatro anos. Isso sim, pode ter sido um fator. Stem era bom por natureza. Às vezes veem-se crianças

assim. Era obediente, amoroso e generoso; e nem sequer precisava de fazer um esforço.

O que não significava que Denny fosse mau. Era muito mais generoso, por exemplo, do que os outros três juntos. (Trocou a sua bicicleta nova por um gatinho aquando da morte do adorado gato de Jeannie.) E não batia nas outras crianças, nem fazia birras. Mas era de muito poucas palavras. Tinha uns acessos de teimosia inexplicáveis em que franzia o sobrolho e exhibia uma carranca, e ninguém conseguia chegar a ele. Parecia uma espécie de birra interior; como se a fúria dele se virasse sobre si mesma e o endurecesse ou o paralisasse. Quando isso acontecia, Red atirava as mãos ao ar e afastava-se qual furacão, mas Abby era incapaz de o deixar estar. Sentia necessidade de o arrancar desse estado. Queria que os seus entes queridos fossem felizes!

Certa vez, na mercearia, Denny estava aborrecido com qualquer coisa e a música «Good Vibrations» começou a tocar nos altifalantes. Tratava-se da canção favorita de Abby, a que ela sempre dissera que queria que tocassem no seu funeral, pelo que começou a dançar ao som da mesma. Inclinou-se, dançou e cantarolou à volta de Denny, como se ele fosse um mastro de festejos, mas o rapaz continuou a descer o corredor das sopas com os olhos fixos em frente e os punhos cerrados enfiados bem fundo nos bolsos do casaco. Tinha feito figura de parva, contara ela a Red quando chegara a casa. (Estava a tentar desvalorizar a situação.) Ele nem sequer tinha olhado para ela! Era como se ela fosse uma maluquinha qualquer! E isto quando ele tinha nove ou dez anos, ainda longe da idade típica em que os rapazes começam a sentir vergonha das mães. Mas pelos vistos ele tinha sentido vergonha de Abby desde muito cedo. Comportava-se como se lhe tivessem atribuído

a mãe errada, explicara ela, e esta não fosse suficientemente boa.

Estava a ser palerma, respondera-lhe Red.

E Abby concordara, dizendo que tinha perfeita noção disso. Que não se tinha explicado bem.

Os professores telefonavam frequentemente a Abby:

«Pode vir à escola para conversarmos sobre o Denny? Assim que possível, por favor.»

O assunto era sempre a falta de atenção, a preguiça ou a despreocupação, nunca a falta de capacidade. Aliás, no final do terceiro ano ele saltou automaticamente um ano, com base na teoria de que talvez precisasse de um desafio maior. Mas isso foi provavelmente um erro. Tornou-o uma pessoa ainda mais inadaptada. Os poucos amigos que tinha eram amigos duvidosos; rapazes que não andavam na mesma escola que ele, rapazes que preocupavam a família dele nas poucas ocasiões em que apareciam, falando entredentes, arrastando os pés e desviando o olhar.

Oh, houve momentos prometedores, de tempos a tempos. Ele certa vez ganhou um prémio num concurso de ciências, por ter concebido uma forma de embalagem capaz de evitar que um ovo se partisse independentemente da distância a que fosse atirado. Mas esse foi o último concurso em que ele se inscreveu. E houve um verão em que começou a tocar trompa, algo que tinha aprendido na escola primária, demonstrando mais perseverança do que a família alguma vez lhe tinha visto. Durante várias semanas uma versão lamuriosa, atribulada e meio confusa do *Concerto n.º 1 para Trompa* de Mozart ecoou horas a fio através da porta fechada do quarto dele, hesitante e rígida, até Red começar a praguejar entredentes; todavia, Abby dera-lhe uma palmadinha na mão e dissera-lhe: «Oh, deixa lá, podia ser pior. Podiam ser os Butthole Surfers», que eram a banda de eleição de Jeannie na altura. «Acho ótimo

ele ter arranjado algo para fazer», dissera ela, e sempre que Denny pausava para fazer os compassos da parte da orquestra, ela cantarolava as notas que faltavam. (A família inteira já sabia a peça de cor, uma vez que tocava bem alto na aparelhagem quando Denny não a estava a tocar ele mesmo.) Mas assim que conseguiu tocar o primeiro andamento sem precisar de parar e voltar ao início, desistiu. Disse que a trompa era uma seca. «Seca» parecia ser a sua palavra favorita. O acampamento de futebol também era uma seca e ele desistiu ao fim de três dias. O mesmo em relação ao ténis e com a equipa de natação. «Se calhar devíamos acalmar um pouco», sugerira Red a Abby. «Não nos mostrarmos tão entusiasmados sempre que ele revela interesse por alguma coisa.»

Porém, Abby retorquira:

«Somos os pais dele! É perfeitamente normal os pais ficarem entusiasmados.»

Embora preservasse a sua privacidade de uma forma obsessiva (comportando-se como se escondesse segredos de Estado), o próprio Denny era um coscuvilheiro inveterado. Nada estava a salvo dele. Lia os diários das irmãs e as pastas dos clientes da mãe. Deixava as gavetas das secretárias arrumadas por cima, mas viradas completamente do avesso por baixo.

E depois, quando chegou à adolescência, começou a beber, a fumar, a vadiar, a fumar erva e, quem sabe, pior ainda. Carros batidos estacionavam diante da casa com condutores desconhecidos a buzinares e a gritarem: «Então, ó cabrão!» Por duas vezes teve chatices com a Polícia. (Conduzir sem carta; identificação falsa.) O estilo de roupa dele foi muito além do *grunge* típico da adolescência: sobretudos de idosos comprados em feiras de velharias; calças de *tweed* ásperas e muito largas; ténis colados com fita-cola. O cabelo andava sempre sujo, viscoso

de tanta gordura, e ele emanava um odor que fazia lembrar um roupeiro com roupa bafienta. Podia ter facilmente passado por ser um sem-abrigo. O que era algo irónico, dissera Abby a Red. Um membro da família Whitshank, uma dessas famílias invejáveis que irradiavam um espírito de clã, de união e que eram simplesmente... excepcionais; no entanto, ele arrastava-se atrás deles como se fosse alvo da sua caridade.

Nessa altura os dois rapazes estavam a trabalhar a tempo parcial nas Construções Whitshank. Denny provou ser competente, mas não tinha muito jeito para os clientes. (A uma mulher que lhe disse, num tom atiradiço: «Tenho medo de que deixes de gostar de mim se te disser que mudei de ideias em relação à cor da tinta», ele respondera: «Mas quem é que lhe disse que eu gostava de si?») Stem, em contrapartida, era muito amável com os clientes e era dedicado ao trabalho; ficava até mais tarde, colocava questões, pedia que lhe fossem atribuídos mais projetos. Qualquer coisa que envolva madeiras, pedia ele. Stem adorava trabalhar com madeira.

Denny desenvolveu um tom de voz petulante, arrogante e trocista. «Com certeza, homem», respondia quando Stem lhe pedia as páginas de desporto do jornal, e «Como queiras, Abigail». Durante os famosos «jantares de órfãos» de Abby, um ajuntamento de inadaptados, solitários e desafortunados, o comportamento cortês de Denny primeiro era visto como encantador e logo depois como ofensivo. «Por favor, eu insisto», dissera ele à Sra. Mallon, «fique antes com a minha cadeira; suportará melhor esse seu peso.» A Sra. Mallon, uma mulher divorciada sofisticada que se orgulhava imenso da sua magreza extrema, lamuriara-se: «Oh! Mas...», ao que ele lhe respondera: «É que a sua cadeira é um pouco frágil de mais», e os pais não podiam fazer nada, não sem chamarem

ainda mais a atenção para a situação. Ou no caso de B. J. Autry, uma loura arruivada cuja risada grasnada e desagradável irritava toda a gente: Denny dedicou um domingo de Páscoa inteiro a elogiar-lhe o «risinho gracioso». Embora B. J., ao contrário dos outros, lhe tivesse respondido na mesma moeda. «Vai-te lixar, miúdo», respondera-lhe por fim. Mais tarde Red dera um ralhete a Denny. «Nesta casa», dissera-lhe, «não se insultam os convidados. Deves um pedido de desculpa à B. J.»

Denny respondera-lhe: «Oh, peço desculpa. Não me tinha apercebido de que ela era assim tão sensível.»

«Todas as pessoas são sensíveis, filho, se fizeres troça delas.»

«Ai, sim? Pois olha que eu não», retorquira Denny.

É claro que puseram a hipótese de o levar a um psicólogo. Ou pelo menos Abby pôs essa hipótese. Sempre o tivera em mente, mas agora começava a insistir mais nesse assunto. Denny recusava-se. Certo dia, andava ele no décimo primeiro ano, ela pediu-lhe ajuda para levar o cão ao veterinário; uma tarefa para duas pessoas. Depois de terem arrastado *Clarence* até ao carro, Denny sentou-se no banco da frente, cruzou os braços sobre o peito e lá foram eles. Atrás deles, *Clarence* choramingava e andava de um lado para o outro, raspando as unhas nos forros de vinil. O choro deu lugar a ganidos à medida que se aproximaram do consultório veterinário. Mas Abby passou pelo edifício sem parar. Os ganidos esmoreceram e tornaram-se mais interrogativos, até que por fim cessaram. Abby continuou até chegar a um edifício em estuque, estacionou diante do mesmo e desligou o motor. Caminhou rapidamente até ao lado do passageiro e abriu a porta a Denny:

«Sai», ordenou-lhe. Denny permaneceu sentado durante uns segundos, mas depois obedeceu, descruzando os braços com tanta vagareza e de forma tão contrariada que

foi quase como se tivesse *escorrido* do interior do carro. Subiram os dois degraus que conduziam ao alpendre frontal do edifício e Abby premiu um botão ao lado de uma placa que dizia «Richard Hancock, Médico». «Venho buscar-te daqui a quinze minutos», disse-lhe ela. Denny fitou-a com uma expressão impassível. Quando soou o trinco da porta, ele abriu-a e Abby regressou ao carro.

Red teve alguma dificuldade em acreditar nessa história. «E ele entrou?», perguntou a Abby. «Sem dizer nada?»

«Claro», respondeu alegremente Abby e depois os seus olhos encheram-se de lágrimas. «Oh, Red», disse ela, «imaginas o que ele deve estar a passar, para me ter deixado fazer aquilo?»

Denny consultou semanalmente o Dr. Hancock durante dois ou três meses. «Hankie», chamava-lhe ele. («Não tenho tempo para limpar a cave; hoje é dia da treta do Hankie.») Nunca disse nada sobre o que eles conversavam e o Dr. Hancock também não, como é óbvio, apesar de Abby lhe ter telefonado uma vez para perguntar se achava que valia a pena fazer uma espécie de conferência familiar. O Dr. Hancock respondeu-lhe que não.

Era o ano de 1990, finais de 1990. No início de 1991, Denny fugiu de casa.

A rapariga chamava-se Amy Lin. Era a filha magricelas, de franja nos olhos e indumentária gótica, de dois ortopedistas americanos de ascendência chinesa e estava grávida de seis semanas. Mas nada disso era do conhecimento dos Whitshank. Nunca tinham ouvido falar de Amy Lin. A primeira suspeita surgiu quando o pai dela telefonou a perguntar se eles faziam ideia do paradeiro de Amy.

«De quem?», perguntara Abby. A princípio julgara que ele tinha marcado o número errado.

«A minha filha, Amy Lin. Fugiu com o seu filho. No recado dizia que se iam casar.»

«Iam o quê?», exclamou Abby. «Ele tem dezasseis anos!»

«E a Amy também», respondeu o Dr. Lin. «Fez anos anteontem. Parece estar convencida de que é legal casar-se aos dezasseis anos.»

«Só se for em Moçambique», retorquiu Abby.

«Importa-se de ir ao quarto do Denny ver se ele deixou algum recado, por favor? Eu espero.»

«Está bem», disse Abby. «Mas acho que deve estar enganado.»

Pousou o auscultador e pediu a Jeannie (a pessoa que melhor conhecia Denny) para a ajudar a procurar um bilhete. Jeannie ficou tão incrédula como Abby.

«O Denny? Casar-se?», perguntou, enquanto subiam as escadas. «Ele nem sequer tem namorada!»

«Oh, o homem deve estar doido», respondeu Abby. «E o tom autoritário com que me falou? Apresentou-se como “doutor Lin”. Tem aquela mania típica dos médicos de dar ordens aos outros.»

Como seria de esperar, não encontraram nenhum bilhete, nem nada denunciador — uma carta de amor ou uma fotografia. Jeannie verificou inclusivamente uma caixa de lata na prateleira do roupeiro de Denny cuja existência Abby desconhecia, mas a única coisa que continha era um maço de *Marlboro* e uma caixa de fósforos.

«Estás a ver?», disse Abby num tom triunfante.

Porém, Jeannie exibia uma expressão pensativa e quando estavam a descer as escadas disse:

«Mas quando é que o Denny alguma vez deixou um recado, fosse por que razão fosse?»

«O doutor Lin está enganado», respondeu perentoriamente Abby. Pegou no auscultador e disse: «Parece que está enganado, doutor Lin.»

Pelo que coube aos Lin localizar o casal, depois de a filha lhes ter ligado a pagar no destinatário para dizer que se encontrava bem, apesar de sentir um pouco de saudades de casa. Ela e Denny estavam num motel nos arredores de Elkton, no Maryland, depois de se terem deparado com algumas dificuldades ao solicitarem uma licença de casamento. Por essa altura já estavam desaparecidos há três dias, pelo que os Whitshank foram obrigados a admitir que o Dr. Lin afinal não era doido de todo, apesar de continuarem sem conseguir acreditar que o Denny tivesse feito tal coisa.

Os Lin foram buscá-los a Elkton de carro, indo diretamente para casa dos Whitshank no caminho de regresso, para uma reunião com as duas famílias. Foi a primeira e única vez que Red e Abby puseram os olhos em Amy. Acharam-na incrivelmente pouco atraente; com um aspeto pálido e pouco saudável, e sem vivacidade nenhuma. Além disso, dissera Abby mais tarde, fora um choque constatar o quão bem os Lin pareciam conhecer Denny. O pai de Amy, um homem de estatura baixa vestido com um fato de treino azul-claro, falou-lhe num tom familiar e carinhoso até, e a mãe dela deu uma palmadinha consoladora na mão de Denny depois de ele ter concordado que o melhor seria fazer um aborto.

«O Denny deve ter estado em casa deles inúmeras vezes», dissera Abby a Red, «ao passo que eu e tu não fazíamos a mínima ideia da existência da Amy.»

«É diferente quando são as filhas», replicara Red. «Sabes bem que costumamos conhecer os namorados da Mandy e da Jeannie, mas não sei se os pais desses jovens conheceram a Mandy e a Jeannie.»

«Não», respondera Abby, «não é disso que estou a falar. Isto é mais do que ele ter conhecido a família dela; ele *faz parte* dela.»

«Que disparate», retorquira Red.

Abby não parecera ficar convencida.

Tentaram conversar com Denny sobre a fuga depois de os Lin se terem ido embora, mas ele limitara-se a responder que estivera ansioso por poder cuidar de um bebé. Quando lhe disseram que era demasiado novo para cuidar de um bebé, calara-se. E quando Stem lhe perguntou, no seu jeito desajeitado e presumido: «Quer dizer que tu e a Amy agora estão noivos?», Denny respondeu: «Hum? Não sei.»

Na verdade, os Whitshank nunca mais tornaram a ver Amy e, tanto quanto sabiam, Denny também não. No final da semana seguinte já ele estava devidamente instalado num colégio interno para adolescentes problemáticos na Pensilvânia, graças ao Dr. Hancock, que tratou de tudo. Denny concluiu os dois últimos anos do secundário e, uma vez que não tinha qualquer interesse no ramo da construção civil, passou esses dois verões a servir às mesas em Ocean City. As únicas vezes em que ia a casa era aquando de acontecimentos importantes, como o funeral do avô Dalton ou o casamento de Jeannie, e depois desaparecia num ápice.

Não podia ser, dizia Abby. Não tinham passado tempo suficiente com ele. Os filhos deviam estar em casa até aos dezoito anos, no mínimo. (As raparigas não tinham saído de casa nem quando foram para a universidade.)

«É como se ele nos tivesse sido roubado», dissera ela a Red. «Foi-nos levado antes do tempo!»

«Falas como se ele tivesse morrido», respondera-lhe Red.

«Eu *sinto* que ele morreu», dissera ela.

E sempre que ele vinha a casa era como se fosse um estranho. Tinha um cheiro diferente, já não cheirava a roupeiros bafientos mas a algo mais químico, como alcatifas novas. Usava um boné estilo marinheiro que Abby (produto dos anos 60) associava sempre ao jovem Bob

Dylan. E falava com os pais de um modo educado mas distante. Sentir-se-ia ressentido por o terem mandado para um colégio interno? Mas a verdade era que não tinham tido alternativa! Não, o ressentimento dele já devia vir de muito longe.

«É porque não o protegi o suficiente», deitara-se a adivinhar Abby.

«Protegê-lo de quê?», perguntara Red.

«Oh... esquece.»

«Não deve ter sido de *mim*», dissera Red.

«Se tu o dizes.»

«Não vou arcar com as culpas disto, Abby.»

«Certo.»

Nesses momentos eles odiavam-se.

E depois Denny foi para a Universidade de St. Esquil; um verdadeiro milagre, tendo em conta o passado de delinquência e a sua média de 10 valores. Embora não se pudesse dizer que a faculdade tivesse mudado as coisas. Ele continuava a ser o filho mistério dos Whitshank.

Nem mesmo o famoso telefonema tinha mudado as coisas, porque nunca chegaram a conversar com ele sobre o assunto. Nunca o tinham sentado para lhe perguntar: «Diz lá: és homossexual ou não és homossexual? Explica-te só, é tudo o que te pedimos.» Outros acontecimentos seguiram-se depressa de mais. Ele não se demorava muito tempo no mesmo sítio. A seguir ao Natal utilizou o bilhete de regresso para voltar ao Minnesota, possivelmente por causa da namorada, e trabalhou durante um ou dois meses numa espécie de loja de artigos para canalização, pelo menos foi o que eles deduziram depois de ele ter enviado a Jeannie um boné cuja pala dizia «Canalizações & Acessórios Thompson». Porém, quando voltaram a ter notícias já ele estava no Maine. Tinha arranjado trabalho

na reconstrução de um navio; depois tinha sido despedido; dizia que ia voltar a estudar, mas pelos vistos tal não acontecera.

Tinha uma forma de falar ao telefone tão intensa e animada que os pais começavam a acreditar que ele sentia uma certa urgência em estabelecer contacto com eles. Durante semanas a fio telefonava-lhes todos os domingos até eles se acostumarem a isso, quase dependendo desses momentos, mas depois não dizia nada durante vários meses e eles não tinham forma de entrar em contacto com ele. Era algo perverso alguém que andava tanto de um lado para o outro não ter telemóvel. Por essa altura já Abby solicitara o serviço de identificação de chamadas, mas de que lhes servia? Denny estava FORA DA ÁREA. Era um NÚMERO NÃO IDENTIFICADO. Devia haver uma informação especial só para ele: APANHEM-ME SE PUDEREM.

Esteve a morar em Vermont durante uns tempos, mas depois enviou-lhes um postal de Denver. A dada altura juntou-se a alguém que tinha inventado um promissor produto de *software*, mas a parceria durou pouco tempo. Parecia que os empregos não paravam de o dececionar, bem como os sócios, as namoradas e todas as regiões geográficas.

Em 1997, convidou a família para o casamento dele num restaurante em Nova Iorque onde a sua futura esposa trabalhava como empregada de mesa e onde ele era o chefe. Era o quê? Como é que isso tinha acontecido? Em casa nunca tinha cozinhado nada mais elaborado do que uma lata de chili *Hormel*. Toda a gente foi ao casamento, claro: Red, Abby e Stem, as raparigas e os maridos das raparigas. Em retrospectiva, talvez tivesse sido gente a mais. Eram em número superior às restantes pessoas presentes. Mas tinham sido convidados, afinal de contas!

Ele dissera que queria a presença de todos! Empregara o mesmo tom de voz intenso que sugeria que *necessitava* da presença deles. Como tal, alugaram uma carrinha e partiram rumo a norte para se irem encafuar no restaurante minúsculo, que era mais um bar do que outra coisa; uma pequena espelunca com seis bancos altos diante de um balcão de madeira e quatro mesas redondas pequenas. Uma outra empregada de mesa e o proprietário também marcaram presença, e a mãe da noiva também. Esta, cujo nome era Carla, envergava um vestido de grávida com alças finas que mal lhe cobria a roupa interior. Era claramente mais velha do que Denny (que tinha vinte e dois anos na altura, demasiado jovem para sequer pensar em casar). O cabelo encrespado estava pintado num tom acastanhado uniforme, como uma coisa morta assente em cima da cabeça dela, e os olhos azuis mortiços exibiam uma expressão dura. Parecia quase mais velha do que a própria mãe, uma loura roliça e tagarela que envergava um vestido de verão. Ainda assim, os Whitshank esforçaram-se ao máximo. Circularam antes do início da cerimónia, perguntando a Carla onde é que ela e Denny se tinham conhecido, perguntando à outra empregada de mesa se iria ser a dama de honor. Carla e Denny tinham-se conhecido no trabalho. Não iria haver dama de honor.

Denny comportou-se de uma forma muito sociável, em comparação com o que era seu costume. Envergava um fato escuro de aspeto decente com uma gravata vermelha e falava cordialmente com toda a gente, deslocando-se de pessoa em pessoa mas regressando sempre para junto de Carla, pousando uma mão na base das costas dela num gesto possessivo. Carla foi agradável mas algo distraída, como se estivesse constantemente a interrogar-se se teria deixado o bico de gás aceso em casa. Tinha um sotaque nova-iorquino.

Abby fez questão de conhecer melhor a mãe da noiva. Escolheu a cadeira ao lado dela quando chegou a hora de se sentarem e as duas começaram a conversar numa voz sussurrada, com as cabeças quase a tocarem-se e os olhos a desviarem-se repetidamente na direção dos noivos. Isso deixou os restantes membros dos Whitshank com esperança de, quando voltassem a estar sozinhos, tomarem conhecimento da história. O que é que estaria a acontecer ali, ao fim e ao cabo? Seria um casamento por amor? A sério? E quando é que nasceria o bebé?

O padre, se se lhe podia chamar tal coisa, era um estafeta motoqueiro com uma licença emitida pela Igreja Universal. Carla comentou várias vezes o facto de ele «estar muito elegante» e, se era o caso, os Whitshank nem queriam imaginar como seria antes. Envergava um casaco de cabedal preto (em agosto!) e uma barbicha hirsuta, e as botas estavam decoradas com tantas correntes que produziam um som metálico pesado em vez de tilintarem. Mas levou a tarefa muito a sério, perguntando ao noivo e à noiva se prometiam amar-se e serem compreensivos um com o outro, e depois de ambos terem respondido «Sim», pousou as mãos nos ombros deles e entoou: «Vão em paz, meus filhos.» A outra empregada de mesa gritou: «Boa!», e depois Denny e Carla beijaram-se (um beijo demorado e carregado de amor, para alívio dos Whitshank), e o dono do restaurante surgiu com várias garrafas de vinho espumante. Os Whitshank permaneceram durante algum tempo, mas Denny estava tão entretido a dar atenção a outras pessoas que eles acabaram por se ir embora.

No caminho de regresso à carrinha, toda a gente quis saber o que é que Abby tinha descoberto através da mãe de Carla. Pouca coisa, respondeu Abby. A mãe de Carla trabalhava numa loja de cosméticos. O pai de Carla «tinha-se posto a andar». Carla já tinha sido casada antes, mas o

casamento não tinha durado nem um minuto. Abby contou-lhes que esperara ouvir alguma referência à gravidez, mas que tal nunca acontecera e, como tal, ela não se sentira à vontade para perguntar. Em vez disso, Lena (era esse o nome da mãe) queixara-se durante algum tempo da subitaneidade do casamento. Podia ter preparado algo se tivesse sido avisada com antecedência, explicara-lhe ela, mas só tinha sido informada uma semana antes. Isso fez Abby sentir-se melhor, visto os Whitshank também só terem sido informados por volta da mesma altura. Tinha receado que tivessem sido excluídos de propósito. Mas depois Lena começara a falar sobre Denny: que ele tinha comprado o fato numa loja de artigos em segunda mão, que tinha pedido emprestada a gravata ao patrão, que tinha encontrado um apartamento com duas assoalhadas por cima de uma loja de discos coreana. Portanto, Lena conhecia-o. E conhecia-o claramente melhor do que os Whitshank conheciam Carla. Porque é que ele estava sempre tão ansioso por trocar a família dele pela família de outra pessoa?

No caminho de regresso a casa, Abby esteve invulgarmente calada.

Durante cerca de três meses após o casamento, não tiveram quaisquer notícias. Então Denny telefonou a meio da noite para dizer que Carla já tinha tido o bebé. Parecia radiante. Era uma menina, explicou ele, pesava três quilos e duzentos e iam chamar-lhe Susan.

— Quando é que a podemos ver? — perguntou-lhe Abby, ao que ele respondeu:

— Oh, em breve.

O que era perfeitamente compreensível, mas dito pelo Denny ficava sempre a dúvida de quanto tempo é que isso seria. Tratava-se da primeira neta dos Whitshank e Abby

disse a Red que não aguentaria se não fossem autorizados a fazer parte da vida dela.

Mas para surpresa deles, na manhã do Dia de Ação de Graças (e Denny evitava sempre o Dia de Ação de Graças devido à quantidade imensa de órfãos), Denny telefonou a avisar que ele e Susan estavam a apanhar o comboio a caminho de Baltimore e se alguém os podia ir buscar à estação. Chegou com Susan pendurada ao peito num porta-bebés feito de lona. Um bebé com três semanas! Se calhar nem isso, aliás. Era tão pequenina que mais parecia um amendoim encolhido, com o rosto encostado ao peito de Denny. Mas isso não impediu a família de fazer um grande alarido por causa dela. Todos achavam que as farripas de cabelo preto eram claramente dos Whitshank e tentaram abrir-lhe um dos minúsculos punhos para ver se tinha os dedos compridos da praxe. Estavam ansiosos para que abrisse os olhos, para verem a cor. Abby retirou-a do porta-bebés para confirmar, mas Susan continuou a dormir.

— Então explica-me lá — disse Abby a Denny, ao mesmo tempo que aninhava Susan junto ao ombro —, porque é que vieste sozinho?

— Não vim sozinho. Vim com a Susan — respondeu-lhe Denny.

Abby revirou os olhos e ele cedeu.

— A mãe da Carla partiu o punho — explicou. — A Carla teve de ir com ela para as Urgências.

— Oh, que chatice — exclamou Abby e os outros murmuraram em solidariedade. (Pelo menos a Carla não se tinha «posto a andar».) — Mas como é que vais fazer? Ela tirou?

— «Tirou»?

— Se extraiu leite suficiente.

— Não, mãe, eu trouxe leite em pó. — Deu uma palmadinha no saco de plástico cor-de-rosa que trazia ao

ombro.

— Leite em pó — repetiu Abby. — Mas depois o dela acaba.

— O que é que acaba?

— O leite materno! Se deres leite em pó a um bebé, o leite da mãe acaba por secar.

— Ah, a Susan é bebé de biberão — respondeu Denny.

Abby tinha andado a ler livros sobre como ser uma boa avó. O mais importante era não interferir. Não criticar e não oferecer conselhos. Pelo que se limitou a responder:

— Ah.

— O que é que esperavas? A Carla trabalha a tempo inteiro — disse-lhe Denny. — Nem toda a gente se pode dar ao luxo de ficar refastelada em casa a amamentar.

— Eu não disse nada — respondeu Abby.

Tinha havido ocasiões no passado em que as visitas de Denny tinham tido mais ou menos essa duração. Uma pergunta a mais e ele saía porta fora. Talvez por se recordar disso, Abby agarrou a bebé com mais força.

— Seja como for — disse ela —, é bom ter-te cá.

— Também estou contente por estar aqui — respondeu-lhe Denny e toda a gente ficou mais descontraída.

Era possível que ele tivesse tomado algum tipo de decisão na viagem de comboio para casa, pois estava muito relaxado e pouco crítico, até mesmo no que dizia respeito aos órfãos. Quando B. J. Autry deu uma das suas estridentes gargalhadas, acordando a bebé com um sobressalto, ele limitou-se a dizer:

— Pronto, pessoal, agora já podem vir ver os olhos da Susan.

E foi muito atencioso em relação ao problema de audição do Sr. Dale, repetindo a mesma frase várias vezes sem qualquer indício de impaciência.

Amanda, que se encontrava grávida de sete meses, bombardeou-o com perguntas sobre cuidados de puericultura e ele respondeu a tudo. (O berço era totalmente desnecessário; bastava utilizar a gaveta de uma cómoda. Também não havia necessidade de ter um carrinho. Uma cadeira alta? Provavelmente não.) Conversou educadamente sobre as Construções Whitshank, incluindo não só o pai como também Jeannie, que agora trabalhava na firma como carpinteira, e até mesmo Stem. Ouviu em silêncio, acenando com a cabeça, a descrição pormenorizada de Stem sobre um ligeiro problema de logística. («Portanto, o cliente quer roupeiros que vão do chão ao teto, estás a ver, por isso arrancámos todos os tabiques, e depois ele diz: “Ah, mas esperem lá!”»)

Abby alimentou a bebé, pô-la a arrotar e mudou-lhe a minúscula fralda, que era descartável, mas nem sequer se atreveu a pronunciar as palavras «aterro sanitário». Afinal Susan tinha o queixo redondo, os lábios elegantemente desenhados e um olhar azul carregado. Abby passou-a a Red, que fez um grande alarido por causa do seu receio e inaptidão para a segurar, mas que depois foi apanhado a encostar o nariz à cabeça aveludada dela, inspirando profundamente o odor a bebé.

Quando Denny lhes disse que não iria pernoitar, eles compreenderam, claro. Abby embalou um pouco do peru que tinha sobrado para Carla e para a mãe dela, e Red levou Denny e a bebé de carro para a estação.

— Vê lá se das notícias — disse Red assim que Denny saiu do carro, ao que este respondeu:

— Claro que sim, até breve.

O que ele já tinha dito antes, inúmeras vezes, e que nunca significava nada. Dessa vez, porém, foi diferente. Talvez tivesse que ver com a paternidade. Talvez ele estivesse a começar a reconhecer a importância da família.

Fosse como fosse, voltou por ocasião do Natal (somente para esse dia, mas seja como for!!) e trouxe não só Susan como também Carla. Susan tinha sete semanas e já tinha progredido para a fase em que tinha consciência de tudo em redor dela, olhando para as pessoas sempre que estas se dirigiam a ela e respondendo com sorrisos de esguelha que revelavam uma covinha na face direita. Carla foi simpática de uma forma descontraída, apesar de não parecer estar a fazer grande esforço. Vestia calças de ganga e uma camisola, pelo que Abby, que estava efetivamente a fazer um esforço, deixou-se ficar com a saia de ganga em vez de trocar de roupa de propósito para o jantar. Disse:

— Posso oferecer-te um copo de vinho, Carla? Que bom que não estás a amamentar. Assim já podes beber à vontade.

As filhas dela entreolharam-se: lá estava a mãe a exagerar, como de costume! Mas elas próprias também estavam a fazer um esforço. Teceram todo o tipo de elogios a Carla, incluindo à tatuagem com o nome do cão na dobra do braço esquerdo.

Mais tarde a família foi unânime na conclusão de que a visita tinha corrido bem. E como Denny começou a aparecer com Susan todos os meses depois disso, o mais certo era ele ser da mesma opinião. (Não trazia Carla porque vinha nos dias em que ela estava a trabalhar. Agora trabalhava numa hamburgueria, explicou ele; ambos tinham deixado o restaurante, mas o horário dele era mais flexível do que o dela.) Susan aprendeu a sentar-se; começou a comer comida sólida; aprendeu a gatinhar. Às vezes, Denny passava lá a noite. Dormia no seu antigo quarto, com Susan junto à cama, dentro do berço portátil que Abby tinha guardado do tempo dos seus próprios filhos. Por essa altura já tinha nascido a Elise de Amanda e a

família gostava de imaginar as duas meninas a crescerem como melhores amigas.

Então, um dia, Denny ficou ofendido com algo que o pai lhe disse. Era verão e estavam a conversar sobre as férias da família na praia. Denny disse que ele e Susan poderiam ir, mas que Carla iria estar a trabalhar nessa altura. Red perguntou-lhe:

— Então e *tu*, não vais estar a trabalhar porquê?

Denny respondeu-lhe:

— Porque não.

— E a Carla sim?

— Exato.

— Pois, não percebo. A Carla é que é a mãe, não é?

— E?

Havia mais duas pessoas presentes nessa altura (Abby e Jeannie) e ambas ficaram subitamente atentas. Ambas lançaram olhares de aviso a Red. Este não pareceu aperceber-se. Perguntou:

— Mas tu *tens de facto* um emprego?

— E o que é que tu tens a ver com isso? — respondeu-lhe Denny.

Então Red calou-se, embora fosse evidente que isso lhe estava a custar imenso, e as coisas pareceram ficar por aí. Mas quando Abby pediu ajuda para ir buscar o berço portátil, Denny disse-lhe que não valia a pena. Não tencionava passar a noite, explicou. Foi muito educado, contudo, e foi-se embora sem qualquer indício de estar zangado.

Passaram-se três anos até eles voltarem a ter notícias dele.

Durante os primeiros meses não fizeram nada. Tal era a tolerância deles, o quanto eles se melindravam com os silêncios de Denny. Mas, no dia do aniversário de Susan, Abby ligou-lhe servindo-se do número que tinha anotado da

primeira vez que este aparecera no visor da identificação de chamadas. (Os pais de pessoas como Denny desenvolviam o mesmo tipo de estratégias que os agentes secretos.) Red permaneceu por perto, com um ar indiferente. Mas a única coisa que Abby obteve foi uma gravação a dizer que o número já não existia.

— Parece que se mudaram — disse ela a Red. — Mas isso é *bom* sinal, não achas? Aposto que devem ter arranjado uma casa maior, com um quarto só para a Susan.

Em seguida, ligou para as informações e pediu o número de Dennis Whitshank, mas não havia nenhum registado.

— E Carla Whitshank? — indagou, lançando um olhar de nervosismo na direção de Red. (Afim de contas, não era de todo impensável que eles pudessem estar separados.) Mas depois desligou e disse: — Parece que vamos ter de esperar que seja *ele* a entrar em contacto connosco.

Red limitou-se a acenar com a cabeça e foi-se embora para outra divisão.

Decorreram mais meses. Anos. Susan já devia andar e depois falar. Essa fase deslumbrante em que a linguagem se desenvolve exponencialmente de um dia para o outro, em que as crianças são pequenas *esponjas* em termos de linguagem: os Whitshank não assistiram a nada disso. Por essa altura já tinham mais dois netos (a Deb, de Jeannie, nascera pouco depois da última visita de Denny), mas isso só dificultava as coisas, assistir ao crescimento dos outros dois com a plena noção de que Susan estava a fazer precisamente o mesmo sem que nenhum deles o pudesse testemunhar.

Depois deu-se o 11 de Setembro e Abby quase enlouqueceu de tanta preocupação. Bem, a família inteira estava preocupada, claro. Mas, tanto quanto sabiam, Denny não tinha negócios no interior do World Trade Center, pelo que disseram a si mesmos que ele estava bem. Sim, ele

está bem, concordou Abby. Mas dava para perceber que ela não estava convencida. Viu obsessivamente televisão durante os dois dias que se seguiram, muito depois de os outros terem ficado saturados de ver as imagens das torres a caírem. Ela começou a imaginar motivos para Denny poder estar lá. Com ele era difícil de dizer; tinha tido tantos empregos diferentes. Ou talvez fosse a passar naquele instante. Ela começou a acreditar que pressentia que ele se encontrava em perigo. Algo se passa, dizia ela. Se calhar deveriam telefonar a Lena.

— A quem? — perguntou Red.

— À mãe da Carla. Qual era o apelido dela?

— Não sei.

— Tens de saber — respondeu-lhe Abby. — Pensa.

— Não me parece que tenha ouvido o nome dela, querida.

Abby começou a andar de um lado para o outro. Estavam no quarto e ela estava a fazer o trajeto habitual em cima do tapete persa, com a camisa de noite a esvoaçar-lhe junto aos joelhos.

— Lena Abbott... Adams... Armstrong — disse ela. — Lena Babcock... Bennett... Brown. (Às vezes seguir uma ordem alfabética resultava.) — Fomos apresentadas — disse ela. — O Denny apresentou-nos. Deve ter-nos dito o apelido dela.

— Se bem conheço o Denny, não o fez — respondeu-lhe Red. — Até me admira que nos tenha apresentado, mas, se o fez, o mais certo é ter dito: «Lena, estes são os meus pais.»

Abby não podia contestar isso. Continuou a andar de um lado para o outro.

Depois disse:

— A empregada de mesa. A outra.

— Bem, não faço ideia de como é que ela se chamava.

— Não, nem eu, mas chamou à Lena senhora Qualquer Coisa, lembro-me bem. Recordo-me de ter pensado que devia ser tímida para não a ter tratado pelo nome próprio, nos tempos que correm.

Parou de andar e dirigiu-se para o seu lado da cama.

— Oh, há de ocorrer-me — disse ela. Orgulhava-se da sua memória fenomenal, mas por vezes funcionava com um certo atraso. — Há de vir-me à cabeça com o tempo, desde que eu não o force.

Em seguida, deitou-se, alisou as mantas e fechou os olhos num gesto pomposo, e Red enfiou-se na cama também e apagou a luz do candeeiro.

A meio da noite, porém, ela bateu-lhe no ombro.

— Carlucci — disse.

— Hum?

— Parece que estou a ouvir a empregada de mesa a dizê-lo: «Quer que lhe volte a encher o copo, senhora Carlucci?» Como é que me posso ter esquecido? Carla Carlucci: aliteração. Ou algo mais do que uma aliteração, só que não sei qual é o termo. Ocorreu-me mesmo agora, quando me levantei para fazer chichi.

— Ah, ainda bem — disse Red, virando-se de costas.

— Vou ligar para as Informações.

— Agora? — Ele piscou os olhos e olhou para o rádio-despertador. — São duas e meia da manhã! Não lhe podes ligar agora.

— Não, mas posso obter o número dela — respondeu Abby.

Red voltou a dormir.

De manhã, ela anunciou que havia três L. Carlucci em Manhattan e que iria ligar para cada uma delas. Tinha decidido começar às sete da manhã. Passavam poucos minutos das seis nesse momento; os Whitshank eram madrugadores.

— Há quem ainda esteja a dormir às sete — lembrou Red.

— Talvez — retorquiu Abby —, mas, para todos os efeitos, sete já é de manhã.

Red disse:

— Está bem. — Em seguida, foi ao piso de baixo e preparou uma cafeteira de café, apesar de, por norma, sair para trabalhar com uma paragem na Dunkin' Donuts pelo caminho.

Quando faltavam cinco minutos para as sete, Abby fez o primeiro telefonema.

— Bom dia, posso falar com a Lena, por favor? — Em seguida: — Oh, peço desculpa! Devo ter o número errado.

Fez a segunda chamada:

— Olá, é a Lena? — Breve pausa. — Bem, peço desculpa. Sim, eu sei que é cedo, mas...

Ela estremeceu. Tornou a marcar um número.

— Está, Lena?

Endireitou-se no lugar.

— Ora então olá! Daqui fala a Abby Whitshank, de Baltimore. Espero não a ter acordado.

Escutou durante uns instantes.

— Oh, sei bem como isso é — retorquiu. — Estou sempre a dizer ao Red: «Nem sei porque é que me dou ao trabalho de me deitar, durmo sempre tão pouco.» Será da idade? Será do stresse dos tempos que correm? A propósito, Lena, estava aqui a pensar... Está tudo bem com a Carla, a Susan e o Denny? Depois da terça-feira passada, quero eu dizer.

(«A terça-feira passada» era a forma como as pessoas ainda se referiam ao incidente. Só na semana seguinte é que começariam a referir-se a ele como «11 de setembro».)

— Oh, não me diga — disse Abby. — Estou a ver. Bem, isso já é bom, pelo menos! Ainda bem. Portanto, não tem como... Sim, é claro que percebo que não saiba... Bem,

muito obrigada, Lena! Por favor mande um beijinho à Carla e à Susan por mim... Hum? Sim, cá em casa estamos todos bem, obrigada. Muito obrigada! Adeusinho!

Ela desligou.

— A Carla e a Susan estão bem — disse ela. — Quanto ao Denny, a Lena parte do princípio de que também esteja bem, mas não tem a certeza porque ele mudou-se para Nova Jérсия.

— Nova Jérсия? Mas onde, na Nova Jérсия?

— Ela não me disse. Diz que não tem o contacto dele.

Red respondeu:

— Mas a Carla deve ter. Por causa da Susan. Devias ter pedido o número da Carla.

— De que é que serve? — respondeu-lhe Abby. — Já sabemos que não estava nas imediações das torres. Não será suficiente? E quase que aposto que a Carla não tem o número dele, se queres que te diga.

Então começou a pôr a louça dentro da máquina, enquanto Red a fitava boquiaberto.

Portanto: Nova Jérсия. Mais uma relação terminada. *Duas* relações terminadas, a não ser que Denny tivesse mantido o contacto com Susan. Red disse que era óbvio que ele se mantinha em contacto com a filha; afinal de contas, ele era ou não o pai mais presente que eles conheciam? Abby respondeu que isso não queria dizer nada. Talvez Susan tivesse sido apenas mais um interesse passageiro, disse ela, como o projeto informático dele.

Isso não era nada característico de Abby. Ela acreditava piamente na capacidade que as pessoas tinham para mudarem, por vezes para exaspero de toda a família. Mas agora parecia ter desistido. Quando telefonou a Jeannie e a Amanda para lhes dar a notícia, falou numa voz apagada e impassível, e pediu a Red para informar Stem quando o visse no trabalho.

— Vou já tratar disso — respondeu Red, fingindo sinceridade. — Ele vai ficar aliviado.

— Não sei porquê — replicou Abby. — Ele nunca chegou a estar em perigo.

Na manhã seguinte, um sábado, Amanda apareceu sem avisar. Amanda era advogada, a filha mais pragmática, competente e líder do casal.

— Onde é que está o número dessa tal Lena? — perguntou ela.

Abby foi buscá-lo à porta do frigorífico e estendeu-lho. (É claro que o guardara.) Amanda sentou-se à mesa da cozinha, pegou no telefone e marcou o número.

— Está, Lena? — disse. — Daqui fala a Amanda. A irmã do Denny. Importa-se de me dar o número da Carla, por favor?

O burburinho do outro lado da linha devia ser uma espécie de protesto, porque Amanda acrescentou:

— Não é minha intenção aborrecê-la, acredite. Só preciso de entrar em contacto com o safado do meu irmão.

Isso pareceu resultar; ela enfiou a mão livre dentro da mala e retirou um bloco de notas com uma pequena caneta dourada agarrada.

— Sim — disse, assentando um número. — Muito obrigada. Adeusinho.

Tornou a marcar um número.

— Está interrompido — informou os pais. Abby resmungou, mas Amanda disse: — É óbvio que está interrompido; a mãe ligou a avisá-la. — Tamborilou com os dedos no tampo da mesa por uns instantes. Em seguida, tornou a marcar. — Olá, Carla — disse. — Fala a Amanda. Tudo bem contigo?

A resposta de Carla não demorou muito tempo, mas, ainda assim, Amanda parecia impaciente.

— Ótimo — disse. — Bem, podes dar-me o contacto do meu irmão? Preciso de lhe dizer umas boas.

Enquanto ela assentava o número, Red e Abby inclinaram-se para a frente e fitaram o bloco de notas, quase sem respirar.

— Obrigada — disse Amanda. — Adeusinho. — Em seguida, desligou.

Abby já estava a tentar agarrar no bloco de notas, mas Amanda afastou-o dela e disse:

— Quem vai fazer este telefonema sou eu.

Marcou mais um número.

— Denny — disse. — É a Amanda.

Eles não conseguiram ouvir a resposta dele.

— Um dia — disse Amanda —, quando fores um homem de meia-idade e estiveres a pensar na tua vida, vais interrogar-te sobre o que será feito da tua família. Vais meter-te num comboio para cá e quando chegares a Baltimore vais deparar-te com uma bela tarde de verão, com aqueles raios de sol carregados de partículas de pó a atravessarem a claraboia da Penn Station. Vais atravessar a estação e sair para a rua, onde não haverá ninguém à tua espera, mas tudo bem; ninguém sabia que vinhas. Ainda assim, sentes-te um pouco estranho, ali parado sozinho, com os outros passageiros a abraçarem-se, a entrarem em carros e a partirem em diferentes direções. Vais até à fila de táxis e dás a morada ao motorista. Atravessas a cidade vendo todas as vistas familiares: as casas em banda, as pereiras *Bradford*, as mulheres sentadas nos bancos a verem os filhos a brincar. Depois o táxi vai virar para a Bouton Road e de imediato tens uma sensação estranha. Veem-se pequenos sinais de negligência na nossa casa que o nosso pai jamais toleraria: tinta a descascar e estores partidos. Remendos de cimento no caminho de acesso à casa, pisos de borracha pregados aos degraus do alpendre;

todas essas reparações do estilo Harry Homeowner que o nosso pai sempre criticou. Levas a mão à maçaneta da porta da frente e dás-lhe aquele puxão especial necessário para carregar no trinco e entrar, mas constatas que está trancada. Tocas à campainha, mas esta não funciona. Chamas: «Mãe? Pai?» Ninguém te responde. Chamas: «Está alguém?» Ninguém aparece a correr; ninguém abre a porta de repente e diz: «És tu! Que bom ver-te! Porque é que não avisaste que vinhas? Podíamos ter-te ido buscar à estação! Estás cansado? Tens fome? Entra!» Ficas ali parado durante uns segundos, sem saber o que fazer a seguir. Dás meia-volta e olhas para a rua, interrogando-te sobre o resto da família. «Talvez a Jeannie», dizes. «Ou a Amanda.» Mas sabes uma coisa, Denny? Não contes comigo para te receber, porque estou zangada. Estou zangada contigo por nos teres enganado durante todo este tempo, não só nos últimos anos mas durante todos os anos em que não apareceste nos feriados, não passaste as férias connosco na praia, não vieste ao trigésimo aniversário de casamento dos pais, nem ao trigésimo quinto, não vieste ver o bebé da Jeannie, nem ao meu casamento, nem sequer me enviaste um postal ou ligaste para me desejar felicidades. Mas, acima de tudo, Denny, *acima de tudo*: jamais te perdorei por teres consumido a atenção dos pais até à última gota, sem deixares nada para nós.

Ela calou-se. Denny disse algo.

— Ah — respondeu ela. — Estou bem. E *tu*, como é que estás?

Então Denny veio a casa.

Da primeira vez apareceu sozinho. Abby ficou desiludida por ele não ter trazido Susan, mas Red disse que preferia assim.

— Desta maneira a visita é diferente das anteriores — explicou-lhe ele. — Como se primeiro viesse preparar o terreno. Não está a partir do pressuposto de que pode agir como se nada fosse.

Ele tinha razão. Denny parecia realmente diferente — mais cauteloso, mais respeitoso dos sentimentos deles. Fez comentários sobre os melhoramentos feitos na casa. Disse que gostava do novo penteado de Abby. (Ela tinha começado a usar o cabelo curto.) Ele próprio tinha perdido a agudeza pueril da sua linha do maxilar e tinha uma maneira mais decidida de caminhar. Quando Abby lhe fez perguntas (embora tivesse tentado ao máximo racioná-las), ele esforçou-se para lhe responder. Não foi propriamente falador, mas respondeu.

Susan estava bem, disse ele. Agora andava na pré-primária. Sim, ele podia trazê-la para uma visita. Carla também estava bem, embora eles já não estivessem juntos. O trabalho? Bem, de momento estava a trabalhar numa firma de construção.

— Construção! — exclamou Abby. — Ouviste, Red? Ele está a trabalhar na construção!

Red limitou-se a resmonear. Não pareceu ficar tão satisfeito como seria de esperar.

Em evidência, porém, estava tudo o que Denny tinha omitido. Que tipo de contacto é que mantinha realmente com a filha? E quando disse que ele e Carla já «não estavam juntos», queria dizer que estavam divorciados? Em que condições é que estava a viver? A construção era agora a sua carreira de eleição? Teria desistido da universidade?

Então Jeannie apareceu com a pequena Deb, e Red e Abby deixaram-nos a sós, e no final da visita dela já tinham mais alguma informação. Ele estava *muito* ligado a Susan, reportou Jeannie; estava bastante envolvido na vida da

filha. O divórcio era demasiado dispendioso, de momento. Partilhava uma casa com dois tipos, mas eles estavam a começar a irritá-lo. Claro que iria terminar a universidade. Um dia.

Mas, ainda assim, não era informação suficiente. Oh, parecia haver sempre mais qualquer coisa; algo que, se eles o conseguissem extrair dele, pelo menos o explicaria melhor.

Ficou um dia e meio, dessa vez. Depois foi-se embora, mas (aqui estava o mais importante) eles tinham o número do seu telemóvel. O número para o qual tinham ligado era o telemóvel dele! Isso mudava tudo.

Concederam um lapso estratégico de algumas semanas e depois Abby telefonou-lhe (com Red ao lado), para o convidar a aparecer com Susan por ocasião do Natal. Denny respondeu que Carla jamais autorizaria que Susan se ausentasse no dia de Natal, mas que talvez a levasse a *seguir* ao Natal.

Red e Abby estavam mais do que familiarizados com os «talvez» dele.

Contudo, Denny assim fez. Apareceu com ela. O Natal foi numa terça-feira nesse ano, pelo que a trouxe na quarta-feira e ficaram até sexta. Susan era uma menina de quatro anos muito senhora de si, com uma farta cabeleira de caracóis castanhos e os olhos muito castanhos. De certa forma, os olhos foram um choque. Não eram os olhos típicos dos Whitshank! E a roupa dela também não era o tipo de indumentária confortável que as crianças Whitshank costumavam usar. Apareceu envergando um vestido de veludo vermelho, *collants* brancos e uns sapatos *Mary Jane* vermelhos. Bem, talvez fosse por ser Natal. Mas na manhã seguinte, quando desceu para tomar o pequeno-almoço, vestia uma blusa de folhos branca e um vestido tipo bibe feito de tecido escocês vermelho, quase tão

formal como a indumentária anterior. Jeannie disse que a entristecia imaginar Denny a ter de apertar todos aqueles botões brancos das costas do vestido de Susan.

— Lembras-te de nós? — perguntaram-lhe. — Lembras-te de nos teres vindo visitar quando eras bebé?

Susan respondeu calmamente:

— Acho que sim — o que, claro, não era verdade. Mas foi simpático da parte dela ter fingido que sim. Disse: — Não tinham um cão diferente?

— Não, este é o mesmo.

— Pensava que tinham um cão *amarelo* — disse ela, e a família entreolhou-se com tristeza. Com quem é que ela os estaria a confundir que tivesse um cão amarelo, possivelmente não tão baboso e cheio de artrite como o velho *Clarence*?

Ela ficou encantada com as primas. (Ah-ah! Elas podiam ser o engodo dos Whitshank: a delicada Elise e a turbulenta Deb.) Parecia desconhecer jogos de cartas, mas pouco depois desenvolveu o gosto por jogar ao peixinho. Além disso, ficou claro que já sabia ler. Ficaram surpreendidos por Carla ter criado uma criança tão precoce, mas talvez fosse por causa de Denny. Ela gostava de se aninhar junto de Abby e soletrar as palavras do livro *Hop on Pop*, emitindo um sonoro suspiro de satisfação sempre que chegava ao fim de uma página.

Quando chegou a hora de se ir embora, já tinha perdido toda a timidez. Ficou parada diante do comboio, de mão dada com Denny, a acenar freneticamente e a gritar:

— Adeusinho! Até à próxima! Até breve! Adeusinho!

E Denny trouxe-a outra vez e outra ainda. Entretanto passou a ter o seu próprio quarto, o que costumava ser o quarto das meninas. Bebia o chocolate quente numa caneca que dizia «Susan» e, quando chegava a hora de pôr a mesa, sabia onde encontrar o prato do alfabeto que Denny tinha

utilizado em tempos. E ele, entretanto, recostava-se a assistir a tudo isso com um olhar afetuoso. Era um pai muito obsequioso. Ao que parecia, ela tinha-lhe limado as arestas.

Em 2002, pouco depois de o Alexander de Jeannie ter nascido, Denny apareceu para ficar com Jeannie e cuidar dos filhos dela. Na altura foi algo intrigante. Abby já tinha feito a sua parte enquanto avó; tirara uns dias do trabalho para ficar com Deb enquanto Jeannie estava no hospital, e aparecia frequentemente em casa dela para ajudar em algumas tarefas e com a roupa. Mas depois, de repente, apareceu Denny. E ele foi-se deixando lá ficar; dormiu no sofá-cama de Jeannie e Hugh durante três semanas seguidas, levou Deb no carrinho até ao parque infantil todas as tardes, cozinhou as refeições, abriu a porta a Abby com uma fralda pendurada por cima do ombro e o bebé nos braços.

Mais tarde veio a saber-se que Jeannie estava a passar por uma espécie de depressão pós-parto. Teria telefonado a Denny, a pedir-lhe para vir cuidar dela? A Denny e não a Abby? Esta fez os possíveis por descobrir, empregando o seu tom de voz mais neutro e não ofensivo. Bem, respondeu-lhe Jeannie, era verdade que lhe tinha telefonado, mas somente para conversarem. Talvez ele tivesse percebido alguma coisa na voz dela (bem, era claro que sim, porque ela tinha chorado um pouco, por muito que lhe custasse admitir) e ele dissera-lhe que apanharia o próximo comboio.

Isso era ao mesmo tempo enternecedor e perturbador. Seria possível que Jeannie não tivesse noção de que podia ter ligado à própria mãe?

Bem, Abby tinha o trabalho dela, explicou Jeannie.

Como se Denny também não tivesse o trabalho dele.

Ou, quem sabe? Talvez não tivesse.

Red disse a Abby que deviam ficar agradecidos por Denny ter vindo dar uma ajuda.

Abby respondeu-lhe:

— Oh, sim. Sim, eu sei isso.

Começou a estabelecer-se uma espécie de padrão. Denny nunca se tornou particularmente eficiente em manter-se em contacto, mas podia dizer-se o mesmo de muitos outros filhos. Mas o importante era que mantinha o contacto e eles tinham o número do telemóvel dele, ainda que nem sempre tivessem a morada atual.

Era chocante, disse Abby a Red, que estivessem dispostos a contentar-se com tão pouco. E disse:

— Quem haveria de dizer uma coisa destas? Às vezes passam-se dias inteiros em que nem sequer penso nele. Isto não é normal!

Red respondeu:

— É *perfeitamente* normal. É como uma mãe gata quando os gatinhos já estão crescidos. Só estás a demonstrar bom senso.

— Não devia ser assim com os seres humanos — retorquiu Abby.

Pelo menos podiam ter a certeza de que Denny jamais iria morar para muito longe da cidade de Nova Iorque. Não enquanto a Susan morasse lá. Apesar de viajar de vez em quando, pois certa vez enviara um postal de aniversário a Alexander de São Francisco. E noutra ocasião encurtara a sua visita por altura do Natal porque ia fazer uma viagem ao Canadá na companhia da namorada. Foi a primeira vez que ouviram falar sobre a namorada e também a última. Susan ficou lá sozinha nesse ano. Tinha idade suficiente; sete anos, mas parecia mais velha. A cabeça dela era ligeiramente maior em relação ao corpo e o rosto possuía a beleza do rosto de uma mulher adulta, com os olhos

castanhos grandes e cansados, os lábios cheios, sedosos e complicados. Não mostrou indícios de ter saudades de casa e, quando Denny chegou para a ir buscar, ela recebeu-o com alguma indiferença.

— E que tal o Canadá? — atreveu-se a perguntar-lhe Abby.

Ele respondeu:

— Foi porreiro.

Era realmente muito difícil visualizar a vida pessoal de Denny.

E eles nem sempre estavam muito certos quanto à ocupação dele. Sabiam que, a dada altura, andava a trabalhar na instalação de sistemas de som porque tinha oferecido os seus préstimos quando o Hugh da Jeannie andava a equipar a sala de estar. Noutra ocasião apareceu envergando uma camisola com capuz com as palavras «Komputer Klinik» bordadas no bolso do peito e, a pedido de Abby, arranjou o *Mac* dela, que estava muito lento, com a maior das facilidades. Mas sempre parecera livre de chegar e partir quando lhe apetecia, e de permanecer durante o tempo que lhe apetecesse. Como é que se concilia isso com um emprego a tempo inteiro? Quando Stem se casara, por exemplo, Denny tinha ficado uma semana inteira, para levar a cabo as suas obrigações de padrinho do noivo, e apesar de Abby ter ficado encantada (preocupava-a os filhos não serem próximos), perguntara-lhe constantemente se tal não lhe iria causar nenhum transtorno no trabalho.

— No trabalho? — replicara ele. — Não.

Certa vez ficou durante quase um mês, sem lhes dar qualquer explicação. Toda a gente desconfiava de que estaria relacionado com alguma crise pessoal, uma vez que chegara com mau aspeto e algo debilitado em termos de saúde. Pela primeira vez aperceberam-se de marcas ténues

nos cantos dos seus olhos. O cabelo caía-lhe de forma irregular sobre o colarinho. Mas ele não fez referência a nenhum problema e nem mesmo Jeannie se atreveu a perguntar-lhe. Era como se ele tivesse a família bem treinada. Tinham-se tornado quase tão dissimulados quanto o próprio Denny.

Esse facto provocava algum ressentimento neles, de tempos a tempos. Por que razão haveriam de andar em bicos de pés à volta dele? Porque é que eram obrigados a evitar as perguntas dos vizinhos sobre ele?

«Oh», respondia Abby, «o Denny está bem, obrigada. Sim, muito bem! Neste momento está a trabalhar em... Bem, não sei exatamente *onde* é que está a trabalhar, mas, seja como for, está bem!»

No entanto, ele proporcionava-lhes efetivamente algo com o qual podiam sempre contar: deixava um vazio quando se ia embora. Da primeira vez em que não foi passar as férias à praia com eles, por exemplo, o verão em que alegara ser homossexual: ninguém sabia que ele não iria. Continuaram à espera de que telefonasse para anunciar a data em que chegaria e, quando se tornou evidente que não viria, toda a gente experimentou uma enorme sensação de vazio. Mesmo depois de terem chegado à casinha que alugavam todos os anos, de terem arrumado as compras, feito as camas e dado início à habitual rotina de praia, não conseguiam libertar-se da ideia de que ele talvez ainda aparecesse. Viravam esperançosamente a cabeça do quebra-cabeças sempre que a porta de rede batia com a brisa da noite. Paravam a meio de uma frase quando alguém mais adiante nas ondas começava a nadar na direção deles com as braçadas e a rotação distinta de Denny. E a meio da semana... Oh, isso foi o mais estranho. A meio da semana, Abby e as filhas estavam sentadas na varanda coberta uma tarde, a

comerem maçarocas de milho, quando ouviram o *Concerto n.º 1 para Trompa* de Mozart a tocar nas traseiras. Entreolharam-se; levantaram-se das cadeiras; atravessaram a casa a correr e saíram porta fora... e constataram que a música provinha de um carro estacionado do outro lado da rua. Havia alguém sentado no lugar do condutor, com todos os vidros abertos (mas, ainda assim, devia estar a assar lá dentro!) e o rádio a tocar no máximo. Um homem vestido com uma camisola de alças; nada o tipo de indumentária que Denny se atreveria a usar. Um homem corpulento, a julgar pela largura do cotovelo pousado no rebordo da janela. Claramente mais pesado do que Denny, mesmo que este tivesse passado o tempo a comer desde a última vez que o tinham visto. Contudo, o leitor sabe como é quando estamos com saudades de alguém que nos é querido. Tentamos transformar todos os estranhos na pessoa que esperávamos que fosse. Ouvimos uma certa música e de imediato dizemos a nós mesmos que ele podia ter mudado de estilo de roupa, podia ter ganho imenso peso, podia ter comprado um carro e depois ter estacionado esse mesmo carro diante da casa da família. «É ele!», exclamamos. «Afinal sempre veio! Sabíamos que viria; ele costuma...» Mas depois ouvimo-nos a nós próprios e percebemos o quão ridículos soamos, e as nossas palavras perdem-se no silêncio e o nosso coração despedaça-se.

CAPÍTULO DOIS

Na família Whitshank duas histórias em particular tinham passado de geração em geração. Essas histórias eram vistas como sendo quintessenciais (em certa medida, como sendo *marcantes*) e todos os membros da família, incluindo o filho de três anos de Stem, tinham-nas ouvido ser contadas e recontadas, embelezadas e conjecturadas inúmeras vezes.

A primeira história tinha que ver com o antepassado mais antigo de que havia memória, Junior Whitshank, um carpinteiro muito solicitado em Baltimore pela sua mestria e noção de *design*.

Pode parecer estranho chamar «Junior» a um patriarca, mas havia uma razão lógica para tal. O verdadeiro nome de Junior era Jurvis Roy, a certa altura abreviado para J. R. e depois expandido, qual acordeão, para Junior. (Era um facto tão pouco conhecido que a própria nora teve de lhe perguntar o nome quando pôs a hipótese, momentaneamente, de atribuir ao primeiro filho o título de III caso fosse um rapaz.) Mas o que era ainda mais curioso era o facto de Junior não ser nenhum antepassado distante e ser simplesmente o pai de Red Whitshank. E não havia qualquer prova da sua existência antes de 1926, o que parecia ser um ano invulgarmente recente para o início de uma árvore genealógica.

As suas origens nunca foram documentadas, mas a ideia generalizada era que devia ser oriundo dos Apalaches. Talvez ele alguma vez tivesse dito algo nesse sentido. Ou podia ter sido uma mera suposição, com base na forma como ele falava. Segundo Abby, que o conhecia desde os seus tempos de menina, ele tinha uma voz fina e metálica, bem como uma pronúncia sulista fanhosa, apesar de a certa altura ter provavelmente decidido elevar o seu estatuto

social passando a pronunciar os «is» à moda do Norte. No meio da sua voz arrastada com sotaque provinciano, explicara Abby, um «i» distinto e agudo destacava-se sobremaneira. Ela não parecera particularmente cativada por essa característica.

As poucas fotografias que existiam de Junior revelavam um rosto que era ligeiramente magro de mais; um ar que as pessoas daquela época não tinham qualquer pudor em rotular de «*white trash*»¹. Em termos de tez, ele era um Whitshank puro, com o cabelo todo preto mesmo quando já se encontrava na casa dos sessenta, a pele muito branca e os olhos azuis meio estrábicos, e possuía o corpo esguio e magro típico dos Whitshank. Vestia um fato escuro muito teso todos os dias do ano, contara Abby, mas Red interrompera-a para dizer que os fatos tinham aparecido posteriormente, quando Junior já só visitava os locais de trabalho para fazer o ponto da situação. A maioria das recordações de infância de Red incluía o pai vestido com um fato-macaco.

De qualquer modo, o primeiro registo de Junior em Baltimore foi como funcionário de um construtor civil de seu nome Clyde L. Ward. Isso descobriu-se numa carta datilografada que foi encontrada entre as papeladas de Junior após a morte deste, informando «A Todos os Interessados» que J. R. Whitshank tinha trabalhado para o Sr. Ward entre junho de 1926 e janeiro de 1930 e que tinha provado ser um carpinteiro capaz. Contudo, devia ter sido muito mais do que «capaz», porque por volta de 1934 um pequeno retângulo no *Baltimore Post* anunciava os serviços das Construções Whitshank Co.: «Qualidade e Integridade.»

Sabe Deus que não foi a melhor altura para dar início a um negócio, mas pelos vistos Junior prosperou, primeiro a remodelar e depois a construir de raiz várias mansões nas

zonas de Guilford, Roland Park e Homeland. Adquiriu uma *pickup Ford Model B* com as iniciais «CWC» entrelaçadas e pintadas nas duas portas, por cima de um número de telefone; sem qualquer referência ao nome completo da firma ou à sua atividade, como se todas as pessoas que importavam decerto já a conhecessem. Em 1934 ele tinha oito funcionários; em 1935, vinte.

Em 1936, apaixonou-se por uma casa.

Não, primeiro deve ter-se apaixonado pela esposa, porque por essa altura já era casado. Tinha casado com Linnie Mae Inman. No entanto, nunca teve muito a dizer sobre Linnie e em contrapartida tinha muito para dizer, *imenso* para dizer, sobre a casa em Bouton Road.

Não passava do esboço de um arquiteto da primeira vez que ele lhe pôs a vista em cima. O Sr. Ernest Brill, um fabricante de têxteis de Baltimore, tinha desenrolado um rolo de plantas diante do terreno onde ele e Junior tinham combinado encontrar-se. E Junior primeiro tinha olhado para o terreno (cheio de pássaros, tulipeiros e uma série de cornizos) e depois para o desenho do alçado, que mostrava uma casa de madeira ripada com um alpendre frontal gigantesco, e as palavras que lhe vieram à cabeça de imediato foram: «Mas esta é a *minha* casa!»

Não que o tivesse dito em voz alta, claro.

«Hum», dissera ele, em voz alta. E: «Estou a ver.» Pegara nas plantas que o Sr. Brill lhe tinha estendido e estudara o alçado. Virara para as páginas de baixo para estudar as plantas. E dissera: «Hum-hum.»

«O que é que acha?», perguntara-lhe o Sr. Brill.

Junior respondera:

«Ora bem...»

Não se tratava de uma casa imponente, do tipo que se presumiria que um homem como Junior cobiçasse. Digamos que era mais uma casa de *família*. O género de habitação

que aparecia nos quebra-cabeças com mil peças, de aspeto simples e confortável, com a bandeira americana, talvez, a esvoaçar no jardim da frente e uma banca de venda de limonada na borda do passeio. Janelas de guilhotina altas, uma chaminé de pedra rústica, uma claraboia por cima da porta de entrada. Mas o melhor de tudo era o alpendre: o maravilhoso alpendre a toda a volta da habitação.

«Disse-me algo», era como Junior o descreveria mais tarde. «Não sei explicar; simplesmente disse-me algo.»

Pelo que respondeu ao Sr. Brill:

«Acho que sou capaz.»

Mas porque é que ele não tinha construído uma casa idêntica para ele mesmo?, costumavam perguntar os filhos de Red. Porque é que não tinha copiado as plantas e construído a sua própria casa? Red respondeu-lhes que não fazia ideia. Depois disse que talvez tivesse alguma coisa que ver com o terreno. Afinal de contas, Bouton Road era uma zona imobiliária de luxo e por volta de 1936 a maioria dos lotes já tinha sido comprada. Nessa época sem ar condicionado, as casas em Baltimore tinham uns toldos grossos e escuros que ensombravam as janelas quase até ao parapeito, de maio a outubro todos os anos, mas aquela casa não necessitaria de toldos graças à quantidade existente de tulipeiros. Havia ainda a forma como a casa iria ocupar essa propriedade em particular, encarrapitada no cimo de uma comprida e agradável ladeira: onde mais poderia ficar tão visível?

Pelo que Junior construiu a casa para o Sr. Brill.

Construiu-a melhor do que alguma vez tinha construído alguma coisa na sua vida. Encarregou-se pessoalmente de cada prateleira da despensa e de cada maçaneta de armário. Contestou todos os pedidos que lhe pareceram ser simplificações ou faltas de gosto. Porque o bom gosto, na verdade, era o segredo da reputação de Junior. Como ele o

tinha adquirido ninguém sabia, mas a verdade era que tinha excelente faro para tudo o que fosse pretensioso. Nada de colunas de dois andares para Junior! Nada de pórticos para carruagens pomposos, com as suas insinuações de limusinas com motorista a chegarem para deixar os respetivos passageiros! Quando o Sr. Brill se atreveu a abordar a possibilidade de criar uma «zona de circulação» em forma de U diante da habitação, Junior explodiu.

«Uma zona de circulação!», exclamou. «Mas o que raio é isso? Você conduz um *Chrysler Airflow*, não uma carruagem de seis cavalos!» (Ou pelo menos foi assim que ele disse que tinha corrido a conversa. Pode muito bem ter exagerado a sua própria franqueza.) Em seguida, começou a elaborar, de forma demorada e carinhosamente pormenorizada, como os visitantes deveriam chegar à casa. O caminho de acesso devia continuar até à lateral da casa, explicou, para utilização exclusiva da família Brill. Os convidados deveriam estacionar lá em baixo, na rua. Imagine-os a saírem dos carros, a erguerem o olhar para o alpendre, a subirem o caminho feito de pedra rústica enquanto o Sr. e a Sra. Brill aguardavam nos degraus do alpendre para os receber. Oh, e a propósito, esses degraus deveriam ser de madeira. Era errado fazê-los de outro material que não esse. As pessoas imaginavam sempre os degraus de madeira deformados e a descascarem-se, mas quando devidamente tratados, não havia nada mais elegante do que um amplo conjunto de degraus envernizados (um pouco de areia fina misturada no verniz para lhe conferir tração), erguendo-se até ao chão de madeira do alpendre tão sólido como o convés de um navio. Tais degraus exigiam trabalho, dinheiro e muita atenção. Tais degraus eram *importantes*.

O Sr. Brill respondeu que estava plenamente de acordo.

Junior passou quase um ano a trabalhar na casa, utilizando toda a sua mão de obra e mais uns homens que contratou. Então os Brill assumiram a posse da casa e ele começou a fazer o luto. Por norma muito conversador (os seus clientes tentavam evitar cruzar-se com ele quando estavam com muita pressa), mergulhou numa espécie de silêncio profundo, ficando abatido e demonstrando pouco interesse no trabalho que se seguiu à casa dos Brill. Fora o próprio Junior que confessara tudo isso, anos mais tarde. (A esposa dele não era muito comunicativa.)

«Custava-me a acreditar», explicara ele, «que aquela gente estivesse a morar na minha casa.»

Felizmente, os Brill revelaram ser pouco habilidosos. Assim que caiu a primeira geada, telefonaram a Junior para lhe dizer que o aquecimento não estava a funcionar e este teve de ir lá a casa sangrar os aquecedores a óleo. Podia ter-lhes mostrado como se fazia, mas não o fez. Andou de divisão em divisão com a chave dos aquecedores e quando terminou voltou a enfiar a chave no bolso e disse aos Brill para lhe ligarem novamente caso voltassem a ter problemas. Pouco depois estava a ser chamado à casa, em média, uma vez por semana. As janelas (de tamanho extragrande) exigiam resguardos especiais e portadas feitas com materiais delicados, pelo que era ele quem aparecia tanto na primavera como também no outono para supervisionar a instalação das mesmas. Qual padrinho de casamento enamorado que não sai de perto da noiva muito depois de a cerimónia ter terminado, não parava de inventar desculpas para aparecer. Deixou uma lata de tinta para retoques e mais tarde meia caixa de azulejos que haviam sobrado. Tornou a verificar uma fechadura que tinha oleado uma semana antes. Aparecia a qualquer hora do dia, servindo-se da sua própria chave quando não estava ninguém em casa. Qualquer sinal de desgaste que

encontrava deixava-o num estado de agitação imensa — uma fenda no estuque ou uma racha minúscula num lavatório da casa de banho. Comportava-se como se tivesse emprestado a casa e as pessoas estivessem a tratá-la mal.

Uma das recordações mais antigas de Red, tinha ele uns três anos, era de descer da carrinha do pai e ver a Sra. Brill parada no alpendre das traseiras, com um casaco de malha à volta dos ombros.

«Agora não se vá embora se não ouvir nada logo à primeira», disse ela ao pai dele, numa voz esganiçada. «Eu sei que vai parar assim que você entrar na casa.»

Um esquilo tinha entrado no sótão, recordara Red.

«Ela estava uma pilha de nervos», contara ele. «Julgava que todos os animais que lhe apareciam à frente queriam fazer-lhe mal e estava sempre a cheirar-lhe a queimado e tinha um medo de morte de que a casa fosse assaltada. Assaltada! Em plena Bouton Road!» O pior de tudo era o facto de ela nunca ter gostado particularmente da casa. Queixava-se de que ficava demasiado longe da Baixa e sentia saudades do antigo apartamento, com o clube de senhoras mesmo ao lado. Era um facto que havia um clube de senhoras na Roland Avenue, mas não era bem a mesma coisa.

O que piorava ainda mais a situação era o facto de o Sr. Brill fazer muitas viagens de «nugócios», como Junior lhes chamava, deixando a Sra. Brill sem qualquer protecção à exceção dos dois filhos mimados. (Junior empregava a palavra «mimados» sempre que se referia aos rapazes Brill, apesar de nunca ter dado exemplos concretos desse tipo de comportamento.) Os rapazes estavam na adolescência e pesavam pelo menos tanto como o próprio Junior, mas era a Junior que a Sra. Brill telefonava sempre que ouvia um barulho na cave.

E Red quase apostava que Junior não era recompensado monetariamente por isso. Os Brill abusavam da boa vontade dele. Tratavam-no pelo nome próprio, ao passo que eles continuavam a ser «Sr.» e «Sra.». A Sra. Brill aparecia-lhe subitamente todos os Natais, como fazia ao rapaz dos recados e à rapariga da limpeza, chegando à porta da casa dele envergando um pomposo casaco de peles e carregando um cesto cheio de conservas compradas na loja. O carro ficava ligado em frente à casa; ela nunca entrava, embora fosse sempre convidada a fazê-lo.

Junior morava em Hampden, a escassos quarteirões dos Brill, mas num mundo completamente à parte em termos de ambiente. Ele e Linnie tinham alugado uma casa com três assoalhadas que ficava vários metros abaixo do nível da rua, o que lhe conferia um aspeto acanhado. Tinham dois filhos: Merrick (uma menina) e Redcliffe. Eh lá!, dirão alguns. Seria possível que as misteriosas raízes familiares dos Whitshank tivessem incluído uns Merrick? Ou uns Redcliffe? Mas não, eram apenas nomes que soavam distintos aos ouvidos de Junior. Sugeriam antepassados ilustres, quem sabe do lado da mãe. Oh, Junior andava sempre a magicar formas de aparentar ter mais qualidade. E, todavia, mantinha-os nessa pequena casa de aspeto triste em Hampden, que nem sequer se dava ao trabalho de consertar apesar de o poder ter feito melhor do que ninguém.

«Estava à espera do momento certo», explicara ele, anos mais tarde. «Estava só à espera do momento certo, nada mais.» Pelo que tinha continuado a mudar os fusíveis da sua adorada casa em Bouton Road, a aparafusar as dobradiças e a afugentar os vários pássaros e morcegos, sem o mínimo indício de impaciência.

Numa noite fria em fevereiro de 1942, a Sra. Brill aparecera no alpendre da casa dos Whitshank com os dois

filhos pela mão. Nenhum deles envergava casaco. A Sra. Brill tinha estado a chorar. Foi Linnie quem lhes abriu a porta e disse:

«Mas o que...?»

A Sra. Brill agarrou o pulso de Linnie.

«O Junior está?», perguntou.

«Estou aqui», respondeu Junior, surgindo ao lado de Linnie.

«Aconteceu uma coisa terrível», disse a Sra. Brill.
«Terrível, terrível, terrível.»

Junior disse:

«Porque é que não entra?»

«Entrei no jardim de inverno», explicou ela, deixando-se ficar onde estava. «Planeava escrever umas cartas. Está a ver aquela minha secretária pequenina onde trato da minha correspondência? No chão, junto à minha cadeira, vi um saco de lona, uma espécie de saco de ferramentas. Daqueles que se abrem por cima. Estava completamente aberto e reparei numa série de ferramentas de ladrão lá dentro.»

«Hum», disse Junior.

«Chaves de fendas, pé de cabra e... ah!» Ela tombou ligeiramente para o lado, para cima de um dos filhos, e este aguentou o peso. «Em cima de tudo», disse ela, «havia um pedaço de corda.»

Linnie exclamou:

«Corda!»

«Como aquela que se usa para amarrar alguém.»

«Oh, santo Deus!»

«Bem», disse Junior, «vamos lá então ver o que é que se passa.»

«Não se importa, Junior? Eu sei que devia ter chamado a polícia, mas só pensava: “Tenho de sair daqui. Tenho de

levar os meus filhos daqui para fora.” Peguei nas chaves do carro e corri. Não sabia a quem mais recorrer, Junior.»

«Fez muito bem», retorquiu Junior. «Eu trato do assunto. Deixe-se ficar aqui com a Linnie, senhora Brill, que eu vou pedir aos policiais para se certificarem de que está tudo bem antes de vocês voltarem a entrar na casa.»

A Sra. Brill disse:

«Oh, eu não volto lá. Aquela casa para mim morreu, Junior.»

Posto isso, um dos filhos dela disse:

«Oh, mãe?» (O único comentário de que há registro na História por parte de um dos rapazes Brill.)

Mas ela repetiu:

«Para mim morreu.»

«Isso depois vê-se, está bem?», respondeu-lhe Junior. Em seguida, pegou no casaco.

Sobre o que é que as duas mulheres conversaram, quando ficaram sozinhas? Anos mais tarde Jeannie perguntou isso mesmo, mas ninguém lhe soube dar uma resposta. A própria Linnie nunca o revelara, ao que parecia, e Merrick e Red eram demasiado pequenos (Merrick tinha cinco anos e Red tinha quatro), pelo que nem sequer se lembravam. Era como se sempre que Junior saía de cena esta deixasse de existir. Depois ele regressava e tudo começava de novo, ganhando vida com a voz fina e esganiçada dele, e os seus «E ele disse-me...» e «E eu respondi...».

A polícia disse-lhe:

«Parece-me o saco de ferramentas de um homem de trabalho.»

Ao que Junior respondeu:

«Pois parece.» Deu-lhe um toque com a ponta do pé. «Mas porquê a corda?», acrescentou, pouco depois.

«Às vezes uma corda dá jeito.»

«Pois, tem razão. Lá isso é verdade.»

Ficaram parados durante uns minutos, a olhar para o saco.

«Mas a questão é que quem costuma fazer reparações nesta casa sou eu», disse Junior.

«Ai, sim?»

«Não percebo.»

Ele virou as palmas das mãos para cima, como se quisesse ver se estava a chover, depois arqueou a sobancelhas para os polícias e encolheu os ombros, e todos concordaram em esquecer o assunto.

Depois a conversa quando o Sr. Brill voltou de viagem:

«Você, comprar a casa?», perguntou o Sr. Brill. «Comprá-la para fazer o quê com ela?»

«Morar nela, claro», retorquiu Junior.

«Morar nela! Ah. Estou a ver. Mas... Tem a certeza de que seria feliz lá, Junior?»

«Mas quem é que não seria feliz lá?», perguntou Junior aos filhos, anos mais tarde, mas o que respondeu ao Sr. Brill foi: «Pelo menos tenho a certeza de que foi bem construída.»

O Sr. Brill teve a elegância de não explicar que não fora exatamente isso que quisera dizer.

Red recordava ter crescido naquela casa como se se tratasse do paraíso. Havia crianças suficientes em Bouton Road para formar duas equipas de basebol, sempre que lhes apetecia, e passavam todo o tempo livre a brincar na rua; rapazes e raparigas juntos, pequenos e grandes. O jantar era rápido, aborrecidas interrupções impingidas pelas mães. Tornavam a desaparecer até serem chamados para a cama e depois apareciam a protestar, com o rosto transpirado e ruborizado, folhas de relva coladas ao mesmo, a suplicarem por mais meia hora. «Aposto que

ainda sei o nome de cada miúdo do bairro», dizia Red aos seus próprios filhos. Mas isso não era particularmente impressionante, pois a maioria desses miúdos continuava a morar no bairro em adulto ou pelo menos regressara ao fim de uns anos, depois de ter experimentado outros lugares menos bons.

Red e Merrick integraram-se nesse grupo de miúdos sem hesitações, mas os pais nunca pareceram integrar-se com os outros pais. Talvez fosse por culpa de Linnie; era muito tímida e calada. Claramente mais nova do que Junior, magra e pálida, com o cabelo escorrido e sem vida nenhuma, e os olhos quase sem cor, ela tendia a encolher-se e a esfregar as mãos sempre que alguém se lhe dirigia. Decerto não era por culpa de Junior, que metia conversa com qualquer pessoa. Falava, falava e falava até cansar as pessoas. Ou seria esse o problema, afinal? As pessoas eram educadas, mas não respondiam muito.

Bem, não importa. Junior tinha finalmente conseguido a sua casa. Passava horas e horas a fazer arranjos aqui e ali. Construiu uma casa de banho no roupeiro da entrada, por baixo das escadas, porque assim que se mudaram percebeu que uma casa de banho não seria suficiente. E revestiu o quarto de hóspedes com armários para o material de costura de Linnie, já que eles raramente tinham visitas. Durante vários anos viveram quase sem mobília, tendo gasto tudo o que tinham no sinal para a casa, mas ele recusava-se a comprar coisas baratas, nem pensar em tal coisa.

«Nesta casa exige-se qualidade», dizia ele. Era realmente cómica a quantidade de frases dele que começava por «nesta casa». Nesta casa nunca se andava descalço, nesta casa usava-se a roupa boa para ir de elétrico à Baixa, nesta casa ia-se à missa da Igreja Episcopal de St. David todos os domingos, fizesse chuva ou fizesse sol, apesar de ser

impossível os Whitshank terem sido sempre episcopalianos. Ao que parecia, a expressão «nesta casa» significava no fundo «nesta família». As duas eram uma só coisa.

Uma coisa era intrigante, porém: não obstante a conhecida loquacidade de Junior, os seus netos nunca formaram uma imagem clara dele. Quem *era* ele, ao certo? De onde tinha vindo? E, já agora, de onde tinha vindo Linnie? Certamente que Red tinha alguma ideia; ou a irmã, mais provavelmente, uma vez que as mulheres costumam ser mais curiosas em relação a essas coisas. Mas não, eles alegaram não saber. (Isto se acreditarmos neles.) E tanto Junior como também Linnie faleceram antes de o primeiro neto fazer dois anos.

E mais: Junior era insuportável ou simpático? Mau ou bom? A resposta parecia variar. Por um lado, a sua ambição envergonhava toda a família. Estremeciam sempre que tomavam conhecimento da forma servil como imitava os seus superiores sociais. Mas quando consideravam as dificuldades financeiras por que tinha passado, a sua aspiração sonhadora e a sua dedicação (o seu génio, aliás), eram obrigados a admitir: «Pois...»

Ele era como todas as outras pessoas, explicou Red. Insuportável e simpático. Mau e bom.

Ninguém considerava essa resposta satisfatória.

Ora bem, portanto a primeira história da família pertencia a Junior: a maneira como os Whitshank tinham ido morar para Bouton Road.

A segunda pertencia a Merrick.

Merrick era filha do pai dela, quanto a isso não havia dúvidas. Aos nove anos, organizara a sua própria transferência da escola pública para uma escola privada e, enquanto Red andava aos tropeções na Universidade de Maryland com a mente fixa na sua verdadeira vocação (a

construção), Merrick partira rumo à Universidade de Bryn Mawr, para aprender a subir acima das suas origens. Nos fins de semana de inverno ia fazer esqui com os amigos. Quando o tempo aquecia, ia velejar. Começou a empregar palavras como «divino» e «delicioso» (sem estar a referir-se a comida). Imagine o leitor os pais dela a falarem dessa maneira! Ela já se tinha distanciado imenso deles.

A melhor amiga de Merrick desde o quarto ano era Pookie Vanderlin, que também frequentava a Bryn Mawr. E na primavera de 1958, quando ambas as raparigas estavam a terminar o penúltimo ano do curso, Pookie ficou noiva de Walter Barrister III, mais conhecido como Trey.

Trey era um rapaz de Baltimore, um licenciado de Gilman e Princeton que agora trabalhava na firma da família, a fazer algo relacionado com dinheiro. Como tal, nas férias de verão, quando Merrick, Pookie e os amigos se reuniam no alpendre da frente dos Whitshank a fumarem *Pall Mall* e a conversarem sobre o quão entediados se sentiam, Trey também costumava lá estar. Parecia ter um horário de trabalho muito flexível. Quando Red regressava a casa do seu trabalho de verão, por volta das quatro da tarde (horas típicas dos construtores civis), deparava-se com Trey estendido no alpendre na companhia dos outros, com uma camisola branca imaculada por cima dos ombros, num estilo muito descontraído, e os pés enfiados em mocassins de pele sem meias (a primeira vez que Red tinha visto essa prática, apesar de infelizmente não ter sido a última). Mais tarde saíam todos juntos para fazer o que quer que fosse que faziam ao serão. Uma vez que era Red quem contava esta história, não havia como saber o que é que os amigos de Merrick faziam, mas o mais certo era irem comer a um restaurante qualquer e depois irem ao cinema, talvez, ou irem dançar. No final da noite regressavam e sentavam-se novamente no alpendre.

Tratava-se de um alpendre invulgarmente espaçoso, ao fim e ao cabo, e tão largo que podiam manter-se secos mesmo durante uma chuva torrencial. As suas vozes ouviam-se nos dois quartos frontais: o quarto de Red e o quarto dos pais. Era frequente Red debruçar-se à janela para gritar: «Ei! Há quem tenha de se levantar de manhã bem cedo!», mas os pais nunca disseram uma única palavra em protesto. O mais certo era Junior estar muito contente: tantos rapazes e raparigas elegantes e de cabelos sedosos no seu alpendre, quando as gentes deles nunca o tinham convidado a ele ou a Linnie para os alpendres *deles*, nem uma única vez.

Os jovens estavam a emparceirar-se nesse verão. O último ano da faculdade estava a aproximar-se e naquela época era costume as raparigas casarem-se logo a seguir. Merrick parecia ter não um mas dois rapazes a arrastarem-lhe a asa, que Red não conhecia muito bem. Eram uns anos mais velhos do que ele e eram muito parecidos um com o outro, pelo que estava sempre a confundi-los. Além do mais, tinha alguma dificuldade em acreditar que alguém pudesse sentir-se realmente atraído pela sua irmã. Merrick era magrinha e desajeitada, com o claro e distinto maxilar dos Whitshank que ficava melhor aos homens do que às mulheres, e nesse verão usava o cabelo com um penteado novo algo dramático, solto do lado esquerdo mas colado ao crânio do lado direito, dando a ideia de que estava a ser constantemente fustigada por uma ventania forte. Mas Tink e Bink, ou lá como é que eles se chamavam, pareciam caídos por ela. Chamavam-lhe «Pau», como diminutivo de «Pau de Virar Tripas», e percebia-se pela forma como se metiam com ela que estavam a tentar cair-lhe no goto.

O pai dela perguntou, certa vez:

«Ora bem, quem é aquele tipo louro? O do cabelo à escovinha?»

«Qual deles?», respondeu Merrick.

«O que estava a queixar-se do jogo de golfe ontem.»

«Sim, mas *qual* deles, pai?»

Posto isso, Red depreendeu que nenhum dos jovens a tinha impressionado sobremaneira. E mais: que os pais deles, ou pelo menos o pai deles, tinha escutado as conversas no alpendre com mais interesse do que Red julgava.

Entretanto, Pookie andava a tratar dos pormenores do seu casamento. Já faltava menos de um ano e um acontecimento dessa magnitude demorava algum tempo a planear. A data tinha sido marcada, bem como o local para a receção. O esquema de cores para os vestidos das damas de honor estava a ser deliberado. Merrick tinha sido convidada para ser dama de honor. Comentou com os pais que iria ser um tédio, mas a mãe respondeu-lhe:

«Oh, não digas isso, foi muito simpático a Pookie ter-te escolhido.»

E o pai disse:

«Parece-me que não tens noção de que o Walter Barrister I foi o fundador da Barrister Finantial.»

Red tinha começado a aperceber-se de que, sempre que só estavam raparigas presentes, Pookie tinha o hábito de falar sobre Trey de uma forma depreciativa. Fazia troça do cuidado que ele tinha com a franja loura que lhe caía sobre a testa e referia-se frequentemente a ele como o «Príncipe de Roland Park».

«Hoje não posso ir às compras», dizia ela, «porque o Príncipe de Roland Park quer que eu vá almoçar com a mãe dele.»

Em parte, isso devia-se ao facto de o grupinho dela gostar de empregar um tom irónico e trocista independentemente do assunto que estivessem a discutir. Por outro lado, Trey merecia esse título. Quando ainda

andava no secundário já conduzia um carro desportivo, e a casa dos Barrister em Baltimore era apenas uma das três habitações que eles possuíam, encontrando-se as restantes em estâncias remotas que apareciam publicitadas no *New York Times*. Pookie disse que ele era muito mimado e que a culpa era da mãe, a «Rainha Eula».

Eula Barrister era uma mulher magra como um palito, moderna e sempre com um ar descontente. Sempre que Red a via na missa, ela lembrava-lhe a Sra. Brill. A Sra. Barrister mandava nessa igreja, bem como no Clube de Senhoras e na sua própria família, que consistia em somente três pessoas. Trey era o seu único filho; o seu rico menino, como ela gostava de dizer; a sua riqueza. E Pookie Vanderlin não era suficientemente boa para ele.

Durante todo o verão, Red escutou longos relatos pormenorizados sobre as tribulações de Pookie com a Rainha Eula. Pookie era chamada a jantares de família excruciantes, a lanches com idosas cerimoniais e à própria esteticista da Rainha Eula para fazer qualquer coisa às sobancelhas. Era criticada pela sua incapacidade de escrever cartas de agradecimento ou por escrever cartas de agradecimento pouco entusiastas. A sua escolha de pratos foi alterada por completo sem o seu aval. Foi incentivada a considerar um vestido de noiva que escondesse os seus ombros roliços.

Merrick não parava de arquejar, como alguém em cima de um palco.

«Não! Não posso acreditar!», exclamava ela. «Mas porque é que o Trey não te defende?»

«Oh, o Trey», respondeu Pookie, com desdém. «O Trey idolatra-a.»

Não só isso: Trey era pouco atencioso, era egoísta e dado a ataques de hipocondria. Esquecia-se da existência de Pookie sempre que se cruzava com os amigos. E por uma

vez que fosse, por uma única vez na vida, ela gostaria de o ver passar um serão inteiro sem beber o equivalente ao seu peso em gim.

«É melhor ele pôr-se a pau, assim ainda te vai perder», disse Merrick. «Podias casar-te com quem quisesse! Não és obrigada a ficar com o Trey. Olha o Tucky Bennett: quase se suicidou quando soube que estavas noiva.»

Era frequente Pookie queixar-se mesmo na presença de Red. (Red não contava, naquele grupo.) Então ele perguntava-lhe:

«Porque é que aturas isso?» Ou: «Aceitaste casar com um tipo desses?»

«Eu sei, sou uma parva», respondia-lhe ela. Mas não num tom sincero.

Nesse outono, quando todos tinham regressado à faculdade, Merrick entrou na rotina de vir a casa todos os fins de semana. Era algo muito pouco típico dela. O próprio Red vinha a casa com frequência, uma vez que College Park ficava muito perto, mas aos poucos foi-se apercebendo de que ela aparecia cada vez mais. Ia com a família à missa ao domingo e depois ia dizer olá a Eula Barrister. Mesmo quando Trey não se encontrava agarrado ao cotovelo da mãe (o que, regra geral, era o caso), Merrick acenava animadamente com a cabeça, com o seu novo chapéu em forma de caixa de aspeto conservador, dando uma gargalhada cristalina que qualquer pessoa perceberia ser falsa, atenta a cada comentário de rosto franzido de Eula Barrister. E ao serão, se Trey aparecesse para a visitar (o que era normal, dizia Merrick. Afinal de contas, ia casar-se com a melhor amiga dela!), os dois sentavam-se no alpendre, embora agora já estivesse demasiado frio na rua. O cheiro do fumo dos cigarros deles flutuava até à janela aberta de Red. (Mas se estava tanto frio, interrogar-se-iam

os filhos dele, anos mais tarde, porque é que ele tinha a janela aberta?)

«Estou farto dela. A sério», disse Trey. «Nada do que faço a deixa feliz. Está sempre a implicar com alguma coisa.»

«Parece-me que não te dá o devido valor», respondeu Merrick.

«E devias ver como é que se comporta com a minha mãe. Disse que não a podia ajudar a verificar as ementas para o jantar de ensaio porque tinha um trabalho para entregar. Um trabalho para entregar! Quando se trata do seu próprio casamento!»

«Oh, coitada da tua mãe», disse Merrick. «Só o fez para que ela não se sentisse excluída.»

«Mas porque é que tu vês isso, Pau, e a Pookie não?»

Red fechou a janela com força.

Junior disse a Red que este estava a imaginar coisas. Depois de a situação ter sido exposta, depois de a verdade ter vindo ao de cima e quase toda a cidade de Baltimore ter deixado de falar a Trey e a Merrick, Red disse:

«Eu sabia que isto ia acontecer! Percebi-o logo. A Merrick planeou tudo desde o primeiro instante; ela roubou-lho.»

Contudo, Junior retorquiu:

«O que é que estás para aí a dizer, rapaz? Os seres humanos não podem ser roubados. A não ser que o queiram ser.»

«Juro que ela o começou a planejar no verão passado e raios partam se não foi avante com o plano dela. Elogiou o Trey na cara dele, falou mal dele à Pookie e andou a dar tanta graxa à mãe que até me dava vontade de vomitar.»

«Bem, não é como se ele fosse propriedade da Pookie», disse Junior.

Depois disse:

«Seja como for, ele agora é da Merrick.»

Então duas linhas formaram-se nos cantos da boca dele, como acontecia sempre que ele resolvia um assunto à sua maneira.

Um observador de fora talvez dissesse que isto não eram histórias nenhuma. Alguém compra uma casa que sempre admirou quando esta aparece no mercado. Alguém casa com um homem que em tempos esteve noivo da amiga. Acontece com frequência.

Talvez fosse porque os Whitshank eram uma família tão recente que não tinham um historial familiar. Não tinham assim tantas histórias por onde escolher. Tiveram de aproveitar ao máximo o que tinham.

Era óbvio que não se podiam virar para Red à procura de histórias. Red tinha casado com Abby Dalton, que ele conhecia desde os doze anos — uma rapariga de Hampden, por coincidência, do mesmo bairro onde os Whitshank tinham morado antes. Aliás, ele e ela também tinham morado em Hampden, no início do casamento. («Porque é que nos demos ao trabalho de mudar», perguntou-lhe o pai, certa vez, «se tencionavas voltar lá logo à primeira oportunidade?») Mais tarde, quando os pais dele faleceram (mortos por um comboio de mercadorias em 1967, quando o carro deles ficou preso na linha férrea), Red mudou-se para a casa de Bouton Road. Decerto que Merrick não iria querer ficar com a casa. Ela e Trey eram donos de uma casa muito melhor, já para não falar da propriedade em Sarasota, e, além disso, explicou ela, nunca tinha gostado da casa. Não tinha suítes com casa de banho e quando Junior acrescentara finalmente uma ao quarto principal, reconfigurando a enorme despensa revestida a madeira de cedro dos anos 50, ela queixara-se de que acordava sobressaltada sempre que alguém puxava o autoclismo. E

ali estava Red, na casa onde tinha crescido e onde planeava morrer um dia. Não era propriamente uma grande história.

A vizinhança agora referia-se a ela como «a casa Whitshank». Junior teria ficado satisfeito por sabê-lo. Uma das principais irritações dele era ter sido apresentado algumas vezes como «o Sr. Whitshank que mora na casa Brill».

Não havia nada digno de nota nos Whitshank. Nenhum deles era famoso. Nenhum deles podia alegar ser possuidor de uma inteligência excecional. E, em termos de aparência física, eram completamente vulgares. A magreza deles era do tipo ossudo, ao invés da esbelteza ágil e flexível das pessoas que apareciam nos anúncios das revistas, e os rostos deles possuíam uma certa dureza que parecia insinuar que, embora se alimentassem bem, talvez o mesmo não se pudesse dizer dos seus antepassados. À medida que envelheciam, iam desenvolvendo papos por baixo dos olhos, que já de si eram descaídos nos cantos exteriores, conferindo-lhes uma expressão ligeiramente pesarosa.

A empresa da família era bem conceituada, mas o mesmo se aplicava a muitos outros negócios, e o número baixo na licença de reconstrução deles era um mero testemunho de longevidade, portanto porquê fazer um grande alarido disso? Ficar parado no mesmo lugar: eles pareciam encarar isso como uma virtude. Três dos quatro filhos de Red e Abby moravam a vinte minutos dos pais. Não há nada de notável nisso!

Mas, tal como a maioria das famílias, eles imaginavam que eram especiais. Tinham imenso orgulho, por exemplo, da sua capacidade para arranjar coisas. Chamar um faz-tudo (mesmo que fosse um dos empregados) era visto como um sinal de derrota. Todos tinham herdado a aversão de Junior pela ostentação e todos estavam convencidos de que

tinham melhor gosto do que o resto do mundo. Às vezes faziam um grande alarido das excentricidades da família; o facto de tanto Amanda como também Jeannie terem casado com homens chamados «Hugh», por exemplo, a ponto de os maridos delas passarem a ser referidos como «o Hugh da Amanda» e «o Hugh da Jeannie»; ou a predisposição genética para ficarem acordados durante duas horas todas as noites; ou a capacidade invulgar de terem cães que viviam muitos anos. À exceção de Amanda, eles ligavam muito pouco à roupa que vestiam todas as manhãs e contudo reprovavam ferozmente qualquer adulto que vissem vestido com calças de ganga. Mexiam-se nas suas cadeiras, pouco à vontade, sempre que se discutia religião. Gostavam de dizer que não eram grandes fãs de doces, apesar de existirem provas de que não eram tão opostos aos mesmos como diziam ser. Toleravam os cônjuges uns dos outros, mas não faziam qualquer esforço para com as famílias destes, que entendiam não serem tão próximos ou parecidos como os elementos da sua própria família. E falavam nesse tom arrastado descontraído, típico das pessoas que trabalham com as mãos, embora nenhum deles trabalhasse com as mãos. Isso conferia-lhes um ar de paciência bem-humorada que não era inteiramente merecida.

A paciência, aliás, era o que os Whitshank imaginavam ser a temática das duas histórias da família: esperar pacientemente por aquilo que acreditavam pertencer-lhes. «À espera do momento certo», como Junior tinha dito e como talvez Merrick também tivesse dito se estivesse na disposição de falar sobre o assunto. Mas alguém mais crítico diria que a verdadeira temática era a inveja. E outra pessoa qualquer, alguém que tivesse conhecido a família intimamente e desde sempre (apesar de tal pessoa não existir), talvez perguntasse por que razão é que ninguém

parecia aperceber-se da outra temática subjacente às duas primeiras: a longo prazo, ambas as histórias tinham levado à desilusão.

Junior tinha conseguido a sua casa, mas esta não pareceu fazê-lo tão feliz como seria de esperar, e fora frequentemente visto a contemplá-la com uma expressão perplexa e triste. Passara o resto da vida preocupado com ela, alterando-a, acrescentando roupeiros e mudando lajes, como se esperasse que o facto de conseguir a residência perfeita abrisse finalmente os corações dos vizinhos que nunca lhe tinham dado atenção. Vizinhos de quem ele nem sequer gostava, veio-se a saber mais tarde.

Merrick tinha conseguido o seu homem, mas ele era uma pessoa fria e reservada, exceto quando bebia, e nessas alturas tornava-se argumentativo e grosseiro. Nunca tinham tido filhos e Merrick passara a maior parte do tempo sozinha na casa de Sarasota, com o intuito de evitar a sogra que tanto odiava.

Essas desilusões pareciam ter passado despercebidas à família, porém. Lá estava mais uma das excentricidades deles: tinham imenso jeito para fingir que tudo estava bem. Ou talvez não fosse propriamente uma excentricidade. Talvez fosse a prova de que os Whitshank não eram extraordinários.

¹ *White trash* (literalmente, «lixo branco») é uma expressão depreciativa norte-americana utilizada para pessoas brancas com um estatuto social mais baixo. (NT)

CAPÍTULO TRÊS

No primeiro dia do ano de 2012, Abby começou a desaparecer.

Ela e Red tinham ficado com os três filhos de Stem durante a noite, para que ele e Nora pudessem ir a uma festa de fim de ano, e Stem apareceu para os ir buscar por volta das dez horas da manhã seguinte. Como toda a gente da família fazia, bateu uma única vez à porta e entrou.

— Bom dia! — chamou. Deteve-se no átrio e ficou à escuta, esfregando calmamente as orelhas da cadela. Os únicos sons que se ouviam eram as vozes dos seus filhos no jardim de inverno. — Bom dia! — tornou a dizer. Começou a caminhar na direção das vozes.

Os rapazes encontravam-se sentados em cima do tapete, à volta de um tabuleiro de gamão, três louros com idades em escadinha, vestidos atabalhoadamente com calças de ganga.

— Pai — disse Petey —, diz ao Sammy que não pode jogar connosco. Não sabe contar os pontos como deve ser!

— Onde é que está a vossa avó? — perguntou-lhes Stem.

— Não sei. Diz-lhe, pai! — Em seguida, lançou o dado com tanta força que este foi parar debaixo do sofá.

— A avó disse que eu podia jogar — respondeu Sammy. Stem regressou à sala de estar.

— Mãe? Pai? — chamou. Não obteve resposta.

Foi à cozinha, onde encontrou o pai sentado à mesa do pequeno-almoço a ler o *Baltimore Sun*. Ao longo dos últimos anos, Red tinha começado a perder a audição e só quando Stem entrou no campo de visão dele é que ergueu o olhar do jornal.

— Ei! — disse. — Feliz Ano Novo!

— Igualmente.

— Como é que correu a festa?

- Correu bem. Onde está a mãe?
- Oh, algures por aí. Queres café?
- Não, obrigado.
- Acabei de o fazer.
- Obrigado na mesma.

Stem foi à porta das traseiras e espreitou para a rua. Um cardeal encontrava-se pousado em cima do cornizo mais próximo, a sua cor viva fazendo lembrar uma folha resistente ao tempo, mas de resto o jardim das traseiras estava vazio. Voltou para dentro.

- Acho que vamos ter de despedir o Guillermo — disse.
- O quê?
- O Guillermo. Devíamos despedi-lo. O De'Ontay diz que ele tornou a aparecer bêbedo na sexta-feira.

Red deu um estalido com a língua e dobrou o jornal.

- Bem, não é como se não houvesse mais gente para trabalhar, nos tempos que correm — respondeu.
- Os miúdos portaram-se bem?
- Sim, claro.
- Obrigado por terem ficado com eles. Vou buscar as coisas deles.

Stem regressou ao átrio, subiu as escadas e dirigiu-se para o quarto que tinha pertencido às suas irmãs. Agora estava cheio de beliches e o chão era uma confusão de pijamas descartados, livros de banda desenhada e mochilas. Começou a enfiar toda a roupa que encontrou dentro das mochilas, sem se preocupar muito com o que pertencia a quem. Depois, com as mochilas ao ombro, saiu novamente para o átrio. Chamou:

- Mãe?

Espreitou no quarto dos pais. Nada de Abby. A cama estava impecavelmente feita e a porta da casa de banho encontrava-se aberta, assim como todas as portas das divisões que ladeavam o átrio superior em forma de U: o

antigo quarto de Denny, que agora servia de salinha de trabalho a Abby, a casa de banho das crianças e o quarto que em tempos tinha sido dele. Puxou as mochilas mais para cima do ombro e desceu as escadas.

No jardim de inverno disse aos rapazes:

— Vamos lá embora, malta. Vão buscar os vossos casacos. Sammy, onde é que estão os teus sapatos?

— Não sei.

— Então vai procurá-los — disse-lhe.

Regressou à cozinha. Red estava parado junto ao canto, a servir-se de mais uma chávena de café.

— Nós vamos andando, pai — disse-lhe Stem. O pai não deu qualquer sinal de o ter ouvido. — Pai? — chamou Stem.

Red virou-se.

— Vamos andando — disse-lhe Stem.

— Ah! Bem, bom Ano Novo para a Nora.

— Agradece à mãe por nós, está bem? Achas que ela foi a algum lado?

— Ao mercado?

— Se foi a algum lado. Terá ido a algum lado?

— Oh, não. Ela já não conduz.

— Ai, não? — Stem olhou-o fixamente. — Mas ainda a semana passada conduziu — disse.

— Não, não conduziu.

— Levou o Petey à casa de um amigo.

— Isso foi há um mês, no mínimo. Ela agora já não conduz.

— Mas porquê? — perguntou Stem.

Red encolheu os ombros.

— Aconteceu alguma coisa?

— Deve ter acontecido alguma coisa — respondeu-lhe Red.

Stem pousou as mochilas dos miúdos em cima da mesa da cozinha.

— Como por exemplo? — perguntou.

— Ela não me disse. Bem, não teve nenhum acidente, nem nada que se pareça. O carro pareceu-me estar bem. Mas chegou a casa e disse que nunca mais voltava a conduzir.

— Chegou a casa vinda de onde? — perguntou Stem.

— De ter levado o Petey à casa do amigo.

— Bolas — disse Stem.

Ele e Red entreolharam-se durante uns segundos.

— Estava a pensar em vender o carro dela — disse Red —, mas depois ficávamos só com a minha *pickup*. Além disso, e se ela mudar de ideias?

— É bom que não mude de ideias, se de facto aconteceu alguma coisa — respondeu Stem.

— Quer dizer, não é como se ela fosse velha. Ainda só faz setenta e dois para a semana! Agora como é que ela se vai deslocar de um lado para o outro?

Stem atravessou a cozinha e abriu a porta da cave. Era evidente que não estava ninguém lá em baixo (as luzes estavam apagadas), mas ainda assim chamou:

— Mãe?

Silêncio.

Fechou a porta e regressou ao jardim de inverno, com Red atrás dele.

— Ó miúdos — disse Stem —, preciso de saber onde é que está a vossa avó.

Os rapazes estavam no mesmo sítio onde os tinha deixado — estendidos à volta do tabuleiro de gamão, sem os casacos vestidos, e Sammy ainda de meias. Ergueram o olhar para ele com uma expressão vazia.

— Ela estava aqui quando desceram para tomar o pequeno-almoço, certo? — perguntou Stem. — Preparou-vos o pequeno-almoço.

— Ainda não tomámos o pequeno-almoço — respondeu-lhe Tommy.

— Ela não vos preparou o pequeno-almoço?

— Perguntou-nos se queríamos cereais ou torradas e depois foi para a cozinha.

Sammy disse:

— Nunca posso comer *Froot Loops*. Só há dois no pacote e o Petey e o Tommy comem-nos sempre.

— Porque eu e o Tommy somos os mais velhos — retorquiu Petey.

— Não é justo, pai.

Stem virou-se para Red e deu com ele a fitá-lo intensamente, como se esperasse pela tradução.

— Ela não lhes deu o pequeno-almoço — disse-lhe Stem.

— Vamos ver lá em cima.

— Eu já vi lá em cima.

Não obstante, subiram ao primeiro andar, como pessoas à procura das chaves e que não saem do mesmo sítio porque simplesmente não acreditam que elas não possam estar lá. Lá em cima entraram na casa de banho das crianças — um cenário caótico de toalhas enroladas, bocados de pasta de dentes e barcos de plástico virados de lado, afundados na banheira. Saíram da casa de banho e entraram na salinha de Abby. Foram dar com ela sentada no sofá-cama, completamente vestida e envergando um avental. Ela não era visível do átrio superior, mas certamente que ouvira Stem a chamá-la. A cadela estava estendida em cima do tapete, aos pés dela. Quando os homens entraram, Abby e a cadela ergueram o olhar e ela disse:

— Oh, olá.

— Mãe? Procurámos-te por toda a parte — disse-lhe Stem.

— Peço desculpa. Como é que correu a festa?

— A festa correu bem — respondeu-lhe Stem. — Não nos ouviste a chamar-te?

— Não, pelos vistos não. Peço imensa desculpa!

Red respirava ofegantemente. Stem virou-se para olhar para ele. Red passou a mão no rosto e disse:

— Ó querida...

— O que foi? — respondeu-lhe Abby. Percebia-se um excesso de jovialidade na sua voz.

— Deixaste-nos preocupados, querida.

— Oh, que disparate! — retorquiu Abby. Em seguida, alisou o avental sobre o colo.

Aquela divisão tinha-se transformado no espaço de trabalho dela logo que Denny se fora embora de vez; um retiro onde podia estudar as pastas dos clientes que trazia para casa ou conversar com eles ao telefone. Mesmo depois de se ter reformado, continuava a ir para essa salinha para ler, escrever poemas ou simplesmente para ficar sozinha. Os armários embutidos nas paredes que costumavam conter o material de costura de Linnie estavam agora cheios com os cadernos, recortes de revistas e postais bonitos de quando as crianças eram pequenas. Uma das paredes tinha tantos retratos de família que já não havia espaço entre uma moldura e a seguinte. «Como é que os consegues *ver* assim?», perguntara-lhe Amanda, certa vez. «Como é que consegues olhar realmente para eles?» Porém, Abby respondera despreocupadamente: «Oh, não preciso de o fazer.» O que não fazia qualquer sentido.

Regra geral, ela sentava-se à secretária, sob a janela. Nunca ninguém a tinha visto sentada no sofá-cama, que servia apenas para acomodar qualquer excesso de hóspedes que ali pernoitasse. Havia algo de forçado e encenado na sua postura, como se se tivesse sentado à pressa assim que ouvira os passos deles nas escadas.

Fitava-os com um sorriso insípido e sem brilho, com o rosto estranhamente desprovido de rugas de expressão.

— Bem — disse Stem, trocando olhares com o pai, e o assunto ficou por ali.

Há quem diga que aquilo que se faz no dia de Ano Novo dita o que acontecerá durante o resto do ano e a verdade é que o desaparecimento de Abby definiu o mote para 2012. Ela começou a desaparecer, de certa forma, mesmo quando estava presente. Parecia estar ausente de muitas conversas que tinham lugar ao redor dela. Amanda dizia que a mãe andava a comportar-se como uma mulher apaixonada, mas não só Abby nunca tinha amado ninguém além de Red como também lhe faltava esse ar pateta de felicidade típico de quem está apaixonado. Na verdade, ela parecia *infeliz*, o que não era nada típico dela. Tinha uma expressão maldisposta e o seu cabelo (agora grisalho e cortado ao nível do queixo, tão grosso e volumoso como a peruca de uma antiga boneca de porcelana) desenvolveu um aspeto desgrenhado, como se ela tivesse acabado de ser alvo de um angustiante contratempo.

Stem e Nora perguntaram a Petey o que é que tinha acontecido durante o percurso até à casa do amigo dele, mas primeiro não se lembrava do dia em questão e depois disse que a viagem tinha corrido com normalidade. Pelo que Amanda confrontou diretamente Abby. Disse-lhe:

— Ouvi dizer que já não conduzes.

Sim, respondeu-lhe Abby, era um pequeno presente que dava a si mesma: nunca mais ter de conduzir para lado nenhum. Em seguida, esboçou um dos seus novos e insípidos sorrisos a Amanda. Era um sorriso que dizia «Não me chateies». E também «Problema? O que te faz pensar que haja algum problema?».

Em fevereiro, Abby deitou fora a sua caixa de ideias. Tratava-se de uma caixa de sapatos *Easy Spirit* que tinha guardado durante vários anos, atulhada de papéis rasgados que um dia tencionava transformar em poemas. Deixou-a na rua junto ao caixote da reciclagem, numa noite muito ventosa, e na manhã seguinte os papéis estavam espalhados pela rua. Os vizinhos não paravam de os encontrar enfiados nas suas sebes e em cima dos seus tapetes de boas-vindas — «Lua qual gema de ovo mal cozida» e «coração como um balão de água». Não havia dúvidas quanto à origem dos mesmos. Toda a gente tinha conhecimento dos poemas de Abby, já para não falar na sua predileção por símiles. A maior parte das pessoas descartou-se deles com tato, mas Marge Ellis trouxe uma mão-cheia à porta da frente dos Whitshank, onde Red os aceitou com uma expressão confusa no rosto.

— Abby? — disse ele mais tarde. — Deitaste isto fora?

— Estou farta de escrever poemas — respondeu-lhe ela.

— Mas eu gostava dos teus poemas!

— A sério? — perguntou ela, numa voz desinteressada. — Que simpático.

Provavelmente o que agradava a Red era a *ideia* em si — a sua mulher, a poetisa, a escrevinhar na secretária antiga que ele tinha mandado um dos empregados da firma repintar, enviando os seus esforços para pequenas revistas que de imediato os devolviam à procedência. No entanto, Red começou a exhibir a mesma expressão de infelicidade que Abby.

Em abril, os filhos dela aperceberam-se de que começara a chamar «*Clarence*» à cadela, apesar de *Clarence* ter morrido anos antes e *Brenda* ser de uma cor completamente diferente, além de ser uma *golden retriever* e não um labrador preto. Não se tratava da mania típica de Abby de trocar nomes. «A Mandy... Quer dizer, o Stem»,

quando estava a falar com Jeannie. Não, agora *mantinha* o nome errado, como se esperasse invocar o cão dos velhos tempos. Pobre *Brenda*, a coitadinha não percebia nada do que se passava. Remexia as enormes sobancelhas louras numa expressão perplexa e não lhe respondia, ao que Abby cacarejava em sinal de exaspero.

Não era Alzheimer. (Ou seria?) Ela parecia demasiado lúcida para que fosse Alzheimer. E não exibia nenhum sintoma físico específico que eles pudessem comunicar a um médico, como ataques ou desmaios. Não que eles tivessem grande esperança de a conseguirem convencer a consultar um médico, fosse como fosse. Livrara-se do seu médico internista aos sessenta anos, alegando estar agora demasiado velha para «medidas extremas», e, tanto quanto eles sabiam, ele já nem sequer exercia. Mas mesmo que exercesse: «Ela anda esquecida?», talvez lhes perguntasse ele, ao que eles teriam de responder: «Bem, não mais do que o costume.»

«O discurso dela não faz sentido?»

«Bem, não menos do que...»

Ora aí estava o problema: o «costume» de Abby era, já de si, um tanto ou quanto despistado. Quem é que poderia dizer que parte desse comportamento era Abby a ser ela própria?

Na sua juventude fora uma espécie de fada misteriosa. Usava camisolas de gola alta pretas no inverno e túnicas no verão; o cabelo caía-lhe liso e comprido pelas costas, enquanto a maioria das raparigas prendia o corte à tigela com rolos todas as noites. Não só era poética como também artística, uma bailarina moderna e uma ativista por qualquer causa meritória que surgisse. Podia contar-se sempre com ela para organizar as campanhas «Enlatados para os Pobres» e «Mitten Tree»² da escola. Andava na mesma escola que Merrick tinha frequentado, uma escola

privada, exclusivamente feminina e muito fina, e embora Abby fosse uma aluna bolseira, era a estrela da escola, a líder. Na universidade, fazia tranças no cabelo e participava em manifestações a favor dos direitos civis. Licenciou-se como uma das melhores alunas da sua turma e tornou-se assistente social, que surpresa, aventurando-se em bairros de Baltimore que nenhum dos seus antigos colegas de faculdade sabia que existiam. Mesmo depois de se ter casado com Red (que ela conhecia há tantos anos que nenhum deles se lembrava da primeira vez que se tinham visto), pensa o leitor que ela passou a ser uma pessoa dita normal? De modo algum. Insistiu em ter partos naturais, amamentou os bebés em público, serviu gérmes de trigo e iogurtes caseiros à sua família, marchou contra a Guerra do Vietname com o mais novo encavalitado na anca e pôs os filhos em escolas públicas. A sua casa estava cheia dos seus trabalhos manuais: suportes para vasos em macramé e coloridas tecelagens. Acolhia estranhos que encontrava na rua e alguns ficavam durante várias semanas. Nunca se sabia quem estaria à mesa de jantar.

O velho Junior achava que Red se tinha casado com ela só para o irritar. Não era verdade, claro. Red amava-a pela pessoa que ela era e ponto final. Linnie Mae adorava-a e esse sentimento era recíproco. Merrick sentia-se chocada com ela. Tinha sido forçada a agir como Irmã mais Velha quando Abby fora transferida para a mesma escola que ela. Já nessa altura achava que Abby era um caso perdido e o tempo só lhe viera provar isso mesmo.

Quanto aos filhos de Abby, bem, como é óbvio, eles amavam-na. Era um dado adquirido que até mesmo Denny a amava, à maneira dele. Mas ela era um verdadeiro embaraço para todos eles. Durante as visitas dos amigos deles, por exemplo, entrava de rompante no quarto a recitar um poema que tinha acabado de escrever. Às vezes

abordava o carteiro para lhe dizer que acreditava na reencarnação. («Mozart» foi o exemplo que ela deu. Como era possível escutar uma composição de infância de Mozart e não ter a certeza de que ele se tinha valido da experiência de várias vidas anteriores para a compor?) Sempre que encontrava alguém que falava com um sotaque estrangeiro, agarrava-lhe a mão, olhava a pessoa nos olhos e dizia-lhe:

«Diga-me lá, de onde é que você vem?»

«Mãe!», protestavam os filhos mais tarde, ao que ela respondia:

«O que foi? O que é que fiz de mal?»

«Não é da tua conta, mãe! Ele estava a ver se tu não te apercebias! Se calhar pensava que nem te tinhas apercebido de que era estrangeiro.»

«Que disparate. Ele devia ter orgulho de ser estrangeiro. Se fosse eu, teria muito orgulho.»

Os filhos dela resmungavam em uníssono.

Abby era tão intrusiva, tão segura de ser bem recebida e tão descarada. Partia do princípio de que tinha o direito de perguntar tudo o que lhe apetecesse. Estava incorrigivelmente convencida de que, se as pessoas não quisessem discutir problemas pessoais, talvez mudassem de ideia se ela invertesse as posições. (Seria algo que tinha aprendido quando estudara trabalho social?)

«Vamos lá ver as coisas de outra maneira», dizia ela, inclinando-se para a frente. «Faz de conta que tu é que me dás conselhos a mim. Digamos que eu tenho um namorado que anda a comportar-se de uma forma muito possessiva.» Depois dava uma pequena risada. «Ando a dar em doida!», exclamava. «Diz-me lá o que é que devo fazer!»

«Francamente, mãe...»

Os filhos tinham o mínimo de contacto possível com os órfãos dela (os veteranos do exército que andavam a ter

dificuldade em regressar à normalidade, as freiras que tinham deixado os respetivos conventos, os estudantes chineses de Hopkins com saudades de casa) e achavam que o Dia de Ação de Graças era um autêntico inferno. Levavam pão branco às escondidas para casa, bem como cachorros-quentes cheios de nitratos. Encolheram-se de medo quando descobriram que ela seria a responsável pelo piquenique escolar. E, acima de tudo, mais do que tudo o resto, detestavam o facto de a maneira favorita de ela estabelecer contacto com as pessoas ser através da comiseração. «Oh, coitadinha!», dizia ela. «Anda com um ar tão cansado!» Ou: «Deve sentir-se tão sozinho!» As outras pessoas demonstravam afeto por meio de elogios; Abby fazia-o através da pena. Não era uma qualidade agradável, na opinião dos filhos.

Contudo, quando ela regressou ao trabalho, depois de o filho mais novo ter começado a escola, Jeannie confidenciou a Amanda que não sentira o alívio que tinha esperado sentir: «Pensava que ia ficar contente», disse ela, «mas depois dei por mim a pensar: “Onde é que está a mãe? Porque é que me está a dar espaço para respirar?”»

«Também dás pelo fim de uma dor de dentes», respondeu-lhe Amanda. «Isso não quer dizer que a queiras de volta.»

Em maio, Red teve um ataque cardíaco.

Não foi nada de muito dramático. Experimentou alguns sintomas ambíguos num dos terrenos em construção, nada mais do que isso, e De’Ontay insistiu em levá-lo de carro às Urgências do hospital. Tinha apenas setenta e quatro anos! Parecia tão saudável; subia escadotes como sempre tinha feito e carregava coisas pesadas, e não pesava nem um quilo a mais do que quando se tinha casado. Mas agora Abby queria que ele se reformasse e as duas filhas

concordavam com ela. E se ele tivesse perdido os sentidos enquanto estava em cima de um telhado? Red disse-lhes que daria em doido se se reformasse. Stem sugeriu que ele continuasse a trabalhar, desde que não subisse a telhados. Denny não estava presente aquando dessa discussão, mas o mais certo seria ele ser da mesma opinião de Stem, pela primeira vez na vida.

Red aguentou-se e em menos de nada estava de volta ao trabalho, depois de ter recebido alta do hospital. Parecia bem. Admitiu que se sentia um pouco fraco e cansado no início do dia. Mas talvez fosse da sua imaginação; foi visto várias vezes a medir as suas próprias pulsações ou a levar a mão ao peito, num gesto de examinação.

— Sentes-te bem? — perguntava-lhe Abby. E ele respondia:

— É claro que me sinto bem — num tom irritado que não era seu hábito empregar.

Agora usava aparelhos auditivos, mas dizia que não serviam para nada. Era costume deixá-los em cima da cómoda — duas espigas de milho de plástico cor-de-rosa com o tamanho e o formato do coração de uma galinha. Consequentemente, as conversas com os clientes nem sempre corriam muito bem. Cada vez mais deixava Stem tratar desse lado do negócio, apesar de ser evidente a tristeza que sentia por deixar de o fazer.

Também andava a desleixar-se na manutenção da casa. Stem foi o primeiro a reparar. Enquanto outrora a casa estivera sempre num estado impecável (não havia um único prego solto ou uma fenda na massa de vidraceiro das janelas), agora viam-se sinais de descuido. Certa noite, Amanda chegou com a filha e encontrou Stem a reinstalar a moldura da porta de rede, e perguntou-lhe, sem cerimónia:

— Houve chatices?

Stem endireitou-se e respondeu-lhe:

— Noutros tempos ele nunca teria deixado isto acontecer.
— Deixar o quê acontecer?
— Metade da tela estava solta da moldura! E a torneira da casa de banho está a pingar, já reparaste?
— Oh, não — exclamou Amanda, entrando na casa atrás de Elise.

Porém, Stem disse-lhe:

— É como se ele tivesse perdido o interesse — o que fez Amanda deter-se. — É como se não quisesse saber — insistiu Stem. — Eu disse-lhe: «Pai, a tela da porta da frente está solta», e ele respondeu-me: «Não posso andar sempre em cima de tudo, caramba!»

Aquilo era significativo: Red a responder mal a Stem. Este fora sempre o favorito dele.

Amanda retorquiu:

— Se calhar a manutenção desta casa está a começar a ser de mais para ele.

— Não é só isso, no outro dia a mãe deixou a *chaleira* ao lume e, quando a Nora veio fazer uma visita, a chaleira estava a assobiar no máximo e o pai estava a passar cheques sentado à mesa da sala de jantar, completamente abstraído.

— Ele não ouviu a chaleira?

— Pelos vistos não.

— O barulho daquela chaleira fura-me os tímpanos — respondeu Amanda. — Se calhar foi por causa disso que ele ficou surdo.

— Começo a achar que eles não deviam morar sozinhos — disse-lhe Stem.

— Pois. Se calhar não deviam mesmo.

Então ela afastou-se, com uma expressão pensativa.

Na noite seguinte houve uma reunião familiar. Stem, Jeannie e Amanda tinham aparecido por acaso; sem cônjuges nem filhos. Stem parecia estranhamente bem

vestido, ao passo que Amanda estava tão penteada e maquilhada como era seu hábito, vestida com o fato cinzento que tinha usado no escritório. Somente Jeannie não fizera qualquer esforço; envergava a *T-shirt* e as calças de caqui amarrotadas do costume, e o rabo de cavalo de cabelo preto comprido estava a escorregar-lhe do elástico. Abby ficou encantada. Depois de os ter sentado a todos na sala de estar, disse-lhes:

— Olhem que agradável! Parece que voltámos aos velhos tempos! Não que eu não goste de ver as vossas famílias também, claro...

Mas Red perguntou:

— O que é que se passa?

— Bem — respondeu-lhe Amanda —, temos andado a pensar nesta casa.

— O que é que tem?

— Achamos que é muita coisa, agora que tu e a mãe estão a ficar mais velhos.

— Sou capaz de cuidar desta casa com uma mão atrás das costas — retorquiu Red.

Percebia-se, pela pausa que se seguiu, que os filhos estavam a pensar se deveriam discutir esse assunto ou não. Curiosamente, foi Abby que veio em auxílio deles:

— É claro que sim, querido — disse ela —, mas não achas que está na altura de descansar?

— De me casar?

Os filhos riram-se e resmungaram ao mesmo tempo.

— Estão a ver o que tenho de aturar? — disse-lhes Abby.

— Ele recusa-se a usar os aparelhos dos ouvidos! E depois, quando tenta fingir que ouviu, só diz disparates. É mesmo... safado! Digo-lhe que quero ir à praça da fruta e ele responde-me: «Queres ir à luta?»

— Não tenho culpa de falares para dentro — disse Red.

Abby suspirou alto e em bom som.

— Não mudemos de assunto — disse-lhes Amanda, bruscamente. — Mãe, pai: achamos que se calhar é melhor mudarem de casa.

— Mudar de casa! — exclamaram Red e Abby ao mesmo tempo.

— Com o problema de coração do pai e a mãe ter deixado de conduzir... achamos que talvez pudessem ir para uma residência para idosos. Não acham que seria uma boa opção?

— Um lar, é? — disse Red. — Isso é para os *velhos*. É para onde vão aquelas idosas pretensiosas depois de os maridos morrerem. Acham mesmo que seríamos felizes num sítio desses? Acham que elas iam gostar de nos ver por lá?

— É claro que sim, pai. O mais certo é o pai ter-lhes remodelado a casa a todas elas.

— Exato — respondeu Red. — Além do mais, somos demasiado independentes, eu e a vossa mãe. Somos pessoas que gostam de cuidar delas próprias.

Os filhos não pareceram considerar isso particularmente admirável.

— Está bem — disse Jeannie —, uma residência para idosos fica então fora de questão. Mas e um condomínio? Um rés do chão com jardim, talvez, em Baltimore County.

— Essas casas são todas feitas de papelão — respondeu-lhe Red.

— Nem todas, pai. Algumas têm uma excelente construção.

— E o que faríamos a esta casa, se nos mudássemos?

— Bem, púnhamo-la à venda, penso eu.

— Vendê-la! A quem? Nunca mais se vendeu nada nesta cidade desde o colapso da Bolsa. Iria ficar no mercado para sempre. Acham que vou deixar a minha casa de família para que caia aos bocados?

— Ó pai, nós jamais permitiríamos que...

— As casas precisam de seres humanos — disse Red. — Vocês tinham obrigação de saber isso. É claro, os humanos causam desgaste, pisos gastos, sanitas entupidas e assim, mas isso não é nada comparado com o que acontece quando uma casa fica desabitada. É como se ficasse sem coração. Deteriora-se, afunda-se, começa a inclinar-se em direção ao chão. Juro-vos que basta-me olhar para a viga mestra de uma casa para saber se está habitada ou não. Acham que faria uma coisa dessas à minha própria casa?

— Bem, mais cedo ou mais tarde *alguém* acabará por a comprar — disse Jeannie. — E até lá eu posso dar cá um salto todos os dias. Para abrir as torneiras, passear pelas divisões. Abrir todas as janelas.

— Não é a mesma coisa — replicou Red. — A casa sabe bem a diferença.

Abby disse:

— Talvez um de vocês queira mudar-se para cá! Podiam comprá-la a nós por um dólar ou lá como é que se costuma fazer.

A afirmação dela foi seguida de silêncio. Os filhos dela estavam bem instalados nas suas próprias casas e Abby tinha noção disso.

— Esta casa serviu-nos sempre tão bem — disse ela, com nostalgia. — Lembram-se dos velhos tempos? Eu lembro-me de vir cá ainda miúda. E das horas que passávamos no alpendre, quando eu e o vosso pai namorávamos. Lembraste, Red?

Ele fez um gesto impaciente e depreciativo com a mão.

— Lembro-me de trazer a Jeannie do hospital para aqui — disse Abby —, tinha ela três dias. Trazia-a embrulhada como um burrito naquela manta em ponto pipoca que a avó Dalton tinha feito para a Mandy e quando entrei disse:

«Esta é a tua casa, Jean Ann. É aqui que vais morar e que vais ser tão feliz!»

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Os filhos baixaram o olhar para os respetivos colos.

— Enfim — disse Abby, dando uma risada com a voz trémula. — Ouçam, estamos para aqui a discutir uma coisa que não vai acontecer tão depressa. Não enquanto o *Clarence* for vivo.

Red perguntou:

— Quem?

— *Brenda*. A mãe quis dizer *Brenda* — disse-lhe Amanda.

— Seria cruel obrigar o *Clarence* a mudar-se nos seus últimos anos de vida.

Ninguém pareceu ter a energia necessária para continuar a discussão.

Amanda convenceu Red a contratar uma mulher a dias que também estivesse disposta a conduzir. Abby nunca tinha tido uma empregada, nem mesmo quando estava a trabalhar fora de casa, mas Amanda disse-lhe que em breve se habituaria.

— Vais ficar com imenso tempo livre! — disse-lhe ela. — E sempre que quiseses ir a algum lado, a senhora Girt levante.

— Só se for para fugir da senhora Girt — retorquiu Abby.

Amanda riu-se como se Abby tivesse dito uma piada, o que não era o caso.

A Sra. Girt tinha sessenta e oito anos, era uma mulher corpulenta e bem-disposta que tinha perdido o emprego numa cantina escolar e que precisava do dinheiro extra. Chegava às nove da manhã, deambulava pela casa durante uns minutos, arrumando e limpando o pó sem grande eficácia, e depois montava a tábua de passar a ferro no jardim de inverno e via televisão enquanto passava a roupa. Não havia muita coisa para passar a ferro na casa de dois

idosos que moravam sozinhos, mas Amanda instruíra-a a manter-se ocupada. Entretanto, Abby deixava-se estar na outra ponta da casa, sem revelar qualquer interesse em escutar todos os pormenores da história de vida da recém-conhecida. Sempre que Abby fazia o mais leve ruído, a Sra. Girt emergia do jardim de inverno e perguntava-lhe: «Está tudo bem? Precisa de alguma coisa? Quer que a leve a algum lado?» Abby dizia que era insuportável. Queixou-se a Red que era como se a casa já não lhe pertencesse.

Ainda assim, nunca perguntou por que motivo, exatamente, é que haviam achado que aquela mulher era necessária.

Duas semanas mais tarde, a Sra. Girt arrancou uma caçarola das mãos de Abby e insistiu em fazer-lhe uma omeleta, ao mesmo tempo que o ferro que tinha deixado ligado incendiava um pano da louça no jardim de inverno. Os únicos estragos foram causados ao pano da louça, que era da Target e feito de um tecido felpudo que nem sequer necessitava de ferro, mas foi o fim da Sra. Girt. Amanda disse que a próxima pessoa que contratassem teria de ter menos de quarenta anos. Sugeriu também que se pusesse a hipótese de contratar um homem, embora não tivesse explicado porquê.

Contudo, Abby respondeu-lhe:

— Não.

— Não? — replicou Amanda. — Pronto, está bem. Então uma mulher.

— Nem homem, nem mulher. Nada.

— Mas ó mãe...

— Não pode ser! — disse-lhe Abby. — Não aguento! — Começou a chorar. — Não quero ter um estranho a partilhar a minha casa! Sei que pensam que sou velha, sei que pensam que perdi o juízo, mas isto entristece-me muito! Prefiro morrer logo de uma vez!

Jeannie disse:

— Pronto, mãe. Por favor não chores, mãe. Ó mãe querida, nós não queremos que fiques triste. — Também ela estava a chorar e Red estava a tentar que as duas filhas se afastassem do caminho para poder chegar a Abby e abraçá-la, e Stem andava de um lado para o outro em círculos, ao mesmo tempo que remexia no cabelo, um gesto típico dele sempre que ficava nervoso.

Portanto: nem homem, nem mulher, nada. Red e Abby estavam novamente sozinhos.

Até final do mês de junho, altura em que Abby foi encontrada a deambular por Bouton Road vestida com a camisa de noite e Red nem sequer tinha dado pela falta dela.

Foi então que Stem anunciou que ele e Nora iriam mudar-se para a casa.

Bem, Amanda jamais o poderia ter feito. Ela, Hugh e a filha adolescente tinham uma vida tão agitada que o *corgi* deles tinha de ir para uma espécie de creche para canídeos todas as manhãs. E a família de Jeannie morava na casa em que o Hugh da Jeannie tinha crescido, tendo a mãe do Hugh da Jeannie sido transferida para o quarto de hóspedes. Ter-se-iam visto obrigados a pegar na Sra. Angell e a trazê-la com eles; uma ideia disparatada. Enquanto Denny, escusado seria dizer, estava completamente fora de questão.

Na verdade, o próprio Stem estaria fora de questão também. Não só pelo facto de ele e Nora terem três filhos muito agitados e exigentes, como também porque eram muito dedicados à sua pequena casa de estilo Craftsman situada em Harford Road, passando todos os momentos livres a restaurá-la com carinho. Teria sido cruel exigir-lhes que a deixassem.

No entanto, Nora, pelo menos, passava o dia inteiro em casa. E Stem era esse tipo de pessoa, o género de pessoa tranquila e tolerante que parecia tomar como dado adquirido que a vida nem sempre corria como ele queria. Aliás, não parava de encontrar vantagens para a sua proposta. Os rapazes teriam mais contacto com os avós! Poderiam frequentar a piscina do bairro!

As irmãs dele quase nem o contrariaram, a partir do momento em que interiorizaram a ideia.

— Tens a certeza? — perguntaram-lhe, debilmente. Os pais dele ofereceram mais resistência. Red disse:

— Não podemos exigir que faças uma coisa dessas, filho — e Abby ficou novamente com os olhos cheios de lágrimas. Mas percebia-se a vontade nos rostos deles. Seria a solução perfeita! Pelo que Stem disse, por fim:

— Vamos mudar-nos para cá. Não se fala mais no assunto. — E ficou decidido.

Mudaram-se numa tarde de sábado, no início de agosto. Stem e o Hugh da Jeannie, juntamente com Miguel e Luis, da firma de construção da família, carregaram a *pickup* de Stem com malas e arcas de brinquedos, assim como um sem-fim de bicicletas, triciclos, carrinhos e trotinetas. (A mobília de Stem e Nora foi deixada para os inquilinos, uma família de refugiados iraquianos apoiada pela igreja de Nora.) Entretanto, Nora levou os três rapazes e a cadela de carro para a casa de Red e Abby.

Nora era uma mulher bonita que não tinha noção do quão bonita era. Usava o cabelo castanho pelos ombros e tinha um rosto largo, sereno e sonhador, completamente livre de maquilhagem. Regra geral usava vestidos de algodão simples com botões à frente, e quando caminhava a bainha esvoaçava-lhe junto à barriga das pernas, de uma forma fluida e quase em câmara lenta que fazia os homens

pararem embasbacados para a verem passar. Mas Nora nunca se apercebia disso.

Estacionou o carro ao fundo da rua como se fosse uma convidada, e ela, os miúdos e a cadela subiram os degraus em direção à casa — os rapazes e *Heidi* aos saltos, a brincarem e a empurrarem-se uns aos outros, Nora seguindo serenamente atrás deles. Red e Abby estavam lado a lado à espera deles no alpendre, porque se tratava de um momento realmente importante. Petey gritou:

— Olá, avó! Olá, avô! — e Tommy disse:

— Agora moramos aqui! — Estavam muito entusiasmados desde que tinham sabido da novidade. Ninguém sabia qual era a opinião de Nora em relação ao assunto. Aparentemente tinha a mesma postura que Stem: parecia aceitar tudo o que a vida lhe lançava. Quando alcançou o alpendre, Red disse-lhe:

— Bem-vinda! — e Abby deu um passo em frente para a abraçar.

— Olá, Nora — disse. — Estamos muito agradecidos por fazeres isto. — Nora limitou-se a esboçar o seu sorriso calmo e misterioso, revelando duas covinhas profundas nas faces.

Os rapazes iriam ficar no quarto dos beliches. Correram escada acima à frente dos adultos e atiraram-se para cima das camas que costumavam ocupar sempre que dormiam lá em casa. Stem e Nora ficariam com o quarto antigo de Stem, do outro lado do átrio superior.

— Já tirei os cartazes e tudo o mais — disse Abby a Nora. — Estejam à vontade para pendurar o que quiserem nas paredes. E também esvaziei o roupeiro e a cómoda. Achas que ficam com espaço suficiente para arrumar as coisas?

— Oh, sim — respondeu-lhe Nora, na sua voz baixa e melodiosa. Era a primeira vez que falava desde que tinha chegado.

— Peço desculpa por a cama ainda não ter chegado — disse Abby. — Só a conseguem entregar na terça-feira, por isso até lá vão ter de dormir em camas separadas.

Nora limitou-se a sorrir mais uma vez e depois aproximou-se da cómoda, onde pousou a mala.

— Vou fazer frango assado para o jantar — disse.

Red perguntou:

— O quê?

E Abby respondeu-lhe:

— Frango assado! — Em seguida, numa voz mais baixa, disse: — Adoramos frango assado, mas não é preciso cozinhares para nós.

— Eu gosto de cozinhar — retorquiu Nora.

— Queres que o Red vá buscar alguma coisa à mercearia?

— O Douglas vai trazer as compras na carrinha.

Douglas era como ela tratava Stem. Era o nome verdadeiro dele, que ninguém na família empregava desde os seus dois anos. Ficavam sempre surpreendidos por uns instantes quando o ouviam, mas percebiam que Nora preferisse tratar o marido por um nome adulto.

Quando ela e Stem tinham anunciado que iriam casar-se, Abby dissera:

«Desculpem a pergunta, mas estás a contar que o... Douglas faça parte da tua igreja?»

A única coisa que eles sabiam sobre Nora era que pertencia a uma igreja fundamentalista e que esta tinha claramente um papel importante na vida dela. Todavia, Nora respondera:

«Oh, não. Não concordo com a evangelização forçada.»

Abby repetira-o mais tarde, às filhas:

«Ela não concorda com a “evangelização forçada”.» Por essa razão, eles tinham presumido durante muito tempo que Nora não era particularmente inteligente. Apesar de

ter tido um emprego de responsabilidade (assistente médica num gabinete médico) antes de os filhos terem nascido. E de vez em quando saía-se com observações perturbadoramente percetivas. Ou seriam por acaso? Na verdade, ela intrigava-os. Talvez agora que estava a morar com eles pudessem finalmente compreendê-la.

Red e Abby deixaram-na no piso de cima a tratar dos rapazes, que estavam a bater uns nos outros com as almofadas enquanto *Heidi*, uma *collie* caprichosa, dançava à volta deles, ladrando de forma histérica. Desceram as escadas e foram sentar-se na sala de estar. Nenhum deles tinha coisas para fazer. Ficaram sentados a olhar um para o outro, com as mãos pousadas em cima do colo. Então Abby disse:

— Achas que vai ser assim para o resto das nossas vidas?

Red perguntou-lhe:

— O quê?

Abby respondeu:

— Nada.

Stem e o Hugh da Jeannie apareceram junto à porta das traseiras na carrinha e toda a gente foi descarregá-la (até mesmo os miúdos e Abby), à exceção de Nora. Ela pegou na primeira coisa que Stem levou para dentro de casa, uma caixa térmica cheia de compras, de onde tirou um avental que se encontrava dobrado em cima. Era do tipo que as mães de Red e de Abby tinham usado nos anos 40, feito de algodão florido e com um bibe que se apertava com um botão atrás do pescoço. Pô-lo e começou a cozinhar.

Durante o jantar discutiram-se exaustivamente as dormidas. Abby não parava de se questionar se um dos rapazes não ficaria melhor se passasse para a sua salinha de trabalho.

— Talvez o Petey, por ser o mais velho? — perguntou ela.

— Ou o Sammy, por ser o mais novo?

— Ou eu, por ser o do meio! — gritou Tommy.

— Não é preciso — disse Stem a Abby. — Eles já partilhavam um quarto lá em casa. Estão mais do que habituados.

— Não sei porquê — disse Abby —, mas nestes últimos anos a casa parece-me sempre do tamanho errado. Quando eu e o teu pai estamos sozinhos é demasiado grande e quando vocês vêm visitar-nos é demasiado pequena.

— Nós ficamos bem — respondeu-lhe Stem.

— Estão a falar sobre a cadela? — perguntou Red.

— A cadela?

— Não sei como é que as duas cadelas vão conseguir viver no mesmo espaço.

— Oh, Red, é claro que conseguem — disse Abby. — O *Clarence* é um anjinho, sabes isso.

— Como?

— O *Clarence* está neste momento em cima da minha cama! — disse Petey. — E a *Heidi* está na cama do Sammy.

Red falou por cima da última frase de Petey, sem se aperceber de que o rapaz estava a falar.

— O meu pai não gostava de cães dentro de casa — disse ele. — Os cães dão cabo das casas. Estragam o chão de madeira. Ele teria obrigado esses animais a dormirem no jardim das traseiras e ter-se-ia questionado porque é que os tínhamos, a não ser que servissem um propósito.

Os adultos tinham ouvido aquilo tantas vezes que nem se deram ao trabalho de comentar, mas Petey retorquiu:

— A *Heidi* serve um propósito. O propósito dela é fazer-nos felizes.

— Mais valia estar a guardar um rebanho — disse Red.

— Nesse caso, podemos comprar umas ovelhas, avô? Podemos?

— Este frango está delicioso — disse Abby a Nora.

— Obrigada.

— O frango não está uma maravilha, Red?

— Se está! Já comi dois pedaços e estou a pensar em comer o terceiro.

— Não podes comer três pedaços! Está cheio de colesterol!

O telefone tocou na cozinha.

— Mas quem é que será? — perguntou Abby.

— Só há uma maneira de descobrires — disse-lhe Red.

— Bem, não vou atender. Toda a gente sabe que é hora de jantar — disse Abby. Mas, ao mesmo tempo que falava, estava a afastar a cadeira para trás e a levantar-se. Nunca perdera a convicção de que alguém podia estar a precisar dela. Foi à cozinha, forçando dois dos miúdos a afastarem as cadeiras quando passou por trás deles.

— Estou? — ouviram-na dizer. — Olá, Denny!

Stem e Red olharam na direção da cozinha. Nora depositou uma colherada de espinafres no prato de Sammy, embora ele se tivesse contorcido em sinal de protesto.

— Bem, ninguém achou que... O quê? Oh, não sejas palerma. Ninguém achou que...

— O que é a sobremesa? — perguntou Tommy à mãe.

Stem disse:

— Chiu. A avó está ao telefone.

— Tarte de mirtilo — retorquiu Nora.

— Boa!

— Sim, é claro que o teríamos feito — disse Abby. Pausa.

— Sabes bem que isso não é verdade, Denny! Isso não é... Estou?

Após uns segundos, ouviram o som do auscultador a ser pousado no respetivo descanso na parede. Abby tornou a aparecer na entrada da cozinha.

— Era o Denny — disse-lhes ela. — Chega hoje no comboio da meia-noite e trinta e oito, mas diz que basta

deixarmos a porta destrancada que ele apanha um táxi na estação.

— Hum! Acho bem — respondeu Red —, porque *eu* não vou ficar acordado até tão tarde.

— Bem, se calhar devias ir lá buscá-lo, Red.

— Porquê?

— Eu vou — disse-lhe Stem.

— Oh, acho melhor ser o teu pai, querido.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Qual era o problema dele? — perguntou Red, por fim.

— Problema? — retorquiu Abby. — Bem, não é propriamente um problema. Só não compreende porque é que não lhe pedimos a *ele* para vir morar cá para casa.

Até Nora pareceu ficar surpreendida.

— Pedir ao Denny! — exclamou Red. — E ele, teria vindo?

— Ele diz que sim. Diz que, seja como for, vem agora.

Abby tinha estado parada na entrada da cozinha o tempo todo, mas agora dirigiu-se para a sua cadeira e deixou-se cair pesadamente nela, como se o percurso a tivesse deixado exausta.

— Ele soube pela Jeannie que vocês iam mudar-se para cá — explicou ela a Stem. — Acha que devia ter sido consultado. Diz que a casa não tem quartos suficientes para vocês todos e que devia ter sido ele a mudar-se para cá.

Nora começou a levantar os pratos da mesa e a empilhá-los, sem fazer um único ruído.

— O que é que não era verdade? — perguntou Red a Abby.

— Como?

— Disseste-lhe: «Isso não é verdade, Denny.»

— Estás a ver como ele é? — disse Abby a Stem. — Metade do tempo é surdo como uma porta e depois descobre-se que afinal conseguiu ouvir não sei o quê na cozinha.

— O que é que não era verdade, Abby? — repetiu Red.

— Oh — retorquiu ela, com descontração —, tu sabes, o costume. — Pousou os talheres com cuidado sobre o prato e estendeu-o a Nora. — Diz que não percebe porque é que chamámos o Stem quando... tu sabes. Diz que o Stem não é um Whitshank.

Seguiu-se novo silêncio, durante o qual Nora se levantou num movimento fluido, ainda sem fazer barulho, e levou a pilha de pratos para a cozinha.

Aliás, era verdade que Stem não era um Whitshank. Mas só no sentido literal.

As pessoas tinham tendência para esquecer esse facto, mas Stem era filho de um ladrilhador conhecido como O'Brian Solitário. Lawrence O'Brian, na verdade; mas, tal como a maioria dos ladrilhadores, era um homem algo reservado, preferindo trabalhar sozinho e ser o mais discreto possível, pelo que Solitário era a alcunha pela qual toda a gente o conhecia. Red dissera sempre que o Solitário era o melhor ladrilhador que existia, embora não necessariamente o mais rápido.

O facto de o Solitário ter um filho parecia uma incongruência. As pessoas costumavam olhar para o homem em si (alto e de aspeto cadavérico, com o cabelo louro quase translúcido que quase deixava ver os ossos do crânio) e imaginá-lo a viver como um eremita: sem esposa, sem filhos, sem amigos. Bem, estavam certas em relação à esposa e talvez aos amigos, mas ele tinha efetivamente um filho chamado Douglas. Por várias vezes, sempre que ficava sem a ama, levava Douglas para o trabalho. Era contra as regras, mas como nunca nenhum deles se encontrava numa zona onde era obrigatório usar capacete, Red deixava a coisa passar. O Solitário dirigia-se diretamente para a cozinha ou casa de banho em que estivesse a trabalhar e Douglas seguia atrás dele, com as suas pernas pequeninas.

Nunca o Solitário olhava para trás para ver se Douglas o seguia; e Douglas nunca se queixava nem pedia ao pai para andar mais devagar. Instalavam-se na divisão em causa, com a porta fechada, e não se ouvia um pio durante toda a manhã. À hora do almoço reapareciam, Douglas a correr atrás dele como antes, e comiam as suas sandes com os outros homens, ainda que ligeiramente à parte. Douglas era tão pequeno que ainda bebia de um copo com bico. Era uma criança magricelas e desajeitada, sem o ar amoroso típico das crianças da sua idade. Tinha o cabelo quase branco, muito curto e espetado, e os olhos eram de um azul muito pálido, ligeiramente rosados a toda a volta. Toda a roupa que vestia era demasiado grande para ele. Perdia-se completamente dentro dela. As calças tinham várias dobras. Os ombros do casaco vermelho ficavam espetados para fora da sua figura fininha, os punhos elásticos escondendo-lhe os dedos em miniatura, que tinham um aspeto ligeiramente sarapintado como os do pai — ossos do ofício.

Os outros homens faziam os possíveis para se darem com ele.

«Olá, rapazote», diziam-lhe, e: «O que me dizes, jovem?» Mas Douglas encolhia-se todo, encostado ao pai, e olhava-os fixamente. O Solitário não tentava facilitar a situação, como a maior parte dos pais teria feito — respondendo em nome do filho ou explicando-lhe que deveria mostrar ter maneiras. Continuava a comer a sua sandes, uma sandes de aspeto ridículo feita à pressa num pão meio espalmado.

«Onde é que anda a mãe dele?», perguntava alguém novo. «Está doente hoje?»

«Foi viajar», respondia o Solitário, sem se dar ao trabalho de erguer o olhar.

O tipo novo lançava um olhar inquisidor na direção dos outros homens e estes desviavam o olhar, como que a

dizerem: «Depois explico-te.» Então mais tarde um deles punha-o ao corrente da situação. (Não havia falta de voluntários; os trabalhadores das obras são conhecidos por serem uns calhandreiros.) «A mãe do miúdo pirou-se ainda ele era bebé. Deixou o Solitário com o menino nos braços, dá para acreditar numa coisa dessas? Mas sempre que alguém lhe pergunta, o Solitário diz que ela foi de viagem. Age como se ela fosse voltar um dia.»

Abby tinha ouvido falar sobre Douglas, claro. Todas as noites extraía de Red as histórias dos homens dele; era o seu lado de assistente social a funcionar. E quando soube que o Solitário alegava que a mãe de Douglas iria voltar, disse terminantemente: «Oh, não me digas.» Conhecia bem esse tipo de mães.

«Bem, tanto quanto se diz, ela já voltou pelo menos em duas ocasiões», disse Red. «Ficou uma semana ou isso de cada vez. O Solitário ficou tão contente que até despediu a ama e tudo.»

Abby respondeu-lhe:

«Hum-hum.»

Em abril de 1979, numa tarde fresca no início da primavera, Red telefonara a Abby do trabalho e dissera-lhe:

«Lembras-te do O'Brian Solitário? O tipo que traz o filho para o trabalho?»

«Lembro-me, sim.»

«Pois, ele trouxe-o hoje outra vez e agora está no hospital.»

«O miúdo está no hospital?»

«Não. O Solitário é que está. Sofreu uma espécie de colapso e tiveram de chamar uma ambulância.»

«Oh, coitado do...»

«Achas que podes cá passar para vir buscar o miúdo?»

«Oh!»

«Não sei o que mais fazer com ele. Um dos homens trouxe-o para cá e agora ele está sentado numa cadeira.»

«Bem...»

«Não posso estar ao telefone; tenho de me ir encontrar com um inspetor. Podes vir?»

«Está bem.»

Ela enfiou rapidamente Denny dentro do carro (ele tinha quatro anos na altura, ainda só passava meio dia no infantário) e foi para o escritório de Red em Falls Road, uma pequena barraca feita de ripas de madeira que ficava para lá da linha de condado. Parou no estacionamento de gravilha, mas antes de ter tempo de sair do carro, Red emergiu do edifício com um miúdo muito pequeno pelo braço. Percebia-se que a criança estava ansiosa. Mantinha-se muito direita e distante. Foi a primeira vez que Abby lhe pôs os olhos em cima e, apesar de ele corresponder exatamente à descrição de Red, até ao pormenor do casaco vermelho demasiado grande, ela não estava preparada para a expressão dura do rapaz.

«Olá!», cumprimentou-o ela num tom jovial, quando Red se aproximou do banco de trás do carro para o pousar no interior. «Estás bom, Douglas? Eu sou a Abby! E este é o Denny!»

Douglas encolheu-se no lugar e baixou o olhar para os seus joelhos de bombazina. Denny, à esquerda dele, inclinou-se para a frente e olhou-o com curiosidade, mas Douglas não deu sinal de reparar nele.

«Depois da minha reunião passo pelo Sinai», disse-lhe Red. «Para ver qual é a situação com o Solitário e perguntar-lhe como posso entrar em contacto com a irmã dele. Por isso, se não te importares... muito obrigado, Ab. Prometo que não será por muito tempo.»

«Oh, nós vamos divertir-nos muito. Não vamos?», Abby perguntou a Douglas.

Douglas não tirava os olhos dos joelhos. Red fechou a porta do carro e recuou, erguendo a palma da mão numa despedida estática, e Abby afastou-se com os dois rapazes sentados em silêncio no banco de trás.

Em casa, despiu o casaco a Douglas e preparou um lanche para os dois rapazes, composto por rodela de banana e bolachas com o formato de animais. Sentaram-se a uma mesa de tamanho infantil que ela tinha no canto da cozinha — Denny entretido a comer, Douglas a pegar em cada bolacha para a examinar, virando-a e estudando-a de ângulos diferentes antes de trincar delicadamente uma cabeça ou uma perna. Não tocou na banana. Abby disse-lhe:

«Queres sumo, Douglas?» Após uma pausa, ele abanou a cabeça. Ela ainda não o tinha ouvido proferir uma única palavra.

Deixou os dois miúdos assistirem aos programas televisivos infantis da tarde, apesar de por norma não o permitir. Entretanto, deixou entrar *Clarence* do jardim das traseiras (na altura ainda era um cachorro, não podia ficar sozinho em casa) e este correu para o jardim de inverno, atirando-se para cima do sofá e lambendo os rostos dos dois rapazes. A princípio, Douglas encolheu-se, mas estava visivelmente interessado, ainda que de uma forma reservada, pelo que Abby não interveio.

Quando as raparigas regressaram da escola, fizeram um grande alarido em torno dele. Arrastaram-no para o piso de cima, para irem vasculhar a arca de brinquedos, competindo pela sua atenção e perguntando-lhe coisas nas suas vozes doces. Douglas manteve-se sempre calado e cabisbaixo. O cachorro foi atrás deles e Douglas passou a maior parte do tempo a fazer pequenas e desajeitadas festas na cabeça do cão.

Por volta da hora do jantar, Red chegou com um saco de papel de mercearia.

«Roupas e coisas para o Douglas», explicou ele a Abby, pousando o saco em cima da bancada da cozinha. «Pedi as chaves da casa do Solitário.»

«Como é que ele está?»

«Nada bem, quando o vi. Parece que foi o apêndice. Enquanto eu estava lá levaram-no para ser operado. Vai ter de passar lá a noite, disseram eles; só pode ir para casa amanhã ao final do dia. Perguntei-lhe pela irmã, mas parece que ela tem um problema qualquer na perna. O Solitário disse que se sentia mal por nos estar a sobrecarregar com o miúdo.»

«Bem, não é como se ele desse trabalho», retorquiu Abby. «É quase como se não estivesse cá.»

Durante o jantar, Douglas sentou-se em cima de um dicionário que Red lhe pôs na cadeira. Comeu sete ervilhas, no total, que depenicou uma a uma com as pontas dos dedos. A conversa à mesa fluíu naturalmente não obstante a presença dele, mas todos tinham a sensação de estarem a ser observados com muita atenção, como se estivessem a falar para ele os ouvir.

Abby preparou-o para a cama, dizendo-lhe para fazer chichi e escovar os dentes antes de lhe vestir um pijama de linho de cor deslavada que encontrou dentro do saco de mercearia. O linho parecia-lhe demasiado fresco para aquela altura do ano, mas não havia mais por onde escolher. Instalou-o na outra cama que havia no quarto de Denny e depois de lhe ter aconchegado as mantas hesitou por uns instantes antes de lhe dar um beijo de boa-noite na testa. A pele dele estava quente e ligeiramente transpirada, como se tivesse estado a fazer muito esforço.

«Dorme bem, sim?», disse-lhe ela «Quando acordares já será de manhã e poderás ir ver o teu papá.»

Douglas continuava sem falar, nem sequer mudou de expressão, mas o seu rosto pareceu animar-se, ficando mais delicado e menos carrancudo. Nesse instante já não tinha um ar tão grosseiro.

Na manhã seguinte, Abby pediu a uma vizinha que levasse os seus filhos para a escola, pois já nessa altura, antes das leis do transporte de crianças, ela não se sentia à vontade a deixar uma criança pequena à solta no banco de trás. Assim que ficaram a sós, ela deixou Douglas no chão do jardim de inverno com um quebra-cabeças que tinha ido buscar ao quarto de Denny. Ele não o resolveu, apesar de ser composto apenas por oito ou dez peças, mas passou uma boa hora a mexer as peças de um lado para o outro, pegando numa e depois noutra, inspecionando-as com cuidado, enquanto o cachorro permanecia sentado ao lado dele, atento a cada movimento. Depois de terminar as tarefas domésticas matinais, Abby sentou-se com ele no sofá e leu-lhe um livro com bonecos. Ele gostava dos que tinham animais, apercebeu-se ela, porque às vezes, quando ela estava prestes a virar a página, estendia a mão para a deter e poder estudar a página durante mais algum tempo.

Quando ela ouviu um carro a chegar às traseiras da casa, calculou que se tratasse de Peg Brown a trazer Denny do infantário. Quando chegou à cozinha, viu Red a transpor a porta das traseiras.

«Oh!», exclamou ela. «O que é que estás a fazer em casa?»

«O Solitário morreu», disse Red.

«O quê?»

«O Lawrence. Morreu.»

«Pensava que tinha sido só uma apendicite.»

«Pois», retorquiu ele. «Fui ao quarto dele mas não estava lá, e o tipo da cama ao lado disse-me que tinha sido transferido para os Cuidados Intensivos. Fui aos Cuidados

Intensivos, mas não me deixaram vê-lo, e estava a pensar em vir-me embora e voltar mais tarde quando de repente apareceu um médico e disse-me que ele tinha morrido. Disse que tinham trabalhado a noite inteira e que tinham feito tudo para o salvar, mas que ele tinha morrido: peritonite.»

Algo fez Abby voltar-se para trás e ela viu Douglas parado na entrada da cozinha. Estava a olhar fixamente para o rosto de Red. Abby exclamou:

«Oh, meu amor...» Ela e Red entreolharam-se. O que é que ele teria percebido da conversa? Provavelmente nada, a julgar pela sua expressão esperançosa.

Red disse-lhe:

«Ouve, rapaz...»

«Ele não vai perceber», respondeu Abby.

«Mas não podemos guardar segredo.»

«É demasiado pequenino», insistiu Abby e depois perguntou a Douglas: «Quantos anos tens, meu amor?»

Nenhum deles esperava realmente uma resposta, mas, após uma pausa, Douglas levantou dois dedos no ar.

«Dois!», exclamou Abby. Virou-se novamente para Red. «Eu pensava que tinha três», disse ela, «mas afinal só tem dois anos, Red.»

Red deixou-se cair numa cadeira da cozinha.

«E agora?», perguntou.

«Não faço ideia», retorquiu Abby.

Sentou-se no lugar defronte dele. Douglas continuava a observá-los.

«Ainda tens as chaves, não tens?», perguntou ela a Red. «Vais ter de voltar ao apartamento e procurar quaisquer documentos. Para ver se encontras algum parente do Solitário.»

Red disse que sim e pôs-se novamente de pé, qual criança obediente.

Então Peg Brown buzinou nas traseiras e Abby levantou-se para abrir a porta a Denny.

Nessa noite, quando ela estava no quarto de Denny a preparar Douglas para se deitar, o filho perguntou-lhe:

«Mamã?»

«O que foi?»

«Quando é que o menino vai para casa?»

«Em breve», respondeu-lhe ela. Ele estava muito encostado a ela, de uma forma insistente, ainda completamente vestido porque não estava na sua hora de dormir. «Vai lá para baixo», disse-lhe ela. «Entretém-te com qualquer coisa.»

«Ele vai-se embora amanhã?»

«Talvez.»

Ela esperou até ouvir o som dos sapatos dele a descerem as escadas e depois voltou a sua atenção para Douglas. O menino estava sentado à beira da cama vestido com o pijama, com um ar muito limpo e asseado. Nessa noite tinha tomado um banho, apesar de ela o ter deixado safar-se na noite anterior. Sentou-se ao lado dele na cama e disse-lhe:

«Eu sei que te disse que hoje ias ver o teu papá. Mas estava enganada. Ele não pôde vir.»

O olhar de Douglas estava fixo em algo na meia distância. Parecia estar a sustentar a respiração.

«Ele queria muito vir. Queria ver-te, mas não conseguiu. Não consegue.»

E pronto, era isso; era o máximo que uma criança de dois anos poderia compreender. Ela calou-se. Pôs o braço à volta dele, à cautela, mas ele não se descontraiu. Manteve-se muito direito e distante, com uma postura perfeita. Passados uns minutos, ela tirou o braço, mas continuou a olhar para ele.

Ele deitou-se por fim e ela aconchegou-lhe as mantas, deu-lhe um beijo de boa-noite na testa e depois apagou a luz.

Na cozinha, Denny e Jeannie estavam a discutir por causa de um ioiô, mas Mandy ergueu o olhar dos trabalhos de casa assim que Abby entrou na divisão.

«Disseste-lhe?», perguntou. (Tinha treze anos e, conseqüentemente, mais noção do que estava a passar-se.)

«Bem, tanto quanto pude», respondeu-lhe Abby.

«O que é que ele disse?»

«Nada.»

«Se calhar não sabe falar.»

«Oh, ele deve saber, sim», retorquiu Abby. «Só que agora está assustado.»

«Se calhar é atrasado.»

«Mas eu sei que ele me entende.»

«Mãe!», interrompeu-os Jeannie. «O Denny diz que este ioiô é dele, mas não é. Ele partiu o dele. Diz-lhe, mãe! Este é meu.»

«Parem com isso, os dois.»

A porta das traseiras abriu-se e Red entrou, trazendo mais um saco de papel. A única coisa que tinha dito ao telefone fora para não contarem com ele para jantar, pelo que a primeira pergunta de Abby foi:

«O que é que descobriste?»

Ele pousou o saco em cima da mesa.

«A ama é uma senhora com muita idade», contou-lhe ele. «O contacto dela estava afixado com fita-cola por cima do telefone. A julgar pela voz, era demasiado velha para estar a cuidar de uma criança. Diz que não sabe se ele tem familiares, não faz ideia onde é que está a mãe do miúdo e diz que também não quer saber. Que ele está melhor sem ela, disse a senhora.»

«Não havia mais contactos?»

«Do médico, do dentista e das Construções Whitshank.»

«E da mãe, não? Seria de esperar que ao menos o Solitário soubesse como entrar em contacto com ela, em caso de emergência.»

«Bem, mas se ela anda em viagem, Ab...»

«Ah!», exclamou Abby. «Em viagem.»

Red despejou o saco em cima da mesa. Mais peças de roupa, dois camiões de plástico e uma mão-cheia de papéis.

«Os documentos do carro», disse ele, pegando num dos papéis. «Extratos bancários», disse, pegando noutro. «A certidão de nascimento do Douglas.»

Abby estendeu a mão e ele entregou-lhe a certidão de nascimento.

«Douglas Alan O'Brian», leu ela em voz alta. «Pai: Lawrence Donald O'Brian. Mãe: Barbara Jane Eames.»

Ergueu o olhar para Red.

«Não eram casados?»

«Talvez ela não tenha adotado o nome do marido.»

«8 de janeiro de 1977. Portanto, o Douglas tinha razão; tem dois anos. Não sei porque é que achava que ele era mais velho. Talvez seja por ele... ser tão calado, sabes?»

«O que é que fazemos a seguir?», perguntou-lhe Red.

«Não faço a mínima ideia.»

«Ligamos para os Serviços Sociais?»

«Oh, Deus nos livre!»

Red piscou os olhos. (Abby tinha trabalhado nos Serviços Sociais.)

«Vou aquecer-te o jantar», informou-o ela. E pela forma como se levantou, cheia de eficiência, percebia-se que não tencionava continuar a conversa.

As crianças foram deitar-se, uma a uma, do mais novo à mais velha. Jeannie, ao dar as boas-noites, perguntou:

«Podemos ficar com ele?» Contudo, parecia saber que não iria obter uma resposta. Os outros dois não se

referiram a ele. E Red e Abby também não, quando ficaram a sós, apesar de Red ter feito uma tentativa, a dada altura.

«Sabes que o Solitário deve ter um familiar algures», disse-lhe.

Porém, Abby respondeu:

«De repente fiquei com tanto, mas tanto sono.»

Ele não voltou a tentar.

O dia seguinte era sábado. Douglas dormiu mais do que qualquer um deles, até mais tarde do que a própria Amanda, que tinha alcançado essa fase dorminhoca da adolescência, e Abby disse:

«Deixem-no descansar, coitadinho.» Ela deu o pequeno-almoço aos outros, sem se sentar e andando entre o fogão e a mesa, e assim que eles acabaram de comer disse-lhes: «Porque é que vocês não se vestem e levam o *Clarence* a dar um passeio?»

«A Jeannie e o Denny que façam isso», retorquiu Amanda. «Eu convidei a Patricia para vir cá a casa.»

«Não, tu vais com eles», replicou Abby. «A Patricia pode vir mais tarde.»

Amanda ainda pensou responder, mas depois mudou de ideias e saiu da cozinha atrás dos irmãos.

Restava Red, que lia a secção de desporto do jornal, ao mesmo tempo que bebia a sua segunda caneca de café. Quando Abby se sentou diante dele, olhou para ela com desconfiança e depois escondeu-se novamente atrás do jornal.

«Acho que devíamos ficar com ele», disse Abby.

Ele pousou o jornal em cima da mesa com força e respondeu:

«Oh, *Abby*.»

«Ele só nos tem a nós, Red. É mais do que óbvio. Quanto à mãe: mesmo que a conseguíssemos encontrar, quais são as probabilidades de querer ficar com ele? Ou de cuidar

dele como deve ser, caso de facto o queira, e de nunca o deixar?»

«Não podemos adotar todas as crianças que nos aparecem à frente, Abby. Já temos três nossos. Três é o máximo que podemos sustentar! É *mais* do que podemos sustentar. E tu ias voltar a trabalhar quando o Denny entrasse para a escola.»

«Não há problema; volto a trabalhar quando for a vez do Douglas.»

«Além de que não temos o direito sobre ele. Não há um único tribunal nesta terra que nos deixe ficar com o menino; ele tem uma mãe algures.»

«Não informamos os tribunais», replicou Abby.

«Perdeste o juízo?»

«Dizemos que estamos a cuidar dele só até a mãe o poder vir buscar. Aliás, é efetivamente isso que estaremos a fazer.»

«Além do mais», continuou Red, «como é que podemos ter a certeza de que ele é normal?»

«É claro que é normal!»

«Ele fala?»

«É tímido! Está enervado! Não nos conhece de lado nenhum!»

«E reage?»

«Reage, sim. Está a reagir tal como qualquer criança reagiria se lhe virassem a vida de pernas para o ar sem aviso prévio.»

«Mas é possível que tenha algum problema», disse Red.

«Bem, e se tiver? Atiravas o miúdo aos lobos por não ser o Einstein?»

«Achas que se adaptaria à nossa família? Iria dar-se bem com os nossos miúdos? Terá o nosso tipo de personalidade? Não sabemos nada de nada sobre ele! Não o conhecemos! Não o *amamos*!»

«Red», disse Abby.

Ela pôs-se de pé. Estava completamente vestida para sair, às nove e meia da manhã de um sábado. O que não era a sua indumentária típica de fim de semana. Já tinha o cabelo preso num carrapito. Estava com um ar invulgarmente altivo.

«Ontem à noite ele estava sentado na beira da cama, vestido com o pijaminha dele», disse ela, «e reparei na parte de trás do seu pescoço, um pescoço frágil e fininho como um *caule*, e ocorreu-me que não havia uma única pessoa no planeta inteiro que olhasse para aquele pescocinho e sentisse necessidade de lhe pôr a mão por trás. Sabes como às vezes sentimos necessidade de tocar nos nossos filhos? Bebê-los com os olhos e ficar a olhar para eles durante horas, maravilhados com o quão queridos e impossivelmente perfeitos eles são? Isso nunca mais vai voltar a acontecer ao Douglas. Não lhe resta ninguém no mundo que o ache especial.»

«Raios partam, Abby...»

«Não fales assim comigo, Red Whitshank! Eu preciso disto! Eu tenho de fazer isto! Não posso olhar para aquele pescoço fininho como um caule e depois deixá-lo ficar sozinho no mundo. Não posso! Preferia morrer!»

Mandy, Jeannie e Denny estavam parados à entrada da cozinha. Red e Abby tomaram consciência desse facto em simultâneo.

Nenhum deles estava vestido e todos exibiam a mesma expressão alarmada no olhar.

Então ouviu-se um som surdo atrás deles e, quando as crianças se voltaram para trás, Douglas aproximou-se e ficou parado no meio deles.

«Fiz chichi na cama», disse ele a Abby.

Não o adotaram. Não informaram os Serviços Sociais. Nem sequer comunicaram a situação aos amigos. As coisas continuaram como antes, Douglas continuou a ser Douglas O'Brian — apesar de ter ganho uma alcunha visto Abby ter começado a tratá-lo por «Stem»³. E às vezes os vizinhos referiam-se a ele como Stem Whitshank, mas faziam-no por distração.

As pessoas de fora estavam convencidas de que ele só permaneceria até a mãe ter tratado dos assuntos dela. (Ou seria outro familiar qualquer? As histórias variavam.) Mas a maioria das pessoas, passado algum tempo, agia como se ele fizesse parte da família.

No espaço de poucas semanas ele começou a tratar Red e Abby por «pai» e «mãe», mas não porque lhe tivessem dito para o fazer. Estava apenas a imitar as restantes crianças, da mesma maneira que imitava Abby e se dirigia aos adultos como «meu querido», até ser grande o suficiente para deixar de o fazer.

Tornou-se mais falador, mas de uma forma tão gradual que ninguém se lembrava do dia exato em que ele se tinha tornado uma criança tagarela. Vestia roupa do tamanho certo e dormia no seu próprio quarto. Em tempos fora o quarto de Jeannie, mas mudaram-na para o quarto de Mandy porque Stem não podia continuar a partilhar o quarto com Denny. Este era muito implicativo em relação a Stem. Mas correu tudo bem. Mandy tolerava, mais ou menos, a presença de Jeannie e esta andava encantada por dormir num quarto de adolescente com uma cómoda cheia de cosméticos.

Por cima da cama de Stem havia uma fotografia a preto e branco emoldurada do Solitário com uma *Budweiser* na mão, tirada por um dos empregados de Red no dia em que tinham terminado uma obra. Abby acreditava profundamente que Stem devia ser encorajado a valorizar

as recordações que tinha do pai. E da mãe também, caso *tivesse* alguma recordação dela, o que não parecia ser o caso. A razão por que a mãe dele se fora embora era porque se sentia infeliz, dizia-lhe sempre Abby. Não era por não o amar. Ela amava-o muito, como ele próprio perceberia se ela alguma vez voltasse. E Abby mostrava-lhe a página da lista telefónica onde o nome dele aparecia ano após ano: «O'Brian, Douglas A.», juntamente com o número de telefone dos Whitshank para que a mãe dele o pudesse encontrar com facilidade. Stem escutava-a com muita atenção, mas não dizia nada. E com o passar do tempo pareceu esquecer as poucas recordações que tinha do pai, porque quando Abby perguntou a Stem, por ocasião do décimo aniversário dele, se costumava pensar nele, o rapaz respondeu-lhe:

«Acho que me lembro da voz dele.»

«A voz dele!», exclamou Abby. «A dizer o quê?»

«Acho que ele costumava cantar-me uma canção quando eu ia dormir. Ou ele ou um tipo qualquer.»

«Oh, Stem, que bonito. Uma canção de embalar?»

«Não, era sobre uma cabra.»

«Ah. E mais alguma coisa? Não te lembras da cara dele? Ou de alguma coisa que tenham feito juntos?»

«Acho que não», respondeu-lhe Stem, sem parecer muito preocupado com isso.

Ele era uma alma velha, dizia Abby a toda a gente. Era o tipo de pessoa que se adaptava e seguia em frente, como estava mais do que provado.

Fez o percurso escolar sem problemas, obtendo notas medianas mas cumprindo com todas as suas obrigações. Era fácil imaginá-lo como a vítima dos valentões da escola, uma vez que nos primeiros anos era pequeno para a idade, mas a verdade é que se saiu bem. Talvez tivesse sido devido ao seu ar simpático, à sua serenidade ou à sua tendência

para só ver o melhor nas pessoas. De qualquer modo, deu-se bem. Terminou o secundário e foi diretamente para as Construções Whitshank, onde já trabalhava a tempo parcial desde que atingira a idade legal; disse que não via necessidade de ir para a universidade. Casou com a única rapariga por quem demonstrou algum interesse, teve os três filhos todos seguidos e pareceu nunca parar para olhar à sua volta e interrogar-se se não estaria melhor noutro lugar qualquer. Nesse sentido, era o que mais se parecia com Red. Até a maneira de andar era igual à de Red (meio inclinado com a testa para a frente), bem como a estrutura alta e magra, embora não na tez. Podia dizer-se que parecia um Whitshank que tinha estado demasiado tempo na lixívia: o cabelo não era preto mas castanho-claro, os olhos não eram cor de safira mas azul-claros. Meio desbotado, mas ainda assim um Whitshank.

Mais Whitshank do que o próprio Denny, comentou este quando soube que Stem fazia parte da firma.

Apesar de, numa ocasião, quando Denny ainda era adolescente e morava com os pais, ele ter perguntado a Abby:

«O que é que este rapaz está aqui a fazer? Que ideia foi a vossa? Nunca vos passou pela cabeça pedir a nossa autorização?»

«Autorização!», exclamara Abby. «Ele é teu irmão!»

Denny respondera:

«Ele não é meu irmão. Ele não me é nada e vocês insistirem no contrário é como... aqueles liberais de algibeira que alegam nunca reparar se a pessoa é negra ou branca. Será que não têm olhos na cara? *Tu* não tens olhos na cara? Querias tanto praticar o bem no mundo lá fora que nem paraste para pensar se isto seria bom para nós?»

Abby limitou-se a responder-lhe:

«Oh, Denny...»

Oh, Denny.

[2](#) Tradição norte-americana celebrada no dia 6 de dezembro que consiste em deixar artigos feitos em lã, nomeadamente gorros, cachecóis e luvas, numa árvore, para que as crianças os possam receber. (*NT*)

[3](#) Em inglês, *stem* significa «caule». (*NT*)

CAPÍTULO QUATRO

No domingo de manhã, a porta da salinha encontrava-se fechada (a porta do quarto de Denny) e toda a gente tentou evitar que os miúdos fizessem demasiado barulho.

— Vão brincar para o jardim de inverno — disse-lhes Nora, assim que eles acabaram o pequeno-almoço. — Mas sem barulho. Não acordem o vosso tio.

Mas mesmo comportando-se no seu melhor, caminhando exageradamente em bicos de pés quando saíram da cozinha, eles pareciam irradiar confusão. Davam cotoveladas, empurrões e tropeçavam nas dobras dos seus próprios pijamas, enquanto *Heidi* corria desenfreadamente em círculos à volta deles. No chão a um canto, *Brenda* ergueu a cabeça para os ver sair, depois resmungou e voltou a aninhar o focinho entre as patas.

Também Red continuava a dormir, pelo que os outros não tinham como saber como é que tinha corrido na estação de comboios.

— Tentei ficar acordada até eles chegarem a casa — disse Abby —, mas devo ter adormecido. Já não consigo ler na cama! Devia ter ficado sentada à espera cá em baixo. Queres mais café, Nora?

— Eu trato disso, mãe Whitshank. Deixe-se estar sossegada.

Ainda ia demorar algum tempo, pelos vistos, até as duas mulheres definirem quem estava encarregue do quê. Nessa manhã, Abby tinha preparado as torradas e os cereais como de costume, e depois Nora tinha descido e tinha mexido uma caixa inteira de ovos sem pedir autorização a ninguém.

Stem estava de pijama e Abby de roupão, mas Nora envergava um dos vestidos dela, de algodão branco com uns raminhos azul-escuros, e umas sandálias que

mostravam os pés suaves e bronzeados. Durante o pequeno-almoço tinha comido mais do que os outros todos juntos, mas tão devagar e com tanta graciosidade que parecia que mal se tinha alimentado.

— Estava aqui a pensar — disse Abby — que podíamos convidar as raparigas e as respetivas famílias para virem cá almoçar. Sei que iam gostar de ver o Denny.

— Pode ser um almoço tardio? — perguntou-lhe Nora. — Eu e os miúdos vamos à missa.

— Oh, claro. Sim, podemos começar por volta... da uma, o que te parece? Acho que vou fazer um lombo assado.

— Se não se importar de o pôr no forno — disse-lhe Nora —, eu posso tratar do resto quando voltar.

— Acho que ainda sou capaz de preparar uma simples refeição de família, Nora.

— Com certeza — respondeu Nora, imperturbável.

Stem disse:

— Eu vou comprar o que for preciso à mercearia.

— Oh, o teu pai pode tratar disso — retorquiu Abby.

— Mãe, eu estou aqui para isso mesmo.

— Bem... mas vai à loja do Eddie, para pores na nossa conta.

— Mãe.

Felizmente para Abby, Red entrou nesse instante. (Abby detestava discutir sobre dinheiro.) Tinha vestido o seu velho roupão maltrapilho e os chinelos que faziam um som semelhante às cerdas de uma vassoura a roçar no chão, e trazia o copo do Fred Flintstone que costumava ter em cima da mesa de cabeceira.

— Bom dia a todos — cumprimentou.

— Ora então olá! — respondeu-lhe Abby, afastando a cadeira para trás, mas Nora já se tinha levantado para ir buscar a cafeteira. — O Denny chegou bem? — perguntou ela.

— Sim — replicou Red, sentando-se à mesa.

Stem perguntou:

— O comboio chegou a horas?

Red pareceu não o ouvir ou então achou que não valia a pena responder-lhe. Estendeu a mão para o prato de ovos mexidos.

— Há torradas — disse-lhe Abby. — De pão integral.

Ele serviu-se de uma grande porção de ovos mexidos e passou o prato a Nora, que se serviu uma segunda vez.

— Se tiver de olhar para aquela estátua mais alguma vez — disse ele —, contrato uma bola de demolição. Que vergonha! As estações de comboios das outras cidades têm fontes ou esculturas de metal, algo do género. Nós temos um Frankenstein de lata gigante com um coração que pulsa cor-de-rosa e azul.

— Que tal achaste o Denny? — perguntou-lhe Abby.

— Pareceu-me estar bem. — Ele espreitou o jarro das natas. — Há mais natas?

Nora levantou-se e foi ao frigorífico.

— Ontem só falámos sobre os Orioles — disse ele, cedendo finalmente ao seu público. — Nenhum de nós acredita que consigam aguentar a coisa até ao final da época.

— Oh.

— Ele trazia três sacos.

— Três!

— Eu perguntei-lhe — disse Red, mexendo o café. — Perguntei-lhe o porquê de tanta bagagem e ele disse que era roupa de verão e roupa de inverno.

— Inverno!

— A de inverno ocupava mais espaço — explicou ele. — Os materiais são mais grossos.

— E como é que ele trouxe isso tudo? — indagou Stem.

— Para embarcar usou um carrinho, disse-me ele. Mas para desembarcar... Alguma vez tentaram arranjar um carrinho em Baltimore? Depois da meia-noite? Mas ele lá se safou. Se soubesse teria estacionado o carro e entrado na estação.

— Roupa de inverno! — disse Abby para si mesma, numa voz que foi diminuindo de intensidade.

— Belos ovos mexidos — disse-lhe Red.

— Oh, foi a Nora que os fez.

— Belos ovos mexidos, Nora.

— Obrigada.

— Talvez seja melhor desimpedir o roupeiro da minha salinha de trabalho — disse Abby. — Mas já tive de arranjar espaço para as coisas do roupeiro do quarto dos beliches e do quarto do Stem e da Nora. — Ela parecia ligeiramente em pânico.

— Tem calma — disse-lhe Red, sem erguer os olhos dos ovos mexidos.

— *Detesto* quando me dizes para ter calma.

Nora disse:

— Eu posso desimpedir esse roupeiro.

— Mas depois não tens onde arrumar as coisas.

— A Nora é mestre em arranjar espaço para arrumar coisas — informou Stem.

— Sim, imagino que sim, mas...

— Olá, pessoal — disse Denny, entrando na cozinha.

Vestia umas calças de caqui sujas de tinta e uma *T-shirt* da banda The String Cheese Incident, e o cabelo desgrenhado já lhe estava por cima das orelhas. (Por norma, os homens da família eram obcecados com o cabelo curto.) Parecia saudável, contudo, e bem-disposto. Abby disse:

— Oh, meu amor! É tão bom ver-te! — e levantou-se para o abraçar. Ele retribuiu o abraço por breves instantes e

depois baixou-se para fazer festas a *Brenda*, que se tinha posto de pé com dificuldade para ir encostar o focinho nele. Stem ergueu a mão no ar, e Nora sorriu e disse:

— Olá, Denny.

— Sobrou alguma coisa do pequeno-almoço?

— Muita coisa — respondeu-lhe Abby. Nora levantou-se novamente para ir buscar a cafeteira.

— Onde é que estão os miúdos? — perguntou Denny, depois de se sentar.

— No jardim de inverno — retorquiu Abby. — Espero que não te tenham acordado.

— Não ouvi barulho nenhum.

— Como correu a tua viagem?

— Nada mal. — Serviu-se de ovos mexidos.

— Podias ter esperado até de manhã, sabes? O comboio vem sempre vazio aos domingos de manhã.

— Ontem à noite também vinha vazio — respondeu ele.

Stem perguntou-lhe:

— Continuas a trabalhar com aquela malta das cozinhas?

— Não, deixei esse emprego.

— Então o que é que fazes agora?

— Agora estou aqui convosco — retorquiu Denny, olhando fixamente para Stem.

Nora disse:

— Se me dão licença, tenho de ir despachar os miúdos para a missa.

Denny desviou o olhar para ela por breves segundos e depois pegou no garfo e começou a comer.

Os miúdos ficaram muito contentes assim que souberam que Denny já tinha acordado. Invadiram a cozinha, treparam para cima dele e bombardearam-no com perguntas e exigências — se tinha trazido a luva de baseball, se podia levá-los ao ribeiro —, ao mesmo tempo que *Heidi* ladrava e saltava, tentando enfiar-se no meio

deles. Denny libertou-se deles com um gesto carinhoso e prometeu brincar mais tarde, e depois Nora levou-os para o piso de cima, com Stem imediatamente atrás com Sammy às cavalitas, e Red foi para o jardim de inverno ler o jornal matutino.

Ficaram apenas Abby e Denny. Assim que ficaram a sós, ela serviu-se de mais uma chávena de café e tornou a sentar-se.

— Dennis — disse.

— Oh-oh...

— O que foi?

— Tenho de ter cuidado quando me chamas Dennis — disse ele, pondo uma colherada de doce no prato.

— Denny, eu sei o que a Jeannie te deve ter dito. Quando meio tantã da cabeça e que preciso que cuidem de mim.

— Ela não me disse nada disso.

— Bem, independentemente do que te tenha dito, só quero explicar o meu lado das coisas.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado.

— Esta coisa que deixou toda a gente preocupada — disse ela —, a razão por que o Stem e a Nora acharam que deviam mudar-se para cá: não é o que parece. Eu não... saí de casa e perdi-me como se fosse uma débil mental ou algo do género. O que aconteceu foi que era a noite daquele temporal terrível, aquele a que chamaram «derecho», lembras-te? Oh, meu Deus, qual «derecho» qual quê, «El Niño»... As palavras que há hoje em dia... Diz-me lá que aquilo não é culpa do aquecimento global! Bem, o temporal deitou abaixo uma das árvores gigantes dos Ellis, mesmo na linha entre as nossas duas propriedades. Já para não falar nas centenas de outras árvores, assim como ter cortado a eletricidade a metade da cidade, incluindo nós.

— Que chatice — retorquiu Denny, dando uma dentada na torrada.

— Devias ter visto a árvore, Denny. Parecia um enorme molho de brócolos deitado de lado, só que com raízes. E o buraco que deixou! Tão fundo como uma cave. É perfeitamente normal que uma pessoa tivesse curiosidade em ir vê-lo.

— Estás a dizer que saíste de casa para ir ver um buraco?

— Possivelmente.

— Possivelmente?

— Quer dizer, sim, tenho a certeza de que foi por isso.

— Mãe, aquilo mais parecia um furacão. Tens de te lembrar se saíste para a rua.

— E lembro-me. Quer dizer, lembro-me de estar lá, na rua; não me lembro é de ter saído. Às vezes a minha cabeça parece saltar uns minutos, como uma agulha num giradiscos. Estou a fazer uma coisa perfeitamente normal e de repente já é mais tarde, estás a perceber? Uns cinco ou dez minutos mais tarde, não tenho bem a certeza. E fico com um espaço completamente em branco entre o último minuto e o minuto atual. Não é como quando nos perdemos em pensamentos enquanto estamos a fazer uma coisa rotineira mas continuamos cientes do tempo a passar. Isto é mais como... acordar depois de uma operação.

— Isso parece ser um pequeno AVC ou algo do género — respondeu-lhe Denny. — Ou um ataque.

— Pois, não sei.

— Já contaste ao médico?

— De modo algum.

— Mas pode haver uma maneira simples de resolver isso.

— Não uma que me interesse, na minha idade — retorquiu Abby. — Além do mais, não acontece muitas vezes. Raramente acontece.

— Está bem, portanto estás a dizer-me que deste por ti debaixo de uma chuva torrencial, a olhar para um buraco no chão.

— Bem, já não estava a chover torrencialmente. A chuva tinha parado. Mas sim, é isso mesmo. E estava de camisa de noite e chinelos, e não tinha a chave de casa. Bem, porque haveria de ter? A porta costuma estar no trinco. Oh, detesto as fechaduras automáticas! Deve ter sido ideia do teu pai; anda sempre a arranjar isto e aquilo. E depois, claro, não me ouviu quando o chamei; nessa altura já estava a dormir profundamente e viste como ele está cada vez mais surdo. Chamei por ele, bati à porta... não podia tocar à campainha, como é óbvio, porque não havia luz, e, fosse como fosse, ele quase nunca ouve a campainha. Ainda tentei atirar pedrinhas às janelas do nosso quarto, mas isso não resulta tão bem na vida real como nos livros. Até que pensei: «Bem, mais vale deitar-me na cama de rede e esperar até amanhã de manhã.» Não foi assim tão mau. Até foi agradável. As luzes todas apagadas, tanto as da rua como as das casas das pessoas, e os únicos sons que se ouviam eram as folhas a pingarem e os sapos-da-árvore a coaxarem. Enrosquei-me na cama de rede e adormeci, e de manhã quando acordei ainda era demasiado cedo para o teu pai estar a pé, por isso decidi descer a rua para ir ver os estragos. O bairro parecia uma zona de guerra, Denny! Troncos e ramos enormes espalhados pelas ruas, cabos de eletricidade enrolados por todo o lado, um carro espatifado diante da casa dos Brown... E foi nessa altura que o Sax Brown me viu, quando fui espreitar o carro espatifado para me certificar de que não havia ninguém lá dentro. Oh, eu sei o que deve ter parecido: estava a meio quarteirão de casa, vestida de camisa de noite e com a bainha cheia de lama. Não é uma imagem que inspire muita confiança! — Ela deu uma pequena risada.

Denny disse:

— Está bem...

— Mas não é razão para mandar chamar as amas-secas.

— Não, também não me parece — replicou Denny.

— Ainda bem.

— Parece-me mais uma sucessão de eventos fora do teu controlo. Percebo isso perfeitamente.

— Portanto, concordas que nenhum de vocês precisa de estar aqui — disse Abby. — Não que eu não goste de vos ter cá, como é óbvio, a todos vós. Mas a verdade é que não *preciso* de vocês.

— Porque é que não explicaste isso ao Stem?

— Ao Stem? Bem, eu expliquei. Tentei fazê-lo. Tentei explicar a toda a gente.

— Porque é que não lhe dizes a *ele* para se ir embora? Porque é que me dizes a mim e não a ele?

— Oh, meu amor, não te estou a dizer para te ires embora. Espero que fiques o tempo que te apetecer. Só estou a dizer que não preciso de amas. Tu compreendes isso. O Stem... não compreende. Ele e o teu pai falam a mesma linguagem, entendes? Põem-se os dois a falar e às vezes desenvolvem umas ideias muito próprias, percebes o que estou a dizer?

— Percebo perfeitamente — retorquiu Denny.

Mas depois, assim que Abby se recostou na cadeira com uma expressão de alívio, a sua testa perdendo finalmente o franzido de tensão, ele disse:

— Nada muda — e depois pôs-se de pé e saiu da cozinha.

Foi pouca sorte uma das órfãs de Abby ter aparecido para o almoço de domingo. Atta era o nome dela e tinha um apelido muito difícil de pronunciar; uma recém-emigrante com cinquenta e muitos anos, obesa e com a pele de aspeto pastoso, vestida com um enorme vestido cintado e umas

meias que mais pareciam ligaduras *Ace*. (Estavam 33 graus na rua e há vários meses que não se via ninguém de meias em Baltimore.) Quando deram por isso, ela estava parada diante da porta de rede, a bater à porta e a chamar:

— Olá? Estou no sítio certo?

«Colá» foi como ela o pronunciou e a palavra «estou» soou a «custou».

— Oh, santo Deus! — exclamou Abby. Estava a descer as escadas atrás de Stem, ambos carregados com pilhas de papéis que esperavam conseguir arrumar no jardim de inverno. — Atta, não é? Que bom...

Ela virou-se para pousar a sua pilha de papéis em cima da pilha de Stem e depois abriu a porta de rede a Atta.

— Vim cedo de mais? — perguntou-lhe Atta, entrando com passos pesados. — Acho que não. Você disse meio-dia e meia.

— Não, é claro que não. Estávamos só... Este é o meu filho Stem — disse Abby. — A Atta chegou agora a Baltimore, Stem, e ainda não conhece ninguém. Conheci-a no supermercado.

— Como é que está? — disse Stem. Não podia dar-lhe um aperto de mão, mas acenou com a cabeça para Atta, por cima da pilha de papéis. — Peço desculpa; vou pousar isto em algum lado.

— Entre e sente-se — disse Abby a Atta. — Conseguiu dar bem com a casa?

— Sim. Mas você disse meio-dia e meia.

— Ai, sim? — retorquiu Abby, na dúvida. Talvez o problema fosse a sua indumentária: envergava uma blusa sem mangas com uma corrente de alfinetes de ama pendurada de um peito e umas calças largas verde-água que lhe ficavam imediatamente por baixo do joelho. — Cá em casa somos de poucas cerimónias — disse. — Não

temos o hábito de nos vestirmos a rigor. Oh, lá vem o meu marido! Red, esta é a Atta. Veio almoçar connosco.

— Como é que está? — disse Red, com um aperto de mão. Na outra mão trazia uma chave de fendas. Tinha estado novamente a mexer na *box* da televisão por cabo.

— Não como carnes vermelhas — disse-lhe Atta, numa voz alta e monótona.

— Ai, não?

— No meu país, sim, mas aqui eles põem-lhes hormonas.

— («Cormonas.»)

— Hum — retorquiu Red.

— Sentem-se um pouco — disse-lhes Abby e depois, quando Stem regressou do jardim de inverno: — Stem, senta-te a fazer companhia à Atta enquanto eu trato do almoço.

Stem lançou-lhe um olhar aflito, mas Abby esboçou um sorriso luminoso e saiu da sala.

Na cozinha, Nora cortava tomates em cima da bancada.

— O que é que eu faço? — perguntou-lhe Abby. — Temos uma convidada inesperada para almoçar e ela não come carnes vermelhas.

Sem se virar, Nora respondeu:

— E que tal um pouco daquela salada de atum que o Douglas trouxe da mercearia?

— Ah, boa ideia. Onde é que está o Denny?

— A brincar à apanhada com os miúdos.

Abby aproximou-se da porta de rede e espreitou para a rua. No jardim das traseiras, Sammy corria atrás de uma bola perdida enquanto Denny esperava, batendo indolentemente com o punho na luva.

— Se calhar vou deixá-lo estar — disse Abby e depois: — Ai, ai — num longo suspiro demorado, indo ao frigorífico buscar chá gelado.

Na sala de estar, Atta explicava a Red e Stem o problema dos americanos.

— São muito simpáticos e recetivos — disse ela —, cheios de «Olá, Atta, tudo bem?», mas depois mais nada. Não tenho um único amigo cá.

— Oh, então? — disse Red. — Tenho a certeza de que fará muitos amigos.

— Não me parece — respondeu ela.

Stem perguntou-lhe:

— Vai juntar-se a alguma igreja?

— Não.

— É que a Nora, a minha esposa, faz parte de uma igreja e eles têm um comité de boas-vindas para pessoas que chegaram há pouco a este país.

— Não vou juntar-me a nenhuma igreja — retorquiu Atta.

Instalou-se um silêncio. Por fim, Red disse:

— Não ouvi a última parte.

Stem e Atta olharam para ele, mas nenhum deles lhe respondeu.

— Aqui está! — cantarolou Abby, entrando com um tabuleiro nas mãos. Pousou-o em cima da mesinha de apoio.

— Quem quer um chá fresquinho?

— Oh, obrigado, querida — disse Red, numa voz calorosa.

— A Atta já vos contou sobre a família dela? Tem uma família extraordinária.

— Sim — respondeu Atta —, a minha família é excecional. Toda a gente nos inveja. — Tirou um pacote de adoçante de uma tigela e aproximou-o dos olhos, os lábios contorcendo-se ligeiramente ao ler as letras minúsculas. Voltou a pôr o pacote dentro da tigela. — Vimos de uma linha de ilustres cientistas de ambos os lados da família e temos muitas discussões intelectuais. As outras pessoas gostavam muito de poder fazer parte do grupo.

— Não é extraordinário? — disse Abby, com um sorriso imenso.

Red afundou-se mais na cadeira.

Durante o almoço, havia tanta gente presente que os netos tiveram de comer na cozinha; todos à exceção da Elise de Amanda, com catorze anos, que se considerava uma adulta. Havia doze pessoas sentadas à mesa da sala de jantar: Red e Abby, os quatro filhos deles e os cônjuges de três desses filhos, Elise, Atta e a Sra. Angell, a sogra de Jeannie, que morava com ela. Os pratos estavam praticamente a tocar-se, com os talheres enfiados no meio deles, e as pessoas não paravam de dizer: «Peço desculpa, este é o seu copo de vinho?» Abby, pelo menos, parecia achar a situação muito divertida.

— Que multidão! — disse ela aos filhos. — É tão agradável, não é? — Eles fitaram-na com uma expressão aborrecida.

Antes tinha havido uma pequena altercação na cozinha, para onde a maioria se retirara pouco depois de ter sido apresentada a Atta. Quando Abby cometeu o erro de entrar na cozinha, eles afastaram-se e lançaram-lhe olhares furiosos.

«Como é que foste capaz, mãe?», perguntara-lhe Amanda e Jeannie dissera:

«Pensava que tinhas prometido não voltar a fazer destas coisas.»

«Quais coisas?», perguntara Abby. «Sinceramente, se não conseguem demonstrar o mínimo de hospitalidade para com um estranho...»

«A ideia era ser só a família! Nunca te chega só a família! Não somos suficientes para ti?»

Agora, contudo, as coisas estavam em lume brando. O Hugh da Amanda estava a dar o seu espetáculo habitual a

trincar (tinha tirado um curso especial e passara a insistir ser ele a fazer as honras da casa), apesar de Red estar sempre a murmurar:

— Por amor de Deus, isso não tem ossos; porquê tanta pompa e circunstância?

Nora entrava e saía da cozinha, silenciando as crianças e limpando o que se entornava, enquanto a Sra. Angell, uma senhora de rosto amoroso com o cabelo branco-azulado, fazia os possíveis por incluir Atta nas conversas. Perguntou-lhe sobre o trabalho e sobre a cozinha típica e o sistema de saúde do país dela, mas Atta criticava sempre cada pergunta, impedindo-a de continuar essa linha de pensamento.

— Vai pedir a cidadania americana? — perguntou-lhe a Sra. Angell, a dada altura.

— Com certeza que não — respondeu Atta.

— Oh.

— A Atta acha que os americanos são pouco simpáticos — disse Abby à Sra. Angell.

— Santo Deus! É a primeira vez que ouço uma coisa dessas!

— Oh, eles fingem ser simpáticos — explicou Atta. — Os meus colegas perguntam-me: «Como está, Atta?» Dizem: «Prazer em vê-la, Atta.» Mas e depois convidam-me para as casas deles? Não.

— Que vergonha.

— Têm... como é que se diz? Duas caras — disse Atta.

Jeannie inclinou-se sobre a mesa e perguntou a Denny:

— Lembras-te da B. J. Autry?

Denny respondeu:

— Hum-hum.

— De repente lembrei-me dela; não sei porquê.

Amanda deu uma pequena risada e Stem resmungou. Eles sabiam o *porquê*. (B. J. Autry, com a sua voz estridente

e o riso desagradável, fora uma das órfãs mais penosas da mãe deles.) Denny, todavia, fitou Jeannie por uns instantes, sem sorrir, e depois voltou-se para Atta e disse:

— Acho que está enganada.

— Ai, sim? — respondeu-lhe ela. — Não se diz «duas caras»?

— Neste contexto, não. «Educados» seria mais correto. Eles estão a tentar ser educados. Não gostam muito de si, por isso não a convidam para as casas deles, mas fazem o possível para serem simpáticos consigo, daí perguntarem-lhe como está e dizerem-lhe que é um prazer vê-la.

Abby exclamou:

— Oh! Denny!

— O que foi?

— Além disso — respondeu-lhe Atta, aparentemente nada perturbada —, também dizem: «Bom fim de semana, Atta.» Como é que hei de ter um bom fim de semana? Devia perguntar-lhes isso mesmo.

— Certo — retorquiu Denny. Em seguida, sorriu para a mãe. Ela recostou-se na cadeira e suspirou.

— Vejam só! — anunciou o Hugh da Amanda, erguendo uma fatia de carne com o garfo de trinchar. — Está a ver isto, Red?

— Hum?

— Esta fatia tem a sua cara. Veja bem, tem a espessura de uma folha de papel.

— Oh, está bem, obrigado, Hugh — replicou Red.

O Hugh da Amanda era conhecido na família por certa vez ter perguntado por que motivo havia um diploma por baixo das azáleas. Estava a referir-se ao tubo de drenagem de PVC branco proveniente da fossa da cave. A família nunca mais esqueceu esse incidente. («Tens visto muitos diplomas no meio dos arbustos, Hugh?») Gostavam imenso dele, mas ficavam estupefactos com o quão pouco prático

ele era, quão alienado das coisas que eles consideravam ser essenciais. Nem sequer era capaz de substituir uma tomada! Possuía a elegância e a beleza de um modelo fotográfico, estava habituado a ser alvo de admiração e abraçava novas carreiras para depois as abandonar num acesso de impaciência. Atualmente, era proprietário de um restaurante chamado Ação de Graças que somente servia refeições à base de carne de peru.

O Hugh da Jeannie, em contrapartida, era um faz-tudo que trabalhava na universidade que Jeannie tinha frequentado. As outras raparigas andavam de olho nos estudantes de Medicina, mas pelos vistos bastara uma olhadela ao modesto Hugh, com a sua barba cor de serradura e o cinto de ferramentas pendurado à cintura, para Jeannie se sentir instantaneamente em casa. Aquele sim, era alguém com quem ela podia identificar-se! Casaram-se quando ela ainda andava no último ano, causando algum desconforto à direção da universidade.

Agora estava a perguntar a Elise coisas sobre as aulas de *ballet* dela, o que era muito atencioso da parte dele. (Ela fora deixada de fora das conversas até então.)

— É por causa do *ballet* que estás a usar o cabelo tão apertado? — perguntou-lhe ele, ao que ela respondeu:

— Sim, a Madame O’Leary exige-o — sentando-se muito direita (uma criança magra como um palito numa pose pomposa) e levando a mão ao pequeno puxo que tinha no alto da cabeça.

— Mas e se tivesses o cabelo frisado e não conseguisses mantê-lo tão penteado? — perguntou ele. — Ou se fosses daquelas pessoas cujo cabelo não cresce muito?

— Não há exceções — respondeu-lhe Elise, muito séria. — Somos obrigadas a usar um puxo.

— Que chatice!

— E aquelas saias esvoaçantes — disse-lhe Amanda. — Prendem-nas por cima do body. Toda a gente pensa que usam *tutus*, mas os *tutus* são só para os espetáculos.

Abby disse:

— Oh, Jeannie, lembras-te quando a Elise era recém-nascida e a vestimos com um *tutu*?

— Se lembro! — retorquiu Jeannie, com uma gargalhada. — Tinha três diferentes, lembras-te? Vestimos-lhe um a seguir ao outro.

— A tua mãe tinha-nos pedido para tomarmos conta de ti — explicou Abby a Elise. — Era a primeira vez que se separava de ti e sentia-se mais segura se ficasses com pessoas da família. Por isso eu disse-lhe: «Vai à vontade!», e, assim que ela se foi embora, despimos-te até ficares só com a fralda e começámos a vestir-te várias roupas. Toda a roupa que recebeste no teu Chá de Bebê.

— Eu nunca soube dessa história — disse Amanda, enquanto Elise parecia simultaneamente satisfeita e constrangida.

— Oh, estávamos ansiosos para pôr as mãos naqueles fatinhos todos. Não só nos *tutus* como também num amoroso vestidinho à marinheiro, num fato de banho e também, lembras-te Jeannie?, num fato-macaco às riscas brancas e azul-escuras, com umas presilhas de lado.

— Claro que lembro — respondeu-lhe Jeannie. — Fui eu que lho comprei.

— Bem, estávamos um bocadinho nas nuvens — explicou Abby a Atta. — A Elise foi a nossa primeira neta.

— Ou se calhar não — disse Denny.

— O quê, meu amor?

— Parece estar a esquecer-te de que a Susan foi a primeira neta.

— Oh! Bem, claro que sim. O que eu quis dizer foi que era a primeira neta próxima de nós; em termos geográficos.

Jamais me esqueceria da Susan!

— Como é que ela está? — perguntou Jeannie.

— Está bem — replicou Denny.

Deitou um pouco de molho por cima da sua fatia de carne e passou a terrina a Atta, que a fitou com os olhos semicerrados e depois a passou ao próximo.

— O que é que ela vai fazer este verão? — perguntou Abby.

— Vai participar num programa de música qualquer.

— Música, que bom! Ela tem talento?

— Pelos vistos, sim.

— Que instrumento é que toca?

— Será clarinete? — disse Denny. — É clarinete, sim.

— Ah, pensei que fosse trompa.

— A que propósito?

— Bem, tu costumavas tocar trompa.

Denny cortou a sua fatia de carne.

— O que é que a Susan vai fazer este verão? — perguntou-lhe Red.

Toda a gente olhou para ele.

— Clarinete, Red — respondeu Abby, por fim.

— Hum?

— Clarinete!

— O meu neto que mora em Milwaukee também toca clarinete — disse a Sra. Angell. — Mas é difícil ouvi-lo sem me rir. A terceira ou a quarta nota sai sempre desafinada.

— Voltou-se para Atta e disse: — Tenho treze netos, acredita? Você tem netos, Atta?

— Isso parece-lhe possível? — retorquiu Atta.

Seguiu-se novo silêncio, dessa vez pesado e abafado, qual cobertor, e todos voltaram a atenção para a comida.

Depois do almoço, Atta foi-se embora, levando com ela o resto do bolo comprado na loja que tinham servido como

sobremesa. (Mal tocara na salada de atum, por causa do mercúrio, explicou ela, mas parecia ter apetite por doces.) Elise foi juntar-se às outras crianças no jardim das traseiras e os adultos foram para o alpendre. Até Nora foi convencida a deixar a arrumação da cozinha para mais tarde e Red optou por dormir a sesta na cama de rede com cheiro a mofo na ponta sul do alpendre, em vez de ir para o quarto.

— Porque é que o pai tem tantas manchas nos braços? — perguntou Denny às irmãs, em surdina. Os três estavam sentados no baloiço do alpendre.

Porém, foi Abby quem respondeu, o seu ouvido aguçado como de costume. Interrompeu a conversa que estava a ter com a Sra. Angell para dizer:

— É por causa do medicamento para diluir o sangue. Fá-lo ficar com nódoas negras com facilidade.

— E desde quando é que ele dorme a sesta?

— Foi ordem dos médicos. Devia dormir a sesta mesmo durante a semana, mas não o faz.

Denny ficou calado por uns instantes, impulsionando distraidamente o baloiço para trás e para a frente, e vendo um esquilo-cinzento esgueirar-se por baixo de um arbusto.

— É curioso que ninguém me tenha informado sobre o ataque cardíaco — disse. — Só soube ontem à noite. Se não tivesse telefonado à Jeannie, talvez nunca viesse a saber.

— Não é como se pudesses ter mudado alguma coisa — respondeu-lhe Amanda.

— Obrigadinho, Amanda.

Abby mexeu-se na cadeira de baloiço, em jeito de protesto.

— Tem estado um verão fantástico, não acham? — perguntou a Sra. Angell numa voz melodiosa.

Visto esse verão estar a ser muito quente, afetado com tempestades violentas, era óbvio que ela estava meramente

a tentar mudar de conversa. Abby deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Oh, Lois — disse-lhe —, você vê sempre o lado positivo das coisas.

— Eu gosto do calor, você não?

— Sim — retorquiu Abby —, mas não consigo deixar de pensar naqueles desgraçados no centro da cidade que não têm como refrescar-se.

Os próprios Whitshank mantinham-se frescos somente com ventoinhas de teto, uma ventoinha sabiamente instalada no sótão e uns tetos altos à moda antiga. De vez em quando, Red falava em instalar ar condicionado, mas depois dizia que não se sentia bem a perturbar a estrutura da casa. Até o alpendre tinha ventoinhas de teto, três no total, espaçadas a todo o comprimento do mesmo; umas bonitas ventoinhas antigas com as pás de madeira envernizada a combinarem com o teto e o chão também envernizados, o baloiço cor de mel e os degraus largos da entrada. (Escolhas de Junior, todas elas, assim como a decisão de instalar uma bandeira de porta rendilhada e sem vidro por cima de cada porta do piso térreo, por forma a permitir que as brisas fluíssem.) E depois os tulipeiros, claro: proporcionavam sombra, apesar de Abby se queixar com frequência de haver sombra em *demasia*. Não havia nada que crescesse na sombra deles; o relvado era essencialmente composto por terra compacta com meia dúzia de lâminas de relva aqui e ali, e as únicas plantas que se desenvolviam ao longo da orla norte da propriedade eram as hostas, com os seus botões miseráveis e as folhas monstruosas e gigantes.

— O que é feito dos filhos dos Nelson? — perguntou Jeannie, os olhos postos na casa dos Nelson do outro lado da rua.

— Não sei — respondeu-lhe Abby. — Hoje em dia perguntamos às pessoas pelos filhos e percebemos logo que elas preferiam que não o fizéssemos. Dizem: «Bem, o nosso filho acabou de se licenciar pela Universidade de Yale, mas de momento está...», e depois vimos a descobrir que é empregado de bar ou que anda a servir *cappuccinos*, e o mais certo é ter-se mudado novamente para casa dos pais.

— E arranjar emprego já é uma sorte — interpôs o Hugh da Amanda. — Tive de começar a despedir alguns dos meus empregados de mesa.

— Oh, que chatice, as coisas não estão a correr bem no restaurante?

— Parece que as pessoas andavam a deixar de comer fora de casa.

— Mas agora o Hugh teve uma ideia *melhor* — anunciou Amanda. — Já arquitetou um negócio completamente novo, só precisa é de financiadores.

— Ai, sim? — respondeu Abby. Em seguida, franziu o sobrolho.

— Sem Passar pela Casa de Partida — disse Hugh.

— Como?

— O nome da minha empresa. Fica no ouvido, não acham?

— Mas qual seria... o ramo?

— É um serviço para viajantes ansiosos — retorquiu Hugh. — Excessivamente ansiosos, quero eu dizer. Se calhar vocês nem sequer imaginam que essas pessoas existem, uma vez que não costumam viajar, mas eu já vi imensos, acreditem. A minha própria prima, por exemplo; a minha prima Darcy. Faz as malas com tanta antecedência que depois fica sem nada para vestir. Põe tudo nas malas, para todas as eventualidades. Acha que a casa pressente misteriosamente que ela está prestes a deixá-la; diz que poucas horas antes de uma viagem aparece sempre um

cano roto, um esgoto entupido ou uma falha no sistema de alarme. As instruções que deixa para a pessoa que fica a cuidar do cão dela são autênticos romances. Ela começa a desconfiar de que o gato tem diabetes. Por isso a minha ideia é, no caso de pessoas como a Darcy, nós tratarmos de todos os preparativos. De uma forma muito mais exaustiva do que o que é atualmente feito pelas agências de viagem. Ela comunica-nos as datas e o destino, e nós respondemos-lhe: «Não precisa de dizer mais nada.» Não só lhe reservamos o voo e o hotel como também lhe fazemos as malas, com três dias de antecedência, e despachamo-las por expresso; não é preciso fazer o *check-in*. Tratamos da viagem para o aeroporto e do condutor no ponto de chegada, das entradas para os museus, das visitas guiadas e das reservas nos melhores restaurantes. Mas isso é só o princípio! Tratamos da questão do animal de estimação, dos serviços de manutenção da casa (a propósito, preciso de falar com o Red por causa disso), contactamos um médico que fale inglês a poucos quarteirões do hotel e agendamos uma visita ao cabeleireiro mais ou menos a meio da estada. Três horas antes do voo tocamos-lhe à campainha. «Está na hora», dizemos-lhe. «Oh», talvez responda ela, «mas o problema é que a minha mãe está com uma insuficiência cardíaca congestiva e pode falecer a qualquer instante.» «Certo», respondemos-lhe nós, sacando de um telemóvel, «mas aqui tem um telemóvel que poderá utilizar na Europa, a sua mãe já tem o número e a clínica onde ela está também, além de que assegurámos um seguro de viagem que lhe garante a viagem de regresso imediata no caso de uma emergência médica.»

Denny deu uma gargalhada, mas mais ninguém o fez.

— Teria de ser um viajante muito rico — disse o Hugh da Jeannie.

— Sim, admito que não vai ser barato.

— Muito rico e muito louco ao mesmo tempo. As duas coisas numa só pessoa. Quantas pessoas haverá assim em Baltimore?

— Caramba! Isso é que vocês sabem encorajar uma pessoa!

— Oh, mas eu adoro o nome — apressou-se a dizer Abby.
— Foi ideia tua, Hugh?

— Sim.

— E... quando dizes Sem Passar pela Casa de Partida, o que queres dizer?

— Que não é necessário perder-se tempo com os preparativos e toda a confusão anteriores à partida.

— Estou a ver. Portanto, não tem nada que ver com a cadeia.

— Cadeia! Claro que não.

— E o teu restaurante? — perguntou Jeannie.

— Vou vendê-lo.

— Oh, e será que arranjas comprador?

— Vocês realmente...!

— Só estava a perguntar — disse Jeannie.

A Sra. Angell perguntou:

— Já repararam que ultimamente os pássaros parecem mais conversadores? É como se falassem uns com os outros, em vez de cantarem. Já ouviram?

Eles calaram-se por uns instantes, para escutarem.

— Deve ser por causa do calor — sugeriu Abby.

— Tenho medo de que tenham deixado a música. Que se tenham virado para a prosa.

— Oh, duvido que fizessem uma coisa dessas — retorquiu Abby. — O mais certo é estarem cansados. Decidiram deixar que os grilos os substituíssem.

— Quando os meus netos da Califórnia vêm visitar-me no verão — disse a Sra. Angell —, perguntam-me sempre: «Que barulho é este?» «Qual barulho?», respondo-lhes. E

eles dizem: «Esta espécie de chilrear ou zumbido, este barulho tipo cri-cri-cri.» «Oh», respondo-lhes, «devem estar a falar dos grilos ou dos gafanhotos ou isso. Tem piada, eu nem dou por eles.» «Mas fazem um barulho ensurdecedor!», respondem-me. «Como é possível não os ouvires?»

E assim que ela se calou todos pareceram ouvi-los, apesar de antes ninguém os ter escutado — essa algazarra constante. Faziam um som ritmado e vibrante, semelhante ao chocalhar dos guizos dos trenós antigos.

Amanda disse:

— Bem, eu cá acho que a ideia do Hugh é brilhante.

— Obrigado, querida — agradeceu-lhe Hugh. — Ainda bem que *tu* acreditas em mim.

A Sra. Angell disse:

— Claro que sim! Todos nós acreditamos! E tu, Denny?

— Se acho que o Hugh é brilhante?

— Não, o que é que fazes agora?

— Nada — respondeu-lhe Denny. — Vim dar uma ajuda aos meus pais. — Recostou a cabeça na parte de trás do baloiço e cruzou os dedos sobre o peito.

— É tão bom tê-lo em casa — disse Abby à Sra. Angell.

— Oh, imagino!

— Continuas naquela empresa de cozinhas? — perguntou-lhe o Hugh da Jeannie.

— Já não — respondeu Denny. Depois: — Tenho estado a dar aulas de substituição.

Abby perguntou-lhe:

— O quê?

— Aulas de substituição. Bem, pelo menos fi-lo na primavera passada.

— Não é preciso uma licenciatura para isso?

— Por acaso, não. Apesar de eu a ter.

Toda a gente olhou para Abby, à espera da pergunta seguinte. Não aconteceu. Ela estava a olhar fixamente para a casa dos Nelson, com uma expressão tensa em redor da boca. Por fim, Jeannie fez a pergunta:

— Acabaste a faculdade?

— Sim — retorquiu Denny.

— Como é que fizeste isso?

— Da mesma maneira que toda a gente, penso eu.

Olharam novamente para Abby. Ela permanecia em silêncio.

— Bem, nunca gostaste muito de construir coisas — disse Stem, decorridos uns segundos. — Lembro-me de quando andavas a trabalhar com o pai, nas férias de verão.

— Não tenho nada contra construir coisas; só não suportava os clientes — respondeu-lhe Denny, endireitando-se novamente no lugar. — Aqueles proprietários armados em modernos a quererem construir adegas nas suas caves.

— Adegas! Ah! — exclamou Stem. — E zonas para darem banho ao cão na garagem.

— Zonas para darem banho ao cão?

— Uma senhora que mora em Ruxton.

Denny resfolegou.

— Mãe Whitshank? — perguntou Nora. — Precisa de alguma coisa? Um pouco mais de chá gelado?

— Não, obrigada — respondeu Abby, sucintamente.

Os netos passaram do jardim das traseiras para o da frente e Sammy chegou a invadir o alpendre, subindo os degraus para se atirar para cima do colo da mãe e queixar-se dos irmãos.

— Alguém está a precisar de dormir a sesta — disse-lhe Nora, mas continuou sentada, olhando por cima da cabeça de Sammy para os outros miúdos, que debatiam as regras de um jogo.

— Os arbustos junto à casa são o coito, mas os de lado não — dizia um deles.

— Mas os de lado são os melhores! Dá para nos escondermos debaixo deles.

— Então para quê usá-los como coito?

— Ah...

O filho de Jeannie, Alexander, era quem tinha de encontrar os outros, o que até custava a ver por ser o primeiro Whitshank em toda a história da família com tendência para ser rechonchudo. Quando corria atirava as pernas para o lado de uma forma desajeitada, ao mesmo tempo que rodava os dois braços no ar. Ironicamente, a irmã, Deb, era a melhor atleta da família (uma rapariga magricelas com as pernas musculadas), pelo que chegou primeiro à maior das azáleas e gritou:

— Ah-ah! Um, dois, três, Deb!

— Alguém pode chamar a *Heidi*? — pediu Alexander aos adultos. — Ela está sempre à minha frente.

Heidi nem sequer se encontrava nas proximidades dele (estava a correr à volta do perímetro com a sua exuberância habitual), mas Stem assobiou e a cadela subiu a correr os degraus do alpendre.

— Para baixo, menina — disse-lhe ele. Esfregou-lhe o pelo num gesto afetuosos e ela respondeu com um queixume de resignação, enrolando-se aos pés dele.

— A *Brenda* deve estar a ficar velhota — disse Denny às irmãs. — Noutros tempos estaria aqui fora a correr atrás da *Heidi*.

Jeannie respondeu-lhe:

— Custa-me imenso pensar que ela está velhota. Imaginas esta casa sem um cão?

— Claro que sim — retorquiu Denny. — Os cães dão cabo das casas.

— Oh, Denny.

— O que foi? Arranham o chão de madeira, desgastam o piso...

Amanda deu um estalido com a língua, achando-lhe piada.

— Onde é que está a graça? — perguntou-lhe ele.

— Vejam só! Pareces o pai a falar. És o único de nós que não tem cão e o pai diz que por ele também não tinha tido nenhum.

— Oh, isso é só conversa — disse-lhes Abby. — O vosso pai adora o *Clarence* tanto quanto nós.

Os quatro irmãos entreolharam-se.

Na cama de rede, Red resmungou e sentou-se.

— O que é que estão para aí a dizer? — perguntou ele, coçando a cabeça.

— Estamos a dizer o quanto tu gostas de cães, pai — disse-lhe Jeannie.

— Ai, gosto?

Amanda deu uma palmadinha no pulso de Denny.

— Quando é que vamos ver a Susan? — perguntou-lhe ela.

— Bem, ela não pode vir visitar-vos enquanto não tiverem um quarto disponível onde ela possa ficar — respondeu Denny.

Enquanto Stem e a família dele não se fossem embora, era o que ele estava a insinuar, mas Amanda contornou a questão, respondendo-lhe:

— Ela pode sempre partilhar o quarto dos beliches com os rapazes. Achas que se importaria?

— Ou então espera pelas férias na praia — sugeriu Jeannie. — Está quase na altura e a casa da praia tem imensos quartos.

Denny deixou passar o assunto. Os olhos dele seguiram as crianças que brincavam no jardim — Petey a brigar com

Tommy, e Elise a afastá-los e a ralhar com eles na sua voz fina e autoritária.

— Acho que vou ligar aos irmãos Petronelli e pedir-lhes para virem arranjar o caminho de acesso outra vez — disse Red, atravessando o alpendre para se ir juntar a eles. Ao fazê-lo, pegou numa cadeira de baloiço e foi pousá-la ao lado de Abby.

— Sempre que venho cá andas a fazer alguma coisa no caminho de acesso à casa — disse-lhe Denny.

— O problema já vem do tempo do teu avô. Ele não gostou da maneira como ficou feito.

— Realmente parecia que ele andava sempre de volta dele — comentou Abby.

— Uma das minhas primeiras recordações depois de nos termos mudado para cá é de ele ter mandado arrancar a argamassa toda e voltar a pôr as lajes. Mas ainda assim não ficou satisfeito. Dizia que não estava nivelado como devia ser.

— Mas o que é que isso tem que ver com o caminho tal como ele está *agora*? — indagou Stem. — Já foi nivelado centenas de vezes desde então. Para conseguires arranjar o caminho de uma vez por todas, terias de mandar cortar os tulipeiros todos, raízes e tudo, e não te estou a ver fazer uma coisa dessas.

— Oh, homens, deixem de falar sobre coisas de trabalho! — disse Abby. — O dia está demasiado agradável para isso. Não é verdade, Lois?

— Se é — respondeu a Sra. Angell. — Está um dia muito agradável. Parece que sinto uma pequena brisa a começar.

Era um facto que as folhas tinham começado a fazer ruge-ruge lá no alto e que o pelo de *Heidi* junto aos quadris esvoaçava levemente.

— Este tempo faz-me sempre lembrar o dia em que me apaixonei pelo Red — disse Abby, num tom sonhador.

Os outros sorriram. Conheciam bem essa história; até a Sra. Angell a conhecia.

Sammy dormia profundamente, encostado ao seio da mãe. Elise rodopiava debaixo de um cornizo, com a cabeça inclinada para trás e os braços esticados.

— Estava uma linda e fresca tarde, em tons de verde e amarelo... — começou Abby. Que era a maneira como sempre começava a história, exatamente as mesmas palavras, todas as vezes. No alpendre, toda a gente se descontraíu. Os rostos ficaram mais tranquilos e as mãos mais frouxas em cima dos colos. Era tão agradável estar ali sentado em família, com os pássaros a chilrearem nas árvores, os grilos a cricrilarem, a cadela a ressonar aos pés deles e as crianças a gritarem: «Estou salvo! Estou salvo!»

CAPÍTULO CINCO

Na segunda-feira, Denny dormiu quase até às onze.

— Olha o Senhor Dorminhoco! — exclamou Abby, quando ele desceu finalmente ao piso de baixo. — A que horas é que te deitaste?

Ele encolheu os ombros e tirou uma caixa de cereais da despensa.

— Uma e meia? — respondeu. — Duas?

— Ah, então não admira.

— Se ficar acordado até tarde, tenho mais hipóteses de dormir a noite inteira — explicou ele. — Aqueles pensamentos todos que me aparecem a meio da noite; detesto isso.

— O teu pai costuma levantar-se para ler, quando isso lhe acontece — disse-lhe Abby.

Denny nem se deu ao trabalho de lhe responder. Os Whitshank tinham opiniões contrárias sobre o que fazer durante as horas em que estavam acordados e há muito que tinham discutido esse assunto até à exaustão.

Depois do pequeno-almoço, como se quisesse compensar pelo tempo perdido, Denny transformou-se num furacão de atividade. Aspirou todo o piso inferior, oleou as dobradiças do portão das traseiras e aparou a sebe do jardim de trás. Faltou ao almoço para lavar a churrasqueira e depois pediu emprestado o carro de Abby e foi à loja de Eddie comprar bifes para grelhar para o jantar. Abby disse-lhe para pôr os bifes na conta dela e ele não argumentou.

A casa parecia ter sido dividida invisivelmente por Nora e Abby — Nora entretida na cozinha ou a cuidar das crianças e Abby no quarto dela ou a ler na sala de estar. Eram educadas uma com a outra mas também cautelosas, numa clara tentativa de não se intrometerem no caminho uma da outra. Durante todo o dia, a única altura em que

elas interagiram uma com a outra foi quando Denny foi à mercearia. Nora, levando Sammy para o piso de cima para a sesta dele, cruzou-se com Abby, que vinha a descer as escadas com uma pilha de papéis.

— Oh, mãe Whitshank — disse ela. — Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Não, obrigada, querida — respondeu-lhe Abby. — Lembrei-me de aproveitar a ausência do Denny para ir buscar o resto das minhas coisas ao quarto dele. Embora saiba Deus onde é que as vou guardar.

— Não as pode pôr numa caixa e guardá-la na parte de trás do roupeiro dele?

— Oh, não, não me parece.

— Posso trazer uma caixa da cave. Vi algumas junto à máquina de lavar roupa.

— Não me parece — retorquiu Abby num tom mais firme, e depois suspirou e deu uma pancadinha no caderno de espiral que estava em cima da sua pilha. — Nunca me senti à vontade deixando as minhas coisas num sítio onde o Denny lhes pudesse chegar — disse.

— Oh... — respondeu Nora. Puxou Sammy mais para cima da anca, mas deixou-se ficar no mesmo sítio.

— Sei que não o faz por mal, mas tenho poemas, diários privados e pequenos pensamentos que costumo assentar. Sentir-me-ia ridícula se alguém os lesse.

— Sim, claro — replicou Nora.

— Por isso lembrei-me de levar tudo para o jardim de inverno e fazer uma seleção. Depois logo vejo se o Red me pode emprestar uma das gavetas da secretária dele.

— Se quiser, posso levar para baixo o que falta — ofereceu-se Nora.

— Oh, acho que já tenho tudo, querida.

E lá foram elas, cada uma à sua vida.

Ao jantar comeram os bifes grelhados de Denny e a feijoada caseira de Nora. Esta cozinhou à moda do campo; feijoada não era algo que os outros estivessem habituados a comer. E ela fez essa coisa moderna de preparar um prato completamente diferente para os miúdos quando eles não quiseram comer os bifes. Foi para a cozinha sem se queixar e preparou um macarrão com queijo de pacote. Abby disse aos rapazes:

— Oh, coitada da vossa mãe! Foi muito simpática em interromper a refeição dela para ir preparar algo especial para vocês — que era a sua forma de dizer que os seus próprios filhos comiam o que lhes era posto à frente. Mas os rapazes já tinham ouvido isso antes, pelo que se limitaram a fitá-la inexpressivamente. Só Red pareceu perceber onde é que ela queria chegar.

— Deixa lá, querida — disse-lhe. — As coisas agora são assim.

— Pois, já sei!

Os rapazes tinham passado o final da tarde na piscina do bairro com Nora, e estavam muito rosados, com o cabelo penteado para trás e os olhos inchados. A cabeça de Sammy estava sempre a pender-lhe para o prato; não tinha dormido a sesta.

— Hoje vão todos para a cama mais cedo — disse-lhes Stem.

— Não podemos primeiro brincar à apanhada com o tio Denny? — perguntou Petey.

Stem olhou de relance para Denny.

— Por mim, tudo bem — respondeu ele.

— Fixe!

— Como é que correu o trabalho hoje? — perguntou Abby a Red.

Este respondeu:

— O trabalho foi uma chatice. Apareceu-me uma senhora que...

— Peço desculpa — disse-lhe Abby, pondo-se de pé, dirigindo-se para a cozinha e gritando: — Nora, vem comer o teu jantar, por favor! Eu trato do macarrão.

Red revirou os olhos e depois, aproveitando a ausência dela, alcançou a manteiga e acrescentou uma boa colherada à sua feijoada.

— Percebi logo que essa senhora ia dar chatice assim que a vi chegar com uma pasta com dez centímetros de espessura — disse Stem a Red.

— Picuinhas, mas picuinhas a sério — concordou Red. — Só ninharias.

Nora emergiu da cozinha com uma panela e uma colher de servir, com Abby atrás dela.

— Bela feijoada, Nora — disse-lhe Red.

— Obrigada.

Ela pôs macarrão no prato de Tommy, depois no de Petey e por fim no de Sammy. Abby tornou a sentar-se na cadeira e pegou no guardanapo.

— Ora então diz lá — pediu a Red.

— Desculpa?

— Estavas a dizer qualquer coisa sobre o trabalho.

— Já me esqueci — retorquiu Red, irritado.

— Estava a falar sobre a senhora Bruce — disse Stem à mãe. — Uma senhora que anda a remodelar a cozinha.

— Eu avisei-a em relação àquela argamassa — disse Red.

— Disse-lhe mais do que uma vez: «Minha senhora, se optar pelo autonivelante à base de uretano, são mais dois dias de trabalho. É uma porra para limpar aquilo.» — Em seguida, disse: — Oh, peço desculpa — perante o olhar consternado que Nora lhe lançava por baixo das pestanas compridas e densas. — É uma chatice para limpar aquilo —

corrigiu. — É muito difícil. Um processo muito complicado. Disse-lhe ou não disse, Stem?

— Disseste.

— E o que é que ela fez? Escolheu o uretano. Depois dá-lhe um treco-lareco por causa do tempo que os homens estão a demorar.

Fez uma pausa e franziu o sobrolho, talvez a pensar se a palavra «treco-lareco» seria alvo de objeção por parte de Nora.

— Não sei porque é que aturas essa gente — disse Denny.

— Faz parte do trabalho — retorquiu Red.

— Eu não os aturava.

— *Tu* talvez não — respondeu-lhe Red —, mas nós não nos podemos dar a esse luxo. Metade dos nossos homens esteve sem trabalho nas primeiras duas semanas de abril. Achas que isso é pera doce? Hoje em dia aceitamos todos os trabalhos que nos aparecem e ainda damos graças a todos os santinhos.

— Tu é que estavas a queixar-te — replicou Denny.

— Estava a explicar como é o trabalho, nada mais. Mas o que tu sabes sobre isso?

Denny inclinou-se para o seu bife e cortou um pedaço em silêncio.

— Bem! — exclamou Abby. — Não me lembro da última vez que comi uma refeição tão agradável, Nora.

— Sim, está muito bom, querida — disse Stem.

— O Denny é que grelhou os bifes — respondeu Nora.

— Belos bifes, Denny.

Denny não abriu a boca.

— Podemos ir brincar à apanhada? — perguntou-lhe Tommy.

Stem disse:

— Deixa-o acabar de jantar, filho.

— Não, eu já acabei — retorquiu Denny. — Obrigado, Nora. — Então afastou a cadeira para trás e pôs-se de pé, apesar de ainda ter mais de metade do bife no prato e mal ter tocado na feijoadada.

Na terça-feira, Denny dormiu até ao meio-dia. Depois lavou o chão das casas de banho e o chão da cozinha. Varreu o alpendre da frente, passou um pano na mobília de exterior e fixou um balaústre que descobriu estar solto no corrimão do alpendre. Reparou o fecho de um colar de missangas de Abby e trocou a pilha de um dos detetores de incêndio. Mais perto do fim da tarde, enquanto Nora e os miúdos estavam na piscina, preparou uma elaborada lasanha de legumes para o jantar dessa noite. Nora tinha planeado servir hambúrgueres com maçarocas de milho, como lhe disse ao regressar, mas Denny respondeu-lhe que poderiam comer isso no dia seguinte.

— Ou podemos comer a tua lasanha no dia seguinte — retorquiu Nora —, porque os hambúrgueres e as maçarocas de milho têm de ser comidos frescos.

— Ai, vocês os dois! — ralhou Abby. — Nenhum de vocês precisa de se incomodar com o jantar. Eu posso perfeitamente fazê-lo.

— A minha lasanha também tem de ser comida fresca — respondeu Denny. — Ouve, Nora, estou só a tentar manter-me ocupado. Não tenho nada para fazer.

— Há uma razão para isso — anunciou Abby para a sala em geral. — Há demasiadas pessoas a tentar ajudar!

Mas era como se ela fosse um mero mosquito. Nenhum deles olhou sequer na sua direção; estavam demasiado ocupados a discutir um com o outro.

O jantar nessa noite foi hambúrgueres e maçarocas de milho. A meio da refeição, Denny perguntou, num tom de curiosidade desapegada:

— Stem, já te ocorreu que se calhar casaste com a tua mãe?

— Casei com a minha mãe? — repetiu Stem. — Qual mãe?

— Ambas alegam ser muito tolerantes, mas viste como... — Denny calou-se. — Hum? — perguntou. — *Qual* mãe, diz ele!

Recostou-se na cadeira e olhou fixamente para Stem.

Nora continuou calmamente a barrar manteiga na sua maçaroca. Stem disse:

— A Nora é muito tolerante. Queria ver quantas mulheres estariam dispostas a fazer as malas e deixar as suas casas como ela fez.

— Oh — retorquiu Abby —, mas nós não lhe *pedimos* para fazer isso! Jamais pediríamos uma coisa dessas a qualquer um de vocês!

Nora respondeu:

— É claro que não, mãe Whitshank. Nós é que nos oferecemos para o fazer. Quisemos fazê-lo. Não se esqueça de tudo o que Douglas vos deve.

— Deve? — disse Abby. Parecia ofendida.

De repente, Red ganhou vida no topo da mesa e disse:

— O quê? Mas o que é que se passa? — Olhou de rosto em rosto, mas Abby fez um gesto depreciativo com a mão e ele esqueceu o assunto.

Na quarta-feira, Denny levantou-se às dez e meia, portanto devia estar a começar a adquirir um horário mais ou menos dentro da normalidade. Aspirou todos os quartos e dobrou a roupa que Nora tinha posto na máquina de secar, misturando a roupa de toda a gente. Em seguida, substituiu um dos botões de uma blusa de Abby, deixando uma série de carrinhos de linhas e de agulhas de croché na prateleira do armário da roupa de casa onde Abby

guardava a caixa de costura. Depois foi jogar ao oito maluco com os miúdos. Quando Abby o informou de que ia sair para a aula de olaria, ofereceu-se para a levar de carro, mas ela disse que costumava apanhar boleia com Ree Bascomb.

— Como queiras — retorquiu Denny —, mas olha que estou aqui sem fazer nada; mais vale pores-me a fazer coisas.

— Tu já fazes muitas coisas, meu amor — respondeu-lhe Abby. — Só que eu e a Ree vamos sempre juntas. Mas agradeço a oferta, seja como for.

— Posso utilizar o teu computador enquanto estiveres fora? — perguntou-lhe Denny.

— O meu computador — repetiu Abby. Uma expressão de pânico assomou-lhe ao rosto.

— Queria ir à Internet.

— Bem, mas não... não vais ler os meus *e-mails*, pois não?

— Não, mãe. Por quem me tomas?

Ela não pareceu ficar tranquilizada.

— Só queria ligar-me com o mundo lá fora, por uma vez que seja — disse-lhe Denny. — Sinto-me um pouco isolado aqui.

— Oh, Denny, mas eu não te disse já? Tu não devias estar aqui!

— Olha que simpático — respondeu ele.

— Oh, tu sabes o que é que quero dizer. Não sou nenhuma idosa, Denny. Não preciso que me segurem a mão. Isto é tudo perfeitamente desnecessário!

— Não me digas — retorquiu Denny.

E depois, como se essas palavras tivessem agourado a situação, nessa tarde ela teve uma das suas brancas.

Prometera regressar da aula de olaria por volta das quatro da tarde. Eles só começaram a ficar preocupados

depois das cinco. Red e Stem já estavam em casa nessa altura, e foi Red quem disse:

— Não acham que a vossa mãe já devia ter voltado? Eu sei que ela e a Ree se põem na conversa, mas mesmo assim!

— Tens o contacto da Ree? — perguntou-lhe Denny.

— Está na marcação automática. Talvez um de vocês lhe pudesse ligar. Ultimamente não tenho muito jeito para telefones.

Os três homens olharam para Nora.

— Eu ligo — disse ela.

Dirigiu-se para o telefone do jardim de inverno e Red foi atrás dela. Stem e Denny ficaram sentados na sala de estar.

— Estou? É a senhora Bascomb? — ouviram-na dizer. — Daqui fala Nora, a nora da senhora Whitshank. Ela por acaso ainda aí está consigo?

Seguiu-se uma pausa e depois ela disse:

— Estou a ver. Bem, muito obrigada!... Sim, estou certa de que sim. Adeusinho. — Ouviu-se o clique do auscultador a ser pousado no descanso.

— Regressaram a casa da senhora Bascomb há uma hora — explicou ela — e a mãe Whitshank veio logo para casa.

— Porra! Ai, peço desculpa — disse Red. — Eu fartei-me de lhe dizer: «A Ree que te deixe mesmo à porta de casa.» Ela sabe que não pode vir a pé sozinha. Bolas, aposto que foi a pé para lá também.

Stem e Denny entreolharam-se. A distância era praticamente um quarteirão e meio; nenhum deles fazia ideia de que Abby não o podia fazer sozinha.

— Se calhar parou em casa de uma amiga no caminho de volta — sugeriu Nora.

— Nora — retorquiu Red. — As pessoas deste bairro não *param* nas casas umas das outras.

— Pois, eu não sabia isso — disse Nora.

Regressaram à sala de estar e Denny levantou-se da cadeira.

— Ora bem — disse. — Stem, tu sobes a Bouton em direção à casa da Ree. Eu vou no sentido contrário, para o caso de ela ter passado pela casa sem a ver.

— Eu vou com vocês — disse Red.

— Certo.

Os três saíram. Nora saiu para o alpendre para os ver partir, com os braços cruzados sobre o peito.

Stem partiu na direção da casa de Ree Bascomb, no seu passo longo e meio aos saltinhos, enquanto Red e Denny viraram no sentido oposto. A passada de Red era mais difícil. Em tempos fora um homem sempre apressado; agora caminhava com dificuldade. Ainda nem tinham alcançado a terceira casa quando ouviram Stem a chamar:

— Encontrei-a! — Ou pelo menos Denny ouviu-o. Red continuou a andar. Denny puxou-lhe a manga.

— Ele encontrou-a — disse-lhe.

— Hum? — Red virou-se.

— O Stem encontrou-a.

Deram meia-volta e passaram pela casa. Avistaram Stem ao fundo do bairro, virado para a casa dos Lincoln, mas não viam Abby. Denny caminhou mais depressa, deixando Red ligeiramente para trás.

Abby encontrava-se sentada nos degraus de tijolo que conduziam à entrada dos Lincoln, com um objeto de cerâmica colorido pousado em cima do colo. Parecia bem, mas não estava a fazer qualquer tentativa para se levantar.

— Peço imensa desculpa! — disse ela a Denny e a Red quando estes se aproximaram. — Não tenho explicação para isto. Estava só aqui sentada; é a primeira coisa de que me lembro. Estava sentada nestes degraus e pensei. «Estou a vir ou a ir?» Sinceramente, não fazia ideia. Foi muito inquietante!

— Mas trazias a tua peça de olaria — realçou Stem.

— A minha quê?

Ela baixou o olhar para a peça — uma encantadora casinha feita de barro, pouco maior do que uma caixa de postais. O exterior estava pintado de amarelo-vivo e o telhado de vermelho. Um emaranhado de gavinhas verdes espalhava-se de um dos lados do telhado, dando a ideia de ramos de árvores carregados de folhas.

— A minha peça de olaria — disse ela, com espanto.

— Portanto, só podias estar a vir, certo? A regressar a casa depois da aula de olaria.

— Oh. Exato — respondeu Abby. Em seguida, segurou a casinha com as duas mãos e ergueu-a para eles. — O meu melhor trabalho até agora! — disse. — Estão a ver?

— Muito bem, querida — replicou Red.

E os três homens acenaram com a cabeça com demasiado entusiasmo, sorrindo excessivamente, como pais a admirarem a obra de arte que a criança acabava de trazer do infantário.

Por causa da maneira como a casa de Bouton Road tinha sido construída, era possível estar no átrio de cima e ouvir tudo o que se dizia no átrio do piso inferior. Os miúdos Whitshank (e às vezes Red também) costumavam fazer isso sempre que alguém tocava à campainha, permanecendo invisíveis lá em cima até terem a certeza de que não se tratava de um dos órfãos de Abby.

Porém, Merrick, claro, tinha crescido nessa casa, pelo que, quando os visitou na quinta-feira à noite, espreitou lá para cima assim que Abby lhe abriu a porta.

— Quem é que está aí? — perguntou ela. — Eu sei que estás aí em cima.

Após uma pausa, Denny apareceu no cimo das escadas.

— Olá, tia Merrick — cumprimentou-a.

— Denny? O que é que fazes em casa? Olá, Redcliffe — acrescentou ela, quando Red apareceu também, o cabelo dele ainda húmido do duche que tinha tomado depois de chegar do trabalho.

— Olá — respondeu-lhe ele.

Abby disse:

— Que bom ver-te, Merrick — dando-lhe um beijo na face depois de se desviar da embalagem de cartão que Merrick segurava nos braços.

— Abby — respondeu Merrick, num tom neutro. Depois: — Olá, minha coisa fofa! — *Heidi* tinha acabado de aparecer, arfando toda contente. Merrick sempre fora mais simpática com os cães do que com as pessoas. — Quem é esta coisinha boa? — perguntou a Abby.

— É a *Heidi*.

— Não me digas que a coitada da *Brenda* já morreu.

— Não... — retorquiu Abby.

— Muito prazer, menina *Heidi* — disse Merrick, transferindo o pacote que segurava para a outra anca, por forma a poder afagar o focinho comprido da cadela.

Sem contar com o pacote, Merrick era a elegância em pessoa — uma mulher de rosto fino e angular, com o cabelo excessivamente preto cortado muito curto, envergando calças brancas justas e uma túnica de aspeto asiático.

— Estamos prestes a partir num cruzeiro — disse ela a Abby — e depois disso sigo para a Florida, por isso trouxe-vos tudo o que tinha no frigorífico.

— Hum — respondeu Abby. Merrick estava sempre a impingir os restos à família. Detestava desperdiçar comida. — Bem, trá-los lá — disse-lhe Abby, conduzindo Merrick na direção da cozinha. Red e Denny, que tinham descido as escadas o mais devagar possível, seguiram-nas com alguma distância.

— Quanto tempo é que vais estar por cá? — perguntou Merrick a Denny.

— Vim dar uma ajuda — retorquiu ele.

Isso não respondia propriamente à pergunta, mas antes de ela ter tempo para insistir, Abby interrompeu-os dizendo:

— O que é que tens feito, Merrick? Não te vimos o verão inteiro!

— Sabes que detesto vir cá quando está calor — retorquiu Merrick. — É um bocado primitivo não ter ar condicionado nos tempos que correm. — Pousou o pacote em cima da mesa da cozinha, com força. — Olá, Norma — cumprimentou.

Nora mal desviou a atenção da panela que estava a mexer.

— Nora — respondeu ela, com frieza.

— Quer dizer que o Stem também cá está? — perguntou Merrick a Abby. — O Stem e o Denny, os dois ao mesmo tempo?

— Sim, não é tão bom? — disse Abby, num tom de voz que fazia lembrar uma chefe de claqué.

— A minha alma está parva.

— Ele está lá em cima, a tomar um duche. Deve descer não tarda nada.

— Porque é que está a tomar duche aqui em casa?

Abby esquivou-se a responder graças à súbita pergunta de Red:

— Como?

— Eu perguntei porquê aqui?

— Porquê aqui o quê?

— Francamente, Redcliffe. Vê se arranjas um aparelho de audição.

— Eu já tenho um aparelho de audição. Tenho dois, aliás.

— Então arranja uns que funcionem.

Os três miúdos surgiram no alpendre das traseiras, fazendo pressão contra a tela, que já começava a querer desprender-se de novo. Abriram a porta com toda a força e entraram de rompante, sem fôlego e com um ar muito ruborizado.

— Já está na hora do jantar? — perguntou Petey.

— Meninos, lembram-se da vossa tia-avó Merrick, não lembram? — disse Abby.

— Olá — disse Petey, pouco convencido.

— Como estás? — respondeu-lhe Merrick, estendendo-lhe a mão. Ele fitou-a por uns instantes e depois ergueu a sua própria mão para a cumprimentar com um «dá cá mais cinco», o que não correu muito bem. Acabou por lhe bater na parte de trás dos dedos. Os irmãos nem sequer tentaram imitá-lo.

— Estamos cheios de fome! — disse um deles. — Quando é que jantamos?

— Já está pronto — respondeu-lhes Nora. — Vão lavar as mãos para nos irmos sentar à mesa.

— O quê, *agora*? — perguntou Merrick. — E ninguém me oferece uma bebida?

Toda a gente olhou para Abby. Esta disse:

— Ah. Queres tomar alguma coisa?

— Não sei se tens vodca... — disse Merrick, num tom jovial.

Por uns instantes, parecia que Abby talvez fosse responder que não, mas depois o seu instinto de anfitriã deve ter-se sobreposto e ela disse:

— Claro que sim. — (Tinham-no por causa de Merrick.) Red e Denny pareceram ficar desapontados. — Podes tratar das bebidas, querido? — pediu Abby a Denny. — Enquanto nós passamos para a sala de estar.

Quando ela, Red e Merrick saíram da cozinha, ouviu-se Petey a dizer: «Mas nós estamos cheios de fome!», e Nora

murmurou algo em resposta.

— Ainda não me consegui sentar hoje — disse Merrick a Abby, enquanto atravessavam o corredor. — Preparar uma viagem é absolutamente extenuante.

— Para onde é que vão?

— Vamos num cruzeiro pelo Danúbio.

— Que agradável.

— Pois, mas o Trey está a ser um chato. Diz que preferia ir jogar golfe algures. Oh! *Brenda*! Estás aí! Meu Deus, ela parece morta, coitadinha. O que é que aconteceu ao relógio do nosso pai?

Abby desviou o olhar de *Brenda*, estendida sobre a pedra fria, para o relógio em cima da prateleira da lareira. Via-se uma racha no vidro.

— Houve um pequeno acidente com um taco de basebol — explicou ela. — Não te queres sentar?

— Os rapazes dão cabo das casas — disse Merrick, deixando-se cair numa poltrona. Estava a ser seguida por *Heidi*, que se encostou ao joelho dela na expectativa. — E porquê tantos? Conteí três, não foi?

— Oh, sim — retorquiu Abby. — São três, sim.

— O terceiro foi planeado? — indagou Merrick. — Oh. Stem. Olá. Tinhas planeado o terceiro filho?

— Nem por isso — respondeu ele, com alegria. Emanava um odor a sabonete *Dial* quando atravessou a sala para se ir sentar numa poltrona. — Como é que tem passado, tia Merrick?

— Estava aqui a dizer que ando exausta — respondeu-lhe ela. — Parece que todos os anos me custa mais preparar uma viagem.

— Porque não ficar em casa, então?

— O quê?! — retorquiu ela, horrorizada. Então sentou-se muito direita; Denny tinha aparecido com as bebidas. Numa mão trazia um copo a tinir com cubos de gelo e cheio

até acima de vodca, e na outra segurava um copo de vinho branco. Três latas de cerveja estavam perigosamente aninhadas debaixo do seu braço esquerdo.

— Aqui está — anunciou ele. Pousou o copo em cima da mesinha de apoio ao lado dela. Em seguida, atravessou a sala para dar o copo de vinho a Abby e depois estendeu uma lata de cerveja a Red e outra a Stem, indo sentar-se no sofá e abrindo a terceira lata. — À vossa — disse.

Merrick bebeu um grande trago da sua bebida e exalou um longo «Ahhhhhh». Depois perguntou a Denny:

— A Sarah também está cá?

— Qual Sarah?

— A Sarah, a tua filha.

— Susan, quer a tia dizer.

— Susan, Sarah... A *Susan* também está cá?

— Vem quando formos passar férias à praia.

— Oh, meu Deus, essas férias outra vez — respondeu-lhe Merrick. — Vocês e aquela praia só me fazem lembrar os lemingues! Ou os salmões a desovar ou algo assim. Nunca vos passa pela cabeça fazer férias noutro sítio qualquer?

— Nós *adoramos* a praia — replicou Abby.

— A sério? — retorquiu Merrick, passando langorosamente as unhas compridas e roxas na cabeça de *Heidi*. — Às vezes interrogo-me como é que os nossos antepassados tomaram a iniciativa de virem para a América — disse ela a Red.

— Como?

— América! — gritou ela.

Red parecia confuso.

— A mãe e o pai nunca viajaram, se bem te lembras — disse-lhe ela.

— Deixa lá que, em compensação, tu não paras quieta — respondeu Red. — E pareces precisar de mais do que uma casa também.

— O que é que queres que te diga? Detesto o inverno.

— Para mim — disse Red —, ir passar o inverno à Florida é o mesmo que... fugir com o rabo à seringa. Não ter capacidade para aguentar quando as coisas se complicam.

— Estás então a dizer que os verões em Baltimore são fáceis, é? — perguntou-lhe Merrick. Então, como se quisesse ilustrar o que estava a dizer, exclamou: — Bolas! — e parou de fazer festas a *Heidi* para se abanar com a mão. — É possível aumentar um pouco a velocidade da ventoinha?

Stem levantou-se e puxou o cordel da ventoinha.

— Eu percebo que queira ter duas casas — disse Denny. — Ou até mesmo mais do que duas. Percebo perfeitamente. Aposto que às vezes, quando acorda de manhã, por uns instantes não tem a certeza de onde está, pois não? Fica completamente desorientada.

— Pois... talvez — retorquiu Merrick.

— Antes de abrir os olhos pensa: «Porque é que me parece que a luz vem do lado esquerdo? Pensava que a janela era do lado direito. Mas que casa é esta, afinal?» Ou então levanta-se da cama durante a noite, para ir fazer chichi, e vai contra a parede. «Eh lá!», diz. «Para onde é que foi a casa de banho?»

Merrick respondeu:

— Bem...

Abby exibia uma expressão preocupada. Pelos vistos, Denny estava a ter um dos seus raros momentos de desabafo.

— Adoro essa sensação — disse ele. — Não sabermos onde é que estamos no mundo; não estarmos fixos; não estarmos presos ao mesmo sítio de sempre.

— Pois, talvez — retorquiu Merrick.

— Acha que é por isso que as pessoas viajam? — perguntou-lhe ele. — Aposto que sim. É por isso que a *tia*

viaja?

— Oh, bem, é mais porque quero estar o mais longe possível da mãe do Trey — respondeu-lhe Merrick. Rodou o gelo dentro do copo. — O raio da velha acabou de fazer noventa e nove anos — disse ela a Red. — Dá para acreditar numa coisa destas? Rainha Eula, a *Imortal*. Juro que ela se mantém viva só para me irritar. O problema não é ela ser uma chata de primeira; o problema é que ela transformou o Trey num chato de primeira. Estragou-o com mimos, foi o que foi. Deu-lhe tudo o que ele sempre quis: o Príncipe de Roland Park.

Red levou a mão à testa e disse:

— Que estranho! Será *déjà-vu*? Porque será que tenho a sensação de que já ouvi isto antes?

— E quanto mais velho pior — continuou ela, ignorando-o por completo. — Em novo já era hipocondríaco, mas agora então! Olhem que o dia em que a Internet permitiu que as pessoas pudessem pesquisar os seus próprios sintomas foi um dia negro.

Ela podia ter continuado (era seu costume fazê-lo), mas nesse instante Petey entrou na sala.

— Avó — perguntou ele —, podemos comer o resto do caramelo?

— O quê, antes do jantar? — disse Abby.

— Nós já estamos a jantar.

— Então sim. E leva a *Heidi* contigo, está bem? Está outra vez a espirrar.

Era verdade que *Heidi* tinha começado a espirrar — um forte ataque de espirros, leves mas que salpicavam tudo à sua volta.

— Santinha! — disse-lhe Merrick. — O que é que se passa, fofinha? Estás a ficar doentinha?

— Ela passa o dia nisto — disse Abby. — Pode parecer que os espirros não incomodam ninguém, mas incomodam.

Petey disse:

— A mãe acha que é por ela ser alérgica aos tapetes da avó.

— Pois, então é melhor não a trazerem quando vierem de visita, coitadinha — respondeu Merrick.

— Ela tem de vir. Ela mora aqui.

— A *Heidi* mora aqui?

— Sim, connosco.

— *Vocês* moram aqui?

— Sim, e o Sammy também é alérgico. Passa a noite toda a respirar com muita força.

Merrick olhou para Abby.

— Leva a *Heidi* para a cozinha, Petey — ordenou-lhe Abby. — É verdade — disse ela a Merrick —, mudaram-se para cá para nos darem uma ajuda; não foi simpático da parte deles?

— Para ajudar em quê?

— Bem, porque... tu sabes. Estamos a ficar velhos!

— Eu também estou a ficar velha, mas nem por isso transformei a minha casa numa comuna.

— Cada um sabe de si! — respondeu-lhe Abby, numa voz cantarolada.

— Espera aí — disse Merrick. — Passa-se alguma coisa que vocês não me estão a contar? Algum de vocês foi diagnosticado com uma doença terminal?

— Não, mas depois do ataque cardíaco do Red...

— O Red teve um ataque cardíaco?

— Tu já sabias. Mandaste-lhe um cabaz de fruta para o hospital.

— Ah — retorquiu Merrick. — Pois, se calhar já sabia, sim.

— E eu também não tenho andado lá grande coisa.

— Isto é ridículo — disse Merrick. — Duas pessoas começam a ficar meio desequilibradas e a família em peso

muda-se para casa delas? Nunca ouvi tal coisa.

Denny aclarou a garganta.

— Para dizer a verdade — disse ele —, o Stem não está aqui de modo definitivo.

— Graças a Deus.

— Eu é que estou.

Merrick olhou para ele, à espera de que continuasse a falar. Os outros baixaram o olhar para os respetivos colos.

— Quem vai ficar cá sou eu — disse Denny.

Stem respondeu:

— Quer dizer, não...

— Oh, por amor de Deus, mas porque é que tem de estar cá alguém? — perguntou Merrick. — Se os vossos pais estão realmente assim tão decrepitos, e devo dizer que me custa a acreditar nisso porque, ao fim e ao cabo, ainda só têm setenta e poucos anos, então deviam ir para um lar. É o que as outras pessoas fazem.

— Nós somos demasiado independentes para morarmos numa residência para idosos — disse-lhe Red.

— Independentes? Que disparate. Egoístas, queres tu dizer. São pessoas teimosas como tu que acabam por ser os maiores fardos para os filhos.

Stem pôs-se de pé.

— Bem — disse ele —, acho que a Nora deve estar preocupada que o jantar arrefeça — e ficou parado no meio da sala, à espera.

Todos olharam para ele, surpresos. Por fim, Merrick respondeu:

— Ah, já percebi. Estão a tentar despachar aqui a chata; diz demasiadas verdades, não é? — Porém, levantou-se ao mesmo tempo que falava e acabou a sua bebida caminhando na direção do átrio. — Eu sei, eu sei — disse ela. — Sei bem como é.

Os outros levantaram-se para a seguir.

— Toma — disse ela à porta, estendendo o copo vazio a Abby. — E, já agora — disse ela para Denny —, está na hora de teres vida própria. Só estás a adiar as coisas, sempre a correr para casa à mínima desculpa.

Foi-se embora, atravessando o alpendre com passos rápidos e enérgicos, como alguém triunfantemente convencido de que tinha posto toda a gente na ordem.

— Do que é que ela estava a falar? — perguntou Denny, passados uns minutos.

Abby disse:

— Oh, sabes como ela é.

— Não suporto aquela mulher.

Por norma, Abby teria manifestado alguma impaciência, mas dessa vez limitou-se a dar um suspiro e dirigiu-se para a cozinha.

Os homens foram para a sala de jantar e sentaram-se à mesa sem dizerem uma palavra, embora Red tivesse dito, ao sentar-se pesadamente na cadeira:

— Isto só comigo...

Ficaram à espera numa espécie de silêncio esgotado. Da cozinha chegava-lhes o som das vozes dos rapazes e do bater de utensílios. Então Nora transpôs as portas oscilantes com uma panela nas mãos. Abby vinha imediatamente atrás dela, com uma salada.

— Deviam ter visto os restos da Merrick — disse ela aos homens. — Uma quantidade ínfima de molho para massa no fundo de um frasco. Um triângulo de queijo *brie* completamente oco por dentro. E... o que era mais, Nora? — perguntou ela.

— Uma costeleta de cabrito, uma embalagem de arroz chinês de *takeaway* e um único picle dentro de um frasco de salmoura cheio de espuma.

— Devíamos pô-la em contacto com o Hugh — disse Denny.

— Com o Hugh? — perguntou-lhe Abby.

— O Hugh da Amanda. Sem Passar pela Casa de Partida. Ela podia ligar-lhe antes de cada viagem.

— Ah, tens razão — retorquiu Abby. — Foram feitos um para o outro!

— Ele dizia-lhe que conhece uma sopa dos pobres que está *ansiosa* para ficar com os restos dela e depois passava lá em casa para os ir buscar e ia deitá-los ao lixo.

Isso fez rir toda a gente — até Nora se riu um pouco. Red disse:

— Oh, então? Vocês são terríveis — mas estava a rir-se também.

— O que é que foi? — perguntou Tommy. Tinha aberto a porta da cozinha. — Onde é que está a graça?

Nenhum deles queria responder; limitaram-se a sorrir e a abanar a cabeça. Aos olhos de uma criança, deviam parecer um clube feliz e acolhedor a que somente os adultos podiam pertencer.

Foram necessários cinco carros para os levar a todos para a praia. Podiam ter ido em menos carros, mas Red insistira, como de costume, em conduzir a sua *pickup*. Como é que conseguiriam levar tudo o que precisavam, perguntava sempre ele: os barcos insufláveis e as pranchas, os brinquedos de praia e os papagaios, as raquetas e a tenda enorme com a estrutura de metal desmontável? (Antigamente, antes da existência dos computadores, ele costumava incluir a *Encyclopaedia Britannica* inteira.) Como tal, ele e Abby fizeram a viagem de três horas na *pickup* e Denny levou o carro de Abby com Susan no lugar do passageiro e os cestos com comida no banco de trás. Stem, Nora e os três filhos foram no carro de Nora, e Jeannie e o Hugh da Jeannie partiram diretamente da casa deles com os dois filhos, embora não com a mãe de Hugh,

que passava sempre a semana da praia a visitar a irmã de Hugh na Califórnia.

Amanda, o Hugh da Amanda e Elise partiram noutro dia (no sábado de manhã, em vez de na sexta-feira à tarde, uma vez que Amanda tinha sempre alguma dificuldade em sair cedo do gabinete de advocacia), além de que ficaram numa casa diferente, pois o Hugh da Amanda detestava aquilo a que chamava de «balbúrdia».

Nenhuma das cadelas os acompanhou. Ficaram hospedados no Penpals.

A casa que os Whitshank alugavam todos os verões situava-se mesmo na praia (uma extensão da costa de Delaware com relativamente pouca gente), mas não era propriamente luxuosa. As paredes eram feitas de ripas de madeira, pintadas num tom verde-ervilha deprimente; as tábuas do soalho tinham tantas farpas que ninguém se atrevia a andar descalço; a cozinha era dos anos 40. Mas era suficientemente grande para todos e muito mais acolhedora do que as novas e resplandecentes mansões com enormes janelas palladianas que tinham surgido a todo o comprimento da praia. Além do mais, Red gostava de se entreter com pequenos arranjos aqui e ali. (Não era amante do verão por natureza.) Abby e Nora ainda não tinham acabado de desembalar a comida e já ele andava todo satisfeito a catalogar meia dúzia de pequenas emergências domésticas.

— Olhem bem para esta tomada! — exclamou ele. — Está praticamente presa por um fio! — E lá foi ele buscar as ferramentas à *pickup*, com o Hugh da Jeannie atrás.

— As pessoas da casa ao lado já chegaram — disse Jeannie, transpondo a porta de rede da entrada.

A casa do lado era praticamente a única casa tão modesta como a deles e as pessoas a que Jeannie se referia alugavam-na há pelo menos tanto tempo como os

Whitshank alugavam a deles. Curiosamente, porém, as duas famílias nunca conviviam entre si. Sorriam uns para os outros quando se cruzavam na praia, mas nunca conversavam. E apesar de Abby ter ponderado, por uma ou duas vezes, convidá-los para tomarem uma bebida em sua casa, Red dissuadira-a sempre. «Deixa as coisas como estão», dissera-lhe ele: menos hipóteses haveria de intrusões não desejadas no futuro. Até Amanda e Jeannie, sempre à procura de amigos para brincarem nos primeiros anos, se tinham sempre coibido de os abordar, pois as filhas do casal da casa ao lado traziam sempre os amigos delas durante as férias, e, além disso, eram ligeiramente mais velhas.

Como tal, durante todos esses anos (trinta e seis), os Whitshank tinham observado, à distância, o casal magro da casa ao lado ficar mais largo de cintura e ganhar cabelos grisalhos, e as filhas a passarem de crianças a jovens mulheres. Certo verão, no final dos anos 90, quando as filhas ainda eram adolescentes, aperceberam-se de que o pai de família nunca ia à água, em vez disso passava a semana inteira deitado numa espreguiçadeira e coberto por uma manta no terraço deles, e no verão seguinte já não aparecera. Nesse ano, o grupo da casa ao lado tinha estado muito triste e reservado, quando antes parecera divertir-se sempre; mas continuaram a vir, todos os anos, a mãe a dar os seus passeios matinais ao longo da praia, agora sozinha, e as filhas na companhia dos namorados, que aos poucos se foram metamorfoseando em maridos, e depois apareceu um menino e mais tarde uma menina.

— O neto trouxe um amigo este ano — informou-os Jeannie. — Oh, até me dá vontade de chorar.

— Chorar! Mas porquê? — perguntou-lhe Hugh.

— Por causa da... circularidade, penso eu. Da primeira vez que vimos as pessoas da casa ao lado, as filhas é que

traziam amigos, e agora é o neto, pelo que começa tudo de novo.

— Pensas demasiado nessa gente — disse-lhe Hugh.

— Bem, de certa forma, é como se eles fossem *nós* — respondeu-lhe Jeannie.

Mas dava para ver que Hugh não percebia isso.

Na sexta-feira em que os Whitshank chegaram, somente os homens e as crianças foram tomar banho ao mar. As mulheres estavam ocupadas a desfazer as malas, a fazer camas e a organizar o jantar. Mas no sábado, quando Amanda e a família dela chegaram, entraram todos na habitual rotina de passar a manhã inteira na praia, almoçar em casa ainda vestidos com os fatos de banho cheios de areia e depois passar o resto da tarde novamente na praia. A tenda de lona abrigava os adultos Whitshank de tez clara, enquanto os respetivos cônjuges se sentavam descaradamente ao sol. Os três rapazes de Stem brincavam nas ondas, desafiando-as a derrubá-los mas fugindo no último instante, com risadas estridentes, enquanto Stem permanecia de vigia à beira da água, com os braços cruzados. A Elise de Amanda, esbelta e pálida com um fato de banho estilo *tutu*, mantinha-se seca num canto da manta debaixo da tenda, mas Susan e Deb passavam a maior parte do tempo a mergulhar nas ondas. Susan tinha catorze anos nesse verão — era da idade de Elise, mas parecia identificar-se mais com Deb, de treze anos. Tanto ela como Deb ainda eram crianças, apesar de Deb ser uma magricelas e Susan ter uma estrutura muito mais robusta, sem cintura e quase sem peito, mas com um ar quase voluptuoso nos lábios cheios e nos enormes olhos castanhos. As duas partilharam um quarto nesse verão. Elise costumava dormir com elas, em vez de na casa dos pais, mas tinha deixado de o fazer. (Tinha-se tornado uma convencida, alegavam Deb e Susan.) Alexander também

andava praticamente sozinho — era demasiado novo para as raparigas e demasiado parado para os filhos de Stem. Passava a maior parte do tempo sentado à borda da água, deixando a espuma das ondas galgarem e envolverem-lhe as pernas brancas e macias, exceto quando o pai o desafiava para um jogo de raquetas ou um passeio de barco insuflável.

No resto da praia, adolescentes construía castelos de areia gigantes, mães mergulhavam os pés descalços dos seus bebés na espuma das ondas e pais jogavam ao disco voador com os filhos. Gaivotas grasnavam lá no alto e uma pequena avioneta percorria a costa de um lado para o outro, arrastando atrás de si a faixa publicitária de um *buffet* de caranguejo.

Amanda e o Hugh da Amanda não pareciam estar a dar-se bem. Ou então Amanda não estava a dar-se bem; Hugh parecia alegremente abstraído. Sempre que ele lhe dirigia a palavra, ela dava-lhe respostas curtas e, quando ele a convidou para ir dar um passeio na praia, respondeu-lhe:

— Não, obrigada — revirando os cantos da boca para baixo quando o viu partir sozinho.

Abby, sentada ao lado de Amanda mas fora da tenda, ao sol, disse:

— Oh, coitado do Hugh! Não achas que é melhor ires com ele? — (Estava constantemente a monitorizar os casamentos das filhas.) Todavia, Amanda não lhe respondeu, pelo que Abby desistiu e continuou a ler. Uma pilha de revistas sem qualidade tinha sido descoberta debaixo do televisor, sem dúvida deixada pelo ocupante anterior, e já tinha passado pelas mãos das suas netas, depois pelas das filhas e agora estavam com ela, que folheava uma ao mesmo tempo que manifestava o seu desagrado pelos disparates que continha. — Tanto alarido por causa de fulana tal poder estar grávida ou não — disse

ela às filhas —, quando nem sequer sei quem é a fulana tal! Nunca ouvi falar nela. — Vestida com o seu fato de banho com saia cor-de-rosa, os ombros roliços a cintilarem com protetor solar e as pernas ligeiramente salpicadas de areia, ela fazia lembrar um *cupcake*. Ainda não se tinha aventurado a entrar na água e Red também não. Aliás, Red tinha calçado os sapatos de trabalho e as meias escuras. Pelos vistos era o ano em que os dois estavam a declarar-se oficialmente velhos.

— Lembro-me de que quando o conheci o achei um parvo — disse Amanda a Denny. Devia estar a referir-se a Hugh. — Eu morava num apartamento na Chase Street que tinha uma conduta de recolha de lixo ao fundo do corredor e estava sempre a encontrar sacos do lixo pousados no chão ao lado da conduta, em vez de serem enfiados no dispositivo. E no interior dos sacos viam-se garrafas de cerveja e latas de chili, coisas que deviam ser postas no caixote de reciclagem. Aquilo deixava-me em brasa! Um dia afixei um papel num dos sacos: «Quem faz isto é um porco.»

— Oh, Amanda! Francamente — respondeu Abby, mas Amanda não pareceu ouvi-la.

— Não faço ideia de como é que ele soube que tinha sido eu — disse ela a Denny —, mas deve ter percebido. Bateu-me à porta, com o papel na mão. «Foste tu que escreveste isto?», perguntou-me e eu respondi: «Podes ter a certeza de que sim.» Depois ele começou a espalhar charme, etc. Disse que pedia imensa desculpa, que não voltaria a acontecer, que desconhecia as regras de reciclagem e que não tinha enfiado o saco na conduta porque não cabia, blá-blá-blá; como se isso fosse desculpa. Tenho de admitir que me conquistou. Mas sabes o que é que te digo? Devia ter prestado mais atenção. Estava tudo ali, muito explícito

desde o início: este é um homem que pensa que o mundo gira à volta dele. Mais claro era impossível.

— E agora, já faz reciclagem? — perguntou-lhe Denny.

— Não estás a perceber — retorquiu Amanda. — Estou a falar da natureza dele, da sua essência. Só lhe interessa o que lhe convém. Acabou de combinar a venda do restaurante a alguém em troca de uma ninharia, uns meros trocos, só porque já está saturado e quer fazer algo diferente. Achas normal?

— Pensava que aprovavas o negócio novo — respondeu-lhe Denny. — Pareceu-me ouvir-te dizer que era uma ideia brilhante.

— Oh, estava só a tentar apoiá-lo. Além do mais, não é o negócio novo que me incomoda; é a maneira como ele descarta o velho. Nem sequer me consultou! Aceitou a primeira oferta que lhe apareceu à frente, porque quer fazer o que lhe apetece e quando lhe apetece.

Abby tocou no braço de Amanda. Lançou um olhar significativo para Elise, mas Amanda disse:

— O que é que foi? — e voltou-se novamente para Denny. Elise pôs-se de pé, num movimento demorado e elegante, e começou a andar em direção à água, como se o que os adultos estavam a dizer não tivesse nada que ver com ela.

— Não sabia que vocês se tinham conhecido dessa maneira — disse Abby. — Faz lembrar os filmes! Um filme com o Rock Hudson e a Doris Day em que começam por se odiar um ao outro. Pensava que se tinham conhecido no elevador ou algo assim.

— O homem é impossível — continuou Amanda, como se Abby não tivesse dito nada.

— Mas é normal que tenha agarrado logo a oportunidade para vender — respondeu Denny. — Não deve ser nada fácil livrar-se de um sítio que só serve peru.

— Não é obrigatório. Pode servir outras coisas, se quiser. E tem imensos equipamentos, fornos e assim, que valem muito dinheiro.

— Oh — exclamou Abby —, coitado do Hugh. Os homens não lidam bem com o fracasso.

— Por favor, mãe. Já chega de «coitado do Hugh».

— Queres ir dar um passeio, Ab? — perguntou Red de repente. Não era perceptível se ele tinha estado a ouvir a conversa. Talvez lhe apetecesse realmente dar um passeio. De qualquer modo, levantou-se do lugar e aproximou-se de Abby para a ajudar a pôr-se de pé. Ela ainda estava a abanar a cabeça quando os dois começaram a descer a praia.

— Agora vão conversar sobre o quão má esposa eu sou — disse Amanda, vendo-os partir.

— O pai anda tão devagarinho nos últimos tempos — disse Jeannie. — Olhem bem para ele. Parece muito rígido.

— Como é que consegue continuar a trabalhar? — perguntou-lhe Denny.

— No trabalho não se nota tanto. Também não é como se ele fizesse coisas que exijam grande esforço físico.

Viram os pais cruzarem-se com Nora, que regressava de um passeio sozinha. Ela trocou umas palavras com eles e depois continuou a andar na direção de Stem e dos filhos, deslizando etereamente pelo meio de um grupo de rapazes adolescentes que jogavam à bola junto à água. A sua saia preta com atilhos esvoaçou e abriu-se, revelando o seu modesto fato de banho completo, e o cabelo escuro levantou-se-lhe dos ombros com a brisa. Os adolescentes pararam o jogo para a seguirem com o olhar, um deles enfiando a bola de futebol debaixo do braço.

— A *femme fatale* inconsciente — murmurou Denny e Amanda deu uma pequena risada.

— A Elise estará a divertir-se? — perguntou Jeannie a Amanda. — Não parece estar muito participativa este ano.

— Não faço ideia — retorquiu Amanda. — Sou só a mãe dela.

— O *ballet* deve tomar-lhe imenso tempo.

Amanda não respondeu. Os três ficaram em silêncio por uns instantes, com os olhos postos numa criança vestida com um fato de banho descartável que corria atrás de um bando de gaivotas. Estas corriam à frente dele com passos majestosos, acelerando gradualmente apesar de estarem a fingir não o ver.

— E a Susan? — perguntou Jeannie a Denny. — Está a divertir-se?

— Imenso — respondeu ele. — Ela gosta muito de vir para cá. São os únicos primos que tem.

— Oh, a Carla não tem irmãos?

— Só um irmão solteiro.

Jeannie e Amanda entreolharam-se com as sobrancelhas arqueadas.

— Como é que está a Carla? — perguntou Amanda, pouco depois.

— Tanto quanto sei, está bem.

— Costumas estar com ela?

— Não.

— E com outras pessoas?

— Se costumo estar com outras pessoas?

— Tu percebeste. Mulheres.

— Nem por isso — respondeu Denny. Então, quando parecia que a conversa estava terminada, acrescentou: — Não sou propriamente um belo partido.

— Porquê? — indagou Jeannie.

— Bem, porque dou ideia de ser um mandrião. Quer dizer, não é como se tivesse andado a construir uma carreira impressionante ao longo de todos estes anos.

— Oh, que disparate. Muitas mulheres ficariam caidinhas por ti.

— Não — retorquiu Denny —, se pensarem bem, as coisas não mudaram muito desde o tempo em que os nossos pais andavam a tentar casar as filhas com tipos com títulos e propriedades. As mulheres continuam a querer saber qual é a tua profissão assim que te conhecem. É a primeira pergunta que lhes sai da boca.

— E depois? Tu és professor! Ou professor substituto, pelo menos.

— Certo — respondeu Denny.

Uma menina passou por eles a correr em direção à água — a neta do casal da casa ao lado. Num gesto reflexo, Denny e as irmãs voltaram-se para ver as pessoas da casa ao lado emergirem da habitação em direção à praia, transportando toalhas, cadeiras desdobráveis e uma arca feita de esferovite. Pararam num local a cerca de seis metros dos Whitshank. Os adultos desdobraram as cadeiras e pousaram-nas em fila viradas para o oceano, enquanto o neto e o amigo desciam até onde a menina se encontrava a brincar na rebentação.

— Chegámos a descobrir se eles vêm passar apenas uma semana? — perguntou Amanda. — Se calhar passam cá o verão inteiro.

— Não — replicou Jeannie —, uma vez vimo-los chegar, lembras-te? Com as malas e o material de praia.

— Se calhar ficam mais tempo, depois de nos termos ido embora.

— Talvez. É possível. Mas gosto de pensar que se vão embora na mesma altura que nós. Que dizem a mesma coisa que nós dizemos sempre: para o ano não seria melhor virmos passar *duas* semanas? Mas no final das férias dizem: «Oh, uma semana é mais do que suficiente.» Por isso vêm passar uma semana ano após ano, e daqui a

cinquenta anos vamos dizer — Jeannie imitou a voz queixosa de uma senhora de idade —: «Oh, vejam só, são as pessoas da casa ao lado; agora o neto já tem um neto também!»

— Hoje trouxeram o almoço — disse Denny. — Podíamos ver o que há na ementa.

Jeannie disse:

— E se fôssemos lá agora e nos apresentássemos?

— Seria uma desilusão — retorquiu Amanda.

— Porquê?

— Descobriríamos que têm um nome corriqueiro, como Smith ou Brown. Que trabalham em publicidade, por exemplo, ou são vendedores de material informático ou fazem consultoria. Seja o que for, será uma desilusão. Eles diriam: «Oh, é um prazer conhecer-vos; sempre nos interrogámos sobre vocês», e depois teríamos de lhes revelar os nossos nomes corriqueiros e as nossas profissões corriqueiras.

— Achas mesmo que se interrogam sobre nós?

— É claro que sim.

— Achas que simpatizam connosco?

— Não têm como não simpatizar — retorquiu Amanda.

Ela falava num tom de brincadeira, mas não estava a sorrir. Observava abertamente as pessoas da casa ao lado com uma expressão séria e inquisidora, como se afinal de contas não tivesse tanta certeza quanto isso. Achariam os Whitshank bem-parecidos? Intrigantes? Admirariam a quantidade de elementos da família deles e a proximidade entre os mesmos? Ou ter-se-iam apercebido de uma falha algures — uma troca de palavras mais severa, um silêncio nervoso ou um sinal de tensão? Oh, qual seria a *opinião* deles? Que juízos poderiam revelar, se os Whitshank os abordassem nesse preciso instante e lhes perguntassem?

Era costume os homens tratarem da louça todas as noites quando estavam de férias. Mandavam as mulheres embora («Vão-se embora! Fora daqui! Sim, nós sabemos: pôr os restos no frigorífico») e depois Denny enchia o lavatório com água quente e Stem ia buscar o pano da louça. Entretanto, o Hugh da Jeannie, um tipo metódico e consciencioso, reorganizava a cozinha inteira e esfregava todas as superfícies. Red talvez levasse uns pratos da sala de jantar para a cozinha, mas pouco depois, perante a insistência dos restantes homens, sentava-se à mesa da cozinha com uma cerveja e ficava a vê-los trabalhar.

O Hugh da Amanda não estava presente nessas alturas. A pequena família dela fazia as refeições quase sempre na cidade.

Na última noite, uma quinta-feira, a limpeza foi mais exaustiva. Todos os restos tinham de ser deitados fora e as prateleiras do frigorífico tinham de ser esvaziadas e limpas. O Hugh da Jeannie estava no seu elemento.

— Deita isso para o lixo! Sim, isso também — disse ele quando Stem lhe mostrou uma embalagem quase cheia de *coleslaw*. — Não vale a pena levarmos isso de volta para Baltimore. — Os três olharam de relance para Red, que partilhava o horror da irmã por comida desperdiçada, mas ele estava a folhear uma das revistas da treta e nem sequer se apercebeu.

— Qual é o plano para amanhã? — indagou Denny. — Partimos de madrugada?

Hugh respondeu-lhe:

— Bem, eu pelo menos tenho de partir cedo, sim. Tenho meia dúzia de chamadas no telemóvel. — Referia-se a chamadas da faculdade. — Há muito trabalhinho que fazer nos dormitórios.

— Ou seja — disse Denny a Stem —, vem aí o outono.

— Não tarda nada — retorquiu Stem. Em seguida, pousou um prato não totalmente limpo dentro do lava-louça.

— Não deixes passar muito tempo para voltarem para casa — disse-lhe Denny —, caso contrário os miúdos serão obrigados a mudar de escola.

Stem estava a secar outro prato. Parou por uns segundos, mas depois continuou a secá-lo.

— Eles já mudaram — respondeu. — A Nora matriculou os dois mais velhos a semana passada.

— Mas faz mais sentido vocês voltarem para casa agora que eu vou ficar cá.

Stem pousou o prato em cima da pilha de pratos secos.

— Tu não vais ficar cá — disse.

— Como?

— Não tarda nada vais-te embora.

— O que é que estás para aí a dizer?

Denny tinha-se virado para o encarar, mas Stem continuava a limpar os pratos. Disse:

— Vais acabar por arranjar uma discussão com um de nós ou por ficar ofendido com qualquer coisa. Ou vais receber um daqueles telefonemas de um conhecido misterioso qualquer, com uma emergência misteriosa, e vais desaparecer outra vez.

— Que disparate — disse-lhe Denny.

O Hugh da Jeannie disse:

— Então, malta...

Red ergueu o olhar da revista, marcando a página com o dedo.

— Só dizes isso porque querias que eu não ficasse — disse Denny a Stem. — Tenho a plena noção de que me queres fora do caminho. Não é surpresa nenhuma.

— Não te quero fora do caminho — retorquiu Stem. Agora estavam de frente um para o outro, com um ar sério.

Stem segurava um prato numa mão e o pano da louça na outra, e falava num tom mais alto do que o necessário. — Meu Deus! O que é que preciso de fazer para te convencer de que não tenho nada contra ti? Não quero nada que seja teu. Nunca quis! Só estou a tentar ajudar a mãe e o pai!

Red disse:

— O quê? Esperem lá...

— Olha que simpático — respondeu Denny a Stem. — É o exemplo do altruísmo. Mais santo que um santo.

Stem ainda começou a responder-lhe; inalou e abriu a boca. Mas depois emitiu um som exasperado que soou a «Ahhh!» e, parecendo nem sequer estar a pensar no que estava a fazer, avançou na direção de Denny e deu-lhe um violento empurrão.

Não foi propriamente uma investida. Foi mais um gesto de frustração cega. Mas Denny foi apanhado desprevenido. Cambaleou para o lado, deixando cair o prato que segurava e fazendo-o estilhaçar-se no chão, e depois tentou apoiar-se, mas ainda assim acabou por cair, a cabeça tocando no rebordo da mesa antes de cair na posição sentada.

— Oh — exclamou Stem. — Bolas.

Red pôs-se de pé, boquiaberto, com a revista pendurada numa mão. Hugh estava parado diante do frigorífico a dizer:

— Então, malta — e a torcer o pano da louça num gesto inútil.

Denny começou a tentar levantar-se. Estava a sangrar da têmpora esquerda. Stem inclinou-se para lhe estender a mão, mas, em vez de a aceitar, Denny atirou-se a ele da sua posição semierguida, dando-lhe uma cabeçada no esterno. Stem perdeu o equilíbrio e caiu para trás, embatendo contra o armário. Tornou a levantar-se, mas parecia meio grogue e levou a mão à parte de trás da cabeça.

De repente, a cozinha estava cheia de mulheres agitadas e de crianças de olhos esbugalhados. Parecia uma autêntica multidão de gente, muitos mais do que era possível contabilizar. Abby disse:

— Mas o que é isto?! O que é que aconteceu?! — e Nora estava debruçada sobre Stem, tentando ajudá-lo a pôr-se de pé.

— Ele que se mantenha sentado — disse-lhe Jeannie. — Stem? Sentes-te tonto? — Stem continuava a segurar a cabeça, com uma expressão vaga no rosto. A toda a volta dele havia estilhaços do prato.

Denny levantou-se, apoiado no lavatório. Parecia, acima de tudo, desorientado.

— Não sei o que é que lhe deu! — disse. — Passou dos oito aos oitenta! — Sangue escorria-lhe pela face, escurecendo o verde-azeitona da sua *T-shirt*.

— Olha bem para ti — disse-lhe Jeannie. — Temos de te levar às Urgências. Aos dois.

— Não preciso de ir às Urgências — respondeu Denny, ao mesmo tempo que Stem dizia:

— Eu estou bem. Deixem-me levantar.

— Precisam de ir os dois — disse Abby. — O Denny precisa de levar pontos e o Stem pode ter um traumatismo.

— Estou *bem* — retorquiram Stem e Denny em uníssono.

— Pelo menos deixa-me sentar-te no sofá — disse Nora a Stem. Não parecia nada perturbada. Ajudou-o a pôr-se de pé, dessa vez sem a objeção de Jeannie, e conduziu-o para fora da divisão. As crianças seguiram-nos em silêncio, à exceção de Susan, que se encontrava parada ao lado de Denny, a afagar-lhe o pulso. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

— Porque é que estás a chorar? — perguntou-lhe Denny. — Isto não é nada. Nem sequer me dói. — Ela acenou com

a cabeça e engoliu em seco, as lágrimas ainda a caírem-lhe. Abby pôs um braço à volta dos ombros dela e disse:

— Ele está bem, meu amor. Os ferimentos na cabeça deitam sempre muito sangue.

— Saiam daqui — pediu Jeannie. — Saiam todos da cozinha para eu poder avaliar os estragos. Vai buscar a caixa de primeiros socorros, Hugh. Está na casa de banho cá de baixo. Susan, preciso de papel de cozinha.

Red tinha voltado a sentar-se na cadeira, mas Abby tocou-lhe no ombro e disse:

— Vamos para a sala.

— Não percebo o que é que aconteceu — disse-lhe ele.

— Nem eu, mas vamos deixar a Jeannie tratar do assunto.

Ajudou-o a levantar-se e caminharam ambos em direção à porta. Só ficou Susan. Esta estendeu um rolo de papel de cozinha a Jeannie.

— Obrigada — agradeceu ela. Arrancou várias folhas e molhou-as debaixo da torneira. — Primeiro vamos limpar a ferida, para ver se precisa de pontos — informou Denny. — Senta-te.

— Não preciso de levar pontos — respondeu ele. Sentou-se numa cadeira. Ela inclinou-se sobre ele e encostou o papel molhado à sua têmpora. Susan, entretanto, sentou-se na cadeira ao lado dele, pegando-lhe numa das mãos.

— Hum — disse Jeannie. Espreitou o golpe de Denny. Dobrou as folhas de papel e tornou a limpar-lhe a ferida.

— Ai — queixou-se ele.

— Hugh? Onde está a caixa de primeiros socorros?

— Está aqui — respondeu o Hugh da Jeannie, entrando na cozinha. Estendeu-lhe o que parecia ser uma caixa de metal de pescador.

Jeannie disse:

— Vai dizer aos outros para não deixarem o Stem adormecer, está bem? Deixa isso — ordenou, pois Hugh estava a baixar-se para apanhar os pedaços de louça partida. — Temos de nos certificar de que ele não entra em coma. — Ela fora sempre o tipo de pessoa que se tornava autoritária numa situação crítica. O seu longo rabo de cavalo preto quase estalava no ar quando ela o sacudia de um lado para o outro.

Hugh foi-se embora. Assim que ele saiu, Denny disse:

— Juro que a culpa não foi minha.

— Não me digas... — respondeu-lhe Jeannie.

— Estou a falar a sério. Tens de acreditar em mim.

— Susan, passa-me o *Neosporin*.

Susan ergueu os olhos para o rosto de Jeannie, mas deixou-se ficar no mesmo sítio.

— A pomada. Na caixa de primeiros socorros — explicou-lhe Jeannie. Tornou a dobrar as folhas de papel. Agora estavam quase completamente vermelhas. Susan largou a mão de Denny para alcançar a caixa. A sua blusa tinha uma mancha de sangue junto ao ombro.

— Estávamos a tratar da louça — explicou-lhe Denny —, completamente tranquilos. Depois o Stem passou-se dos carros porque eu disse que ele já podia voltar para casa dele.

— Pois, imagino — retorquiu Jeannie.

— O que queres dizer com isso?

Ela atirou as folhas de papel para dentro do caixote do lixo e pegou no *Neosporin* que Susan lhe estendia.

— Não te mexas — disse ela a Denny. Aplicou uma camada de pomada. Ele permaneceu imóvel, olhando-a com firmeza. Ela disse: — Quando é que te vais deixar disto, Denny? Ultrapassa a situação! Esquece!

— Esqueço o quê? Quem começou foi ele!

— Não achas que toda a gente tem os seus... problemas? O próprio Stem, por exemplo! Não achas que eu também podia sentir ciúmes, se desse alguma atenção a essas coisas? O pai gosta muito mais do Stem do que de mim, apesar de eu ser muito trabalhadora. Está sempre a dizer que um dia o Stem vai ficar a tomar conta do negócio, como se eu não existisse, como se não fosse capaz de fazer absolutamente tudo o que um homem pode fazer, desde que me expliquem como. Mas sabes que mais, Denny? A questão é que ninguém precisa de explicar ao Stem como é que se faz. Ele parece ter nascido já a saber. Consegue resolver tudo sem ninguém ter de lhe dizer nada. Ele merece realmente ficar à frente do negócio.

Denny emitiu um som resfolegado, num gesto de impaciência, que ela ignorou.

— Pensos hemostáticos — pediu ela a Susan. — Se me encontrares isso, estamos safos.

Susan vasculhou a caixa de primeiros socorros, que não parecia particularmente bem organizada. Afastou para o lado tesouras, pinças, rolos de ligaduras, um frasco de vinagre para as picadas de alforreca e encontrou uma embalagem de pensos hemostáticos.

— Ótimo — disse Jeannie. Despejou uma série deles para cima da mesa, depois escolheu um e rasgou o invólucro. — Dois destes devem resolver o assunto — disse ela a Denny. — Não te mexas, por favor.

— Não me importo que ele tome conta do negócio — respondeu Denny. — Eu cá não o quero para nada. O problema é que o pai não está satisfeito connosco. Os seus próprios três filhos! Tu própria o disseste: tu é que devias ficar à frente do negócio. És uma Whitshank. Mas não, o pai tinha de ir à procura de alguém fora da família.

— Ele não foi à procura de ninguém — retorquiu Jeannie. Recuou ligeiramente para examinar o penso que tinha

acabado de aplicar e depois pegou noutro. — Ele não *escolheu* trazer o Stem para a família. Aconteceu, simplesmente.

— Toda a minha vida o pai fez-me sentir que não correspondia às expectativas dele — disse Denny. — Como se fosse... algum incapaz; como se fosse pouco inteligente. Ouve esta, Jeannie: quando estava a trabalhar no Minnesota, um verão, tive um patrão que achava que eu tinha bom olho. Andávamos a montar armários e eu criava uns *designs* que ele achava fantásticos. Perguntou-me se alguma vez consideraria enveredar pela área do *design* de móveis. Achava que tinha imenso talento. Porque é que o pai nunca teve essa atitude comigo?

— E depois? — perguntou Jeannie.

— Como assim?

— O que é que aconteceu em relação ao *design* de móveis?

— Oh, bem... já não me lembro. Acho que depois passámos à parte mais chata. Soalhos ou algo do género. Acabei por desistir.

Jeannie suspirou e recolheu os invólucros dos pensos, que estavam em cima da mesa.

— OK, Susan — disse ela. — Já podes ajudar o teu pai a ir para a sala.

Mas no preciso momento em que Denny começou a levantar-se, Stem entrou na cozinha com Nora imediatamente atrás. A julgar pela aparência dele, já tinha recuperado da pancada na cabeça. Parecia a mesma pessoa de sempre, somente mais pálido e mais desganhado.

— Denny — disse ele. — Quero pedir-te desculpa.

— Ele está muito, muito arrependido — informou Nora.

— Não devia ter perdido as estribeiras e quero pagar-te uma *T-shirt* dos String Cheese Incident nova.

Denny emitiu um som soprado em jeito de risada e Abby, que tinha entrado na divisão atrás deles (é claro que ela tinha de se meter na situação, ansiosa por resolver a situação familiar), disse:

— Oh, Stem, não faz mal; tenho a certeza de que a podemos lavar com *OxiClean* — o que fez Denny dar uma gargalhada.

— Esquece — disse ele a Stem. — Faz de conta que não aconteceu nada.

— É muito generoso da tua parte.

— A verdade é que fico aliviado por constatar que afinal de contas és um ser humano — respondeu Denny. — Até agora estava convencido de que não tinhas um pinga de competitividade em ti.

— Competitividade?

— Dá cá um aperto de mão — disse-lhe Denny, estendendo-lhe a sua.

Stem disse:

— Porque é que dizes que sou competitivo?

Denny baixou a mão.

— Ei — disse ele —, acabaste de me atacar por ter dito que eu é que devia ficar a ajudar a mãe e o pai. Não chamas a isso ser competitivo?

— Raios te partam! — exclamou Stem.

Nora disse:

— Então! Douglas.

Stem deu um murro na boca de Denny.

Não foi um soco experiente (atingiu-o desajeitadamente, meio de lado), mas foi o suficiente para fazer Denny sentar-se novamente na cadeira. O sangue jorrou-lhe de imediato do lábio superior. Ele abanou a cabeça, meio atordado. Abby gritou:

— Parem! Por favor, parem!

E Jeannie disse:

— Oh, por amor de Deus.

E Susan desatou a chorar outra vez, mordendo os nós dos dedos. Os outros apareceram à porta tão depressa que quase parecia que tinham estado à espera desse desfecho. Stem parecia surpreendido. Baixou o olhar para o punho cerrado, que exibia uns arranhões junto aos nós dos dedos. Em seguida, desviou o olhar para Denny.

— Fora daqui — ordenou Jeannie a toda a gente.

Depois disse, num tom de voz cansado:

— Primeiro vamos limpar a ferida, para ver se precisa de pontos.

CAPÍTULO SEIS

A princípio, Abby sentia-se algo nervosa por causa da consulta com o Dr. Wiss, mas depois pensou: «Eu sou capaz, porque conheço bem as tesouras dentadas *Wiss* da minha mãe.» E o peso exato e volumoso dessas tesouras veio-lhe de imediato à memória, assim como o cabo demasiado grosso, que fazia pressão sobre o osso da base do polegar, e a resistência inicial dos dentes pesados quando começavam a cortar o tecido.

Mas esperem. Na verdade, um *Wiss* não tinha nada que ver com o outro.

Fora Nora quem marcara a consulta. Ligara ao seu clérigo a pedir-lhe o nome de um gerontologista e depois ligara para o consultório do Dr. *Wiss* sem falar primeiro com Abby. Que intrometida! Discutira-o com certeza com Red, pois, quando Abby se queixara, ele não parecera ficar surpreendido e respondera-lhe que não fazia mal nenhum ouvir o que um médico tinha para dizer.

Abby começava a sentir que Nora lhe implicava com o sistema nervoso. Por que razão, por exemplo, insistia em tratá-la por «mãe *Whitshank*»? Fazia Abby parecer uma velha camponesa de socas de madeira e lenço na cabeça. Abby sugerira aos cônjuges dos seus filhos que escolhessem entre tratá-la por «mãe» ou por «Abby», na altura em que entraram para a família. «Mãe *Whitshank*» era algo que nem sequer lhe tinha passado pelos lábios.

Como se não bastasse, Nora empilhava os pratos em cima uns dos outros quando levantava a mesa, em vez de levar um em cada mão como Abby tinha aprendido que era a maneira educada de o fazer. Os pratos chegavam à cozinha com comida colada à parte de baixo. E contudo ainda criticava a forma como Abby tratava da casa! Ou pelo menos era essa a sua insinuação quando atribuía a origem

da alergia de Sammy ao pó dos tapetes. E cozinhava comida com imensa gordura, o que fazia mal ao coração de Red, era demasiado permissiva com os filhos, e a cama de tamanho *queen* que requisitara ocupava por completo o quarto de Stem, quase sem deixar espaço para uma pessoa passar à volta da mesma.

Oh, enfim, tratava-se apenas de um ataque de «partilhar-a-casa-ite», dizia Abby para os seus botões. Estava relacionado com o facto de estarem demasiadas pessoas debaixo do mesmo teto; por isso é que ela andava tão irritada.

Dizia isso a si mesma várias vezes ao dia.

Também recordava a si própria que algumas das interações eram interações novas em folha, em nada relacionadas com encarnações passadas — experiências novas que serviam para alargar horizontes. Talvez o papel de Nora na vida de Abby fosse reforçar e enriquecer a alma de Abby; seria possível?

Não era como se Abby fosse uma sogra difícil. Senão veja o leitor o bem que ela se dava com o Hugh da Amanda! Um desafio, como a própria Amanda admitia, mas Abby achava-lhe piada. E o Hugh da Jeannie, claro, era um querido. Algumas das amigas de Abby tinham problemas com os genros e as noras. Mais com as noras do que com os genros, era a opinião generalizada. Algumas nem sequer se falavam. Abby estava a sair-se muito melhor do que elas.

Se ao menos não se sentisse tão posta de lado. Tão de fora, tão desnecessária.

Partira sempre do princípio de que quando fosse velha teria finalmente autoconfiança total. Mas afinal de contas continuava ainda pouco confiante. Em muitos aspetos sentia-se menos confiante agora do que em criança. E muitas vezes, quando se ouvia a si própria a falar, ficava chocada com o quão jovial soava; quão pouco inteligente e

superficial, como se de alguma maneira tivesse assumido o papel de mãe numa série cómica televisiva.

O que é que lhe teria acontecido?

A consulta com o Dr. Wiss era só em novembro. (Pelos vistos havia uma grande fila de espera de idosos problemáticos.) Em novembro já tudo poderia ter mudado. Talvez os seus ligeiros apagões inconsequentes (o seu «cérebro a dar um pequeno salto», como ela o via) tivessem desaparecido por si só. Ou talvez ela já tivesse morrido! Não, esse pensamento não.

Estava-se ainda em meados de setembro. Ainda parecia verão, as folhas mal tinham começado a mudar de cor e as manhãs estavam frescas mas não propriamente frias. Ela podia sentar-se no alpendre logo a seguir ao pequeno-almoço, sem casaco, abanando levemente o baloiço para trás e para a frente e vendo os pais e as crianças passarem a caminho da escola. Percebia-se que o ano escolar tinha começado há pouco tempo porque as crianças estavam muito bem vestidas. Mais um mês e já não se dariam a esse trabalho. E algumas das crianças mais velhas já não eram acompanhadas pelos pais, apesar de Petey e Tommy ainda serem demasiado novos para tal, claro. Tinham saído com Nora uns minutos antes — Sammy inclinado para a frente no carrinho, qual comandante marítimo à procura de terra firme, *Heidi* aos saltos mais à frente, na sua trela absurdamente comprida. Três cabecinhas louras a reluzirem por entre as árvores; nada típico dos Whitshank. Apesar de Stem ser louro, portanto era perfeitamente normal que assim fosse.

Os rapazes pareciam ter-se adaptado facilmente ao bairro, andando de lambreta para cima e para baixo no passeio da frente e convidando amigos para o lanche. Contaram-lhe que as outras crianças se referiam à casa deles como «a casa do alpendre». Isso agradava a Abby.

Ainda se lembrava da primeira vez que tinha visto a casa, quando ainda era uma miúda sardenta de Hampden e a snobe Merrick Whitshank era a sua Irmã mais Velha. O enorme e maravilhoso alpendre visto da rua, Merrick e duas amigas adolescentes sentadas nesse mesmo baloiço, de forma tão descontraída e elegante, vestidas com calças de ganga dobradas na bainha e com lenços de padrões alegres enrolados ao pescoço com um nó vistoso.

«Oh, meu Deus, lá vêm as anãs», tinha exclamado Merrick numa voz arrastada, pois Abby trazia duas colegas de escola com ela, Irmãs mais Novas das duas amigas de Merrick. Estavam a contar passar uma divertida tarde de sábado a aprenderem a letra da música da escola e a fazerem biscoitos. Porém, Abby já não se lembrava dessa parte; somente recordava a admiração que sentira perante a imagem desse alpendre e o impressionante caminho de acesso que conduzia ao mesmo. Oh, e a mãe de Merrick: a doce Linnie. (Ou Sra. Whitshank, como Abby a tratava na altura.) O mais certo era Linnie ter supervisionado a confeção desses biscoitos, porque Abby não estava a ver Merrick a fazê-lo.

Linnie Mae Whitshank era uma mulher pálida e sossegada, vestida com uma bata florida desbotada que podia muito bem ter sido comprada num armazém, mas havia algo nas rugas de expressão dos cantos dos seus olhos que dizia a Abby que talvez estivesse a assimilar mais do que deixava transparecer. Muito depois de a história da Irmã mais Velha se ter esgotado, Abby continuava a sentir carinho por Linnie. E anos depois, quando Abby tinha começado a namorar com Dane, um amigo de Red, lá estava Linnie, tão bondosa como antes, aparecendo no alpendre noite após noite a oferecer limonada caseira ao bando do bairro. Às vezes, Junior aparecia também. «Olá, meninas! Olá, meninos!» Deixava-se ficar um pouco à

conversa, dizendo às raparigas que estavam muito bonitas nessa noite e discutindo os jogos dos Colts com os rapazes, até Linnie o puxar pela manga e lhe dizer: «Vamos lá embora, Junior. Está na altura de deixar estes jovens à vontade.»

Já tinham morrido os dois; oh, caramba. Levados da face da Terra por um comboio de mercadorias, sem sequer deixar corpos para velar, somente dois caixões fechados e a polícia para dar a notícia. Tão desagradável, tão inconclusivo. Isso incomodava mais Abby do que Red. Este era da opinião de que a morte instantânea fora uma bênção, mas Abby quisera poder despedir-se. Gostava de poder ter dito: «Linnie, você foi uma mulher fantástica e sempre tive pena de que tivesse tido uma vida tão solitária.»

Abby fora assaltada nos últimos tempos por pensamentos sobre todas as pessoas cujas mortes ela tinha testemunhado. Dois avós, a sua mãe, o seu adorado irmão mais velho que tinha morrido tão novo. Mas não o pai. No caso do pai, ela tinha chegado uns minutos tarde de mais. Mas esperara, ao baixar-se para encostar o rosto ao dele, que ainda houvesse um qualquer vestígio dele que reconhecesse a sua presença. Mesmo agora, sentada no alpendre a contemplar a Bouton Road, sentiu os olhos encherem-se de lágrimas ao recordar a face doce e barbuda dele a começar a arrefecer. Toda a gente devia partir deste mundo na presença de alguém! Era o que desejava para si mesma, sem sombra de dúvida: a enorme mão de Red a fechar-se sobre a sua no leito da morte. Mas depois ocorreu-lhe que isso significaria que Red estaria sem ela quando chegasse a altura dele e esse era um pensamento incómodo. Como é que Red sobreviveria, se ela partisse antes dele?

Red segurava-lhe sempre a mão toda, em vez de entrelaçar os dedos nos dela. Quando ela ainda era adolescente, a ouvir as amigas mais expeditas falarem sobre os rapazes que lhes pegavam na mão no cinema, era essa mesma envolvimento que ela imaginara, e o primeiro rapaz que entrelaçara discretamente os dedos nos dela convenceria-a de que o ato de dar as mãos não era nada de especial. Até ter aparecido Red.

Talvez ela e Red pudessem morrer ao mesmo tempo. Num avião, por exemplo. Podiam ser avisados com uns minutos de antecedência, um anúncio por parte do piloto que lhes desse a oportunidade de trocarem as últimas palavras. Só que eles nunca iam de avião para lado nenhum, portanto como é que isso poderia acontecer?

«O problema de morrer», dissera ela a Jeannie certa vez, «é que não vemos como é que as coisas acabam. Ficamos sem saber o fim.»

«Mas, mãe, não há fim», respondera Jeannie.

«Pois, eu sei», retorquira Abby.

Em teoria.

Era possível que, bem no seu íntimo, Abby estivesse a pensar que o mundo não poderia continuar sem ela. Oh, os seres humanos enganavam-se tanto a si próprios! Porque a verdade nua e crua era que já ninguém precisava dela. Os filhos eram adultos e os clientes tinham desaparecido por completo logo que ela se reformara. (E, fosse como fosse, na fase final parecia que as necessidades dos seus clientes eram infindáveis; que a sociedade estava a desmoronar-se com mais rapidez do que ela a conseguia reparar. Estava a retirar-se na altura certa, sentira ela.) Até mesmo os seus «órfãos», como a sua família lhes chamava, já tinham desaparecido. B. J. Autry morrera com uma dose excessiva, o velho Sr. Dale sofrera um enfarte e os vários estudantes estrangeiros ou tinham regressado aos seus países de

origem ou tinham-se integrado tão bem que agora cozinhavam os seus próprios almoços do Dia de Ação de Graças.

No passado, ela estivera no centro de tudo. Estivera a par dos segredos de toda a gente; todos confiavam nela. Linnie dissera-lhe (fazendo-a jurar nunca contar a ninguém) que ela e Junior eram as ovelhas negras das respetivas famílias; e Denny contara-lhe (sem cerimónia, enquanto ela fitava encantada os olhos castanhos de Susan) que a menina não era dele. Abby não partilhava nada do que lhe contavam com ninguém, nem mesmo com Red. Era uma mulher de palavra. Oh, as pessoas ficariam surpreendidas com a quantidade de coisas que ela sabia e não contava!

«Bem podes dar graças a mim pela tua profissão», poderia ter dito a Jeannie. «O teu pai recusava-se a aceitar uma mulher na empresa de construção, mas eu convenci-o.» Que tentação deixar essa informação escapar! Mas nunca o fizera.

E agora era tão dispensável que os filhos achavam que devia mudar-se para um lar; ela e Red, quando nenhum deles tinha idade para tal. Graças a Deus que isso não dera em nada. Valia a pena aturar Nora só para evitar ir para a tal residência para idosos. Tinha inclusivamente valido a pena aturar a Sra. Girt. Ou quase.

Abby sentia-se mal em relação à Sra. Girt. Tinham-na mandado embora como se nada fosse! E o mais certo era também ela ter uma história triste qualquer. Não era nada típico de Abby deixar escapar a oportunidade de ouvir a história triste de alguém.

«Amanda», perguntara recentemente, «chegámos a dar alguma indemnização à senhora Girt?»

«Indemnização! Ela só cá esteve nove dias!»

«Mesmo assim», retorquira Abby, «ela era bem-intencionada. E vocês também, quando a contrataram; espero que não pensem que sou uma ingrata.»

«Bem, como tu e o pai se tinham recusado a ir para uma residência para idosos, vá-se lá saber porquê...»

«Mas consegues ver as coisas pelo nosso lado, não consegues? Aposto que esses sítios têm assistentes sociais para lidarem com os internados. Seríamos alvo de trabalho social! Imaginas uma coisa dessas?!»

Ao que Amanda lhe respondera:

«Os “internados”? E “alvo”, mãe? Santo Deus. O que é que isso diz da tua atitude para com aquela que foi a tua própria profissão durante tantos anos?»

Amanda tinha tendência para às vezes ser demasiado contundente.

Das duas raparigas, Jeannie era a de melhor trato. (Abby sabia que devia parar de se referir a elas como «as raparigas», mas parecia-lhe tão ridículo dizer «as mulheres» e «os homens».) Jeannie era dócil e despretensiosa; não tinha a acidez de Amanda. Não confiava em Abby, porém. Fora um grande choque quando Jeannie pedira a Denny para a ajudar durante aquela fase complicada dela, logo após o nascimento de Alexander. Podia ter pedido a Abby. Ela morava ali, na mesma cidade! E depois havia Denny: porque é que ele nunca lhe tinha contado que concluíra a sua licenciatura? Devia ter andado a frequentar aulas durante vários anos, acumulando-as com os seus inúmeros trabalhos, mas não tinha dito uma única palavra a esse respeito, e porquê? Porque queria que ela andasse sempre preocupada com ele, essa é que era essa. Não queria que ela tivesse descanso. Por isso é que, quando ele o revelara assim do nada (anunciando-o depois do almoço no outro dia: sim, ele era licenciado), fora como se Abby tivesse levado um estalo na cara. Sabia que devia

ter ficado contente por ele, mas em vez disso sentia ressentimento.

Uma coisa que os pais de crianças problemáticas nunca diziam em voz alta: que era um alívio quando os filhos se safavam na vida, mas e depois o que era suposto os pais fazerem com a raiva que tinham sentido ao longo de tantos anos?

Embora Denny talvez não se tivesse safado ainda. Abby não estava completamente descansada em relação a ele. Não deveria andar à procura de emprego? Talvez como professor substituto? Ou mesmo como professor titular! Certamente que não pensava que ajudar em casa era ocupação mais do que suficiente, pois não? Ou que as quantias de dinheiro que ela lhe dava de vez em quando (duas notas de vinte sempre que ele ia fazer um recado, sem nunca lhe pedir o troco) pudessem ser consideradas um salário.

No dia anterior perguntara-lhe:

«Então e o resto dos teus pertences? Deves ter mais coisas do que as que trouxeste para cá. Deixaste-as nalgum local de armazenamento?»

«Oh, não há problema», respondera-lhe ele. «Estão arrumadas no meu antigo apartamento.»

«E tens de continuar a pagar a renda?»

«Não. É só um quarto por cima de uma garagem; a minha senhoria não quer saber.»

Aquilo era intrigante. Que tipo de senhoria não cobrava renda porque o inquilino não estava fisicamente presente? Oh, tanta coisa na vida dele parecia ser... pouco normal.

Ou se calhar era absolutamente normal e Abby é que tinha ficado demasiado sensível por causa das várias experiências passadas no que respeitava a Denny — demasiadas fugas, meias-verdades e álibis suspeitos.

Na semana anterior batera à porta do quarto dele para lhe perguntar se a poderia levar a comprar uns postais e parecera-lhe ouvi-lo dizer para entrar, mas enganara-se: ele estava a falar ao telemóvel.

«Sabes que sim», estava ele a dizer. «Como é que hei de fazer-te acreditar em mim?», e depois olhara para Abby e a sua expressão mudara. «O que é que queres?», perguntara-lhe.

«Eu espero até terminares a conversa», respondera-lhe ela e ele dissera à pessoa do outro lado da linha:

«Tenho de ir», e apressara-se a desligar o telemóvel.

Se estivesse a falar com uma rapariga (uma mulher), Abby ficaria muito satisfeita. Toda a gente devia ter alguém na sua vida. Ainda assim, uma parte dela não conseguiu deixar de ficar sentida por ele não lhe ter falado nessa pessoa. Porque é que tudo tinha de ser um mistério com ele? Oh, ele gostava de ir contra as pessoas! Não, o que ela queria dizer era «ir contra a corrente». Era o passatempo favorito dele.

Às vezes parecia-lhe que, por se ter preocupado sempre tanto com Denny, tinha deixado escapar os outros filhos por entre os dedos. Não que os tivesse negligenciado, mas a verdade era que não se concentrara tanto neles como em Denny. E, contudo, era Denny quem se queixava de ser posto de parte!

Certo dia, enquanto examinava a correspondência, apercebera-se gradualmente de que ele estava a dirigir-se a ela.

«Hum?», respondera-lhe, distraída, abrindo um envelope. E depois: «Gestão de riqueza», dissera-lhe, cuspiendo praticamente as palavras. «Não achas esta expressão detestável?», ao que Denny lhe respondera:

«Não me estás a ouvir, gaita.»

«Estou, sim.»

«Quando era miúdo», contou ele, «costumava imaginar raptar-te só para ter toda a tua atenção.»

«Oh, Denny. Eu dava-te *imensa* atenção! Demasiada, segundo dizia o teu pai.»

Ele inclinou a cabeça para o lado.

Não só lhe dava imensa atenção como também se encantava mais com ele do que com qualquer um dos outros. Ele era tão cheio de vida, tão destemido. (Aliás, às vezes fazia-a lembrar Dane Quinn — o seu amaldiçoado ex-namorado, morto vários anos antes num acidente de viação.) E tinha a capacidade de a encantar com os seus pontos de vista inesperados. No mês anterior, enquanto enrolava o tapete supostamente cheio de pó do quarto dos miúdos, ele parara para dizer:

«Já pensaste no quão convencidos são os artesãos destes tapetes orientais, para acreditarem que têm de *tentar* enganar-se para não estarem a competir diretamente com Deus? Como se, de outro modo, o tivessem bordado na perfeição, se não se tivessem forçado a fazer asneira?»

Abby rira-se a bom rir.

Talvez quando fosse mais crescido, lembrava-se ela de pensar durante a infância dele, acabasse por lhe confidenciar o que é que o deixava sempre tão zangado. Mas depois, quando ele cresceu, ela perguntara-lhe e Denny respondera:

«Não faço ideia, se queres que te diga.»

Abby deu um suspiro e viu passar um menino a caminho da escola, curvado para a frente por causa do peso da mochila demasiado cheia.

O alpendre não só era comprido como também largo; tinha a largura de uma pequena sala de estar. Durante os seus primeiros anos nessa casa, quando ainda era uma dona de casa cheia de entusiasmo, encomendara um conjunto inteiro de mobiliário feito de verga e envernizado

no mesmo tom mel e dourado do baloiço (uma mesa baixa, um sofá e duas cadeiras) e dispusera-o num círculo «conversacional» a um dos cantos do alpendre. Mas ninguém queria sentar-se virado de costas para a rua, pelo que aos poucos as cadeiras tinham passado a flanquear o sofá e as pessoas tinham passado a sentar-se em fila viradas para fora, em vez de viradas umas para as outras, como passageiros no convés de um navio a vapor. Abby achava que isso resumia bem o seu papel na família. Tinha os seus conceitos, as suas ideias de como as coisas deveriam ser, mas toda a gente fazia como bem entendia.

Baixou o olhar para o espaço por entre as árvores adiante e avistou uma mancha branca: o pelo de *Heidi* a esvoaçar enquanto corria em direção a casa, seguida de Nora a empurrar o carrinho no seu passo bamboleante. Num gesto automático, Abby levantou-se rapidamente do baloiço como se fosse uma mulher muito mais jovem do que era realmente e enfiou-se dentro de casa.

O átrio da frente ainda cheirava a café e a torradas, o que por norma lhe transmitia a sensação de conforto mas que nesse dia a fez sentir-se claustrofóbica. Dirigiu-se diretamente para as escadas e subiu-as com rapidez. Já estava fora de alcance quando ouviu o barulho do carrinho de Sammy a ser puxado pelas escadas do alpendre acima.

A porta da sua salinha de trabalho (agora a porta do quarto de Denny) encontrava-se fechada e percebia-se um silêncio sepulcral do outro lado. Os horários dele não se tinham alterado como ela julgara a princípio. Continuava a ser o último a deitar-se todas as noites e o último a levantar-se de manhã, aparecendo às dez ou às onze na sua indumentária gasta composta pela *T-shirt* cor de azeitona e as calças de caqui muito pouco limpas, com o rosto cheio

de marcas da almofada e o cabelo escorrido e oleoso. Oh, santo Deus.

«Quem é que disse: “Somos tão felizes como o menos feliz dos nossos filhos”?» Abby perguntara a Ree na aula de olaria da semana anterior.

«O Sócrates», respondera prontamente Ree.

«De certeza? Estava convencida de que tinha sido a Michelle Obama.»

«Para dizer a verdade, não sei quem o disse», admitiu Ree, «mas acredita que a frase já existia antes do tempo da Michelle.»

Um dia acordamos de manhã a sentirmo-nos muito bem, mas de repente pensamos: «Algo não está bem. Há qualquer coisa de errado algures; o que será?» E depois ocorre-nos que é o nosso filho; aquele que está infeliz.

Abby atravessou o átrio superior para ir fechar a porta do quarto dos rapazes, por causa da inquietante balbúrdia visual de peças de roupa, toalhas e partes de brinquedos. Os legos davam cabo da planta dos pés caso a pessoa se atrevesse a andar descalça. Regressou ao seu próprio quarto, entrou e fechou silenciosamente a porta atrás de si.

A cama continuava por fazer porque quisera descer ao piso de baixo para tomar o pequeno-almoço sossegada antes de Nora e os miúdos descerem. (Oh, o entusiasmo extenuante de crianças pequenas aos encontrões todas as manhãs!) Ela puxou as mantas para cima e pendurou o roupão de banho, e depois dobrou o pijama de Red e enfiou-o debaixo da almofada dele. Durante a semana, Red vestia-se às escuras e deixava sempre uma grande confusão.

Esse era o quarto que tinha tido menos ocupantes: somente o Sr. e a Sra. Brill, depois Junior e Linnie, e por fim Red e Abby. O roupeiro do canto tinha pertencido aos Brill, pois na altura era demasiado grande para o

apartamento na Baixa para onde se tinham mudado. E o resto do mobiliário pertencia a Junior e a Linnie, apesar de os objetos decorativos serem de Abby: o quadro emoldurado da sua infância, que exibia um anjo da guarda a pairar atrás de uma menina pequena; a alfineteira em forma de sapato de cristal com o interior forrado a veludo que tinha pertencido à mãe dela; e o pequeno violinista Hummel que Red lhe tinha oferecido quando eles ainda namoravam.

Ouviu a voz de Nora no piso inferior, baixa e impercetível, e Sammy a palrar. Uns segundos depois ouviu-se arranhar à sua porta. Ela foi abrir e *Clarence* entrou.

— Eu sei, meu querido — disse-lhe Abby. — Há muito barulho lá em baixo. — O animal deu umas voltas em cima do tapete e depois deitou-se. O bom e velho *Clarence Brenda*. Fosse quem fosse. Abby sabia que se tratava de *Brenda* se se desse ao trabalho de parar e pensar um pouco.

«É como quando estamos quase a adormecer e qualquer coisa salta na nossa cabeça», explicara ela ao Dr. Will. «Já lhe aconteceu? Estamos a pensar em algo, mas depois de repente já estamos a ter outro pensamento sem lógica nenhuma e não conseguimos encontrar a relação entre os dois. Deve ser cansaço, acho eu. Quer dizer, certa vez, há cinco ou dez anos... oh, há mais tempo, ainda eu não era velha... tive de vir de carro da praia a casa sozinha, à noite, para não faltar a um compromisso que tinha no dia seguinte, quando de repente dei por mim num bairro muito perigoso de Washington, DC. E era capaz de jurar que o tinha feito sem passar pela Bay Bridge! Não faço ideia de *como* é que o fiz. Até hoje nunca descobri. Estava cansada, nada mais. Foi só isso.»

Ou em dezembro último, quando os McCarthy a tinham convidado, a ela e a Red, para um concerto de Natal, juntamente com mais uma série de amigos em comum, e ela tinha estado muito conversadora e a confiar no homem que por acaso estava sentado ao seu lado, mas que mais tarde viria a descobrir ser um estranho, que não tinha nada que ver com os McCarthy e que com certeza julgava que ela era louca. Fora apenas um salto da agulha do giradiscos, nada mais. Era normal que essas coisas acontecessem.

«E o tempo», explicara ela ao Dr. Wiss. «Bem, sabe como é o tempo. Muito lento quando somos pequenos e sempre a acelerar depois de crescermos. Pois agora é uma espécie de mancha. Já não consigo dar conta dele! Mas é como se o tempo estivesse mais ou menos... equilibrado. Somos meninos durante uma fração tão pequena das nossas vidas e no entanto a nossa juventude parece durar para sempre. Depois somos velhos durante anos a fio, mas o tempo voa mais depressa. No fim, as coisas ficam ela por ela, entende?»

Ouviu Nora a subir as escadas. Ouviu-a dizer:

— Não, meu tontinho. Os biscoitos são para a sobremesa.
— Os passos dela continuaram num ritmo regular em direção ao quarto dos rapazes, seguidos do som dos pequenos ténis de Sammy.

Passar-se-ia alguma coisa de errado com Abby, por ela não querer passar cada minuto na companhia dos netos? Ela amava-os, afinal de contas. Amava-os tanto que sentia uma espécie de vazio na parte interior dos braços sempre que olhava para eles — uma vontade imensa de os puxar para si e abraçá-los com força. Os três rapazes eram um tumulto compacto, sempre vistos como um só elemento, mas Abby sabia o quão diferentes eles eram uns dos outros. Petey era o mais responsável, dando ordens aos irmãos não

por malvadez mas por uma questão de instinto protetor e de rebanho; Tommy possuía o temperamento bem-disposto do pai e as mesmas capacidades pacificadoras; e Sammy era o bebé dela, ainda a cheirar a sumo de laranja e a urina, ainda satisfeito por se sentar no colo dela a ouvir uma história. E depois os mais velhos: Susan, tão séria, amorosa e bem-comportada (estaria tudo bem com ela?); Deb, que era igual a Abby nessa mesma idade, um palito cheio de curiosidade por tudo e alguma coisa; o desgraçado do desastrado e esforçado Alexander, que lhe partia o coração; e por fim Elise, que era tão diferente de Abby, tão completamente distinta, que Abby sentia-se privilegiada por poder contemplá-la tão de perto.

Mas por alguma razão era mais fácil refletir sobre todos eles à distância, em vez de tentar encontrar o seu espaço no seio deles.

O átrio do piso superior estava novamente silencioso. Abby rodou a maçaneta uns centímetros, abriu ligeiramente a porta e esgueirou-se para fora do quarto. O animal abriu a porta toda para trás com o focinho e foi atrás dela, snifando ruidosamente e fazendo Abby estremecer e olhar de relance na direção do quarto dos miúdos.

Desceu as escadas e saiu porta fora, para o alpendre. Depois deteve-se, acometida por uma ideia. Tornou a entrar em casa e foi buscar a trela que estava pendurada na entrada. *Clarence* emitiu um som de contentamento e saiu tropegamente para o alpendre atrás dela, enquanto algures no interior da casa *Heidi* dava um latido de inveja. Rói-te de inveja, *Heidi*. Abby não era grande fã de cães hiperativos.

Parou no caminho de acesso empedrado para prender a trela à coleira de *Clarence*. Tratava-se de uma trela curta à moda antiga, diferente das permissivas trelas extensíveis que as pessoas preferiam agora. Para dizer a verdade,

Clarence não necessitava de trela; era muito lento, pesado e naturalmente obediente. Mas possuía uma veia de teimosia no que dizia respeito a cães de pequeno porte. Pareciam despertar toda a energia dos tempos em que era cachorro. Era incapaz de resistir à tentação de saltar para cima de um *terrier*, por exemplo.

— Não vamos muito longe — explicou-lhe Abby. — Não te ponhas com ideias. — A julgar pela forma rígida como o cão se movimentava, ela desconfiava de que não estaria capaz de percorrer mais do que um ou dois quarteirões.

Viraram à esquerda assim que alcançaram a rua — o lado oposto da casa de Ree. Não que Abby não gostasse de a ver, mas depois do seu pequeno lapso do outro dia, Ree ficaria preocupada se a visse sozinha na rua. E Abby adorava passear sozinha. Oh, sabia-lhe tão bem sair assim, livre como um passarinho, sem «O que é que havemos de fazer em relação à mãe?» a pairar-lhe no inconsciente! Esperava não se cruzar com ninguém conhecido.

Às vezes, durante os seus passeios, ocorria-lhe que era o único elemento que restava da sua família original. Quem havia de dizer que um dia palmilharia a Terra sem eles? Pensou novamente no quadro do seu quarto: a criança solitária a percorrer um trilho sob árvores gigantes, com o anjo da guarda protetoramente atrás dela. Com a diferença de que Abby não acreditava em anjos, não desde os sete anos. Não, ela estava verdadeiramente sozinha.

Andava sempre acompanhada com pelo menos um dos seus filhos, onde quer que fosse. Isso era simultaneamente reconfortante e cansativo. «A mão, a mão», costumava dizer antes de atravessar a rua. Recordava-o com toda a clareza agora: o braço tenso a esticar-se com a palma virada para baixo, a expectativa esperançada de uma mãozinha confiante a agarrar a sua.

Clarence avistou um esquilo mas continuou em frente, sem sequer se sentir tentado.

— Acho muito bem — disse-lhe Abby. — Os esquilos não são dignos da tua atenção. — Em seguida, levou a mão ao espaço macio acima dos seios. Ter-se-ia lembrado de pôr a chave de casa ao pescoço antes de sair? Não, mas não tinha importância; a fechadura estava no trinco. E Nora poderia abrir-lhe a porta, caso fosse necessário.

Outro segredo de que ela tinha conhecimento, embora não lhe tivesse sido contado por ninguém: ocorrera-lhe recentemente que a canção que Stem se lembrava de ouvir o pai dele cantar para o ajudar a adormecer podia muito bem ter sido «The Goat and the Train». O Burl Ives costumava cantar isso num disco infantil que ela tinha em criança. Deveria sugeri-lo a Stem? Talvez fosse um momento empolgante para ele, ouvir novamente essa canção ao fim de tantos anos. Ou talvez achasse que ela estava a recordar-lhe, de uma forma muito pouco subtil, de que ele não era um Whitshank. Ou talvez a razão para ela não ter dito nada fosse meramente egoísta. Talvez quisesse que ele esquecesse o facto de ela não ter sido a sua primeira e única mãe.

Ele e Denny andavam a tratar-se com uma delicadeza artificial desde a briga na casa da praia. Era como se mal se conhecessem. «Denny, queres o último pedaço do frango?», perguntava Stem, ao que Denny respondia: «Não, serve-te à vontade.» Não a enganavam, nem por um instante. Pareciam dois estranhos numa sala de espera e ela começava a perder a esperança de que isso alguma vez fosse mudar.

Oh, nos últimos tempos parecia que acontecia sempre uma chatice qualquer na casa da praia. Não era de admirar, portanto, que ela tivesse pavor das férias! Mas não que o deixasse transparecer.

«O que é que se anda a passar connosco?», perguntara ela a Red na viagem de regresso das férias desse ano. «Dantes éramos uma família tão feliz! Não éramos?»

«Tanto quanto me lembro, sim», respondera-lhe Red.

«Lembras-te daquela vez em que nos fartámos de rir no cinema?»

«Bem, assim de repente...»

«Tínhamos ido ver um filme de *cowboys* e o cavalo do herói estava a olhar diretamente para a câmara enquanto mascava aveia, com aquelas duas bolas de músculo a aparecerem-lhe no maxilar quando ele engoliu. Tinha um ar tão palerma! Lembras-te disso? Desatámos a rir-nos, todos ao mesmo tempo, e as outras pessoas viraram-se todas para nós, sem perceberem nada do que se passava.»

«Eu estava lá?», perguntara-lhe Red.

«Estavas. E também te riste.»

Talvez se tivesse esquecido porque para ele a felicidade da família era um dado adquirido. Não se preocupava com isso. Ao passo que Abby... oh, ela preocupava-se e muito. Não suportava pensar que a sua família pudesse ser uma família perfeitamente *vulgar*, confusa e desunida.

«Se te pudesse ser concedido um único desejo», perguntara ela a Red certa noite na cama, quando nenhum deles conseguia adormecer, «o que é que pedias?»

«Oh, não faço ideia.»

«Eu desejava vidas maravilhosas para os nossos filhos», retorquira Abby.

«Sim, isso é bom.»

«E tu?»

«Oh», respondeu ele, «talvez que a Harford Contractors abraisse falência e deixasse de me dar cabo do negócio.»

«Red! Francamente!»

«O que foi?»

«Como és capaz de não pôr o bem-estar dos nossos filhos em primeiro lugar?», perguntara Abby.

«Eu faço isso. Só que tu já trataste dessa parte com o *teu* desejo.»

«Hum», replicara Abby, virando-se de lado de modo a ficar de costas voltadas para ele.

Ele também estava a ficar velho. Ela não era a única! Usava óculos de leitura que lhe escorregavam do nariz e que o faziam parecer o pai dele. E aquele «Hum?» dele quando não ouvia bem: de onde é que *isso* tinha aparecido? Era quase como se estivesse a representar um papel. Devia pensar que era assim que uma pessoa da idade dele tinha de soar. E às vezes as coisas que dizia calhavam um pouco ao lado — «adolescente escarlata», por exemplo, referindo-se a um pássaro vermelho que tinha visto empoleirado no alimentador. O que devia estar relacionado com a audição, mais uma vez, mas ainda assim ela não conseguia evitar ficar preocupada. Via a forma como os empregados das lojas o tratavam nos últimos tempos, com condescendência, falando-lhe demasiado alto e empregando palavras com menos sílabas. Confundiam-no com um velho caquético. Ela sentia uma dor no peito sempre que assistia a isso.

Seria possível que as pessoas não parassem para pensar que os ditos idosos de hoje já tinham fumado erva, por amor de Deus, tinham usado lenços na cabeça e participado em manifestações em frente à Casa Branca? Amanda criticava-a por dizer que algo era «fixe» («Detesto quando a geração mais antiga tenta imitar os mais novos», dissera ela), mas seria possível que não soubesse que «fixe» já se dizia no tempo de Abby, para não dizer muito antes?

Ela não se importava de *parecer* velha. Não era algo que a preocupasse. O seu rosto inchara ligeiramente e o corpo tinha perdido a elasticidade, mas quando estudava o álbum

de família achava que, comparativamente, a sua versão mais jovem parecia franzina de mais — as feições macilentas e tensas conferindo-lhe um ar quase subnutrido. E Red parecia incrivelmente frágil nessas fotografias, com a maçã de Adão demasiado espetada para fora no seu pescoço demasiado comprido. Pesava tanto agora como naquela altura, mas por algum motivo dava a impressão de mais robustez.

Abby tinha um pequeno truque a que costumava recorrer sempre que Red se comportava como um velho rabugento. Obrigava-se a recordar o dia em que se tinha apaixonado por ele. «Estava uma linda e fresca tarde, em tons de verde e amarelo...», começava ela e de repente vinha-lhe tudo à cabeça: o fator novidade, o mundo novo que se abria cheio de magia para ela no instante em que percebera pela primeira vez que a pessoa em quem mal tinha reparado durante tantos anos era, na verdade, uma preciosidade. Ele era *perfeito*, fora como ela o definira para si mesma. E depois esse rapaz de olhos claros e rosto sereno emergia da flacidez e das rugas de Red, das pálpebras descaídas e do rosto chupado, dos dois vincos que lhe emolduravam a boca, da sua obtusidade e teimosia em geral, e da sua convicção de que a lógica pura e dura era a resposta para todos os problemas da vida, e ela sentia-se incrivelmente afortunada por ter acabado por ficar com ele.

— «Comprei um bode» — cantarolou ela ao caminhar. — «Chama-se *Jim*.» — Então calou-se de repente, ao avistar alguém a andar na sua direção. Mas a pessoa virou à esquerda na esquina e Abby continuou a cantar. — «Comprei-o por...» — *Clarence* caminhava ao seu lado em silêncio, de vez em quando indo contra o joelho dela sem querer ou talvez deliberadamente.

Era curioso como as letras das canções permaneciam na nossa memória durante muito mais tempo do que as simples prosas! Não só as canções da sua adolescência («Tom Dooley» e «Michael, Row the Boat Ashore»), como também cançonetas da sua infância, como «White Coral Bells», «Good Morning, Merry Sunshine» e «We're Happy When We're Hiking», a sua mãe a cantar algo que começava com «Vou descer para te deixar entrar...» e até mesmo os cânticos de saltar à corda: «Bruxa, bruxinha, entra em jogo. Bruxa, bruxinha, levanta a saia...» Tudo o que rimava, ao que parecia. A rima gravava as coisas na nossa mente. As consultas no dentista deviam ser assentes em rima e os aniversários importantes também. Aliás, todos os acontecimentos importantes da vida de uma pessoa! Quando nos deparássemos com uma falha, bastava-nos começar a cantar o máximo que conseguíamos recordar (lançarmo-nos ao primeiro verso, com confiança) e a parte que faltava surgiria na nossa cabeça mesmo a tempo.

Abby costumava temer começar a ficar esquecida, porque o seu avô materno tinha acabado por sofrer de demência. Mas pelos vistos o problema dela não era esse. A sua memória era melhor do que a da maioria das suas amigas, por consenso geral. Ainda na semana anterior, Carol Dunn tinha ligado lá para casa, mas quando Abby atendera apenas ouvira silêncio do outro lado da linha.

«Estou?», perguntara ela mais uma vez e Carol respondera:

«Esqueci-me a quem é que liguei.»

«É a Abby», respondera Abby, ao que Carol retorquiria:

«Oh, olá, Abby! Estás boa? Caramba, só não me esqueço da cabeça porque está... bem, seja como for, não era a ti que eu queria ligar», e depois desligara.

Ou mesmo Ree, que estava sempre a esquecer-se do nome das coisas.

«No próximo verão acho que vou plantar... aquelas flores de Maryland», dissera ela, e Abby respondera-lhe:

«Margaridas-amarelas?»

«Exatamente.»

Parecia ser sempre Abby a preencher os espaços em branco. Devia contar isso ao Dr. Wiss.

«De certa maneira», deveria ela dizer-lhe, «a minha memória está melhor agora do que quando era nova. De repente lembro-me dos pormenores mais surpreendentes! Coisas pequenas, coisas ínfimas. No outro dia, assim do nada, lembrei-me do movimento exato do pulso que eu costumava fazer com a pega da caçarola *CorningWare* que me ofereceram como prenda de casamento. Recebi um conjunto completo de *CorningWare* que tinha uma pega amovível que se rodava para a fixar no sítio. Isso já foi há quase cinquenta anos! Usei-o só durante algum tempo; a comida colava-se ao fundo e ficava queimada. Acho que mais ninguém se lembraria de uma coisa destas.»

Ela talvez sentisse novamente o odor amargo e intenso das cebolas e dos pimentos picados que a sua mãe costumava refogar quase todas as noites para fazer a base dos jantares de caçarola, quando Abby ainda era uma criancinha a choramingar de fome e cansaço, a birra típica das cinco da tarde. Talvez ouvisse o zunido de outros tempos que o elétrico 29 fazia ao deslizar sob os cabos enquanto descia rapidamente a Roland Avenue sem precisar de parar. E do nada visualizou o seu cão de infância, *Binky*, que costumava dormir com as duas patas dobradas debaixo do focinho para se aquecer durante as noites frias. Era exatamente como viajar no tempo. Ela estava a viajar numa máquina do tempo, vendo pela janela cena após cena, sem qualquer ordem em especial. Uma história após outra. Oh, tinham existido tantas histórias na sua vida! Os Whitshank alegavam ter somente duas; ela

não conseguia perceber porquê. Porquê seleccionar apenas algumas histórias que nos defina? Abby tinha um sem-fim delas.

Durante anos, lamentara a forma como tinha deixado que a vida se lhe escapasse por entre os dedos. Se tivesse mais uma oportunidade, dizia para si mesma, certificar-se-ia de que a vivia com mais atenção. Mas nos últimos tempos sentia que já tinha vivido tudo o que tinha a viver e que simplesmente o esquecera, e que agora estava a vir-lhe tudo à memória.

Que rua seria esta? Não estivera a prestar atenção.

Parou na curva e olhou em redor, e *Clarence* sentou-se. À sua esquerda ficava a casa dos Hutchinson, com a bonita magnólia imensa que parecia sempre acabada de envernizar. Ficou surpreendida por ter caminhado até tão longe; julgara que *Clarence* já tivesse protestado entretanto. Deu um estalido com a língua e ele ergueu-se com um queixume, como se tivesse o peso do mundo sobre os ombros, a cabeça tão baixa que quase roçava no chão.

— Vamos mas é levar-te para casa — disse-lhe ela —, para poderes dormir uma bela sesta.

Nesse instante, porém (como é que isto podia acontecer?), um chiuaua minúsculo passou calmamente no passeio do outro lado. Não se via o dono em lado nenhum e o cão não tinha trela, nem sequer coleira. *Clarence* levantou-se de imediato, como se o seu cansaço fosse apenas fogo de vista, e, com um rosnido assustadoramente alto, deu um salto para a frente, arrancando a trela da mão de Abby. Ela ainda teve tempo de ver a vida dele a passar-lhe à frente: a barriga macia e rechonchuda e as patas enormes quando ele era um cachorro, a sua antiga predileção por apanhar bolas de ténis que depois ficavam ensopadas em saliva, a sua alegria pura e delirante quando as crianças chegavam da escola.

— *Clarence!* — gritou Abby, mas ele não lhe ligou nenhuma, pelo que ela correu atrás dele para a estrada, no mesmo instante em que algo que ela não conseguiu perceber o que era (algo enorme e esguio e metalizado de que não estava nada à espera) surgiu a toda a velocidade na sua direção.

«Oh!», pensou ela. «Deve ser...»

E depois nada.

CAPÍTULO SETE

Os Whitshank não morriam, era a convicção generalizada da família. É claro que nunca o diziam em voz alta. Teria soado presunçoso da parte deles. Já para não dizer que alguns não-Whitshank teriam decerto apontado o facto de, ao fim e ao cabo, Junior e Linnie terem morrido. Mas isso acontecera há muito tempo; Red era a única pessoa ainda viva com memória disso em primeira mão. (Ninguém contava com Merrick.) E agora Red não estava em condições. Existia apenas fisicamente. Andava de um lado para o outro de chinelos, com a barba por fazer e uma expressão vazia no olhar. Durante um dia inteiro pareceu ter perdido a sua capacidade de falar, até se ter descoberto que, mais uma vez, se tinha esquecido de pôr o aparelho auditivo.

Abby tinha morrido numa terça-feira e na quarta-feira tinha sido cremada como sempre dissera que queria ser; porém, o funeral só fora realizado na segunda-feira seguinte. Isso para que eles se pudessem recompor e decidir o que é que um funeral implicava realmente. Nenhum deles tinha experiência desse tipo de coisas à exceção de Nora, mas ela provinha de um contexto tão diferente que não podia servir de grande ajuda.

Adiar o funeral durante tanto tempo talvez tivesse sido um erro, porque significava que estavam todos suspensos numa espécie de limbo. Passaram o tempo em casa a beber café, a atender o telefone, a suspirar, a discutir, a receber pratos cobertos dos vizinhos, a trocar histórias cómicas sobre Abby, o que de algum modo acabava por os fazer chorar em vez de rir. Os dois Hugh estavam presentes, pois as respetivas esposas necessitavam de apoio. Stem atendia um ou outro telefonema de trabalho no telemóvel, mas Red nem sequer lhe perguntava do que se tratava. Os netos

foram para a escola como de costume, mas reuniam-se todos em casa da parte da tarde, com um ar respeitoso e destacadado, enquanto o pequeno Sammy, fechado em casa o dia inteiro com os adultos, parecia estar a ficar ligeiramente desorientado. Deixou de usar o penico (um problema fedorento na melhor das hipóteses) e começou a fazer birras tremendas. Quando Nora lhe perguntava, numa voz demasiado calma, o que é que o estava a incomodar, ele respondia que queria o *Clarence*. Isso deixou toda a gente pouco à vontade.

— A *Brenda*, queres tu dizer — disse-lhe Nora. — A *Brenda* foi ter com o Menino Jesus.

— Mas eu quero que ele volte do Menino Jesus.

— Ela — retorquiu Nora. — Queres que *ela* volte. Mas ela sente-se mais feliz no sítio onde está.

— Ela já era velhota, filho — disse Stem.

Um silêncio constrangedor instalou-se na sala. Felizmente, porém, Sammy não se apercebeu da associação óbvia. Não mencionara Abby nem uma única vez, apesar de ela ter passado várias horas a ler-lhe o seu livro sobre dinossauros favorito, e incrivelmente entediante, vezes sem conta.

Ela ia a cantar, contara-lhes Louisa Hutchinson. Louisa fora quem saíra a correr para a rua logo que ouvira o acidente e que chamara o 112 e depois ligara para a família. Graças a Deus, porque Abby não levava nenhuma identificação com ela.

«Ela estava a caminhar na direção da nossa casa e a cantar», explicara Louisa, «e eu fui à nossa janela da frente e disse ao Bill: “Vejam só como está tão bem-disposta.” É que nunca a tinha ouvido cantar antes.»

«A cantar!», exclamaram Jeannie e Stem, exatamente ao mesmo tempo. Depois Jeannie perguntara: «Qual era a canção?»

«Qualquer coisa sobre um bode; não faço ideia.»

Jeannie olhara para Stem. Este encolhera os ombros.

Louisa dissera:

«O cão estava tão longe do sítio onde estava a Abby, acho que deve ter sido projetado. A condutora é que o encontrou, coitada. A condutora ficou completamente desnorteada. Foi dar com ele perto do sítio onde o carro dela tinha deitado abaixo o candeeiro. Ainda bem que a Abby não o chegou a ver.»

«Ela», corrigira Jeannie.

«Como?»

«Era uma cadela.»

«Ah, peço desculpa.»

«Já era velhota», respondera Jeannie. «A cadela, quero eu dizer. Tinha tido uma boa vida.»

«Mesmo assim», retorquiria Louisa.

Em seguida, erguera a caçarola que tinha trazido e dissera-lhes que era sem glúten, para o caso de ser importante.

E quem é que explicava como é que Abby tinha ido passear pelo bairro sem nenhum membro da família ter dado por nada? Amanda fora a única que o perguntara diretamente, logo que Louisa saíra, mas não havia dúvida de que os outros estavam a interrogar-se exatamente sobre o mesmo. Sentaram-se na sala de estar com um ar apático, sob uma luz completamente errada — a luz do Sol que entrava pelas janelas das traseiras na manhã de um dia de semana, quando a maior parte da família deveria estar a trabalhar.

— Não olhes para *mim* — disse Denny a Amanda. — Eu ainda nem sequer me tinha levantado — interrompendo Nora, que exibia uma expressão preocupada e tinha começado a falar.

— Estou farta de me perguntar isso mesmo — disse Nora. — Nem imaginam. Quando eu e os rapazes saímos para ir para a escola, ela estava sentada no alpendre. Quando voltei já não estava lá. Mas a *Brenda* ainda estava dentro de casa, portanto onde é que estava a mãe Whitshank? No quarto dela? No jardim das traseiras? Como é que saiu para ir dar um passeio sem eu me ter apercebido de nada?

— Bem, não podias estar constantemente de olho nela — respondeu-lhe Jeannie.

— Mas devia ter estado! Pelos vistos, devia. Lamento tanto, tanto. Nós as duas tínhamos uma ligação muito especial, sabem. Jamais me perdoarei.

— Então? — disse-lhe Stem. — Pronto, querida.

Que era o máximo que Stem conseguia fazer no que dizia respeito a reconfortar alguém. Nora pareceu ficar-lhe grata, não obstante. Sorriu para ele, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não lemos pensamentos — disse Denny. — Ela devia ter-nos *dito* que queria ir dar um passeio. Não tinha o direito de sair assim, sem mais nem menos!

Oh, todos estavam a reagir como seria de esperar — Denny zangado, Nora cheia de remorsos, Amanda à procura de alguém a quem culpar.

— Como é que ela te podia ter dito — respondeu Amanda a Denny — se estavas a rressonar no quarto?

— Eh lá! — exclamou ele, afastando a cadeira para trás e erguendo as mãos no ar.

— Ainda hão de pensar que te esfalfas a trabalhar — disse Amanda.

— Bem, não é como se *tu* tivesses estado aqui a dar no duro.

— Deixem-se disso, os dois — ralhou Jeannie. — Estamos a fugir ao assunto.

— Qual é o assunto? — perguntou o Hugh da Amanda.

— Tenho a sensação terrível de que a mãe queria que tocássemos o «Good Vibrations» no funeral dela.

— *O quê?* — retorquiu Hugh.

— Ela costumava dizê-lo. Não costumava, Mandy?

Amanda não conseguiu responder porque tinha começado a chorar, pelo que Denny interveio. Disse:

— Não sei se estaria a falar a sério.

— Temos de encontrar as instruções dela. Lembro-me de que as assentou algures.

— Pai? — perguntou Stem. — Sabes onde é que podem estar as instruções dela?

Red estava a olhar para o firmamento, com as mãos pousadas em cima dos joelhos. Respondeu:

— Hum?

— As instruções da mãe para o funeral. Ela disse-te onde é que as guardou?

Red abanou a cabeça.

— Devíamos ir procurar na salinha de trabalho dela — disse Stem aos outros.

— Não estão na salinha — respondeu Nora. — Ela tirou tudo das prateleiras quando o Denny se mudou para cá. Disse que ia tentar arranjar espaço na secretária do pai Whitshank.

— Oh! — exclamou Red. — Pois foi. Pediu-me para guardar as coisas dela numa das minhas gavetas.

Amanda endireitou-se no lugar e limpou o nariz com um lenço de papel.

— Vamos lá espreitar — disse bruscamente. — E, Jeannie, tenho a certeza de que ela não queria o «Good Vibrations». No fundo, não.

— Então pelos vistos não conhecias a mãe — respondeu-lhe Jeannie.

— Só tenho medo que tenha pedido o «Amazing Grace».

— Eu gosto do «Amazing Grace» — retorquiu Stem, calmamente.

— Eu também gostava, até se ter tornado num cliché.

— Eu não acho que seja um cliché.

Amanda ergueu o olhar para o teto.

À hora do almoço, em vez de cozinhare, limitaram-se a saquear o frigorífico.

— Não encontro aqui nada a não ser guisados — queixou-se Denny, ao que Amanda lhe respondeu:

— Tem piada, as pessoas nunca trazem álcool quando morre alguém, já reparaste? Porque não uma grade de cervejas? Ou uma garrafa de vinho do bom? Só trazem guisados e mais guisados. Mas quem é que ainda come essas coisas?

— Eu — retorquiu Nora. — E sirvo-os várias vezes por semana.

Amanda lançou um olhar culpado a Denny e calou-se.

— Hoje de manhã acordei a pensar nas pessoas da casa ao lado — disse Jeannie, pensativamente. — Aquela gente da praia. Para o próximo verão já vão dizer: «Oh, olhem só! Já não vem a mãe!»

— E será que vamos continuar a ir para a praia? — interrogou-se Stem.

— Claro que sim — respondeu-lhe Amanda. — A mãe ia querer que sim. Ela *morria* se deixássemos de ir!

Seguiu-se um momento de silêncio. Então Jeannie deu um pequeno gemido e escondeu o rosto nas mãos.

Nora pôs-se de pé e contornou a mesa, com Sammy escarranchado na anca, para ir fazer uma festa no ombro de Jeannie. Sammy ficou meio pendurado de lado, fitando-a com interesse.

— Pronto, pronto — disse-lhe Nora. — Há de ficar mais fácil, acredita. Deus nunca nos dá mais do que

conseguimos aguentar.

Jeannie chorou ainda mais alto.

— Por acaso, não é verdade — disse Denny, num tom de voz algo informativo. Estava encostado ao frigorífico, com os braços cruzados.

Nora olhou para ele, ainda a fazer festas no ombro de Jeannie.

— Ele dá-nos muito mais do que nós conseguimos aguentar, todos os dias do ano — disse-lhe Denny. — Anda mais de meio mundo a sentir-se... *de rastos*, durante a maior parte do tempo.

Os outros voltaram-se para Nora, à espera de uma reação, mas ela não pareceu ficar ofendida. Limitou-se a dizer:

— Douglas, podes ir procurar o copo de sumo do Sammy, por favor?

Stem levantou-se e saiu da cozinha. Os outros deixaram-se ficar nos seus lugares. Havia algo de desarticulado neles, algo dissonante e desalinhado.

Stem foi quem vasculhou a secretária de Red à procura das instruções para o funeral, enquanto Red o observava do sofá, com as mãos frouxas em cima dos joelhos. Abby tinha ocupado a gaveta de baixo. A papelada dela enchia-a até acima — poemas e diários, cartas de órfãos necessitados e de amigos de longa data, fotografias de colegas de turma antigos, dos pais dela e de vários estranhos.

Stem folheou tudo sem qualquer método e depois deu a vez a Red, que se demorou mais tempo. Só as fotografias tomaram-lhe vários minutos.

— Olha a Sue Ellen Moore! — exclamou ele. — Há anos que não me lembrava dela. — E depois fitou nostalgicamente uma fotografia de Abby ainda jovem, a rir-se e de braço dado com um rapaz carrancudo a fumar um

cigarro. — Apaixonei-me por ela assim que a vi — disse ele a Stem. — Oh, ela estava sempre a falar do dia em que se tinha apaixonado por *mim*, eu sei. «Estava uma linda e fresca tarde, em tons de verde e amarelo...», dizia, mas isso foi quando ela já era quase crescida, quando já *era* crescida, ao passo que eu... há muito que andava a suspirar pela Abby. Este aqui com ela é o meu amigo Dane; foi de quem ela gostou primeiro.

Uma violeta seca espalmada entre papel vegetal fê-lo franzir o sobrolho de perplexidade e depois sorrir, mas sem explicar porquê, e depois perdeu algum tempo a examinar uma lista datilografada do que provavelmente seriam resoluções de Ano Novo.

— «Vou contar até dez antes de responder aos miúdos numa voz irritada» — leu ele em voz alta. — «Todos os dias vou lembrar-me de que a minha mãe está a ficar velhota e que não estará connosco para sempre.» — Contudo, ele pôs de lado a pasta dos poemas de Abby, sem sequer olhar para ela, como se receasse achá-los demasiado dolorosos, e também não abriu nenhum dos pequenos diários pretos e vermelhos.

Alguns dos objetos eram um autêntico mistério. O papel de embrulho completamente alisado de uma tablete de *Hershey*; um pedaço de casca de árvore no interior de um pequeno saco de papel; uma *newsletter* com duas páginas de uma casa de repouso em Catonsville.

— «Cinco Coisas antes de Morrer», leu Stem em voz alta.

— De correr?

— Morrer.

— Oh, o que é que diz?

— Não tem nada que ver com um serviço fúnebre — respondeu-lhe Stem, estendendo-lho. — É para se dizer às pessoas que as amamos, para nos despedirmos delas...

— Queira Deus que ela não tenha pedido para fazermos uma festa — disse Red. — Não me sinto com disposição para festas. — Largou a *newsletter* por ler ao seu lado no sofá. Contudo, Stem parecia não o ter ouvido. Estava a examinar um papel fino e transparente com uma escrita algo indistinta — uma cópia a papel químico, obviamente; o único objeto dentro de um envelope não identificado.

— Encontraste? — perguntou-lhe Red.

— Não, só que...

Stem continuou a ler. Em seguida, levantou a cabeça. Tinha os lábios brancos e uma expressão vazia, quase ressequida, no rosto.

— Toma — disse ele, estendendo o papel a Red.

— «Eu, Abigail Whitshank» — leu Red em voz alta —, «declaro que...» — Calou-se. Baixou o olhar para o fundo da página. Aclarou a garganta e continuou: — «Declaro que Douglas Alan O'Brian será criado como se fosse meu filho, com todos os direitos e privilégios associados. Prometo que a mãe dele terá acesso total sempre que assim o desejar e que poderá reclamá-lo logo que as circunstâncias da vida dela o permitam. Este acordo está condicionado pela promessa da mãe dele de que jamais, por motivo algum, revelará a sua identidade ao filho, a menos que e até que assuma a responsabilidade permanente sobre ele; e eu própria também não a revelarei.» — Ele limpou a garganta mais uma vez. Depois disse: — «Assinado: Abigail Dalton Whitshank. Assinado: Barbara Jane Autry.»

— Não estou a perceber — disse Stem.

Red não lhe respondeu. Estava a olhar fixamente para o contrato.

— É a *B. J. Autry*? — perguntou Stem.

Red continuava sem responder.

— É, sim — disse Stem. — Só pode ser. Barbara Jane Eames era o nome de solteira dela, mas depois deve ter-se

casado com alguém chamado Autry. E esteve aqui à frente de toda a gente, este tempo todo.

— Deve ter encontrado o teu nome na lista telefónica — respondeu-lhe Red, erguendo o olhar do contrato.

— Porque é que não me disseram? — quis saber Stem. — Tinham a obrigação de me dizer! Não me interessa a promessa que fizeram!

— Eu não fiz promessa nenhuma — retorquiu Red. — Não tinha conhecimento de nada disto.

— De certeza que sabias.

— Juro-te: a tua mãe nunca me disse.

— Estás a dizer-me que ela sabia a verdade estes anos todos e que a escondeu do próprio marido?

— Pelos vistos — respondeu Red. Esfregou a testa.

— É impossível — disse-lhe Stem. — Por que carga de água haveria de fazer uma coisa dessas?

— Bem, ela... talvez tivesse receio de que eu a obrigasse a devolver-te — respondeu Red. — Que lhe dissesse que tinha de te entregar à B. J. E tinha razão: eu tê-lo-ia feito.

Stem deixou cair o queixo. Disse:

— Tu ter-me-ias devolvido.

— Tens de admitir, Stem, que se tratava de um acordo muito pouco comum.

— Seja como for — replicou Stem.

— Seja como for o quê? Tu és o filho legítimo da B. J.

— Então ainda bem que ela não está entre nós — respondeu-lhe Stem, com amargura. — Já morreu, certo?

— Sim, acho que sim — disse Red.

— Achas que sim... — retorquiu Stem, como se o estivesse a acusar.

— Stem, juro por Deus que não fazia ideia disto. Eu mal conhecia a mulher! Nem sei como é que a tua mãe conseguiu que um advogado alinhasse nisto.

— Ela não arranhou advogado nenhum. Olha para a linguagem. Oh, ela tentou soar profissional, «direitos e privilégios associados», «a menos que e até que», mas qual é o advogado que escreve «jamais, por motivo algum»? Que documento oficial é composto por um único parágrafo? Ela escreveu-o sozinha, em conjunto com a B. J. Isto nem sequer foi reconhecido por um notário!

— Confesso que — disse Red, baixando novamente o olhar para o contrato — estou um pouco... chateado com isto.

Stem resfolegou com desdém.

— A tua mãe às vezes conseguia ser... quer dizer, a Abby conseguia ser... — A voz de Red perdeu-se no ar.

— Escuta — disse Stem. — Promete-me uma coisa. Promete que não contas nada.

— O quê, a *ninguém*? Nem sequer ao Denny e às miúdas?

— A ninguém. Promete-me que não dizes nada.

— Mas porquê? — perguntou-lhe Red.

— Porque eu não quero.

— Mas agora já és crescido. Não iria mudar nada.

— Estou a falar a sério: quero que esqueças que viste isto.

— Bem — disse Red. Em seguida, inclinou-se para a frente e devolveu-lhe o papel.

Stem dobrou o contrato e enfiou-o no bolso da camisa.

Descobriu-se que nem mesmo a gaveta de baixo da secretária de Red tinha proporcionado espaço suficiente para a papelada de Abby. As instruções para o funeral dela acabaram por aparecer no armário por baixo do assento da janela, entre os programas dos funerais de outras pessoas — dos pais dela, do irmão e da «cerimónia em memória» de alguém chamado Shawanda Simms e do qual ninguém da família tinha ouvido falar. E não, ela não tinha solicitado

«Good Vibrations» nem «Amazing Grace». Queria «Sheep May Safely Graze» e «Brother James's Air» e que fossem cantadas apenas pelo coro, graças a Deus; e depois a congregação juntar-se-ia para cantar «Shall We Gather at the River?». Amigos e/ou familiares poderiam prestar-lhe homenagem, caso se quisessem dar a esse trabalho (essa escolha de palavras foi entendida pelas filhas como ridiculamente conjectural), e o reverendo Stock poderia dizer umas palavras breves e (se não fosse pedir muito) «que não se concentre muito no aspeto religioso».

A referência ao reverendo Stock deixou toda a gente num frenesim. Primeiro, nem sequer sabiam de quem se tratava. Depois, Jeannie depreendeu que o mais certo era ser o clérigo de Hampden Fellowship — a pequena igreja onde Abby ia de tempos a tempos, tendo feito parte dela na infância. Mas o local de culto oficial dos Whitshank, pelo menos na véspera de Natal e na Páscoa, era a St. David, e foi nessa igreja que Amanda marcou para as onze horas da manhã da segunda-feira seguinte. Faria assim tanta diferença?, interrogou-se ela em voz alta. Red respondeu-lhe que sim. Talvez raciocinando que Nora era a perita da família em questões religiosas, ele incumbiu-a de fazer os telefonemas necessários para a St. David e para o reverendo Stock. Nora dirigiu-se para o telefone do jardim de inverno e regressou pouco depois para dizer que o reverendo Stock se tinha reformado há muitos anos, mas que o reverendo Edwin Alban lamentava muito a perda deles e que os visitaria nessa mesma tarde para discutir todos os pormenores. Red empalideceu perante a ideia de uma visita, mas agradeceu-lhe por ter tratado do assunto.

Por essa altura já todos os membros da família estavam em frangalhos. Os três rapazes acordavam constantemente a meio da noite e atravessavam o corredor para se irem enfiar dentro da cama de Stem e Nora. Stem esqueceu-se

de cancelar a reunião com uma senhora de Guilford que andava a pensar ampliar a casa. Jeannie e Amanda tiveram uma discussão por Amanda ter dito que, apesar de Alexander ter realmente tido um lugar especial no coração de Abby, tal era de esperar por «Alexander ser tão... tu sabes». «Ser tão quê? Tão quê?!», exigira saber Jeannie, e Amanda respondera-lhe: «Esquece», fechando a boca num gesto teatral. Nem dez minutos depois, Deb deixou Elise com um olho negro por esta ter dito que a avó lhe tinha confidenciado certa vez que gostava mais de Elise. «Ora bem, como é que havemos de os entreter hoje?», perguntou Red — o verso de um poema de Christopher Robin que Abby costumava citar sempre que havia uma crise familiar. Depois o seu rosto assumiu uma expressão destrocada, decerto motivada pelo som da voz alegre de Abby a ecoar na sua cabeça. Entretanto, Denny, como seria de esperar, começou a passar longos períodos fechado no quarto a fazer ninguém sabia o quê, apesar de às vezes o ouvirem a falar ao telemóvel. Mas com quem? Era um mistério. Até *Heidi* estava a comportar-se de modo estranho. Estava constantemente a assaltar o caixote do lixo que havia por baixo do lavatório da cozinha e a deixar bocados nojentos de papel de alumínio mastigado debaixo da mesa da sala de jantar.

— Vocês, meninas, têm de me avisar se eu começar a ficar com mau aspeto — disse Red às filhas. — Já não tenho cá a vossa mãe para cuidar de mim. — Mas à medida que a semana foi avançando, e as camisas dele começaram a ficar cheias de nódoas de comida e ele passou a andar de chinelos, acabou por ignorar quaisquer sugestões que elas lhe faziam.

— Sabes, pai — disse-lhe Jeannie —, acho que essas calças estão boas é para irem para o lixo — ao que ele respondeu:

— Do que é que estás a falar? Ainda agora comecei a usá-las.

Quando Amanda se ofereceu para levar o fato dele à lavandaria, para que estivesse pronto para o funeral, ele respondeu-lhe que não havia necessidade; iria vestir uma *dashiki*.

— Uma *quê*? — perguntou-lhe Amanda. Ele deu meia-volta e saiu do jardim de inverno, deixando as filhas a olharem uma para a outra, consternadas. Uns minutos mais tarde regressou com uma espécie de túnica num tom azul-esverdeado tão brilhante, tão incrivelmente vivo, que fazia doer a vista.

— A vossa mãe fez-me isto para o nosso casamento — explicou ele — e achei que seria apropriado usá-lo para o funeral dela.

— Mas, pai — retorquiu Amanda —, o vosso casamento foi nos anos sessenta.

— E?

— Se calhar nos anos sessenta as pessoas usavam essas coisas, apesar de eu não... mas isso foi há mais de meio século! A bainha está toda descosida, olha só. E tem um rasgão debaixo do braço.

— Dá-se um ponto — replicou Red. — Vai ficar como novo.

Amanda e Jeannie entreolharam-se e Red apercebeu-se. Virou-se abruptamente para Denny, que estava deitado em cima do sofá a fazer *zapping* pelos vários canais de televisão.

— Isto arranja-se facilmente — disse-lhe Red, erguendo no ar o cabide de metal com a *dashiki*. — Não é? Não é?

Denny respondeu-lhe:

— Hum? — desviando o olhar para ele. — Oh, sim, eu arranjo-te isso — disse. — Desde que encontre linha da mesma cor.

As raparigas resmungaram, mas Denny pôs-se de pé, pegou na *dashiki* e saiu da sala.

— Obrigado — gritou-lhe Red. Em seguida, voltou-se novamente para as filhas e disse: — Tenho umas calças de bombazina que podia usar com a túnica, são cinzentas. O cinzento fica bem com o azul, não fica?

— Sim, pai — respondeu-lhe Amanda.

— No nosso casamento usei calças à boca de sino — disse ele. — A vossa avó Dalton teve uma crise de nervos.

Não havia fotografias do casamento deles porque Abby tinha achado que um fotógrafo teria estragado o ambiente de festa. Como tal, Amanda e Jeannie ficaram muito interessadas e Jeannie perguntou:

— O que é que a mãe levava vestido?

— Uma coisa comprida e esvoaçante, já não me lembro como é que se chamava — disse Red. — Tafetá?

— Cafetã?

— Isso. — Os olhos dele encheram-se de lágrimas. — Estava bonita — disse.

— Sim, aposto que sim.

— Eu sei que não devia perguntar «porquê eu?» — disse ele. As lágrimas escorriam-lhe do rosto agora, mas ele não parecia ter-se apercebido. — Passámos quarenta e oito anos juntos. É mais do que muita gente consegue. E sei que devia sentir-me grato por ela ter ido primeiro, pois não se iria safar sem mim. Nem sequer sabia arranjar uma torneira a pingar!

— Certo, pai — disse Jeannie, e tanto ela como Amanda já estavam a chorar.

— Mas às vezes tenho de perguntar na mesma. Percebem?

— Sim, pai. Nós percebemos.

Carla não ficou muito contente por deixar Susan faltar à escola para ir ao funeral. Toda a gente ouviu Denny a discutir com ela ao telefone:

— Ela era a neta favorita da minha mãe — disse-lhe ele. — Estás a dizer-me que a miúda não pode faltar à porcaria de um teste de Matemática por ela? — No final ficou decidido que ela poderia ir, mas que não passaria lá a noite, de maneira a estar de volta à escola na terça-feira de manhã. Pelo que logo após o pequeno-almoço, na manhã do funeral, Denny foi de carro à estação de comboios para a ir buscar. A criança com quem ele voltou era uma versão muito mais cerimoniosa e circunspecta da Susan que tinha passado férias com eles na praia. Envergava um vestido de malha cinzento-escuro com uma gola branca discreta, *collants* pretos e sapatos de camurça pretos. Percebia-se uma espécie de primeiro sutiã enrugado à volta do peito dela. Os três filhos de Stem olharam-na timidamente, a princípio, e não abriram a boca, mas ela levou-os para o jardim de inverno e poucos minutos depois começaram a chegar vozes tagarelas à cozinha, onde os adultos continuavam sentados à volta da mesa do pequeno-almoço.

Red vestia umas calças de bombazina largas cinzentas e a sua *dashiki*, que era ainda mais impressionante fora do cabide. As mangas formavam um balão extravagante sobre os punhos de elástico, dando-lhe um ar de corsário, e a racha junto ao pescoço era comprida o suficiente para expor uma porção de pelos do peito grisalhos. Contudo, Nora disse:

— Oh! O Denny remendou-lhe isso muito bem! — e Red pareceu ficar satisfeito, sem reparar que ela não tinha dito nada sobre o conjunto completo.

Quando a campainha da porta soou e *Heidi* começou a ladrar, eles reuniram-se todos. Era com certeza a empregada de Ree Bascomb, que tinha concordado ficar a

tomar conta dos três rapazes. Depois de lhe terem sido dadas algumas instruções, saíram todos pela porta das traseiras (Stem e Nora, Red, Denny e Susan) e entraram no carro de Abby. Denny foi o condutor. Red sentou-se ao lado dele. Durante a viagem de dez minutos até à igreja, Red não abriu a boca, limitando-se a olhar pela sua janela. No banco de trás, Nora fazia conversa de circunstância com Susan. Como é que estava a correr a escola nesse ano? Como é que estava a mãe dela? Susan respondia de forma educada mas sucinta, como se sentisse que seria uma falta de respeito não pensar apenas no funeral. Denny tamborilava com os dedos no volante sempre que parava num semáforo.

Em Hampden, o resto do mundo desfrutava uma manhã de segunda-feira perfeitamente vulgar. Duas mulheres pesadas estavam paradas à conversa, uma delas a empurrar um carrinho cheio de roupa para lavar. Um homem empurrava um carrinho com um bebé todo embrulhado. O tempo tinha começado fresco, mas estava a aquecer rapidamente e algumas pessoas envergavam camisolas de malha, mas uma rapariga emergiu de uma loja de conveniência vestida com calções curtos e chinelos de praia.

A igreja acabou por se revelar um cubo branco pequeno e singelo, coroado por algo que mais se parecia com uma cúpula do que com um campanário, e encaixado entre uma mercearia de família e uma casa já completamente decorada a rigor para o Dia das Bruxas. Se não fosse o letreiro na entrada, eles não teriam dado por ela. «Hampden Fellowship» via-se na parte de cima da moldura, com as palavras «Bem-vindo a casa, soldado Sprinkle» escritas por baixo, com letras amovíveis. Nem sequer havia um parque de estacionamento, pelo menos tanto quanto Denny conseguia ver. Tiveram de estacionar na rua.

Enquanto eles saíam do carro, Jeannie e Hugh estacionaram imediatamente atrás deles, com os dois filhos e a mãe de Hugh. Depois Amanda e o Hugh dela aproximaram-se a pé com Elise, que envergava uns sapatos altos pretos de verniz e um vestido brilhante e cheio de folhos tão curto que ela mais parecia uma empregada de mesa. Uma camada de base disfarçava-lhe o olho negro. Bastou Jeannie e Amanda verem-se uma à outra para desatarem a chorar compulsivamente, abraçadas no meio do passeio, enquanto a Sra. Angell dava estalidos com a língua em jeito de solidariedade e segurava a bolsa junto ao peito. Estava a usar um chapéu com flores muito bonito e típico para usar na missa. Aliás, todos eles se tinham vestido no seu melhor, à exceção de Red, cuja parte de baixo da *dashiki* aparecia sob o casaco dos Orioles.

Por fim, subiram os dois degraus da frente e entraram na sala branca de teto baixo ladeado com bancos escuros. O espaço possuía essa humidade profunda típica de um sítio que tinha passado uma noite de outono inteira sem aquecimento, apesar de se ouvir uma caldeira a ressoar algures. Um púlpito encontrava-se virado de frente para eles, com uma cruz escura e simples na parede atrás, e de lado via-se uma mulher com o cabelo pintado de vermelho a tocar «Sheep May Safely Graze» num piano vertical. (O reverendo Alban já tinha explicado que os membros do seu coro eram pessoas de trabalho e que não tinham disponibilidade para cantar num dia de semana.) A pianista não olhou na direção deles, continuando a bater nas teclas enquanto eles subiam o corredor central e se instalavam na segunda fila. Poderiam ter optado pela primeira fila, mas parecia haver o entendimento implícito de que isso seria algo exibicionista de mais.

Uma jarra alta com hidrângeas brancas encontrava-se diante do púlpito. De onde teriam vindo? Os Whitshank não

tinham encomendado flores e tinham deixado bem claro no jornal *Sun* que não queriam que fossem enviadas flores — somente donativos feitos à House of Ruth, se as pessoas fizessem realmente questão de contribuir com algo. Abby era muito esquisita no que dizia respeito a flores. Gostava de as ver a crescer no exterior, sem serem colhidas. Jeannie sussurrou:

— Talvez sejam do jardim de alguém — o que teria sido preferível, pelo menos, a flores compradas numa florista, mas Amanda, sentada ao lado dela, sussurrou:

— Não é um pouco tarde para este tipo de flor?

Podiam ter falado numa voz normal, mas estavam todos um pouco inibidos. Nenhum deles sabia muito bem as regras de um funeral — a quem cumprimentar, para onde olhar, a quem entregar discretos envelopes de dinheiro no final da cerimónia. Por duas vezes nessa mesma manhã, Amanda telefonara a Ree Bascomb para lhe pedir conselhos.

As crianças encontravam-se sentadas numa ponta, com Susan no meio por ser de longe e como tal a mais interessante. Red tinha ficado do lado do corredor central, mediante insistência de Amanda. Ela lembrara-o de que amigos dele poderiam querer aproximar-se para lhe dizer meia dúzia de palavras. Uma vez que era precisamente isso que Red mais temia, sentou-se debruçado para a frente e cabisbaixo, fazendo lembrar um pássaro à chuva, olhando fixamente para os seus próprios joelhos.

O reverendo Alban entrou por uma porta lateral situada perto do piano. Eddie, como ele tinha pedido para o tratarem. Era um homem muito louro e desconcertantemente jovem vestido com um fato preto, o seu tom de pele tão claro que quase era possível ver-se-lhe o sangue a fluir por baixo. Primeiro fez uma pequena vénia para Red e segurou-lhe a mão direita entre as duas mãos, e

depois perguntou a Amanda se ela tinha a lista das pessoas que iriam prestar homenagem. Aquando da visita dele à casa, a família ainda não tinha decidido quem seriam as pessoas, mas agora Amanda estendeu-lhe uma folha de papel e ele percorreu os olhos pela lista e depois acenou com a cabeça.

— Ótimo — disse. — E como é que se pronuncia este aqui? E-laice?

— E-lice — respondeu-lhe Amanda com firmeza, e Jeannie ficou muito tensa ao lado dela. Não lhes parecia um bom sinal o facto de ter sido preciso perguntar. Ele enfiou a folha de papel no bolso de dentro do casaco e foi sentar-se numa cadeira de costas direitas junto ao púlpito.

Os convidados tinham começado a sentar-se nos bancos atrás deles. Os Whitshank ouviram passos e burburinhos, mas continuaram virados para a frente.

O reverendo Alban (Eddie) admitira durante a sua visita à casa que não tinha conhecido pessoalmente Abby. «Sou clérigo em Hampden somente há três anos», explicara ele. «Lamento não termos tido a oportunidade de nos conhecermos. Estou certo de que era uma excelente senhora.»

A palavra «senhora» deixara-os a todos tensos e desconfiados. Aquele homem não tinha *noção* nenhuma de quem era Abby! Estava a imaginar uma velhota qualquer com sapatos ortopédicos. «Ela só tinha setenta e dois anos», respondera-lhe Jeannie, com o queixo erguido.

Mas ele próprio era tão novo que essa lhe devia ter parecido uma idade avançada. «Sim», retorquira ele, «parece sempre que foi cedo de mais. Mas o Senhor lá sabe... Diga-me, senhor Whitshank, tem algum plano específico para a cerimónia fúnebre?»

«Eu? Oh, não», retorquira Red. «Não, eu não... eu nunca... não organizámos muitos funerais nesta família.»

«Compreendo. Nesse caso, posso sugerir-lhe que...»

«É verdade que os meus pais faleceram, mas quer dizer, isso foi tão rápido. O carro deles ficou preso na linha do comboio. Acho que fiquei em estado de choque; não me recordo de quase nada em relação ao funeral.»

«Isso deve ter sido...»

«Agora, olhando para trás, acho que não interiorizei realmente o que aconteceu. Sinto que me passou ao lado. E parece ter sido há tanto tempo, embora, verdade seja dita, tenha acontecido nos anos sessenta. Tempos *modernos*! Nessa altura já tínhamos mandado homens para o espaço. Pelo menos os meus pais viveram o suficiente para verem portadas de alumínio, pinázios de encaixar falsos, portas de duas folhas e banheiras feitas de fibra de vidro.»

«Incrível», respondera-lhe o reverendo Alban.

Com tanta coisa, acabara por não ficar nada definido durante a visita dele. Nenhum dos elementos da família sabia o que esperar quando por fim ele se levantou e se posicionou atrás do púlpito, e o piano calou-se.

— Oremos então — disse ele à congregação. Ergueu as duas mãos no ar e toda a gente se levantou; os rangidos dos bancos ecoaram na sala inteira. Ele fechou os olhos, mas os Whitshank mantiveram os seus abertos; à exceção de Nora. — Pai Celestial — entoou ele numa voz cavernosa —, pedimos-Te esta manhã que nos reconfortes na nossa perda de um ente querido. Pedimos-Te que...

— Aquela tal de Atta está cá — sussurrou Jeannie para o marido.

— Quem?

— A órfã que apareceu para almoçar no mês passado, lembra-te?

Aparentemente, no processo de se levantar para a oração, Jeannie conseguira lançar um olhar de relance para a congregação. Agora olhou de novo e disse:

— Oh! E a mulher que ia a conduzir o carro. Trouxe alguém com ela; deve ser o marido.

— Coitada — replicou Hugh.

A condutora do carro que tinha matado Abby fizera uma visita à casa no dia a seguir ao acidente, muito perturbada, pedindo desculpa dezenas de vezes, apesar de ser do conhecimento geral que não tinha sido culpa dela. Não parava de dizer que iria ver a imagem do pobre cão na sua mente para o resto da vida.

— Está cá bastante gente — sussurrou Jeannie, mas depois um olhar de Amanda fê-la calar-se.

Abby não tinha especificado uma passagem da Bíblia, mas o reverendo Alban providenciou uma na mesma — uma longa passagem do Livro dos Provérbios sobre uma mulher virtuosa. Não foi mau. Pelo menos a família não encontrou nada de ofensivo nele. Em seguida, foram convidados a cantar um hino intitulado «Estou Aqui, Senhor» que nenhum deles conhecia. Pelos vistos o reverendo Alban achava necessário haver uma seleção musical mais extensa do que a sugerida por Abby. Mas também não houve problemas por isso. Mais tarde, Jeannie contou que esse momento a fizera visualizar Abby a chegar ao Céu cheia de energia e vontade de ajudar: «Estou aqui, Senhor; o que é que é preciso fazer?»

Abby *tinha*, contudo, especificado um poema. Um poema de Emily Dickinson intitulado «Se Eu Puder Evitar Que um Coração se Parta», que Amanda leu em voz alta no púlpito, depois de primeiro ter dado as boas-vindas a todos e de lhes agradecer pela presença. Foi o único dos filhos de Red e de Abby que quis falar. Denny alegou não ter jeito para essas coisas; Jeannie tinha receio de desatar a chorar; e Stem limitou-se a dizer que não, sem dar qualquer justificação.

No entanto, Merrick oferecera-se para o fazer. Merrick! Fora muito inesperado. Ela chegara de avião da Florida logo que soubera da notícia e dirigira-se diretamente para a casa, preparada para arregaçar as mangas e assumir o controlo da situação. Amanda conseguira dissuadi-la, mas ninguém pôde recusar quando ela pediu para dizer umas palavras durante a cerimónia fúnebre.

— Eu conhecia a Abby há mais tempo do que toda a gente — disse ela. — Antes mesmo do Red! — E foi assim que ela deu início ao seu discurso, parada ao lado do púlpito em vez de atrás dele, como se quisesse proporcionar à congregação a visão do seu vestido preto com a bainha assimétrica. — Conhecia a Abby Dalton desde que ela tinha doze anos — disse ela. — Desde que ela era uma rapariguinha desengonçada de Hampden cujo pai era o proprietário de uma daquelas lojas de ferragens em que se entra e se diz: «Oh, meu Deus! Peço desculpa! Acho que estou na cave de alguém!» Havia pás, ancinhos e carrinhos de mão, tudo em cima umas coisas das outras, cordas enroladas e correntes penduradas do teto tão baixo que as pessoas quase que lhe batiam com a cabeça, e um gato malhado a dormir profundamente em cima de uma saca de sementes de relva. Mas sabem que mais? A Abby acabou por se revelar a coisa mais cheia de energia na escola inteira. Não se atrapalhava nada com as suas origens! Era uma *vivaça* e orgulho-me de dizer que era a minha melhor, e mais próxima, amiga. — Então o queixo começou a tremer-lhe, ela levou as pontas dos dedos aos lábios e abanou a cabeça, regressando rapidamente ao seu lugar, que ficava mesmo ao lado da sogra. Os restantes Whitshank entreolharam-se com os olhos arregalados — inclusive Red.

A seguir foi a vez de Ree Bascomb, pobrezinha, pequenina e com ar de fada com a sua cabeleira farta de

caracóis brancos. Começou a falar quando ainda estava a percorrer o corredor central.

— Por acaso uma vez estive numa loja de ferragens com a Abby — disse. — Não a do pai dela, claro. Nessa altura ainda não a conhecia. Conheci-a quando ainda éramos jovens mães a darmos em doidas nas nossas casas, e às vezes íamos dar uma volta sozinhas, no carro uma da outra com os miúdos sentados no banco de trás, em direção a um sítio qualquer só pelo prazer de estarmos em movimento. Certo dia estávamos na Topps Home and Garden porque a Abby queria comprar um extintor para a cozinha, e enquanto o empregado estava a registar a compra ela disse: «Importa-se de se despachar? É que é uma emergência.» Na brincadeira, estão a perceber? Estava a tentar fazer uma piada. Mas o homem não percebeu. Respondeu-lhe: «Tenho de seguir as regras, minha senhora», e eu e ela desatámos a rir-nos que nem umas perdidas. Chorámos a rir! Oh, acho que nunca mais vou rir-me tanto como me ria com a Abby. Vou sentir muito a falta dela!

Ela afastou-se do púlpito com os olhos secos, sorrindo para os Whitshank ao passar por eles, mas foi o seu discurso que fez Jeannie e Amanda recomeçarem a chorar.

— Obrigado — agradeceu o reverendo Alban. — E agora vamos ouvir a Elise Baylor, neta da senhora Whitshank.

Elise segurava um cartão na mão. Caminhou hesitantemente na direção do púlpito com os seus sapatos de salto alto de tiras, olhou para a congregação com um sorriso deslumbrante e aclarou a garganta.

— Quando eu e os meus primos éramos pequenos — começou ela —, a avó telefonava para as nossas casas e dizia-nos: «É sábado! Toca a fazer o Arraial da Avó!», e nós íamos todos para casa dela fazer trabalhos manuais: secar flores, fazer pegas de croché e molduras com pauzinhos de

gelado, ou então ela lia-nos histórias sobre crianças de outros países. Quer dizer, alguns dos livros eram uma seca, mas havia partes que eram, tipo, interessantes. Vou lembrar-me da *minha* avó para o resto da minha vida.

Deb e Susan olharam-na furiosas (deve ter sido a parte do «minha avó» que as irritou), enquanto Alexander exibia a expressão carregada de um menino a tentar não chorar. Elise fitou a congregação com um ar triunfante e regressou ao seu lugar com os saltos altos a ecoarem no chão de pedra.

— Obrigado a todos — disse o reverendo Alban. Acenou com a cabeça na direção da pianista, que correu para o piano e começou a tocar «Brother James's Air». Parecia ser uma música estranhamente bem-disposta para a ocasião. O Hugh da Amanda começou a bater o pé ao ritmo da música, num gesto distraído, até Amanda se inclinar para a frente e o fitar com o semblante carregado.

No final da peça musical, o reverendo Alban levantou-se e aproximou-se novamente do púlpito. Em seguida, uniu as pontas dos dedos.

— Eu não conheci a senhora Whitshank — disse — e como tal não tenho as recordações que vocês têm. Mas já me tem ocorrido, de tempos a tempos, que as recordações que temos dos nossos entes queridos talvez não sejam o mais importante. Se calhar o mais importante são as recordações que *eles* têm; tudo o que levam com eles. E se o Céu for apenas uma consciência imensa à qual os mortos retornam? E se a missão deles for reportar todas as experiências que recolheram durante o seu tempo na Terra? A loja de ferragens do pai com o gato a dormir em cima das sementes de relva, a amiga que costumava rir-se até as lágrimas lhe escorrerem pelas faces e os sábados em que os netos se sentavam a colar pauzinhos de gelado. As manhãs de primavera em que acordaram a ouvir um milhão

de pássaros a cantar até mais não, as tardes de verão com as toalhas penduradas na varanda do alpendre, o ar de outubro que cheirava a lenha a arder e a sidra de maçã, e as janelas quentes e amarelas do lar quando regressavam a casa numa noite cheia de neve. «Foram essas as minhas experiências», dizem eles, e depois elas são guardadas juntamente com as outras; mais um relatório sobre a experiência do que significa viver. Sobre o que significa estar vivo.

Em seguida, ele ergueu os braços no ar e disse:

— Página duzentos e trinta e nove do vosso cântico sagrado: «Reunimo-nos junto ao Rio?» — e toda a gente se pôs de pé.

— Não percebo — disse Red a Amanda, aproveitando a altura da música. — Para *onde* é que ele disse que ela foi?

— Para uma consciência imensa — retorquiu Amanda.

— Pois, isso seria mesmo o género da tua mãe — disse ele. — Mas não sei; eu estava à espera de um lugar mais concreto do que isso.

Amanda deu-lhe uma palmadinha na mão e depois apontou-lhe o verso seguinte no livro de cânticos.

Ree Bascomb alertara-os para o facto de as pessoas poderem aparecer lá em casa logo a seguir ao serviço fúnebre. Quer fossem convidadas quer não, explicara ela, lá estariam, à espera de comes e bebes. Como tal, a família já estava preparada quando a primeira pessoa tocou à campainha. Sem uma pausa para respirar sequer, voltaram à parte de murmurar agradecimentos, aceitar abraços e permitir que lhes segurassem as mãos com força. A empregada de Ree serviu tabuleiros com pequenas sandes, entregues nessa mesma manhã por uma empresa de *catering*. Um trio de homens do Médio Oriente, vestidos de um modo mais formal do que os próprios filhos de Abby,

observava, chocado e em silêncio, os três rapazes de Stem a correrem atrás uns dos outros à volta das pernas dos adultos, e uma idosa de estatura pequena que ninguém conhecia perguntou a várias pessoas se havia daqueles biscoitos que Abby costumava fazer.

Quando Denny se despediu antes de levar Susan à estação de comboios, ficou claro que julgava que os convidados já se tivessem ido embora quando ele regressasse. Mas não, continuavam lá em casa quando ele voltou. Sax Brown e Marge Ellis estavam a discutir sobre o Afeganistão. Elise tinha pegado num copo de vinho branco; segurava delicadamente o pé do copo entre o polegar e o indicador, e a sua maquilhagem estava a esbater-se, pelo que o olho negro começava a ficar visível. A empregada de Ree Bascomb estava a servir *crudités* descalça, e a própria Ree, que talvez tivesse bebido ligeiramente de mais, tinha o braço à volta da cintura do filho adolescente de alguém. Red parecia exausto. O rosto dele estava cinzento e flácido. Nora estava a tentar convencê-lo a sentar-se, mas ele mantinha-se teimosamente de pé.

Então de repente os convidados foram-se embora, todos em simultâneo, como se tivessem ouvido o som secreto de um apito de cão. A sala de estar já só tinha a família, mas parecia luminosa de mais, como a luz da rua depois de uma ida ao cinema durante o dia. Uma tábua de queijos completamente desfalcada encontrava-se pousada em cima do divã, o tapete estava cheio de migalhas de tostas e um xaile esquecido por alguém tinha ficado pendurado nas costas de uma cadeira. A empregada de Ree Bascomb estava a mexer em copos na cozinha. Ouviu-se a sanita da casa de banho das visitas a ser descarregada e Tommy regressou à sala de estar ainda a apertar as calças.

— Bom... — disse Red. Olhou em redor para os presentes.

— Bom... — repetiu Amanda.

Continuaram todos de pé. Tinham todos as mãos vazias. Estavam com o ar de pessoas à espera da próxima tarefa, só que esta não existia, claro. Tinha chegado ao fim. Já se tinham despedido de Abby.

Mas parecia que faltava mais qualquer coisa — uma espécie de resumo, de relato a fazer. «Nem imaginas o que disse a Merrick», apetecia-lhes reportar. E: «Se tivesses visto a Rainha Eula, ter-te-ias rido às gargalhadas. O Trey nem vê-lo, imaginas uma coisa dessas, parece que tinha uma reunião importante, mas a Rainha Eula foi. Estás a imaginar? Lembras-te de como ela costumava jurar a pés juntos que tu eras comunista?»

Mas calma. Abby tinha morrido. Ela jamais teria conhecimento dessas coisas.

CAPÍTULO OITO

Podia dizer-se que por causa do falecimento de Abby já não era necessário ninguém ficar lá em casa com Red. Ele era mais ou menos capaz de se virar sozinho, afinal de contas, e regressou de imediato ao trabalho na manhã a seguir ao funeral. Nessa tarde, contudo, voltou para casa mais cedo e foi enfiar-se dentro da cama, e se Nora não tivesse entrado no quarto dele com uma pilha de roupa dobrada, talvez tivesse ficado lá durante muito tempo sem ninguém dar por ele, com uma mão pousada sobre o peito e uma ruga de dor ou de preocupação a franzir-lhe a testa. Disse que não era nada, somente fadiga, mas não se opôs quando Nora insistiu que Denny o levasse às Urgências do hospital.

De facto, *não era nada*; apenas indigestão, concluíram os médicos seis horas mais tarde, pelo que foi mandado para casa na companhia dos quatro filhos, tendo os outros três ido a correr para o hospital logo que Nora lhes ligara. Ainda assim, o incidente deixou as filhas preocupadas.

Tinham concordado, até então, que haveria tempo mais do que suficiente para definirem as questões sobre a casa. Vamos deixar as coisas assentarem um pouco, disseram entre eles. Mas, durante o resto dessa semana, as duas raparigas pareceram passar mais tempo em Bouton Road do que nas suas próprias casas; e, por norma, sem os maridos ou os filhos, como para mostrarem que estavam a levar a coisa muito a sério. Apareciam com um intuito, Jeannie a querer a caixa de receitas de Abby e Amanda a trazer caixas de cartão para separar as peças de roupa de Abby, e depois deixavam-se ficar, interagindo com este ou aquele em conversas expositivas.

— Sabes que não podemos contar com o Denny em termos definitivos — disse Amanda a Nora, por exemplo. —

Pode prometer-nos a Lua, mas depois um dia deixa-nos completamente pendurados. Até me admira que desta vez tenha ficado tanto tempo. — Então Denny entrou na cozinha e ela calou-se. Teria ouvido? Mas, mesmo depois de ele ter pousado a chávena no lava-louça e ter voltado a sair, Nora não lhe respondeu. Estava a tirar biscoitos do tabuleiro do forno, com uma expressão simpática e reservada, como se Amanda tivesse estado a falar apenas para se ouvir a si mesma a falar.

E Stem! Talvez fosse da dor que sentia, mas tinha-se tornado muito calado.

— No fundo — tentou dizer-lhe Jeannie certo dia —, acho que o pai sempre partiu do princípio de que tu e a Nora ficariam a morar aqui para sempre. Que herdassem a casa, quero eu dizer, quando ele já cá não estiver. — Em seguida, lançou um olhar culpado na direção de Denny, que estava sentado ao lado de Stem no sofá, a fazer *zapping* pelos vários canais de televisão, mas Denny limitou-se a esboçar um trejeito. Mesmo ele sabia que Red teria depositado a sua esperança em Stem. Quanto ao próprio Stem, não parecia tê-la ouvido. Continuava com os olhos postos no ecrã do televisor, apesar de não estar a dar nada exceto anúncios e mais anúncios.

Depois do almoço de domingo, enquanto Red estava no piso de cima a dormir a sesta, Amanda disse aos outros:

— Não é que o pai precise de alguém para cuidar dele, lá isso é verdade. Mas precisa de alguém que todas as manhãs se certifique de que ele aguentou mais uma noite, pelo menos.

— Um simples telefonema resolve isso — retorquiu Stem.

Jeannie e Amanda fitaram-se com as sobrancelhas arqueadas. Aquele era um comentário que elas teriam esperado de Denny, nunca de Stem.

Stem não estava a olhar para nenhuma delas. Estava a ver os filhos a jogarem um jogo de tabuleiro em cima do tapete.

Denny disse:

— Ah, bem, talvez mais cedo ou mais tarde o pai encontre uma amiga.

— Oh, Denny! — exclamou Jeannie.

— O que foi?

— Sim, ele podia fazer isso — respondeu Amanda, numa voz normal. — Uma parte de mim gostava que um dia o fizesse. Uma mulher simpática, protetora. Mas depois a outra parte diz: «Mas e se for alguém que não é do nosso género? Alguém que use o colarinho virado para cima ou algo assim?»

— O pai jamais se apaixonaria por uma mulher que usasse o colarinho virado para cima! — retorquiu Jeannie.

Então os passos de Red ecoaram nas escadas e toda a gente se calou.

Mais tarde, nesse mesmo dia, quando as raparigas tinham reunido as respetivas famílias e estavam a despedir-se à porta, Red perguntou a Amanda se deveria informar o advogado deles sobre o falecimento de Abby.

— Claro que sim — replicou Amanda. — Ainda não o fizeste? Quem é o vosso advogado? — ao que Red lhe respondeu:

— Não faço ideia; fizemos os nossos testamentos há muitos anos. A tua mãe é que tratava dessas coisas.

Stem emitiu um som agudo e repentino que mais parecia uma gargalhada e toda a gente olhou para ele.

— É como aquela piada antiga — explicou-lhes ele. — O marido diz: «A minha mulher decide as coisas pequenas, como a profissão que devo ter e a casa que devemos comprar, e eu decido as coisas importantes, como se

devemos deixar entrar a China para as Nações Unidas ou não.»

O Hugh da Jeannie replicou:

— Hum?

— As mulheres é que mandam em tudo — disse-lhe Stem.
— Que nunca te passe pela cabeça o contrário.

— Mas a China não faz já parte das Nações Unidas?

Porém, Nora interrompeu-os para dizer:

— Não se preocupe, pai Whitshank, eu descubro o nome do vosso advogado — e o momento passou.

Na segunda-feira, enquanto Red estava a trabalhar, Amanda chegou com mais caixas. Quem a visse diria que ela não tinha emprego. Estava vestida com roupa de trabalho, contudo, por isso devia estar a caminho do escritório.

— Diz-me a verdade, Nora — pediu ela, assim que pousou as caixas num canto da sala de estar. — Imaginas-te a ti e ao Stem a morarem aqui para sempre?

— Sabes que jamais deixaríamos o pai Whitshank sozinho se ele precisasse realmente de apoio — respondeu-lhe Nora.

— E achas que ele *precisa* de apoio?

— Oh, é melhor ser o Douglas a responder a isso.

Amanda deixou pender os ombros, depois deu meia-volta sem dizer nada e saiu da sala.

No átrio cruzou-se com Denny, que vinha a descer as escadas de meias.

— Às vezes — disse ela —, gostava que o Stem e a Nora não fossem tão... íntegros. É cansativo, sabes?

— Nem me digas nada! — retorquiu Denny.

Red disse aos filhos que tinha ouvido algures que depois de a esposa de um homem morrer este devia começar a

dormir no lado dela da cama. Assim seria menos provável esticar os braços para ela durante a noite, sem querer.

— Tenho andado a fazer essa experiência — disse-lhes ele.

— Como é que está a correr? — perguntou Denny.

— Não muito bem, até agora. Tenho a sensação de que, mesmo enquanto estou a dormir, não paro de pensar que ela não está lá.

Denny passou a chave de fendas a Stem. Estavam a desmontar todas as portas de telas, preparando-se para instalar as portadas de inverno, e Red estava a supervisionar a operação. Não que fosse realmente necessário, uma vez que os rapazes já o tinham feito inúmeras vezes. Estava sentado nos degraus das traseiras, vestido com um casaco de malha enorme feito por Abby, do tempo em que ela costumava tricotar.

— Ontem à noite sonhei com ela — disse ele. — Tinha um xaile cheio de borlas por cima dos ombros e usava o cabelo comprido, como nos velhos tempos. Disse-me: «Red, quero aprender cada passo teu e dançar até ao cair da noite.» — Ele calou-se. Em seguida, retirou um lenço do bolso e assoou-se.

Denny e Stem ficaram a segurar a porta de rede no ar, entreolhando-se com uma expressão de impotência.

— Depois acordei — disse Red, passado um minuto. Tornou a enfiar o lenço dentro do bolso. — E pensei: «Isto deve querer dizer que sinto falta da atenção dela, porque já estava muito acostumado.» Depois acordei mesmo a sério. Já alguma vez vos aconteceu isso? Sonharem que tinham acordado e depois descobrirem que ainda estavam a dormir? Acordei a sério e pensei: «Oh, pá. Estou a ver que isto ainda vai demorar o seu tempo.» Parece que ainda não ultrapassei o que aconteceu, percebem?

— Bolas — disse Stem. — Não é fácil.

— Talvez um comprimido para dormir — sugeriu Denny.
— Do que é que isso me servia? — perguntou Red.
— Foi só uma sugestão.
— Pensas que todos os problemas da vida se resolvem com uma droga.
— Vamos encostar isto àquela árvore — disse Stem a Denny.

Denny acenou com a cabeça, com os lábios cerrados, e rodou sobre si mesmo para recuar até ao tulipeiro ao mesmo tempo que segurava a porta de rede.

Nessa noite, Ree Bascomb apareceu com um *crumble* de maçã e ficou para comer uma fatia com eles.

— Foi feito com rum, por isso é que esperei até achar que os meninos já estariam na cama — disse ela.

Na verdade, os meninos não estavam na cama, apesar de já serem quase nove da noite. (Não pareciam ter um horário fixo para irem para a cama, como Abby comentara várias vezes com as filhas num tom inquisidor.) Mas estavam entretidos com uma espécie de pista de carros que tinham construído a todo o comprimento da sala de estar, pelo que os adultos se tinham mudado para a sala de jantar (Ree, Stem e Nora, Red e Denny), onde Ree serviu quadrados de *crumble* de maçã na louça do dia a dia de Abby e os foi passando em redor da mesa. Conhecia a casa de Abby tão bem como a sua própria casa, costumava ela dizer.

— Não precisa de mexer uma palha — disse ela a Nora, apesar de esta já ter começado a preparar uma cafeteira de descafeinado e ter ido buscar as natas, o açúcar, as canecas, os talheres e os guardanapos.

Ree sentou-se à mesa e disse:

— Saúde a todos — e pegou no seu garfo. — Dizem que os doces ajudam muito nos momentos de tristeza — disse

ela. — Sempre achei isso verdade.

— Foi muito simpático da tua parte, Ree — agradeceu-lhe Red.

— Eu própria estava a precisar de um doce hoje. Não sei se já sabem, mas o *Jeeter* morreu.

— Oh, que pena — respondeu-lhe Nora. *Jeeter* era o gato malhado de Ree, que já tinha quase vinte anos. Toda a gente o conhecia no bairro.

Red disse:

— Meu Deus! — Pousou o garfo. — Como é que isso aconteceu? — perguntou ele.

— Fui à varanda das traseiras esta manhã e lá estava ele, deitado em cima do tapete de boas-vindas. Espero que não tenha ficado à espera a noite inteira, coitadinho.

— Santo Deus! Que horror! Mas com certeza que vão investigar a causa da morte — disse Red. Parecia destroçado. — Estas coisas não acontecem assim, sem mais nem menos.

— Quando se é velho, sim, Red.

— Velho! Se ele ainda nem sequer tinha entrado para o infantário!

— O quê? — retorquiu Ree.

Toda a gente olhou para ele.

— Ainda me lembro de quando ele nasceu! Não foi há mais do que dois ou três anos!

— Do que é que estás a falar? — indagou Ree.

— Mas... Não disseste que o Peter morreu? O teu neto?

— Eu disse o *Jeeter* — respondeu-lhe ela, erguendo a voz.

— *Jeeter*, o meu gato. Minha Nossa Senhora!

— Oh — retorquiu Red. — Peço desculpa. O engano foi meu.

— Realmente estava aqui a questionar-me quando é que te tinhas tornado um amante de gatos, assim de repente.

— Ah! Pois — respondeu ele —, e eu estava a questionar-me como é que eras capaz de agir como se nada fosse perante a morte do teu único neto. — Deu uma gargalhada embaraçada e tornou a pegar no garfo. Depois ergueu o olhar por cima da mesa, para Nora. Esta tinha o guardanapo encostado aos lábios, os ombros tremiam-lhe e ela estava a emitir uma espécie de guincho. Parecia que estava engasgada, até que se tornou evidente que as lágrimas que lhe escorriam pelas faces eram lágrimas de riso. Stem perguntou-lhe:

— Querida? — e toda a gente olhou para ela. Nunca nenhum deles tinha visto Nora a ter um ataque de riso.

— Peço desculpa — disse ela assim que conseguiu falar, mas depois levou novamente o guardanapo à boca. — Peço desculpa! — exclamou, entre arquejos.

— Ainda bem que eu te dou vontade de rir — disse Red, num tom seco.

— Peço desculpa, pai Whitshank.

Ela pousou o guardanapo e endireitou-se no lugar. Tinha o rosto muito corado e as faces húmidas.

— Deve ser do stresse — disse.

— Claro que sim — respondeu-lhe Ree. — Vocês todos passaram por um momento muito complicado. Eu devia ter pensado nisso antes de aparecer aqui com as minhas notícias parvas.

— Não, a sério, eu...

— Curioso, nunca tinha reparado que os dois nomes rimavam — disse Ree, pensativa. — Peter, *Jeeter*.

Red disse:

— Foi muito simpático da tua parte teres vindo, Ree, e o *crumble* está delicioso, a sério. — Ele parecia não se ter apercebido de que ainda não o tinha provado.

— Usei maçãs *Granny Smith* — disse-lhe Ree. — As outras variedades desfazem-se muito.

— Estas não se desfazem nada.

— Sim, são ótimas — disse Denny, e Stem concordou com um murmúrio semiaudível. Ainda estava a olhar para Nora, apesar de esta parecer ter-se recomposto.

— Bem! — exclamou Ree. — Agora que já despachámos tudo, falemos sobre vocês. Quais são os vossos planos? Stem? Denny? Vão continuar cá com o vosso pai?

Podia ter sido um momento inconveniente (as pessoas já começavam a preparar-se à volta da mesa), mas Red retorquiu:

— Não, eles vão-se embora em breve. Vou arranjar um apartamento para mim.

— Um apartamento! — exclamou Ree.

Os outros ficaram muito calados.

— Bem, os miúdos têm as vidas deles, ao fim e ao cabo — disse Red. — E não vale a pena continuar aqui sozinho. Ando a pensar em talvez arrendar um sítio qualquer, um desses estúdios básicos que não precisam de grande manutenção. Podia até ter um elevador, para o caso de eu ficar velho e caquético. — Deu uma das suas risadas, como que a sugerir a improbabilidade de tal acontecer.

— Oh, Red, isso é muito corajoso da tua parte! E eu conheço um sítio perfeito. Lembras-te da Sissy Bailey? Ela mudou-se para um prédio novo em Charles Village e está a adorar. Como sabes, tinha aquela casa grande na St. John, mas agora, diz ela, não precisa de se preocupar em cortar a relva, limpar a neve, montar as portadas de inverno...

— Os rapazes estiveram a montar as nossas portadas de inverno ainda esta tarde — respondeu-lhe Red. — Fazes ideia das vezes que já fiz isso em toda a minha vida? Montá-las no inverno, desmontá-las na primavera. Montá-las, desmontá-las. Montá-las, desmontá-las. «Será que isto não tem fim?», acaba a pessoa por se perguntar.

— Fazes muito bem em livrar-te de tudo isso — disse Ree. Em seguida, lançou um olhar luminoso em torno da mesa. — Não concordam?

Após uns breves segundos de hesitação, Denny, Stem e Nora acenaram com a cabeça. Todos eles pareciam apáticos.

Amanda explicou que era quase como jogar ao jogo da corda e o grupo da outra ponta largar a corda sem aviso prévio.

— Quer dizer, é quase uma desilusão — disse ela.

E Jeannie respondeu:

— É claro que queremos deixar de nos preocupar com ele, mas será que pensou nisto como deve ser? Mudar-se para um apartamento moderno e minúsculo sem cornijas?

— Ele está demasiado resignado — disse Amanda. — Algo não bate certo. Temos de descobrir o que está por trás disto.

— Sim, o facto de ele estar com tanta pressa dá que pensar.

Elas estavam a conversar ao telemóvel — Jeannie com berbequins elétricos e pistolas de pregos em pano de fundo e Amanda no sossego do gabinete dela. Escandalosamente, ninguém as tinha informado de imediato sobre a decisão de Red. Tinham tomado conhecimento na manhã seguinte. Stem comentara-o casualmente no trabalho, enquanto ele e Jeannie estavam a tratar de assuntos relacionados com uns armários.

«Respondeste-lhe que tínhamos de conversar sobre o assunto, certo?», perguntara Jeannie de imediato.

«Porque é que havia de lhe responder isso?»

«Então, Stem?»

«Ele é crescidinho», respondera Stem, «e está a fazer o que há muito queríamos que fizesse. Seja como for, faça o que fizer, eu e a Nora vamo-nos embora.»

«Ai, sim?»

«Só estamos à espera de que a igreja dela arranje uma casa nova para os nossos inquilinos.»

«Mas não disseste nada! Não discutiste este assunto connosco!»

«Porque é que havia de o discutir?», perguntara-lhe Stem. «Também já sou crescidinho.»

Em seguida, enrolara as suas plantas e fora-se embora.

— É como se o Stem fosse uma pessoa diferente ultimamente — disse Jeannie a Amanda ao telemóvel. — Parece quase mal-humorado. Dantes não era assim.

— Deve ter alguma coisa que ver com o Denny — retorquiu Amanda.

— Com o Denny?

— O Denny deve ter dito alguma coisa que o magoou. Sabes que o Denny nunca ultrapassou o facto de o Stem ter voltado a morar lá em casa.

— Mas o que é que ele lhe pode ter dito?

— O que é que ele lhe pode ter dito que ainda não tenha dito, queres tu dizer. Fosse o que fosse, deve ter sido de caixão à cova.

— Não acredito — replicou Jeannie. — O Denny até tem andado a portar-se bem nos últimos tempos.

Mas assim que desligou a chamada, ligou para o irmão. (Típico; mesmo agora, estando ele a morar novamente em Bouton Road, ela tinha de lhe ligar para o telemóvel se queria falar com ele.)

Já passava das dez da manhã, mas ele ainda não devia estar completamente acordado. Atendeu com uma voz abafada:

— Sim.

— O Stem diz que o pai vai mudar-se para um apartamento — disse-lhe ela.

— Pois, parece que sim.

— De onde é que surgiu essa ideia?

— Não sei.

— E o Stem e a Nora estão só à espera de que os inquilinos deles arranjem outra casa e depois vão-se embora também.

Denny bocejou alto e respondeu:

— Pois, faz sentido.

— Disseste-lhe alguma coisa?

— Ao Stem?

— Disseste-lhe alguma coisa que o tenha feito querer ir-se embora?

— O pai vai mudar-se, Jeannie. Porque é que o Stem não haveria de se ir embora também?

— Mas ele diz que se ia embora de qualquer maneira. E tem andado muito diferente ultimamente, irritado e impaciente.

— Ai, sim? — retorquiu Denny.

— Passa-se alguma coisa com ele, acredita no que te digo. Parece que nem sequer tentou dissuadir o pai nem nada.

— Pois não. Nenhum de nós, aliás.

— Quer dizer que achas bem? O pai a deixar a casa que o próprio pai construiu?

— Claro.

— Também vais ficar sem casa, tens noção disso — disse-lhe Jeannie. — Vamos ter de a pôr à venda. Não me parece que tenhas possibilidade de pagar os impostos de uma casa com oito assoalhadas em Bouton Road; nem sequer tens emprego.

— Exato — retorquiu Denny, sem parecer minimamente ofendido.

— Quer dizer que vais voltar para Nova Jérсия?

— É o mais certo.

Jeannie ficou calada por uns instantes.

— Não te percebo — disse, por fim.

— Está bem...

— Moras aqui, moras ali, andas de um lado para o outro como se não te importasses com o sítio onde moras. Não pareces ter amigos, não tens uma profissão a sério... Há alguém com quem te importes realmente? Sem contar com a Susan; os nossos filhos são só... extensões de nós mesmos. Não te importa o quanto preocupaste a mãe e o pai? Importas-te *connosco*? Comigo? Disseste alguma coisa desagradável ao Stem que o tenha deixado zangado com toda a gente?

— Eu não disse nada ao Stem — respondeu Denny.

E desligou.

— Sinto-me pessimamente — disse Jeannie a Amanda. Estavam a falar novamente ao telemóvel, embora dessa vez Amanda tenha atendido num tom apressado e impaciente.

— O que é que foi agora? — perguntou-lhe ela, parecendo-se mais com o Denny do que fazia ideia.

— Passei-me com o Denny — disse-lhe Jeannie. — Acusei-o de ser desagradável com o Stem, de ter preocupado os nossos pais e de não ter amigos.

— E depois? Não disseste nenhuma mentira.

— Perguntei-lhe se se preocupava connosco. Bem, comigo, especificamente.

— Parece-me ser uma pergunta lógica — respondeu-lhe Amanda.

— Não lhe devia ter perguntado isso.

— Esquece, Jeannie. Ele mereceu ouvir cada palavra.

— Mas perguntar-lhe se se preocupava comigo, quando ele largou o trabalho daquela vez, ficando a dever a renda e tudo, só para me vir ajudar porque eu tinha medo de fazer algum disparate ao meu bebé!

Seguiu-se um momento de silêncio.

- Eu não sabia disso — disse Amanda, por fim.
- Não te lembras de o Denny ter vindo passar uns tempos comigo?
- Não sabia que tinhas tido medo de fazer alguma coisa ao Alexander.
- Oh. Bem, esquece essa parte.
- Podias ter-me dito isso. Ou à mãe. Ela era assistente social, caramba!
- Esquece o assunto, Amanda. Por favor.
- Seguiu-se mais um momento de silêncio. Então Amanda disse:
- Bom, seja como for. O Denny mereceu ouvir as outras coisas. Ele foi desagradável com o Stem. E deu realmente cabo da cabeça aos nossos pais; tornou a vida deles num inferno. E está efetivamente desempregado, e se tem amigos ou não, a verdade é que nunca os conhecemos. E também não sei se se preocupará minimamente connosco! Tu própria me disseste que ele te tinha parecido infeliz quando telefonou naquela noite antes de voltar para casa. Se calhar estava só à procura de uma *desculpa* para regressar.
- Ainda assim, sinto-me pessimamente — disse Jeannie.
- Ouve, desculpa despachar-te desta maneira, mas já estou atrasada para uma reunião.
- Vai lá — retorquiu Jeannie, premindo uma tecla do telemóvel com força para terminar a chamada.

Denny e Nora estavam na cozinha, a tratar da louça depois do jantar. Ou melhor, Nora estava a tratar da louça, pois Denny tinha feito o jantar. No entanto continuava por ali, pegando em objetos aleatórios que estavam em cima da bancada, examinando a base dos mesmos e voltando a pô-los no sítio.

Nora tinha estado a falar sobre o apartamento de Sissy Bailey. Levava Red para o ir ver, nessa tarde. Mas ele dissera que conseguia fazer um buraco nas paredes com o dedo indicador, pelo que no sábado uma amiga da família, que era agente imobiliária...

Denny perguntou-lhe:

— O Stem está aborrecido com alguma coisa?

— Desculpa? — respondeu Nora.

— A Jeannie diz que ele está de mau humor.

— Porque é que não lhe perguntas? — disse Nora. Depois posicionou a última panela num espaço minúsculo dentro da máquina de lavar louça.

— Achei que talvez me pudesses dizer.

— Será assim tão difícil ires falar com ele? Antipatizas assim tanto com ele?

— Eu não antipatizo com ele! Caramba...

Nora fechou a máquina de lavar louça e virou-se para o fitar. Denny disse:

— O quê, não acreditas em mim? Nós damo-nos lindamente! Sempre nos demos. Quer dizer, é verdade que ele consegue ser um pouco bonzinho de mais, do estilo: «Vamos lá ver se consigo ser mais simpático do que toda a gente», e que fala de uma forma superpaciente que me parece sempre muito condescendente, além de que, segundo consta, tem um comportamento exímio mesmo quando a vida não lhe corre de feição, embora, convenhamos, quando é que a vida do Stem não lhe correu de feição? Mas, de resto, não tenho qualquer problema com o Stem.

Nora esboçou um dos seus sorrisos enigmáticos.

— Está bem — replicou Denny. — Eu pergunto-lhe.

— Obrigada por teres feito o jantar — disse-lhe Nora. — Estava ótimo.

Ele pôs o braço no ar e depois deixou-o cair, ao mesmo tempo que saía da cozinha.

No jardim de inverno estavam a dar as notícias, mas Red era o único que estava a ver.

— Onde é que está o Stem? — perguntou Denny.

— Lá em cima, com os miúdos. Acho que um deles partiu qualquer coisa.

Denny tornou a sair para o átrio e subiu as escadas. As vozes das crianças soavam umas por cima das outras, vindas do quarto dos beliches. Quando ele entrou, os miúdos estavam a brincar com a pista de carros no chão e Stem estava sentado na cama de baixo de um dos beliches, a estudar duas partes de uma gaveta de secretária.

— O que é que se passa aqui? — perguntou-lhe Denny.

— Parece que estes miúdos confundiram a secretária com uma montanha.

— Era o Evereste — disse Petey a Denny.

— Ah.

— Podes passar-me aquela cola? — pediu Stem.

— Queres mesmo pôr cola nisso?

Stem lançou-lhe um olhar sério.

Denny estendeu-lhe o frasco de cola de carpinteiro que estava em cima da secretária. Em seguida, encostou-se à ombreira da porta, com os braços cruzados e um pé por cima do outro.

— E então — disse. — Parece que vocês se vão embora.

Stem respondeu:

— Sim. — Esguichou um pouco de cola numa parte da sambladura.

— Quer dizer que já está decidido.

Stem ergueu a cabeça e lançou um olhar furioso a Denny. Disse:

— Nem te atrevas a dizer-me que estou em dívida para com ele.

— Hum?

Os rapazes olharam para eles, mas depois voltaram a atenção para a corrida de carros.

— Já fiz a minha parte — disse Stem a Denny. — Fica tu, se achas que é preciso ficar cá alguém.

— Ouviste-me dizer isso? — perguntou-lhe Denny. — Porque é que alguém haveria de ficar? O pai vai mudar de casa.

— Sabes perfeitamente que ele só está à espera de que o convençamos do contrário.

— Não, não sei — retorquiu Denny. — Qual é o teu problema? Andas a portar-te como um puto mimado. E não me digas que é só por causa da mãe.

— Da *tua* mãe — respondeu-lhe Stem. Pousou o frasco de cola no chão. — Ela não era minha mãe.

— Certo, se fazes questão de o pôr nesses termos...

— A *minha* mãe era a B. J. Autry, para que saibas.

Denny respondeu:

—Ah.

Os rapazes continuaram a brincar, completamente distraídos. Estavam a encenar espetaculares acidentes de automóvel num viaduto.

— E a Abby sempre soube — disse Stem. — Sabia e não me disse nada. Nem sequer contou ao pai.

— Continuo a não perceber porque é que andas a amarrar o burro.

— Ando a amarrar o burro, como tu dizes, porque...

Stem calou-se e olhou-o fixamente.

— Tu também sabias — disse-lhe.

— Hum?

— Não ficaste minimamente surpreendido, pois não? Eu devia ter calculado! Sempre a meteres o nariz em tudo: é claro! Há anos que sabes!

Denny encolheu os ombros. Respondeu:

— É-me completamente indiferente saber ou não quem foi a tua mãe.

— Promete-me uma coisa — disse Stem. — Promete-me que não contas aos outros.

— Porque é que haveria de contar?

— Se contares eu mato-te.

— Ui, já estou cheio de medo — replicou Denny.

Por essa altura já os miúdos se tinham apercebido de que algo se passava. Tinham parado de brincar e estavam a fitar Stem, boquiabertos. Tommy disse:

— Pai?

— Vão lá para baixo — respondeu-lhe Stem. — Os três.

— Mas, pai...

— Imediatamente! — ordenou-lhe Stem.

Eles puseram-se de pé e saíram do quarto, olhando para trás para o pai ao saírem. Sammy continuava a segurar um reboque de plástico nas mãos. Denny piscou-lhe o olho quando o miúdo passou por ele.

— Jura — disse Stem a Denny.

— Pronto, está bem! — respondeu Denny, erguendo as mãos no ar. — Ó Stem, tens noção da rapidez com que essa cola seca? Se calhar é melhor unires já as duas partes.

— Jura pela tua vida que não vais contar a ninguém.

— Juro pela minha vida que não vou contar a ninguém — repetiu Denny, num tom sério. — Mas não percebo. Porque é que isso te incomoda?

— Porque sim, está bem? Não sou obrigado a dar-te uma justificação — retorquiu Stem. Mas depois disse: — Li algures que até os recém-nascidos reconhecem a voz da mãe. Sabias isso? Memorizam-na ainda no útero. A partir do momento em que nascem, a voz da mãe é a que eles preferem. E sempre pensei: «Bolas, como seria a voz da minha preferência?» Parecia-me um pouco triste haver uma voz pela qual tinha ansiado toda a minha vida e que nunca

tinha chegado a ouvir, pelo menos depois dos primeiros meses. E agora olha: era a voz da B. J. Autry; aquela voz grossa dela e a maneira vulgar de ela falar. Quando pensamos na forma como a Abby fala, quer dizer, falava! Eu devia ter sido da Abby.

— E depois? — disse Denny. — Acabaste por ser. Foi um final feliz para todos.

— Mas lembras-te de como a família costumava fazer troça da B. J. nas costas dela. Estremeciam sempre que ela dava uma daquelas gargalhadas; faziam caretas quando se punha a falar sem parar. «Oh, vocês já me conhecem; eu cá digo as coisas como elas são», dizia ela. «Para mim é pão pão, queijo queijo; não tenho papas na língua.» Como se isso fosse motivo de orgulho! E depois toda a gente se entreolhava de forma dissimulada, por toda a mesa. E agora eu penso: «Meu Deus, morria de vergonha se eles soubessem que ela era minha mãe.» Mas, ao mesmo tempo, sinto-me envergonhado por sentir vergonha dela. E começo a pensar que a família não tinha o *direito* de ter sido tão arrogante em relação a ela. Não sei o que pensar! Às vezes é como se lamentasse o que perdi: a minha mãe verdadeira esteve sentada mesmo ao meu lado, na nossa mesa de jantar, e eu não fazia a mais pequena ideia, e fico zangado por a Abby não me ter dito; por causa daquele estúpido, estúpido contrato. Ela não permitiu que a minha própria mãe me dissesse que eu era filho dela! E se a B. J. me tivesse querido reaver, oh, a Abby ter-me-ia devolvido num ápice. «Aqui tens»; assim, sem mais nem menos. E o pai: dá para acreditar numa coisa destas? Ele disse-me que me teria devolvido de imediato.

— Falaste com o pai sobre isto?

— Pois, mas sabes que mais? — continuou Stem, como se não o tivesse ouvido. — Ao que parece, a B. J. nunca me quis recuperar. Olhou diretamente para mim, à mesa de

jantar, e não me quis. Mal me via. Podia ter-me visto sempre que quisesse, as vezes que lhe apetecesse, mas só aparecia de vez em quando, duas ou três vezes por ano.

— E depois? Tu nem sequer gostavas dela. Dizias que odiavas a voz dela.

— Seja como for, era minha mãe. A única mulher no mundo que me achava especial; não achas que todos os miúdos merecem isso?

— Tu tiveste isso. Tiveste a Abby.

— Pois, lamento, mas isso não basta. A Abby era a *tua* mãe. Eu precisava da minha.

— Julgas que a Abby não te achava especial? — perguntou-lhe Denny.

Stem ficou em silêncio. Baixou o olhar para a gaveta que segurava nas mãos.

— Deixa-te disso — disse-lhe Denny. — Até a parte de trás do teu pescoço ela considerava especial. Se não fosse esse o caso, terias tido uma vida muito diferente, acredita. Terias andado a saltar de sítio em sítio, sem raízes, sem um lar, preso numa família de acolhimento algures, e o mais certo era teres-te tornado num desses desajustados que não conseguem manter um emprego, ou um casamento, ou mesmo as amizades. Ter-te-ias sentido deslocado onde quer que fosses; sentirias que não pertencias a lado nenhum.

Ele calou-se. Algo na sua voz fez Stem erguer o olhar para ele, mas depois Denny disse:

— Ah! Sabes o que é que isto quer dizer?

— O quê?

— Que tu estás a seguir a tradição da família, nada mais, a tradição do «quem me dera ter o que os outros têm»; isto até o terem, de facto. Como o velho Junior com a sua casa de sonho, ou a Merrick com o seu marido de sonho. Nem mais! Isto podia ser a terceira história da nossa família. «Em tempos» — entou Denny, num tom teatral —, «um de

nós passou trinta anos a ansiar pela voz da mãe verdadeira, mas quando a conheceu, percebeu que não gostava tanto dela como da voz da sua mãe falsa.»

Stem esboçou um leve sorriso de infelicidade.

— Raios te partam. És mais Whitshank do que eu — disse-lhe Denny. Em seguida, disse: — Essa cola já secou; eu avisei-te, não avisei? Agora vais ter de a raspar e começar tudo de novo.

Então desencostou-se da ombreira da porta e regressou ao piso de baixo.

A amiga da família que era agente imobiliária era do tempo em que *Brenda* ainda tinha energia suficiente para ser levada a passear no Robert E. Lee Park. Helen Wylie costumava levar o seu *irish setter* a passear nesse mesmo parque e ela e Abby tinham começado a conversar uma com a outra. Pelo que quando ela chegou, no sábado de manhã (uma mulher jovial e prática vestida com umas calças de bombazina e um casaco grosso de aspeto rural), não houve necessidade de grandes apresentações.

— Já sei — disse ela a Red, sem demora. — Procura uma construção sólida. Anterior à guerra, estou eu aqui a pensar. Não sei o que lhe passou pela cabeça quando pôs a hipótese de comprar algo naquele prédio novo! Você quer é um sítio que não tenha vergonha de mostrar aos seus amigos construtores.

— Bem, tem toda a razão — retorquiu Red. Apesar de não ter amigos construtores, pelo menos nenhum que o visitasse socialmente.

— Vamos lá então — disse Helen a Amanda. Fora ela que entrara em contacto com Helen, por isso iria acompanhá-los. Até mesmo Red admitiu que lhe daria jeito alguma ajuda.

O primeiro apartamento situava-se perto de University Parkway; era antigo mas estava bem estimado, com pisos de madeira reluzentes. O senhorio explicou que a cozinha tinha sido remodelada em 2010.

— Quem é que lhe fez o trabalho? — perguntou Red. Esboçou uma careta quando ouviu o nome.

O segundo apartamento era um terceiro andar sem elevador. Red estava ligeiramente sem fôlego quando alcançou o cimo das escadas, mas não discutiu quando Amanda salientou que essa não seria uma boa proposta a longo prazo.

O terceiro apartamento possuía elevador e já tinha uns bons anos, mas havia tantos pertences amontoados aqui e ali que era difícil perceber a dimensão da casa.

— Vou ser sincero consigo — disse o supervisor do prédio. — O inquilino anterior morreu. Os filhos vêm buscar as coisas dele dentro das próximas duas semanas, e depois vou mandar limpá-lo e dar-lhe uma camada de tinta.

Amanda lançou um olhar desalentado a Helen e esta revirou os cantos da boca para baixo. Via-se um casaco de malha castanho-escuro pendurado nas costas de uma cadeira de baloiço. Uma caneca estava pousada em cima de uma mesinha de apoio cheia de coisas, com a saqueta de chá ainda dentro. Mas Red não pareceu ficar incomodado. Atravessou a sala de estar para ir à cozinha e disse:

— Olhem bem para isto: ele tinha tudo organizado de maneira a não ter de se levantar da mesa depois de já se ter sentado para tomar o pequeno-almoço.

De facto, em cima da mesa de aspeto frágil havia uma torradeira, uma chaleira elétrica e um rádio-despertador, tudo alinhado junto à parede, com uma caixa de comprimidos semanal no centro, onde a maioria das pessoas teria posto uma jarra com flores. No quarto, Red disse:

— Dá para ver televisão da cama. — O televisor era do tipo antigo e pesado, mais fundo do que largo, e estava pousado em cima da cómoda baixa aos pés da cama. — Dá para ver o noticiário da noite e depois ir logo dormir — disse Red num tom aprovador, apesar de nunca se ter visto um único televisor no seu quarto em Bouton Road. Mas talvez fosse por opção de Abby. — Parece-me um sítio bastante conveniente para um tipo se orientar sozinho — concluiu Red.

Amanda disse:

— Sim, mas... — e depois ela e Helen entreolharam-se mais uma vez.

— Agora visualize-o sem a mobília — sugeriu Helen. — Lembre-se de que o televisor e o resto vão sair daqui.

— Mas eu posso trazer o meu — respondeu Red.

— Claro que sim. Mas vamos concentrar-nos no apartamento em si. Gosta da disposição? É espaçoso o suficiente? Os quartos parecem-me muito pequenos. E o que acha da cozinha?

— A cozinha é ótima. Basta esticar a mão e tirar a torrada da torradeira. E tomar os comprimidos para o coração. E ouvir o boletim meteorológico.

— Exato... O chão é feito de linóleo, já reparou?

— Hum? O chão parece-me bem. Acho que os meus pais tiveram um chão igual a este na nossa primeira casa.

E ficou decidido. Tal como Amanda contaria aos restantes elementos da família mais tarde, parecia ser tudo uma questão de imaginação. Da imaginação de Red: que não tinha nenhuma. Parecia ter ficado satisfeito com o facto de alguém já ter organizado tudo, poupando-lhe esse trabalho.

Bem, isso acabou por facilitar as coisas aos filhos. E eles podiam sempre fazer umas remodelações depois de ele se mudar para lá.

Helen trataria da venda da casa também. Regressou com eles depois das visitas aos apartamentos para discutir os pormenores, com Stem e Denny a juntarem-se à conversa.

— Que casa tão acolhedora que esta é — disse ela, olhando em redor da sala de estar. — E claro, o alpendre é o ponto forte. Vai ser um prazer mostrá-la.

Toda a gente, à exceção de Red, pareceu sentir-se encorajada. Ele estava a olhar fixamente para um jornal pousado perto, como se desejasse poder estar a lê-lo.

— No entanto, o mercado continua muito fraco — disse Helen. — E se há algo que aprendi neste ramo é que os compradores esperam perfeição. Vamos ter de modernizar um pouco a casa.

— Modernizá-la? — perguntou Red. — Mas o que mais poderão querer? Todas as divisões do piso de baixo, à exceção da cozinha, têm portas de correr duplas.

— Oh, sim, e eu adoro...

— E não é frequente ver-se um átrio como o nosso, com dois pisos. Nem estas bandeiras abertas, com os arabescos talhados à mão.

— Mas não é o mesmo que ar condicionado — respondeu-lhe Helen.

Red disse:

— Oh, meu Deus — e afundou-se ainda mais na cadeira.

— Nos tempos que correm... — começou por dizer Helen.

— Sim, sim.

— Não há de ser muito complicado — disse Denny. — Agora há uns sistemas com minicondutas em que não é preciso deitar abaixo as paredes.

Red disse:

— Com quem pensas que estás a falar? Eu conheço bem esses sistemas.

Denny encolheu os ombros.

— Além do mais... — disse Helen. Depois aclarou a garganta e continuou: — A escolha é inteiramente sua, mas devia pôr a hipótese de criar casas de banho «para ele e para ela» no quarto principal.

Red ergueu a cabeça. Disse:

— A hipótese de quê?

— Eu não era para dizer nada, mas você é dono de uma empresa de construção, por isso talvez não lhe ficasse muito caro. Aquele seu quarto principal é gigantesco. Podia facilmente dividi-lo em dois, com uma cabina de duche no meio com acesso de ambos os lados. Ainda há pouco tempo vi uma cabina de duche fantástica, com o piso feito de cascalho de rio e várias saídas de água a simularem a chuva.

Red disse:

— Quando o meu pai construiu esta casa, só havia a casa de banho ao fundo do corredor lá de cima.

— Pois, mas isso foi no tempo em que...

— Depois acrescentou a casa de banho para as visitas no piso de baixo a seguir a termo-nos mudado para cá e ficámos a achar que éramos o máximo.

— Sim, é claro que fazia falta uma...

— O quarto principal só foi acabado quando eu e a minha irmã já andávamos no secundário. Nem quero imaginar o que ele diria se ouvisse falar nessa fantochada do «ele e ela».

— Mas agora são bastante usuais nas casas mais requintadas. Como decerto deve ter aprendido no seu negócio.

— O meu próprio pai cresceu só com uma latrina — disse Red. Em seguida, virou-se para os outros. — Aposto que não sabiam isso acerca do vosso avô, pois não?

Não sabiam. Na verdade sabiam muito pouco sobre o avô deles.

— Caramba, uma latrina — respondeu Helen, com uma risada. — Havia de ser bonito vender a casa assim!

— Portanto esqueça lá isso do «ele e ela» — disse-lhe Red. — Ora bem, quanto tempo acha que demorará até encontrarmos comprador?

— Oh, assim que tiver instalado o ar condicionado e talvez remodelado os móveis da cozinha...

— Os móveis da cozinha!

Mas depois cerrou os lábios com força, como que a recordar-se para não ser difícil.

— O mercado parece estar a querer recuperar — disse Helen. — Houve uma fase em que as casas estavam a demorar um ano ou mais a vender, mas nos últimos tempos tenho conseguido uma média de, oh, quatro a seis meses, com as nossas propriedades mais interessantes.

— Daqui a quatro ou seis meses já eu estou na terra dos pés juntos — respondeu-lhe Red. — Sabe que não é nada bom uma casa ficar muito tempo vazia. Começa a deteriorar-se; fica com um ar abandonado; isso daria cabo de mim.

Amanda disse:

— Oh, pai, nós jamais deixaríamos que isso acontecesse. Podemos vir cá e, sei lá, fazer uns piqueniques em família ou algo do género.

Red limitou-se a fitá-la com uma expressão triste, os seus olhos tão desprovidos de luz que quase parecia ser cego.

— Sê sincera — disse Jeannie a Amanda. — Uma parte de ti não se sente aliviada por a mãe ter tido uma morte tão repentina?

— Por causa dos lapsos de memória dela? — retorquiu Amanda.

— Aquilo só iria piorar; quanto a isso podemos estar mais do que certas. Fosse lá o que fosse. E o pai tentaria cuidar

dela, e a Nora também; e por essa altura já o Denny teria arranjado uma desculpa qualquer para se ir embora.

— Mas se calhar era só, oh, um problema de circulação ou isso, algo que os médicos podiam ter tratado.

— É pouco provável — respondeu-lhe Jeannie.

Estavam ambas no quarto de Red, a encher caixas numa tarde de domingo chuvosa, enquanto o resto da família via um jogo de basebol no piso inferior. Ambas estavam vestidas com roupa velha e Amanda tinha o queixo sujo de tinta de jornal.

Tinham passado a semana inteira a empacotar coisas, sempre que arranjavam um tempo livre. Ilhas isoladas de pertences tinham começado a erguer-se aqui e ali na casa, à medida que as pessoas iam fazendo os seus pedidos: o material de artesanato de Abby e a máquina de costura do átrio de cima para Nora; o melhor serviço de porcelana guardado dentro de um barril na sala de jantar para Amanda. (Red ficaria com o serviço do dia a dia, que eles iriam deixar guardado dentro de um armário até ao dia da mudança.) Autocolantes divididos por cores marcavam as peças de mobiliário — algumas peças para o apartamento de Red, outras para Stem, Jeannie e Amanda, e a grande maioria para o Exército de Salvação.

Jeannie e Amanda arrastaram uma caixa cheia para o corredor, onde um dos homens a viria recolher mais tarde. Em seguida, Jeannie desdobrou mais uma caixa de cartão e fechou as abas da base com fita-cola.

— Se bem conhecia a mãe — disse ela —, ela teria recusado qualquer tipo de cirurgia.

— Tens razão — respondeu-lhe Amanda. — As instruções dela diziam basicamente para a despacharmos numa espécie de massa de gelo flutuante caso ela tivesse um simples espigão na unha. — Ela estava a recolher as

fotografias emolduradas que estavam em cima da cómoda de Abby. — Vou guardar estas para o pai — disse a Jeannie.

— Achas que vai ter espaço para isso?

— Oh, se calhar não.

Ela estudou a fotografia mais antiga — o retrato dos quatro a rirem-se na praia, Amanda acabada de entrar na adolescência e o resto deles ainda crianças.

— Aqui parece que nos estávamos a divertir imenso — disse ela.

— E *estávamos* a divertir-nos imenso.

— Bem, sim. Mas as coisas ficavam um pouco complicadas, de tempos a tempos.

— No funeral — disse Jeannie —, a Marilee Hodges disse-me: «Sempre te invejei, a ti e à tua família. Vocês todos sentados no alpendre a jogarem póquer a palitos, os teus dois irmãos tão altos e bem-parecidos, e aquela *pickup* vermelha que o teu pai costumava conduzir com vocês os quatro, ainda miúdos, na galhofa na parte de trás.»

— A Marilee Hodges era uma parvinha — retorquiu Amanda.

— Caramba, o que é que te deu para dizeres isso agora?

— Era horrível andar na parte de trás da *pickup*. Duvido até que fosse legal. E sou da opinião de que as crianças devem ter o seu próprio quarto. A mãe às vezes conseguia ser tão insensível, tão ignorante e tacanha. Como aquela vez em que levou o Denny a fazer uns testes psicológicos e depois partilhou connosco o resultado.

— Não me recordo disso.

— Pelos vistos um daqueles borrões de tinta revelou que ele tinha sofrido uma grande desilusão na infância, por parte de uma mulher. «Que mulher é que pode ter sido?», perguntava-nos a mãe a toda a hora. «Ele não conhecia nenhuma mulher!»

— Não me lembro de nada disso.

— Era mais do que óbvio que ele era o filho favorito dela — disse Amanda —, apesar de dar com ela em doida.

— Estás a dizer isso porque só tens um filho — respondeu-lhe Jeannie. — As mães não gostam mais de uns filhos do que de outros; gostam deles...

— De maneira diferente — concluiu Amanda por ela. — Sim, sim, eu sei. — Em seguida, pegou numa fotografia de Stem com quatro ou cinco anos. — Achas que a Nora ia querer ficar com isto?

Jeannie olhou para a imagem com os olhos semicerrados.

— Guarda-a na caixa que vai para ela — sugeriu.

— E o que é que faço com esta do Denny?

— Ele tem alguma caixa?

— Diz que não quer nada.

— Começa na mesma a fazer uma caixa para ele. Aposto que o sítio onde ele mora só tem quatro paredes.

— Ontem perguntei-lhe — disse Amanda — se já tinha informado a senhoria de que iria voltar para lá e a única coisa que me respondeu foi: «Andamos a tratar disso.»

— «Andamos a tratar disso»! O que é que isso quer dizer?

— Ele é tão cheio de segredinhos — disse Amanda. — Está sempre a meter o bedelho nas nossas vidas, mas depois fica todo paranoico quando lhe perguntas alguma coisa sobre a vida dele.

— Olha que acho que ele está a ficar melhor — respondeu-lhe Jeannie. — Talvez tenha sido por ter ficado sem a mãe. Quando estava a tirar as fotografias da parede do quarto dele perguntei-lhe: «Queres que deite isto fora?» Aquelas fotografias todas dos Dalton, aquelas tias gorduchas dos anos quarenta com os chumaços nos ombros e as meias grossas. Mas o Denny disse: «Oh, sei lá; parece-me um pouco cruel, não achas?» Perguntei-lhe: «Denny?»

e dei-lhe umas pancadinhas na cabeça, com os nós dos dedos. «Truz, truz», disse eu. «És tu que estás aí dentro?»

— Ótimo — replicou Amanda, de imediato. — Então ele que fique com isto tudo. — Pegou numa folha de papel de jornal e começou a embrulhar a moldura com a fotografia.

— O Denny está a ficar mais simpático e o Stem está a ficar um chato — disse Jeannie. — E o pai! Anda impossível.

— Pois, o pai — retorquiu Amanda. — Não se lhe pode dizer nada. — Pousou a moldura embrulhada dentro da caixa que Jeannie tinha acabado de montar. — Tem andado tão chato por causa da casa — disse ela. — Quanto tempo é que vai demorar a vender, porque é que as pessoas não lhe dão o devido valor... Por isso perguntei-lhe: «Queres que tente entrar em contacto com os Brill?»

— Os Brill... — repetiu Jeannie.

— Os proprietários originais. Os que mandaram construir a casa.

— Sim, eu sei quem eles são, Amanda, mas não achas que já devem ter morrido?

— Os filhos não, penso eu. Os filhos ainda eram adolescentes quando o nosso pai era novo. Por isso disse-lhe: «Imagina que durante todos estes anos os filhos tenham andado a lamentar a venda da casa e a desejar ainda morar cá. Lembra-te do que um deles respondeu quando a mãe lhes disse que iriam mudar de casa. “Oh, mãe!”, disse o miúdo.» Bem, foi como se tivesse sugerido pegar fogo à casa. «Que disparate!», disse-me o pai. «Onde é que foste buscar uma ideia tão parva? Aqueles miúdos mimados nunca hão de pôr as mãos nesta casa. Tira já essa ideia da cabeça!», disse ele. Respondi: «Pronto, peço desculpa. Caramba. Já cá não está quem falou.»

— É a dor a falar — disse-lhe Jeannie. — Não te esqueças de que acabou de perder o amor da vida dele.

— Qual deles, a mãe ou a casa?

— Bem, os dois, se calhar.

— Hum — retorquiu Amanda. — Nunca ouvi dizer que o luto tivesse tornado as pessoas mal-humoradas.

— Umas sim, outras não — replicou Jeannie.

Tinham chegado a esse ponto em que parecia que tinham desarrumado mais do que tinham efetivamente arrumado. Várias caixas cheias até metade encontravam-se espalhadas pela divisão — fotografias na caixa de Denny, mantas na caixa de Stem, uma série de camisolas de Abby na caixa para a Goodwill. Cada camisola tinha sido alvo de debate («Não queres ficar com esta? Ficava-te muito bem!»), mas depois de a erguerem no ar por uns instantes, uma e outra suspiravam e tornavam a arrumá-la na caixa, juntamente com as restantes. O tapete estava cheio de algodão, o chão estava coberto de cabides vazios e sacos da limpeza a seco, e a luz cinzenta que entrava pela janela conferia ao quarto um ar sombrio e abandonado.

— Devias ter visto a reação do pai quando lhe disse que talvez devesse deixar ficar a cama dele e comprar uma de solteiro — disse Amanda.

— Bem, imagino: quer a cama a que está acostumado.

— Mas tu ainda não viste o apartamento dele. É minúsculo.

— Vai ser estranho visitá-lo lá — disse Jeannie.

— Sim, ontem à noite tive um momento estranho com ele, quando me estava a despedir. Perguntou-me: «Não queres levar alguma da comida que sobrou?» Que era o que a *mãe* costumava dizer! «Assim escusavas de ter de fazer o jantar», disse ele, «pelo menos uma vez na semana.» Oh, meu Deus, não é estranho como a vida... volta ao mesmo depois de uma morte.

— Até os miúdos já se adaptaram — concordou Jeannie.

— O que é de admirar, se pensares bem... As crianças perceberem tão cedo que as pessoas morrem.

— Faz-nos pensar por que razão é que acumulamos tanta coisa quando sabemos, logo na infância, como é que isto vai acabar.

Amanda estava a olhar em redor para a acumulação de coisas enquanto falava — para as caixas, as almofadas empilhadas, os molhos de revistas antigas atados com guita e os candeeiros sem os abajures. E isso não era nada, comparado com a quantidade de coisas no resto da casa — as torres de livros desbotados equilibradas em cima da secretária do jardim de inverno, os tapetes enrolados no chão da sala de jantar, os cálices que tilintavam em cima do aparador sempre que os miúdos passavam a correr por eles. E no alpendre da frente, à espera de serem deitados no lixo, a miscelânea de objetos que ninguém queria: um berço portátil com três pernas, um carrinho de bebé partido, uma cadeira alta sem o tabuleiro e um saco de compras com as pegas feitas de corda cheio de brinquedos de plástico, com a casinha de barro tosca de alguém, encavalitada em cima, pintada nos tons infantis de vermelho, verde e amarelo.

PARTE 2

QUE MUNDO ESTE

CAPÍTULO NOVE

Estava uma linda e fresca tarde, em tons de verde e amarelo, em julho de 1959, e Abby Dalton encontrava-se à janela da frente da sua casa, à espera da boleia. Apetecia-lhe correr para a rua antes de ele ter tempo para buzinar. A sua mãe tinha uma regra que dizia que os rapazes deviam tocar à campainha, entrar na casa e ter uma conversa educada antes de levarem Abby para sair, mas alguém que tentasse dizer isso a Dane Quinn! Ele não era muito dado a conversas de circunstância.

Se a mãe se queixasse mais tarde, Abby dir-lhe-ia: «Oh, mas não o ouviste tocar?» A mãe não ficava muito convencida, mas o mais certo seria deixar passar.

Abby estava vestida no novo estilo com que regressara da faculdade nessa primavera: uma saia florida e translúcida com um *body* de malha preto e meias de náilon pretas, apesar de a manhã já estar a aquecer. As meias davam-lhe um ar *beatnik*, esperava ela. (Eram o seu único par e quando as descalçasse no final do dia sabia que encontraria surpreendentes manchas pretas aqui e ali nas pernas, no sítio onde preencheria os buracos com marcador de feltro.) O seu cabelo louro e comprido estava mais claro em algumas partes depois de meio verão a apanhar sol e os seus olhos estavam fortemente delineados com um lápis para sobrancelhas *Maybelline*, mas os lábios eram pálidos e a mãe costumava dizer-lhe que dava a sensação de que se tinha esquecido de alguma coisa. Dane não era dado a elogios (e não havia mal nenhum nisso; Abby compreendia perfeitamente), mas às vezes, quando ela entrava no carro dele, Dane fitava-a durante mais tempo do que o habitual e ela esperava que talvez o fizesse nessa manhã também. Arranjara-se com muito cuidado, molhando o cabelo para o esticar com o pente e pondo uma gota de baunilha nos

pulsos. Umas vezes usava extrato de amêndoa ou água de rosas ou essência de limão, mas hoje era sem sombra de dúvidas um dia de baunilha, decidira ela.

Ouviu os passos da mãe a atravessarem o corredor do piso de cima e virou-se, mas os passos cessaram e ela ouviu a mãe dizer algo ao pai de Abby. Ele estava a fazer a barba na casa de banho, com a porta aberta; era domingo e ele tinha dormido até mais tarde do que era habitual:

— Lembraste-te de...? — perguntou a mãe dela e depois mais qualquer coisa. Abby descontraiu-se e virou a sua atenção novamente para a janela. Os Vincent, da casa ao lado, estavam a entrar no *Chevy* deles. Era bom sinal estarem de saída: a Sra. Vincent era o tipo de mulher capaz de perguntar à mãe de Abby, num tom aparentemente inocente: «Então quem era aquele rapaz que fez a Abby sair de casa a correr? Os jovens de hoje são tão... pouco formais, não são?»

Abby somente tinha dito à mãe que iria apanhar boleia com Dane para irem ajudar a organizar o casamento de Merrick Whitshank. Fizera parecer que se tratava apenas de uma tarefa, ao invés de um encontro romântico. (Apesar de *ser* um encontro romântico, na cabeça dela.) Ela e Dane ainda estavam nessa fase inicial em que até mesmo o simples facto de o acompanhar numa tarefa banal, de esperar por ele como um cachorro preso à porta da mercearia espera pelo dono, fazia-a sentir-se como se tivesse sido escolhida propositadamente.) Até então, Dane e a mãe dela só se tinham cruzado duas vezes e a coisa não tinha corrido muito bem. Às vezes, a mãe dela tinha tendência para antipatizar com as pessoas. Não dizia nada, mas Abby percebia logo.

Os Vincent afastaram-se no carro e uma carrinha de caixa fechada estacionou de imediato no lugar deixado vago. O estacionamento era escasso nesse bairro. Quase

ninguém tinha garagem. O que poderia ter sido a garagem dos Dalton (a zona da cave ao nível da rua e que dava diretamente para o passeio) era a loja de ferragens do pai de Abby. Se Dane fosse tocar à campainha, teria de estacionar sabe-se lá onde e caminhar desde esse sítio até à casa dela. Pelo que buzinar parecia ser a opção mais sensata.

A mãe dela estava a queixar-se de algo, na sua voz tipicamente moderada.

— ... pedi-te tantas vezes — estava ela a dizer e o pai de Abby deu-lhe uma resposta impercetível; talvez «Desculpa, querida» ou «Eu disse-te que trataria disso». O gato de Abby marchou escada abaixo com passos imponentes, cada pata fazendo um *plop plop plop*, como se se sentisse ofendido com algo. Saltou para cima da poltrona ao lado de Abby, enroscou-se e cheirou o ar com desdém.

Uma qualquer característica opressiva da sala de estar (a sua dimensão reduzida, a mobília em demasia ou a escuridão em comparação com a luz solar lá fora) fez Abby sentir uma vontade súbita de desaparecer dali. Apesar de, na verdade, adorar a casa. Adorava a sua família também e ocorrera-lhe que mal podia esperar para terminar o primeiro ano da faculdade e poder regressar ao lugar onde era estimada, valorizada e admirada. Contudo, durante o verão inteiro tinha-se sentido pouco à vontade e impaciente. O pai contava piadas sem graça e depois ria-se mais alto do que as pessoas a quem as contava, «Ah-ah», com a boca completamente aberta, e a mãe tinha a mania de cantarolar de vez em quando um pequeno fragmento de um hino qualquer numa voz quase sussurrada, após o qual, presumivelmente, esse hino continuava a soar em silêncio na mente dela e ela cantarolava mais umas notas momentos depois. Seria algo que sempre tivesse feito? As coisas teriam sido mais animadas se o irmão de Abby

estivesse presente, mas ele andava a trabalhar como nadador-salvador num acampamento de escuteiros na Pensilvânia.

Oh, e lá vinha Dane! O *Buick* com duas cores, azul e branco, parou no sinal *stop* da esquina. Ela já estava a ouvir a batida do rádio do carro dele. Pegou na bolsa, abriu a porta de rede com toda a força e saiu rapidamente, e quando ele estacionou em segunda fila diante da lavandaria do outro lado da rua já ela tinha descido a correr os degraus laterais da casa e não havia necessidade de ele buzinar. Tinha o braço pendurado de fora da janela (pele bronzeada, ligeiramente musculado, a cintilar com os pelos dourados, sabia ela) e o rosto virado na direção dela, embora não conseguisse ver-lhe a expressão porque os carros não paravam de passar entre os dois. (De repente lá estava o trânsito, como se a presença dele tivesse animado a vizinhança.) Ela parou para deixar passar um carro, cujo condutor fez um grande alarido por ter de a contornar, e depois atravessou a estrada a correr, levando a que outro condutor travasse e carregasse na buzina. Contornou a parte da frente do *Buick*, abriu a porta do passageiro e entrou com uma sacudidela teatral da saia. «Johnny B. Goode» era a canção que estava a tocar. Chuck Berry a dedilhar nas cordas. Ela pousou a bolsa no assento entre ambos e virou-se para encarar o olhar de Dane.

Ele atirou a ponta do cigarro pela janela e disse:

— Então?

— Então.

Na noite anterior tinham estado colados um ao outro, mas agora estavam a comportar-se como se nada fosse, pelos vistos.

Ele meteu a mudança e começou a conduzir, o braço esquerdo ainda pendurado fora da janela e o pulso direito

pousado de forma descontraída na parte superior do volante.

— Estás com ar de quem ainda não acordou — disse-lhe Abby.

Na verdade, ele tinha sempre aquele ar. Os olhos eram tão semicerrados que não se percebia bem qual a sua cor e o cabelo louro-claro era demasiado comprido e caía-lhe sobre a face.

— Quem me dera ainda estar a dormir — respondeu-lhe ele. — A última coisa que me apetecia ouvir num domingo de manhã era o despertador.

— Bem, é muito simpático da tua parte fazeres isto.

— Não é uma questão de simpatia, é uma questão de precisar do dinheiro — retorquiu ele.

— Ah, eles estão a pagar-te?

— O que é que te parece? Achas que me levantava a esta hora só porque sou um tipo porreiro?

Todavia, aquilo era só conversa. Ele e Red eram amigos há muitos anos e ela sabia que ele tinha muito gosto em dar uma ajuda.

Embora talvez fosse verdade o facto de precisar de dinheiro. Umas semanas antes tinha sido despedido do emprego. A família dele vivia bem (melhor do que a dela, pelo menos), mas nos últimos tempos ele andava a levá-la em saídas que não eram muito dispendiosas: comer hambúrgueres num *drive-in*, sentar-se com amigos na sala de lazer dos pais de alguém ou ir ao cinema. Ele via qualquer coisa que estivesse em exibição, em especial filmes de *cowboys* e filmes de terror beras que o fizessem rir, embora ela fosse menos entusiasta, pelo facto de não ser possível conversar no cinema. Deveria oferecer-se para pagar a sua parte de agora em diante? Porém, o pouco que tinha ganho no emprego de verão era para pagar as

propinas. E, além disso, ele talvez se sentisse insultado por isso. Ela já descobrira que ele era um pouco irritadiço.

Estavam a sair de Hampden agora. As casas começavam a ficar para trás; os relvados eram cada vez maiores e mais verdes. Dane disse:

— Não sei se já te disse que o meu pai me deu com os pés.

— Com os pés?

— Pôs-me fora de casa.

— Oh, meu Deus!

— Tenho estado a morar em casa de um primo. Ele tem um apartamento em St. Paul.

Dane não tinha por hábito partilhar muita informação pessoal. (O rádio tinha mudado para «Good Golly, Miss Molly» e a voz aflautada e arrastada de Dane era difícil de distinguir por cima da voz de Little Richard.)

— Já estava a precisar de sair de lá, de qualquer modo — estava ele a dizer. — Eu e o meu pai discutíamos muito.

— Oh, porquê?

Dane pegou nos óculos de sol que estavam pendurados no espelho retrovisor e encavalitou-os em cima da cana do nariz. Eram sob o comprido, pelo que ela já não lhe conseguia ver os olhos.

— Bem — disse ela, por fim —, isso às vezes acontece nas famílias.

Só quando estavam parados num semáforo em Roland Avenue é que ela se atreveu a quebrar novamente o silêncio.

— Que tipo de ajuda é que vais dar hoje? — perguntou-lhe.

— Vamos cortar uma árvore.

— Uma árvore!

— Ontem um dos empregados do senhor Whitshank deitou-a abaixo e hoje vamos cortá-la em bocados. Ele quer

o jardim da frente impecável para o casamento.

— Mas o casamento vai ser na igreja. E a recepção é num sítio qualquer na Baixa.

— Certo, mas o fotógrafo vai lá a casa.

— Oh — respondeu ela, ainda sem conseguir perceber.

— O senhor Whitshank tem, digamos, uma imagem na cabeça dele. Explicou-nos tudo ao pormenor. Bem, aquele homem não se cala! É capaz de estar horas a falar. Quer duas fotografias específicas. Quer a Merrick a descer as escadas de vestido de noiva, com as damas de honor dispostas no átrio superior por trás dela; essa é a primeira fotografia. E depois quer-a no caminho de acesso da frente, com o buquê na mão e as damas de honor dispostas em V atrás dela. Essa é a segunda fotografia. O fotógrafo vai posicionar-se na rua com uma máquina fotográfica com uma lente grande angular que apanhe toda a casa. Só que este tulipeiro em particular estava mesmo no meio do flanco esquerdo das damas de honor e por isso é que teve de ser despachado.

— Ele vai matar um tulipeiro perfeitamente saudável por causa de uma fotografia?

— Ele diz que já estava a morrer.

— Hum.

— A Merrick e as damas de honor têm de se vestir ainda de madrugada no dia do casamento, pois vai demorar imenso tempo a tirar essas duas fotografias — explicou Dane. — A senhora Whitshank diz que ele vai fazer com que a Merrick chegue atrasada ao próprio casamento.

— E aquelas saias compridas pavorosas! Vão ficar todas cheias de folhas e paus!

— O senhor Whitshank diz que não. Vai mandar pôr uma passadeira branca a todo o comprimento do passeio e depois vai pôr mais um pouco dos lados, junto à casa, nos sítios onde as damas de honor vão estar.

Abby olhou para Dane, boquiaberta. Por trás dos óculos escuros, ele não deixava transparecer o que pensava sobre o plano.

— Admira-me que a Merrick alinhe nisso — disse-lhe ela.

— Ah, pois, mas sabes como é o senhor Whitshank — respondeu ele.

Na verdade, Abby não sabia como era o Sr. Whitshank. (A Sra. Whitshank era de quem ela gostava.) Tinha a impressão, contudo, de que ele era um homem de ideias fixas.

Passaram pela igreja onde o casamento teria lugar dali a seis dias. Várias pessoas caminhavam na direção dos claustros, talvez rumo à catequese ou a uma missa mais cedo — as mulheres e as raparigas vestidas em tons pastéis, chapéus cheios de flores e luvas brancas, os homens e os rapazes vestidos de fato. Abby procurou Merrick com o olhar, mas não a avistou. Era a igreja de Dane também, não que ele parecesse frequentá-la.

Abby conhecia Dane, pelo menos de vista, desde os primeiros anos da sua adolescência, mas só se tinham juntado no passado mês de maio, a primeira semana dela em casa de férias da faculdade. Cruzara-se com Red Whitshank uma noite na fila da bilheteira do Senator e ele estava acompanhado por dois amigos, sendo um deles Dane Quinn. E Abby estava com duas amigas; parecia que estava tudo combinado. Era possível que Red tivesse contado sentar-se ao lado dela na sala de cinema (era do conhecimento geral que tinha um fraquinho por ela), mas bastou-lhe um olhar para Dane, com o semblante carregado e os ombros curvados para a frente numa postura defensiva, para ela se posicionar entre ele e a sua amiga Ruth, qual descarada (como a amiga Ruth lhe diria mais tarde). Algo se apoderara dela; sentia-se fisicamente atraída por ele. Gostava da sua intensidade, da sua

prudência, do seu rancor evidente contra o mundo. Já para não falar do aspeto físico. Bem, toda a gente conhecia a história dele. Tinha sido um estudante de Gilman perfeitamente normal, tendo andado em Princeton tal como o pai e os dois avós antes dele, mas, em setembro último (o início do seu segundo ano de faculdade), a mãe deixara o pai e fora morar para Hunt Valley com o homem que tratava do cavalo-quarto-de-milha dela. E, assim que Dane tomou conhecimento da situação, largou a faculdade e regressou a casa. Primeiro fechou-se em casa deprimido, mas depois, mediante a insistência do pai, arranjou um trabalho qualquer na Stephenson Savings & Loan. (Bertie Stephenson tinha partilhado uma casa com o pai dele na faculdade.) Nunca falava sobre a mãe; ignorava qualquer referência a ela, mas isso só servia para provar a Abby o quão magoado devia estar. Abby tinha uma predileção por pessoas que tentavam esconder as suas mágoas. Ele passou a ser a sua causa nobre mais recente. Atirou-se-lhe de braços abertos, fez o possível para o fazer sair da toca, focava-se nele sempre que o grupo se reunia, nunca aceitava uma recusa. Porém, «não» fora de facto a resposta dele no início. Punha-se sempre à margem dos outros, bebia e fumava em demasia, e respondia com monossílabos mal-humorados aos comentários mais solidários dela. Depois, certa noite (no alpendre da frente de Red Whitshank, curiosamente), virara-se para ela com uma atitude ameaçadora, encostando-a à parede e dizendo-lhe: «Quero saber porque é que não me deixas em paz.»

Ela podia ter-lhe oferecido variadíssimos motivos válidos. Podia ter-lhe dito que era por causa da sua tristeza evidente ou da convicção dela de que podia fazer a diferença na vida dele. Mas, ao invés disso, respondeu: «Por causa dessa ranhura entre o teu nariz e o lábio superior.»

Ele respondeu:

«O quê?»

«Porque usas o cabelo meio desgrenhado como se fosses ligeiramente louco.»

Ele piscou os olhos e deu um passo atrás.

«Não percebo o que é que queres dizer com isso», respondeu-lhe.

«Nem tens de perceber», retorquiu ela e depois, num gesto muito pouco característico, avançou na direção dele, ergueu o rosto para ele e viu-o começar a acreditar nela.

Agora era um dado mais ou menos adquirido que eles formavam um casal, apesar de ela ter noção de que as amigas tinham ficado surpreendidas. Não lhes deu explicações. Tornou-se, de certa forma, parecida com Dane; começou a agir de uma forma reservada e evasiva. Começou a aperceber-se de que os seus amigos eram demasiado pomposos e, apesar de ter sempre partido do pressuposto, até então, de que o seu objetivo de vida era ter marido, filhos e uma casa confortável com jardim, de repente começou a proferir expressões como «dona de casa» e «suburbana» com as sobrelhas arqueadas e os cantos da boca revirados para baixo. «Quem é que quer ir jantar ao Clube?», perguntava alguém, ao que Dane respondia: «Ena, o Clube, que coisa tão entusiasmante.» Toda a gente olhava de soslaio para Abby, mas ela sorria de forma tolerante e bebia mais um trago da sua *Coca-Cola*. Era a única que o conhecia a sério, dizia ela; que antevia que ele não era nem um terço do mau que fingia ser.

Embora de vez em quando, por breves instantes, ela se questionasse se a malvadez não seria precisamente o que a tinha feito sentir-se atraída por ele. Não que ele fosse *realmente* mau, mas havia algo de perigoso nele, algo adverso e chocante. Depois de ter sido despedido, por exemplo, saíra do edifício com vinte e quatro caixas de

agrafos. No total, 57 600 agrafos, contabilizara ele mais tarde. (O orgulho dele ao contar-lhe fizera-a sorrir.) E nem sequer tinha agrafador! Certa vez fora de carro até ao local onde a mãe estava a morar com o Tipo do Cavalo, como Dane lhe chamava, e vedara todas as portas com fita adesiva durante a noite. Essa escapadela fizera Abby rir-se em voz alta. «Mas por que carga de água...?», perguntara-lhe, mas ele não fora capaz ou não quisera responder; foi praticamente a única vez em que a palavra «mãe» lhe passou pelos lábios e talvez ele já se tivesse arrependido.

Além do mais, a sua tendência para beber, apesar de deplorável, conferia-lhe uma certa qualidade de delinquente juvenil desajeitado e estouvado que apelava ao coração dela, não obstante o facto de ser profundamente contra. Era um rapaz que se reconhecia à légua por causa do seu passo gingado, as mãos enfiadas nos bolsos, o rosto meio escondido pelo cabelo desgrenhado e as costas ligeiramente curvadas. Oh, não eram apenas as desvantagens que necessitavam de compaixão! Ele estava a levar uma vida de certa maneira tão complicada como as das desgraçadas crianças negras a quem ela tinha dado explicações nesse verão. Ele tinha a capacidade de disparar uma farpa de tristeza que a trespassava por completo.

Ela olhou para o perfil dele, para o recorte da sua face por baixo dos óculos escuros, e lançou-lhe um pequeno e caloroso sorriso, apesar de ele não ter reparado.

— Bem. Seja como for. Estava eu a dizer — disse ele, erguendo o braço para sinalizar que ia virar. — Em relação ao meu primo.

— O teu primo — repetiu ela.

— O George. Com quem estou a morar.

— Ah. Eu conheço-o?

— Não, ele é mais velho. Tem uma carreira e tudo. Vai para fora para a semana, visitar a namorada em Boston.

O *Buick* inclinou-se ligeiramente ao fazer a curva para Bouton Road e Abby agarrou a bolsa com força, antes que escorregasse do assento para o chão.

— Vou ter a casa toda só para mim — disse-lhe Dane. Estacionou em frente à casa dos Whitshank e tirou a chave da ignição. A música parou de tocar, mas ele deixou-se ficar sentado, a olhar pelo para-brisas. — Lembrei-me de que podias aparecer na sexta-feira à noite. Dizias à tua mãe que ias passar a noite em casa de uma amiga.

Ela previra que algo do género viesse à baila, mais cedo ou mais tarde. Era o rumo que eles tinham estado a tomar. Era o rumo que ela *desejava* tomar.

Por essa razão, não sabia explicar por que motivo respondeu:

— Ah! — exclamou. — Pois, não sei — disse.

Ele virou-se para olhar para ela, apesar de a sua expressão continuar vazia por trás dos óculos escuros.

— Não sabes o quê? — perguntou-lhe ele.

— Não sei que amiga poderá ser essa e, além do mais, acho que vou estar ocupada nessa noite, acho que tenho qualquer coisa para fazer com os meus pais; não tenho a certeza.

Não estava a lidar com a situação de uma forma muito serena. Estava irritada consigo mesmo por soar tão desorientada.

— Tenho de ver — disse-lhe ela, depois abriu a porta do carro e, com a pressa de sair, quase caiu no chão.

Caminhando à frente dele em direção à casa, contudo, Abby tinha consciência da sua cintura fina, do bambolear da sua saia e do balouçar do cabelo que lhe caía pelas costas. Ele tinha decerto planeado aquilo. Provavelmente decidira em consciência que a *desejava* e imaginara como seria. Essa percepção fê-la sentir-se misteriosa, desejável e adulta.

Red Whitshank e um amigo, Ward Rainey, estavam à conversa com dois trabalhadores ao fundo do relvado. Um dos trabalhadores tinha uma serra elétrica, e Red e o outro trabalhador seguravam em machados. Em redor deles, numa amálgama imensa, viam-se galhos grossos e cortes transversais de troncos. O tulipeiro devia ser gigante. (E de modo nenhum estava a morrer, a julgar pela folhagem verde.) O que restava do tronco, com cerca de três metros de altura, ainda pairava junto ao alpendre da frente, tão liso e perfeitamente cilíndrico como uma coluna arquitetónica.

— ... quando o Mitch chegar poderá dizer-nos quanto é que quer que deixemos ficar — estava a dizer Red, ao que o homem com a serra elétrica lhe respondeu:

— Bem, não me parece que ele queira que deixemos seja o que for, porque não vai arrancar raízes e tudo, pois não? Isso iria deixar um buraco demasiado grande.

— O quê, achas que vai trazer um destocador?

— Parece-me que é o que faz mais sentido.

Abby exclamou:

— Olá a todos.

Eles viraram-se e Red cumprimentou:

— Olá, Abby! Olá, Dane!

— Red — retorquiu Dane, friamente.

Abby sempre achara que o aspeto físico de Red nada tinha que ver com o nome dele. Deveria ter cabelo ruivo e a pele meio rosada típica dos ruivos; deveria ser sardento e bolachudo. Em vez disso, era preto e branco, alto e magricelas, com a maçã de Adão muito proeminente e os ossos dos pulsos tão evidentes como puxadores de armários. Nesse dia envergava uma *T-shirt* que tinha mais buracos do que tecido e umas calças de caqui com os joelhos sujos. Poderia passar por um dos empregados do pai.

— Estes são o Earl e o Landis — apresentou ele. — São os tipos que deitaram esta coisa abaixo.

Earl e Landis acenaram com a cabeça sem sorrirem, e Ward ergueu a mão no ar.

— Cortaram-na sozinhos? — perguntou Abby aos homens.

— Não, o Red deu uma grande ajuda — respondeu Earl.

— Só com a força bruta — disse Red a Abby. — O Earl e o Landis é que sabiam como fazer para não vir parar tudo cá abaixo.

— Deitámo-la no sítio como se fosse um bebé — disse Landis, com satisfação.

Abby ergueu os olhos para estudar a folhagem por cima deles. Ainda restavam tantas árvores que ela não conseguia detetar nenhuma diferença na filtragem da luz, mas mesmo assim a perda do tulipeiro parecia-lhe ser uma pena. Os cortes transversais espalhados pelo chão pareciam-lhe perfeitamente sãos, e a seiva enchia o ar com um odor tão vital e intenso como sangue fresco.

Os homens tinham voltado à questão da remoção do cepo. Earl era da opinião de que deviam avançar e cortar o resto do tronco ao nível do chão, enquanto Landis sugeria que se esperasse por Mitch.

— Entretanto podemos ir desmanchando aqueles ramos — disse ele, pousando o pé em cima do ramo mais próximo e dando uma pancada experimental com o machado num dos galhos. Abby gostava de ouvir os trabalhadores a discutir questões de logística. Fazia-a regressar à infância, sentada em cima do balcão da loja do pai dela a balouçar os pés e a inspirar o odor a metal e a óleo para máquinas.

Earl puxou a corrente da serra elétrica, desencadeando um rugido ensurdecedor. Baixou a lâmina para a parte mais grossa do ramo, ao mesmo tempo que Ward se inclinava e pegava noutro ramo, para o tirar do caminho.

— Não me parece que tenhas trazido um machado — gritou Red para Dane.

Dane, que estava a acender um cigarro, apagou o fósforo com um safanão e respondeu:

— Onde é que querias que arranjasse um machado?

— Vou buscar mais um à cave — disse-lhe Red. Encostou o machado dele a um cornizo. — Anda daí, Abby, eu levo-te até à casa.

— Tens a certeza de que não há nada que possa fazer aqui? — perguntou ela. Parecia-lhe uma pena ir-se embora e deixar Dane para trás.

Mas Red respondeu:

— Podes ajudar a minha mãe a preparar o almoço, se quiseres.

— Ah. Está bem.

Dane fitou-a com uma sobrelanceira arqueada, numa espécie de adeus mudo, e depois ela e Red deram meia-volta e começaram a subir o caminho de acesso feito de lajes. Deixando para trás o ruído da serra elétrica, ela teve a sensação de que os seus ouvidos estavam entupidos.

— Achas mesmo que isto vai durar até à hora do almoço? — perguntou ela a Red.

— Oh, mais tarde do que isso — retorquiu ele. — Com sorte acabamos antes de anoitecer.

Pareceu-lhe que seria pelo melhor. Dar-lhe-ia mais tempo para recompor a compostura diante de Dane. Quando anoitecesse, já ela seria uma pessoa diferente, mais senhora de si e madura.

Chegaram aos degraus do alpendre, mas, em vez de a deixar, Red deteve-se.

— Ouve lá — disse-lhe ele. — Estava aqui a pensar: queres boleia para o casamento?

— Não sei se vou ao casamento — replicou Abby.

Ela tinha decidido não ir, na verdade. O convite (num papel tão grosso que tinham sido necessários dois selos do correio) fora uma surpresa; ela e Merrick não eram próximas. Além disso, Dane não fora convidado. Merrick mal conhecia Dane. Pelo que Abby andava há semanas para declinar o convite.

Mas Red disse:

— Não vais? A minha mãe estava a contar que sim.

Abby franziu o sobrolho.

— E eu também — disse-lhe ele. — Caso contrário, não conheço lá ninguém.

Ela respondeu:

— Não ias fazer de arrumador ou algo do género?

— Ninguém me disse nada — retorquiu ele.

— Bem, obrigada, Red. É muito simpático da tua parte. Se decidir ir, aviso-te, está bem?

Ele hesitou por uns instantes, como se quisesse dizer mais qualquer coisa, mas depois sorriu para ela e afastou-se na direção das traseiras da casa.

Atravessando o alpendre com três passadas largas, alto e com um ar severo qual Abraham Lincoln, e vestido de maneira não muito diferente de Lincoln, Junior Whitshank inclinou ligeiramente a cabeça na direção de Abby e depois desceu rapidamente os degraus.

— Bom dia, menina — cumprimentou-a ele.

— Bom dia, senhor Whitshank.

— Acho que a Merrick ainda não acordou.

— Bem, eu venho à procura da senhora Whitshank.

— A senhora Whitshank está na cozinha.

— Obrigada.

O Sr. Whitshank deixou o caminho de acesso e dirigiu-se para o sítio onde os homens se encontravam a trabalhar. Abby, a observá-lo, interrogou-se onde é que ele compraria as camisas. Eram brancas, sempre, com o colarinho muito

alto e antiquado, pelo que o pescoço magro dele parecia envolto numa faixa branca. Ela costumava achar que ele se baseava num ideal qualquer — alguma figura ilustre do passado que ele tinha admirado. Mas as calças pretas justas pareciam folgadas no fundilho e o Y dos suspensórios acentuava-lhe a postura fatigada e oprimida de um homem de trabalho vulgar.

— O Mitch já chegou? — ouviu-o ela perguntar e o murmúrio de respostas elevou-se acima do ruído da serra elétrica, como abelhas a zunirem junto a um barrote.

Abby subiu os degraus, atravessou o alpendre, abriu a porta de rede e perguntou:

— Iu-u! — Tratava-se de algo que Linnie Whitshank teria feito. De forma automática, Abby pareceu adotar a linguagem e o tom de voz da Sra. Whitshank: fina e aflautada.

— Aqui atrás! — respondeu-lhe a Sra. Whitshank, da cozinha.

Abby adorava a casa dos Whitshank. Mesmo num dia quente de julho estava fresca e com pouca luz, com a ventoinha de teto a rodar bem alto no meio do átrio e outra ventoinha a girar calmamente na sala de estar. Uma toalha de mesa dobrada estava pousada numa das extremidades da mesa, com um molho de talheres em cima, à espera de serem distribuídos. Continuou em frente até à cozinha, onde a Sra. Whitshank se encontrava a lavar quiabos no lava-louça. A Sra. Whitshank era pequena e tinha um ar frágil, mas o seu peito invulgarmente pequeno e pronunciado enchia-lhe a parte de cima da bata de algodão. O cabelo claro caía-lhe sem vivacidade sobre os ombros. Era o penteado típico de uma rapariga e o rosto dela, quando se virou para Abby, exibia um ar jovem também — sem rugas, sincero e sem maldade.

— Olá! — disse ela e Abby respondeu:

— Olá.
— Estás muito bonita hoje.
— Vim ver se precisava de ajuda — disse Abby.
— Oh, querida, não queiras sujar essa roupinha tão bonita. Senta-te aqui a fazer-me companhia.

Abby puxou uma cadeira da mesa da cozinha e sentou-se. Tinha aprendido a não discutir com a Sra. Whitshank, que era uma força da natureza no que dizia respeito a culinária e iria considerar Abby um empecilho.

— Como é que está a correr o abate da árvore? — perguntou-lhe a Sra. Whitshank.

— Estão a começar a cortar os ramos.

— Já ouviste tamanho disparate? Abater um tulipeiro inteiro por causa de uma fotografia.

Ela pronunciou a palavra «foti-grafia». Falava com uma pronúncia rural e, ao contrário do marido, não tentava disfarçá-la.

— O Dane diz que a árvore já estava a morrer, segundo o senhor Whitshank — disse Abby.

— Oh, às vezes o Junior tem uma ideia de como é que quer que as coisas sejam — explicou-lhe a Sra. Whitshank. Fechou a torneira e limpou as mãos no avental. — Já comprou as molduras para as fotos e tudo, imagina. Duas molduras enormes, de madeira. Perguntei-lhe: «Vais pôr isso na prateleira da lareira?» E ele respondeu-me: «Linnie Mae...» — Ela falou numa voz grossa e profunda. — Disse-me: «As pessoas não põem retratos de família na sala de estar.» E eu respondi: «Não fazia ideia.» Tu fazias ideia?

— A minha mãe tem a sala de estar *cheia* de fotografias — retorquiu Abby.

— Pois. Estás a ver?

A Sra. Whitshank tirou uma garrafa de leite do frigorífico e despejou-a para dentro de uma tigela.

— Vou cortar quiabos e tomates às rodelas — disse ela a Abby. — E frango assado, com uns biscoitos feitos por mim. Oh, mais logo podes ajudar-me com os biscoitos, agora que já sabes como se fazem. E bolo de pêsego para a sobremesa.

— Que delícia.

— O Red disse-te que podia dar-te boleia para o casamento?

— Disse — retorquiu Abby —, mas ainda não sei se vou.

Agora sentia-se envergonhada por ter demorado tanto tempo a tomar uma decisão. Se a mãe dela soubesse, teria ficado horrorizada. Mas a Sra. Whitshank limitou-se a responder:

— Oh, gostava muito que fosses! Preciso de alguém para me amparar.

Abby deu uma gargalhada.

— A Merrick fez-me comprar um vestido amarelo na Hutzler's — contou-lhe a Sra. Whitshank. — Faz-me parecer ter icterícia, mas a Merrick fazia muita questão. É tal e qual o pai dela; quando mete uma coisa na cabeça... — Estava a pôr colheradas de farinha de milho noutra tigela.

Abby disse:

— Tenho medo de não conhecer ninguém. Os amigos da Merrick são mais velhos do que eu.

— Eu também não os conheço — respondeu-lhe a Sra. Whitshank. — Vão ser principalmente os amigos da faculdade; muito pouca gente de cá.

— Quem é que vai da sua família? — indagou Abby.

— Como assim?

— Avós? Tios e tias?

— Oh, não temos nada disso — retorquiu a Sra. Whitshank.

Não parecia minimamente incomodada com esse facto. Abby esperou que ela pormenorizasse, mas agora estava a

pesar um pouco de sal.

— Bem, eu disse ao Red que agradecia imenso — replicou Abby, por fim. — É bom saber que tenho boleia, se precisar.

Na verdade, ela devia limitar-se a aceitar e pronto. Não tinha a certeza do que a estaria a impedir. Era apenas metade de um sábado, uma pequena parcela da sua vida.

O sábado depois de ela ter passado a noite com Dane. Isso *caso* ela passasse a noite com Dane.

Imaginou que ele lhe dissesse:

«Oh, não me vais deixar aqui sozinho, na manhã a seguir a termos...»

A seguir a termos...

Ela baixou o olhar para a saia e alisou-a junto aos joelhos.

— Como é que está a correr o teu trabalho? — perguntou-lhe a Sra. Whitshank. — Continuas a gostar daqueles meninos pequeninos de cor?

— Oh, estou a adorá-los.

— Mas custa-me imaginar-te a ires àquele bairro — disse a Sra. Whitshank.

— Não é uma zona má.

— Mas é um bairro *pobre*, não é? As pessoas de lá são muito pobres e não pensariam duas vezes antes de te roubar. Francamente, Abby, às vezes não pareces ter noção das coisas que deves recear.

— Eu jamais teria medo daquelas pessoas!

A Sra. Whitshank abanou a cabeça e despejou o coador cheio de quiabos em cima de uma tábua de cortar.

— Oh, que mundo este — disse Abby.

— Então porquê, minha querida?

— É o que diz a bruxa má do filme *O Feiticeiro de Oz*. Sabia? Estão a fazer uma reposição no cinema da Baixa e

fui vê-lo ontem à noite com o Dane. A bruxa diz: «Estou a derreter! Estou a derreter! Oh, que mundo este», diz ela.

— Lembro-me da parte do «estou a derreter» — disse a Sra. Whitshank. — Levei o Red e a Merrick a ver esse filme quando eram pequeninos.

— Sim, pois, mas depois ela diz «que mundo este». Eu disse ao Dane, logo a seguir: «Nunca tinha ouvido aquilo! Não fazia ideia de que ela dizia aquilo!»

— Nem eu — respondeu-lhe a Sra. Whitshank. — De certa maneira, até é triste.

— Pois é — retorquiu Abby. — De repente senti pena dela, sabe? Acredito mesmo que a maior parte das pessoas que parecem assustadoras estão apenas tristes.

— Oh, Abby, que Deus te mantenha assim — disse a Sra. Whitshank, com uma risada carinhosa.

O som alto e estridente de saltos a descerem as escadas ecoou no átrio. Os passos atravessaram a sala de jantar e Merrick surgiu na entrada da cozinha, vestida com um quimono de seda vermelho e chinelas vermelhas com tufo de penas vermelhas. Tinha a cabeça envolta em rolos de cabelo metálicos gigantes, parecendo uma espécie de capacete de astronauta.

— Meu Deus, que horas são? — perguntou ela. Puxou uma cadeira, sentou-se ao lado de Abby e tirou um maço de *Kent* da manga.

— Bom dia, Merrick — disse-lhe Abby.

— Bom dia. Isso são quiabos? Blherc.

— É para o almoço — retorquiu a Sra. Whitshank. — Temos muitos homens no jardim da frente que vão precisar de ser alimentados.

— Só a minha mãe para achar que é falta de educação obrigar os trabalhadores a trazerem as suas próprias sandes — disse Merrick a Abby. — Abby Dalton, estás de *collants*? E não estás a derreter nem nada?

— «Estou a derreter!» — exclamou Abby, imitando a voz da bruxa má, e a Sra. Whitshank deu uma risada, mas Merrick tinha uma expressão irritada. Acendeu um cigarro e exalou um longo fio de fumo.

— Tive um sonho pavoroso — disse. — Sonhei que estava a conduzir depressa de mais numa estrada de montanha sinuosa e falhei uma curva. Pensei: «Oh-oh, isto vai correr mal.» Sabem aquele momento em que nos apercebemos de que a coisa simplesmente tem de acontecer? Caí do penhasco, fechei os olhos com muita força e preparei-me para o embate. Mas o mais curioso foi que continuei a voar. Não cheguei a aterrar.

Abby retorquiu:

— Que sonho terrível! — mas a Sra. Whitshank continuou calmamente a cortar os quiabos.

— Pensei: «Ah, já percebi» — disse Merrick. — «Devo ter morrido.» E depois acordei.

— O carro era um descapotável? — perguntou-lhe a Sra. Whitshank.

Merrick fez uma pausa, com o cigarro meio suspenso a caminho da boca. Disse:

— Desculpa?

— O carro do teu sonho. Era um descapotável?

— Sim, por acaso até era.

— Sonhar que estamos num descapotável significa que estamos prestes a cometer um grande erro — disse a Sra. Whitshank.

Merrick fitou Abby com uma expressão de admiração exagerada.

— A que erro é que poderás estar a referir-te? — disse ela.

— Mas se o carro não for um descapotável, significa que vais ser promovida.

— Bem, que coincidência ter sonhado com um descapotável — respondeu Merrick. — E o mundo inteiro sabe que és completamente contra este casamento, portanto não gastes mais saliva, Linnie Mae.

Merrick tinha o hábito de tratar a mãe por «Linnie Mae». O som estranho do nome da mãe na boca dela tinha o poder de insinuar todos os defeitos da mãe — a voz fanhosa, os vestidos que mais pareciam sacas de ração e a forma errada como pronunciava palavras como «supostamente», «vuscar» e «sande». Abby sentia pena da Sra. Whitshank, mas a própria Sra. Whitshank não parecia ficar ofendida.

— Só estou a dizer — respondeu ela calmamente, deitando uma mão-cheia de quiabos para dentro da tigela com leite.

Merrick deu uma longa passa no cigarro e soprou o fumo para o teto.

— Seja como for — disse Abby a Merrick. — Aposto que foi um desses sonhos em que a pessoa fica mesmo contente por acordar, não foi?

Merrick replicou:

— Hum-hum — com os olhos fixos nas pás da ventoinha que rodava por cima dela.

Então ouviu-se a voz de uma rapariga:

— Mare? Está alguém? — e Merrick endireitou-se no lugar e respondeu:

— Na cozinha.

A porta de rede bateu e uns instantes depois Pixie Kincaid e Maddie Lane entraram na cozinha, ambas vestidas com bermudas, Maddie a carregar um estojo de maquilhagem *Samsonite* azul-claro.

— Merrick Whitshank, ainda estás de roupão! — exclamou Pixie.

— Cheguei da festa já passava das três da manhã.

— Bem, nós também, mas são quase dez horas! Esqueceste-te de que ficámos de experimentar a tua maquilhagem hoje?

— Não me esqueci — respondeu Merrick. Apagou o cigarro. — Vamos já lá para cima tratar disso.

— Olá, senhora Whitshank — cumprimentou Pixie, tardiamente. — Olá, hum, Abby. Até já. — Maddie limitou-se a acenar ao de leve com a mão, qual limpa-para-brisas. Em seguida, as três saíram da cozinha, os saltos de Merrick a ecoarem pela casa. Um silêncio súbito instalou-se na cozinha.

— A Merrick deve andar enervada nestes dias — disse Abby, passados uns minutos.

— Oh, não, ela é mesmo assim — retorquiu a Sra. Whitshank num tom jovial. Tinha terminado de cortar os quiabos. Envolveu as rodela no leite com a ajuda de uma escumadeira. — Dantes era uma menina pequenina maldisposta e agora é uma menina *grande* maldisposta — disse. — Não há muito que eu possa fazer em relação a isso. — Começou a transferir as rodela de quiabos para a mistura de farinha de milho. — Às vezes — disse ela —, sinto que há um certo tipo de pessoa que está sempre a aparecer na nossa vida, sabes? Pessoas fáceis e pessoas difíceis; cruzamo-nos constantemente com elas. A Merrick sempre me fez lembrar a minha avó Inman. Era uma mulher que criticava tudo; falava-nos ríspidamente. E nunca gostou muito de mim. Agora *tu*, tu és uma pessoa que ajuda os outros, como a minha tia Louise.

— Ah — retorquiu Abby. — Estou a ver onde é que quer chegar. Estilo reencarnação.

A Sra. Whitshank disse:

— Bem...

— Mas no espaço de tempo de uma só vida, em vez de ao longo de várias vidas.

— Sim, talvez — respondeu a Sra. Whitshank. Depois disse: — Podes fazer-me um favor, minha querida?

— Claro que sim — disse-lhe Abby.

— Vai buscar o jarro de água ao frigorífico, depois pega naqueles copos de papel que estão em cima da bancada e leva-os aos homens lá fora, pode ser? Eu sei que devem estar a morrer de sede. E diz-lhes que o almoço será servido cedo; aposto que já se devem estar a interrogar em relação a isso.

Abby pôs-se de pé e foi ao frigorífico. As suas meias estavam a colar-se à parte de trás das pernas. Não tinha sido boa ideia usá-las num dia como aquele.

Ao atravessar o átrio ouviu o Sr. Whitshank a falar ao telefone no jardim de inverno:

— Hoje à tarde? Mas que raio?! — dizia ele. — Raios partam, Mitch, tenho cinco homens lá fora à espera de que você lhes diga o que fazer com o cepo da árvore! — Abby começou a caminhar em bicos de pés, convencida de que ele talvez ficasse envergonhado se soubesse que ela o tinha ouvido a praguejar.

Lá fora, o ar atingiu-a no rosto qual pano de louça quente, e o soalho do alpendre emanava o odor a verniz quente. Mas a brisa fresca e macia (invulgar para essa altura do ano) soprou-lhe os fios húmidos da raiz do cabelo e o jarro de água fresca que carregava arrefecia-lhe a parte interior dos braços.

Landis tinha arranjado outra serra elétrica algures e ele e Earl estavam a transformar os ramos mais grossos em toros para a lareira. Dane e Ward estavam a cortar os ramos mais finos e a arrastá-los para uma pilha imensa junto à estrada, enquanto Red tinha montado uma estação de corte e estava a parti-los em quartos. Todos pararam de trabalhar assim que Abby apareceu. Earl e Landis desligaram as serras elétricas e seguiu-se um silêncio

ensurdecedor, após o qual a voz dela soou tremendamente clara:

— Alguém quer água?

— Eu cá não digo que não — respondeu-lhe Earl, e os homens pousaram as ferramentas e aproximaram-se dela. Ward tinha tirado a camisa, o que o fazia parecer um amador, e ele e Dane estavam muito ruborizados. Red, como era óbvio, tinha trabalhado no duro o verão inteiro, mas mesmo assim tinha fios de transpiração a escorrerem-lhe pelo rosto, e Earl e Landis estavam tão ensopados que as suas camisas de cambraia azuis pareciam azul-escuras.

Ela distribuiu os copos de papel e depois encheu-os enquanto os homens os seguravam, e estes esvaziaram-nos num trago e estenderam-nos novamente antes de mesmo ela ter terminado a primeira rodada. Só a meio da terceira rodada é que alguém disse mais alguma coisa além de «Obrigado». Depois Red perguntou-lhe:

— Sabes se o meu pai sempre conseguiu falar com o Mitch?

— Penso que está ao telefone com ele neste momento.

— Continuo a achar que devíamos arrancar tudo — disse Earl a Red.

— Pois, mas não quero que o Mitch apareça aqui a dizer que lhe dificultámos o trabalho.

Dane e Abby entreolharam-se. Dane tinha o cabelo molhado e emanava um odor maravilhoso a transpiração e a tabaco. Abby teve um pensamento súbito e preocupante: não possuía roupa interior bonita. Somente cuecas de algodão brancas simples e sutiãs de algodão brancos, com um minúsculo botão de rosa bordado na zona do decote. Desviou novamente o olhar.

— Se faz favor!

Tratava-se de um homem forte vestido com um fato de linho indiano, que estava a transpor a sebe de azáleas que

separava o relvado da casa ao lado. Galhos partiram-se debaixo dos seus sapatos brancos enquanto caminhava na direção deles.

— Ouça lá — disse, assim que chegou perto deles. Tinha os olhos fixos especificamente em Red.

— Olá, senhor Barkalow — respondeu-lhe Red.

— Faz ideia a que horas os seus homens começaram a trabalhar esta manhã?

Foi Landis quem lhe respondeu:

— Oito da manhã — disse.

— Oito da manhã — repetiu o Sr. Barkalow, sem tirar os olhos de Red.

Landis disse:

— Foi quando eu, o Red e o Earl começámos. O resto apareceu mais tarde.

— Oito da manhã — disse o Sr. Barkalow. — Num *domingo* de manhã. Um fim de semana. Parece-lhe aceitável?

— A mim parece-me mais do que bem, cavalheiro — retorquiu Red, numa voz firme.

— Ai, sim? Oito da manhã de um domingo parece-lhe ser uma boa hora para utilizar uma serra elétrica?

As suas sobrancelhas ruivas eriçavam-se de forma agressiva, mas Red não parecia intimidado. Disse:

— Calculei que a maioria das pessoas já estivesse...

— Ora então bom dia! — gritou o Sr. Whitshank.

Estava a descer a ladeira do relvado na direção deles, envergando um fato preto que parecia ter sido vestido à pressa. A lapela esquerda estava dobrada para dentro, fazendo lembrar a orelha de um cão virada do avesso.

— Que belo dia! — disse ele para o Sr. Barkalow. — Ainda bem que está a aproveitá-lo.

— Estava aqui a perguntar ao seu filho, senhor Whitshank, o que é que ele considera ser uma hora

aceitável para utilizar uma serra elétrica.

— Oh, então porquê, há problema?

— O problema é que hoje é domingo; não sei se já reparou — disse o Sr. Barkalow.

Tinha transferido o seu olhar de sobrancelhas farfalhudas para o Sr. Whitshank, que acenava energicamente com a cabeça como se estivesse plenamente de acordo.

— Sim, pois, não era nossa intenção... — começou ele por dizer.

— É uma *vergonha*, estão sempre a fazer barulho quando o resto das pessoas está a tentar dormir. Ou estão a martelar as calhas ou estão a arrancar as lajes do caminho de acesso... Ainda ontem deitaram abaixo uma árvore inteira! Uma árvore perfeitamente saudável, se me permite. E parece acontecer sempre, mas sempre, ao fim de semana.

De repente, o Sr. Whitshank pareceu crescer uns centímetros.

— Não *parece* acontecer ao fim de semana; acontece *de facto* ao fim de semana — disse. — É a única altura em que nós, trabalhadores honestos, não estamos ocupados a trabalhar para pessoas como você.

— Devia dar graças por eu não fazer queixa de si à polícia — disse-lhe o Sr. Barkalow. — De certeza que existem regulamentos para este tipo de coisas.

— Regulamentos! Não me faça rir. Lá porque vocês gostam de ficar na cama até ao meio-dia, você e o seu filho mimado, aquele monte de banhas...

— Se pensarmos bem — interrompeu-os Red —, não importa se há regulamentos ou não.

Os dois homens olharam para ele.

— O que importa é que parece que acordámos os nossos vizinhos. Peço desculpa por isso, senhor Barkalow. Não foi

nossa intenção incomodá-lo.

— *Incomodá-lo?! — repetiu o pai dele, num tom de estupefação.*

Red disse:

— Será que podemos combinar uma hora que seja mutuamente favorável?

— Mutuamente *favorável*? — ecoou o pai.

— Oh — respondeu o Sr. Barkalow. — Bem...

— Dez horas, parece-lhe bem? — perguntou-lhe Red.

— Dez horas! — exclamou o Sr. Whitshank.

— Dez? — disse o Sr. Barkalow. — Oh. Bem, mesmo dez horas é... mas sim, acho que pode ser às dez, se tem mesmo de ser.

O Sr. Whitshank ergueu o olhar para o céu como se suplicasse por misericórdia, mas Red respondeu:

— Dez horas. Fica então combinado. A partir de agora vamos cumprir com esse horário, senhor Barkalow.

— Bem — retorquiu o Sr. Barkalow. Parecia pouco seguro. Olhou novamente para o Sr. Whitshank e depois disse: — Bem, então está bem. Ficamos assim. — Em seguida, deu meia-volta e caminhou na direção da sebe.

— Estás a ver o que é que arranjaste? — disse o Sr. Whitshank a Red. — Dez horas, por amor de Deus! É quase à hora do almoço!

Red estendeu o seu copo de papel para Abby, sem responder.

Landis disse:

— Hum, ó chefe...

— O que é? — retorquiu o Sr. Whitshank.

— Chegou a falar com o Mitch?

— Vai passar por cá esta tarde, com o destocador do cunhado. Diz para cortarem o tronco todo.

— Ou seja, cortamo-lo rente ao chão?

— O mais rente que conseguirem — replicou o Sr. Whitshank, tendo já voltado costas e começado a subir novamente a ladeira, como se tivesse lavado as mãos do assunto. A bainha do casaco do fato dele estava torta, reparou Abby — mais comprida dos lados do que no meio, como se pertencesse a um homem muito mais velho e andrajoso.

Ela circulou à volta deles, recolhendo os copos de papel em silêncio, e depois subiu a ladeira também.

— Às vezes, o Junior convence-se de que os vizinhos o olham com desdém — disse a Sra. Whitshank, após ter tomado conhecimento do incidente no jardim. — É o ponto fraco dele.

Abby não disse nada, mas percebia a posição dele. Durante os seus anos como bolsreira na faculdade, ela própria lidara com gente do tipo do Sr. Barkalow — pessoas arrogantes, convencidas de que havia somente uma forma de viver. De certeza que todos os filhos dele jogavam *lacrosse* e todas as filhas andavam a preparar-se para o baile de debutantes. Mas ela afastou essa ideia da mente e dobrou a folha de massa que estava em cima da bancada uma segunda vez e depois uma terceira. («Dobra, dobra e dobra outra vez», foram as instruções da Sra. Whitshank quando ensinara Abby a fazer os biscoitos dela. «Dobra até que, quando bateres na massa, a ouças bufar.»)

— De qualquer modo — continuou Abby —, o Red arranjou maneira de chegarem a um meio-termo. No fim ficou tudo resolvido.

— O Red não se ofende com facilidade — disse a Sra. Whitshank. Tirou uma tigela enorme do frigorífico e removeu o pano da louça que a cobria. — Acho que é por ter crescido aqui. Está habituado a pessoas como os Barkalow.

A tigela continha pedaços de frango imersos numa massa crua branca e líquida. A Sra. Whitshank retirou-os um a um, com a ajuda de pinças, e dispô-los em cima de um tabuleiro para os escorrer.

— É como se se sentisse à vontade com todo o tipo de gente — disse ela. — Tanto com os vizinhos como também com os trabalhadores. Tenho a certeza de que, se pudesse fazer as coisas à maneira dele, desistia da faculdade neste instante e começava a trabalhar a tempo inteiro. É só por causa do Junior que vai continuar até se licenciar.

— Um diploma não faz mal a ninguém — respondeu Abby.

— É o que lhe diz o Junior. Diz-lhe: «É importante teres sempre a opção de algo melhor. Não queiras acabar como eu», diz ele. E o Red responde: «E que mal é que tem acabar como tu?» Diz que o problema da faculdade é que não é nada prático. As pessoas de lá não são *práticas*. «Às vezes fico com a ideia de que são palermas», diz ele.

Abby nunca tinha ouvido Red falar sobre a faculdade. Andava dois anos à frente dela e raramente se cruzavam no *campus*.

— Que tal são as notas dele? — perguntou ela à Sra. Whitshank.

Esta respondeu:

— São boas. Quer dizer, mais ou menos. A cabeça dele não funciona dessa maneira, entendes? Ele é o tipo de pessoa a quem mostras uma engenhoca que nunca viu e te diz: «Ah, estou a ver; sim, essa peça encaixa nesta peça e depois faz ligação com esta outra peça...» É tal e qual o pai dele, só que o pai quer que o Red seja diferente dele. É sempre assim, não é?

— Aposto que o Red era um daqueles miúdos que conseguiam desmontar o relógio de cozinha — disse Abby.

— Sim, só que depois voltava a montá-lo, o que a maioria dos outros miúdos não era capaz de fazer. Ai ai, toma

atenção ao que estás a fazer, Abby, estou a ver-te a rodar esse copo!

Referia-se ao copo que Abby estava a utilizar para recortar os biscoitos.

— Lembra-te de que tens de carregar para baixo em cima da massa — explicou ela.

— Peço desculpa.

— Vou buscar a frigideira.

Abby limpou a testa com as costas da mão. A cozinha estava a começar a aquecer e ela envergava um dos aventais da Sra. Whitshank.

Se fosse verdade, pensou Abby, que ela representava uma figura recorrente na vida da Sra. Whitshank (a «que ajudava os outros»), então era igualmente verdade que o tipo de pessoa como a Sra. Whitshank já aparecera antes na vida de Abby: a mulher mais velha instrutiva. A avó que a tinha ensinado a tricotar, a professora de Inglês que ficava acordada até tarde para a ajudar com os poemas. Mais paciente e carinhosa do que a mãe ativa e eficiente de Abby, ambas tinham-na guiado e encorajado, tal como a Sra. Whitshank estava a fazer agora:

— Oh, sim, estão com ótimo aspeto! Ficaram tão bem como os meus.

— Talvez o Red possa ir trabalhar para a firma do pai quando terminar a faculdade — disse Abby. — Depois passava a ser Construções Whitshank & Filhos. Não acha que o senhor Whitshank iria ficar satisfeito?

— Não me parece — replicou a Sra. Whitshank. — Ele gostava que o Red seguisse Direito. Direito ou Gestão, um deles. O Red tem cabeça para o negócio.

— Mas se isso não o fizer feliz... — retorquiu Abby.

— O Junior diz que a felicidade é irrelevante — disse-lhe a Sra. Whitshank. — Diz que o Red devia simplesmente *decidir* ser feliz.

Então ela parou de vasculhar a gaveta dos utensílios e disse:

— Não quero que penses que ele é má pessoa.

— Claro que não — respondeu Abby.

— Ele só quer o melhor para a família, entendes? Só nos tem a nós.

— Sim, claro.

— Já nenhum de nós tem uma grande relação com a nossa família.

— Então porquê? — indagou Abby.

— Oh, sei lá. Força das circunstâncias. Acabámos por perder o contacto com eles — retorquiu a Sra. Whitshank.

— Moram na Carolina do Norte e, além disso, o meu lado da família nunca quis que nos juntássemos.

— A senhora e o senhor Whitshank?

— Estilo Romeu e Julieta — disse a Sra. Whitshank. Deu uma gargalhada, mas depois ficou muito séria e disse: — Se calhar não sabes isto que te vou contar. Adivinha que idade tinha a Julieta quando se apaixonou pelo Romeu.

— Treze — respondeu Abby, de imediato.

— Oh.

— Demos isso na escola.

— A Merrick também deu, no décimo ano — replicou a Sra. Whitshank. — Chegou a casa e disse-me: «Não é ridículo?» Disse que depois de ficar a saber isso já não conseguia levar Shakespeare a sério.

— Não percebo porquê — retorquiu Abby. — Uma pessoa pode apaixonar-se aos treze anos.

— Sim! Pois pode! Como eu.

— A senhora?

— Tinha treze anos quando me apaixonei pelo Junior — disse a Sra. Whitshank. — É isso que estou a tentar dizer-te.

— Oh, meu Deus, e agora estão os dois casados e tudo! — exclamou Abby. — Isso é fantástico! Que idade é que tinha o senhor Whitshank?

— Vinte e seis.

Abby demorou uns segundos a interiorizar essa informação.

— Ele tinha vinte e seis anos e a senhora tinha treze?

— Vinte e seis anos — repetiu a Sra. Whitshank.

Abby respondeu:

— Ah.

— Não é incrível?

— É, sim — retorquiu Abby.

— Era um rapaz muito bem-parecido, um pouco travesso, trabalhava numa serração, mas só às vezes. O resto do tempo andava à caça, à pesca, a montar armadilhas e a meter-se em sarilhos. Bem, estás a imaginar o encanto dele. Quem é que conseguia resistir a um rapaz assim? Em especial quando se tem treze anos. E eu era uma rapariga de treze anos *bem desenvolvida*; desenvolvi-me muito cedo. Conheci-o num piquenique da igreja, onde ele apareceu com outra rapariga, e foi amor à primeira vista para os dois. Começámos a andar logo aí. Depois disso, escapávamo-nos sempre que podíamos. Oh, não nos largávamos um ao outro, nem por um bocadinho! Mas uma noite o meu pai apanhou-nos.

— Apanhou-vos onde? — perguntou Abby.

— Bem, no celeiro. Mas apanhou-nos... tu sabes. — A Sra. Whitshank acenou com a mão no ar. — Oh, foi terrível! — disse ela num tom alegre. — Parecia uma coisa saída de um filme. O meu pai apontou-lhe uma arma ao pescoço. Depois o meu pai e os meus irmãos expulsaram-no do condado de Yancey. Imaginas uma coisa dessas? Era qualquer coisa a ver com a lei. Quando olho para trás parece que aconteceu a outra pessoa. «Aquela era eu?»,

pergunto-me a mim mesma. Não lhe pus mais a vista em cima durante cinco anos.

Abby tinha parado de recortar biscoitos. Estava parada a fitar a Sra. Whitshank, pelo que esta tirou-lhe o copo da mão e terminou o serviço, com gestos rápidos: pum pum.

— Mas permaneceram em contacto um com o outro — disse Abby.

— Oh, não! Eu não fazia ideia de onde é que ele andava. — A Sra. Whitshank estava a colocar os biscoitos dentro da frigideira untada, lado a lado, em círculos concêntricos. — Mas mantive-me fiel a ele. Nunca o esqueci, nem por um instante. Oh, a nossa foi uma das mais belas histórias de amor, à nossa maneira! E quando nos voltámos a encontrar, foi como se nunca nos tivéssemos separado. Essas coisas às vezes acontecem. Recomeçámos exatamente a partir do sítio onde tínhamos parado, como se nada fosse.

Abby retorquiu:

— Mas...

Seria possível que nunca tivesse passado pela cabeça da Sra. Whitshank que o que ela estava a descrever era... bem, crime?

A Sra. Whitshank disse:

— Não sei porque é que te estou a contar isto. Devia ser segredo. Nunca contei aos meus filhos sequer! Oh, em especial aos meus filhos. A Merrick faria troça de mim. Promete-me que não lhes contas nada, Abby. Jura pela tua vida.

— Não vou contar a ninguém — retorquiu Abby.

Nem sequer saberia como o fazer. Era tudo demasiado excessivo e inquietante.

O Sr. e a Sra. Whitshank, Red, Earl e Landis, Ward, Dane e Abby: oito pessoas para almoçar. (Merrick não iria almoçar com eles, revelou a Sra. Whitshank.) Abby andava

à volta da mesa a pousar garfos e facas. A cutelaria dos Whitshank era feita de prata de lei, com a letra W gravada em inglês arcaico. Ela interrogou-se quando é que a teriam adquirido. Não por ocasião do casamento, quase de certeza.

Os pais dela usavam talheres baratos e que nem sequer combinavam entre si.

De repente, sentiu saudades da sua mãe sensata e animada, e do seu pai carinhoso, com o bolso da camisa cheio de esferográficas e de lápis de mecânico.

Todas as janelas da sala de jantar estavam abertas, as cortinas a abanarem com a brisa, e ela via o alpendre onde Pixie e Maddie se encontravam sentadas no baloiço, de costas voltadas para ela, a conversarem em voz baixa e ociosa. A sessão de maquilhagem de Merrick já devia ter terminado; Abby ouvia o duche a correr no piso de cima.

Foi à cozinha buscar pratos e quando voltou uma das serras elétricas recomeçou a trabalhar. Até então ela não se tinha apercebido do silêncio. O ruído soou-lhe tão próximo que espreitou a uma das janelas para ver o que se passava. Ao que parecia, os homens estavam a debater-se com o que restava do tronco. Landis estava do lado esquerdo, a observar, enquanto Earl se agachava com a serra. Estava a trabalhar do outro lado da árvore, quase fora do ângulo de visão dela, possivelmente a fazer um corte em V para que a árvore caísse no sentido oposto da casa, mas do sítio onde se encontrava Abby não podia ter a certeza. Receava sempre que os homens fossem esmagados ao abater uma árvore, apesar de aqueles dois terem todo o ar de quem sabia o que estava a fazer.

Pousou os pratos nos respetivos lugares e depois contou os guardanapos no aparador e dispôs-os ao lado de cada garfo. Regressou à cozinha e perguntou à Sra. Whitshank:

— Sirvo já o chá gelado?

— Não, é melhor esperarmos um pouco — retorquiu a Sra. Whitshank. Estava parada junto ao fogão a fritar o frango. — Porque é que não te vais sentar no alpendre, onde está mais fresquinho? Quando for altura eu chamo-te.

Abby não discutiu. Estava ansiosa por sair da cozinha abafada. Desapertou o avental e pendurou-o nas costas de uma cadeira, e depois saiu para o alpendre e instalou-se numa das cadeiras de baloiço, a alguma distância de Pixie e Maddie. Procurou Dane com o olhar e avistou-o a arrastar um ramo enorme cheio de folhas em direção à pilha junto à estrada. O cabelo dele tinha um brilho quase metálico quando atingido pela luz solar.

O que deveria dizer à mãe? «Vou dormir a casa da Ruth», era uma opção, apesar de haver a possibilidade de a mãe dela ligar à mãe de Ruth; não seria a primeira vez. E mesmo que Abby se atrevesse a pedir a Ruth para a encobrir, havia o problema dos pais de Ruth.

Red estava a atirar toros já cortados para dentro de um carrinho de mão. Ward estava a limpar a testa com a camisa toda enrolada. Earl desligou a serra elétrica no mesmo instante em que Merrick surgiu no alpendre e disse:

— Bolas — deixando bater a porta de rede atrás dela. — Parece que acabei de lavar uma máscara de borracha da cara — disse ela a Pixie e a Maddie. Estava a comer uma tigela com flocos de milho. Aproximou-se de uma cadeira com o assento feito de canas, prendeu-a com o pé, arrastou-a para junto do baloiço e sentou-se. Ainda tinha o cabelo cheio de rolos, mas agora envergava bermudas e uma blusa branca sem mangas.

— Estávamos aqui a interrogar-nos sobre quem seria ali o James Dean — disse-lhe Pixie.

— O quem? Ah, aquele é o Dane.

— É giríssimo.

— Se o próximo sábado correr como hoje — disse Merrick —, a base vai escorrer-me toda da cara. E o rímel vai-me deixar os olhos estilo guaxinim.

— É da maneira que ficas parecida com a tua sogra — respondeu Maddie, com uma risada.

— Se alguma vez ficar com olheiras como as dela, matem-me — disse Merrick. — Sabem o que é que eu acho? Acho que ela as pinta. É uma dessas pessoas que gostam de parecer doentes. Está sempre a ir ao médico e, claro, ele diz-lhe que ela não tem nada, mas depois, quando volta, diz: «Bem, ele *acha* que eu vou acabar por ficar bem...»

— Ele vai ao casamento? — perguntou Pixie.

— Ele quem?

— Aquele tal Dane.

— Oh, não faço ideia. O Dane vai ao casamento? — perguntou Merrick a Abby, na outra ponta do alpendre.

Abby respondeu-lhe:

— Não foi convidado.

— Ai, não? Bem, nesse caso, podes levá-lo se quiseres.

— Oh, vocês andam os dois? — perguntou Pixie a Abby.

Abby encolheu os ombros ao de leve, na esperança de dar a entender que sim, mas que tanto o podia levar como não, e Pixie deu um suspiro de desapontamento num gesto teatral.

— E agora segue-se a questão que realmente interessa — disse Merrick. — Os meus rolos do cabelo.

— O que é que têm? — perguntou Maddie.

— Como podes ver são enormes e moles. Desde os catorze anos que durmo com eles. Caso contrário, fico com o cabelo completamente escorrido. O que é que vou fazer na minha noite de núpcias, é a questão que se coloca.

— Olha que dificuldade — retorquiu Maddie. — Dormes sem eles, sua palerma. Depois, de manhã bem cedo, levantas-te antes do Trey, vais à casa de banho, pões os

rolos e tomas um duche quente. Mas não molhes o cabelo; é só para apanhares o vapor. Depois enfiás-te debaixo do secador de cabelo; vais ter de esconder o secador na casa de banho na noite anterior...

— Não posso levar o secador de cabelo para a minha lua de mel! Seria preciso uma mala gigante.

— Então compra um daqueles novos, que se seguram na mão.

— O quê, e morrer eletrocutada como aquela mulher que apareceu no jornal? Além disso, não estás a ver o teimoso que é o meu cabelo. Dois minutos no vapor não vão surtir qualquer efeito.

Pixie disse:

— Devias arranjar o cabelo como ela.

— Como quem?

— Como ela — respondeu Pixie, fazendo sinal com o queixo na direção de Abby. Exibia um pequeno esgar. — A Abby.

Merrick nem se deu ao trabalho de lhe responder.

— Se ao menos conseguisse livrar-me do Trey por duas horinhas que fosse — disse. — Se houvesse um salão de beleza no hotel que abrisse às cinco da manhã...

A serra elétrica recomeçou a trabalhar, abafando o resto das palavras dela. Landis aproximou-se de um cornizo e baixou-se para apanhar uma corda. Dane começou a subir a ladeira na direção do sítio onde tinha deixado o machado.

Antes de os homens entrarem na casa para almoçarem, foram molhar a cabeça no chuveiro que havia na zona lateral da casa, entrando a pingar água e a limpar a cara com as mãos. Earl sacudiu-se mesmo, qual cão, antes de se sentar.

O Sr. Whitshank sentou-se à cabeceira da mesa e a Sra. Whitshank na ponta oposta. Abby sentou-se entre Dane e

Landis. Ela e Dane estavam a uns bons quarenta e cinco centímetros de distância um do outro, mas ele esticou o pé de maneira a tocar no dela. Mantinha os olhos fixos no prato, contudo, como se não tivessem nada que ver um com o outro.

O Sr. Whitshank estava a dissertar sobre a Billie Holiday. Ela tinha morrido uns dias antes e o Sr. Whitshank não percebia porque é que as pessoas tinham ficado tão incomodadas.

— A mim sempre me pareceu que ela não era capaz de aguentar as notas — disse ele. — A voz falhava-lhe e às vezes desafinava. — Tinha a mania de virar lentamente o rosto de um lado para o outro enquanto falava, por forma a abranger todos os que o escutavam. Abby sentia-se como uma espécie de discípula, a escutar atentamente cada palavra do mestre, o que ela suspeitava ser a intenção dele. Depois alterou essa sua visão (tinha imenso jeito para isso) e imaginou-se sentada a uma mesa de trilhadores ou apanhadores de milho ou algo do género, um desses ajuntamentos das colheitas dos tempos antigos, e esse pensamento animou-a. Quando tivesse a sua própria casa, queria que fosse tão grande e acolhedora como a dos Whitshank, com gente errante a aparecer para as refeições e jovens a conversarem no alpendre. A casa dos seus pais era algo claustrofóbica; a casa dos Whitshank tinha um ar acolhedor. Não graças ao Sr. Whitshank. Mas não era um facto que as coisas eram sempre assim? Era a mulher quem imprimia a sua marca na casa.

— O meu tipo de música preferido — estava a dizer o Sr. Whitshank — é mais na linha do John Philip Sousa. Presumo que saibam de quem estou a falar. Redcliffe, a quem é que me refiro?

— Ao Rei das Marchas — retorquiu Red, com a boca cheia. Estava a comer uma perna de frango frito.

— O Rei das Marchas — repetiu o Sr. Whitshank. — Alguém se lembra de *The Cities Service Band of America*?

Segundo parecia, ninguém se recordava. Baixaram o rosto ainda mais para o prato.

— Era um programa de rádio — explicou o Sr. Whitshank. — Só passava marchas. «Stars and Stripes Forever» e «The Washington Post», as minhas marchas favoritas. Quase me deu uma coisa má quando tiraram o programa do ar.

Abby procurou nele qualquer vestígio do tal rapaz travesso do condado de Yancey. Percebia por que motivo algumas pessoas o consideravam bem-parecido, com o rosto de linhas direitas e nem um único sinal de barriga, não obstante estar na casa dos cinquenta ou mesmo dos sessenta anos. Todavia, a roupa dele era muito clássica, quase uma caricatura do respeitável (entretanto já tinha endireitado as lapelas), e os cantos dos olhos eram descaídos. Viam-se veias salientes e arroxeadas nas costas das mãos dele e pontos pretos de barba distintos brotavam-lhe do queixo. Oh, que Abby jamais ficasse assim tão velha! Encostou o tornozelo esquerdo ao tornozelo de Dane e passou os biscoitos a Landis.

— O meu pai acha que a Billie Holiday é a maior — disse Dane. Bebeu um trago do chá gelado e depois recostou-se na cadeira, claramente à vontade. — Diz que Baltimore vai ficar conhecido como o sítio onde a Billie Holiday lavava escadas na Baixa por vinte e cinco cêntimos.

— Bem, eu e o teu pai vamos ter de concordar em discordar — respondeu-lhe o Sr. Whitshank. Depois franziu o sobrolho por breves instantes. — Quem é o teu pai?

— É o Dick Quinn — retorquiu Dane.

— O Quinn da Quinn Marketing?

— O próprio.

— Vais dedicar-te ao negócio da família?

— Não — respondeu Dane.

O Sr. Whitshank ficou à espera. Dane olhou-o fixamente com uma expressão agradável.

— Parece-me ser uma excelente oportunidade — disse o Sr. Whitshank, passados uns segundos.

— Eu e o meu pai não nos entendemos — disse-lhe Dane. — Além disso, está chateado porque fui despedido do meu trabalho.

Ele parecia perfeitamente à vontade por oferecer essa informação. O Sr. Whitshank tornou a franzir o sobrolho.

— Por que razão é que foste despedido? — perguntou-lhe.

— Acho que não estava a correr muito bem — retorquiu Dane.

— Bem, eu estou sempre a dizer ao Redcliffe: «Faças o que fizeres na vida, fá-lo bem. Nem que sejas um homem do lixo, faz o teu trabalho o melhor que puderes. Tem brio no que fazes.» Agora, ser despedido? É uma mancha negra que ficará registada para todo o sempre. Nunca te irá largar.

— Isto foi num banco — replicou Dane. — Não faço a mínima intenção de seguir a carreira de bancário, acredite.

— A questão aqui é a reputação com que vais ficar. A opinião que a comunidade terá de ti. Podes achar que um emprego num banco não é o mais importante do mundo...

Como é que aquele homem podia ser o herói da aventura amorosa da Sra. Whitshank? Quer a considerássemos fogosa ou sórdida, pelo menos *tinha sido* uma aventura amorosa, completa, com intriga, escândalo e uma separação angustiante. No entanto, Junior Whitshank era uma pessoa deveras desinteressante, falando incessantemente enquanto as outras pessoas presentes à mesa comiam a refeição num silêncio profundo. Somente a esposa olhava para ele, o rosto iluminado de interesse enquanto ele dissertava sobre o valor do trabalho árduo,

seguido da deplorável falta de iniciativa da geração mais nova e dos benefícios que advinham de ter vivido durante a época da Grande Depressão. Se os jovens de hoje tivessem vivido durante a depressão da mesma forma que ele tinha vivido durante a depressão — mas depois interrompeu o seu discurso para perguntar:

— Ah! Vais sair com as tuas amigas?

Estava a dirigir-se a Merrick. Ela estava a atravessar o átrio, na direção da porta da entrada, mas deteve-se e virou-se para olhar para ele.

— Sim — respondeu ela. — Não contem comigo para jantar. — O cabelo dela estava transformado numa massa de caracóis pretos vaporosos que balouçavam na sua cabeça.

— O noivo da Merrick, por exemplo; enveredou pelo negócio da família — explicou o Sr. Whitshank aos presentes. — E está a sair-se muito bem, ao que parece. É claro que não podemos dizer que seja um homem prático; nem sequer sabe mudar o óleo do carro, dá para acreditar numa coisa dessas?

— Bem, adeusinho — disse Merrick, tamborilando com os dedos em cima do tampo da mesa e indo-se embora. O pai piscou os olhos e depois apanhou o fio à meada (a vida mimada dos ricos e a total inaptidão dos mesmos para se safarem sozinhos), mas Abby já tinha deixado de o ouvir. Sentia-se subitamente desprovida de esperança, derrotada pelo discurso complacente e vaidoso dele, pelo «eu e o teu pai» que não soava nada bem, a forma exagerada como pronunciava os «is» à moda do Norte, a sua atenção interesseira aos pormenores da classe e do privilégio. Porém, a Sra. Whitshank continuava a sorrir para ele, enquanto Red se servia de mais uma rodela de tomate. Earl estava a empilhar três biscoitos no rebordo do prato, como

se planeasse levá-los para casa. Ward tinha um pedaço de frango agarrado ao lábio inferior.

— E tudo isso — dizia o Sr. Whitshank — só prova por que motivo é que nunca, jamais, seja em que circunstância for, nos devemos rebaixar perante essas pessoas. Estou a falar *contigo*, Redcliffe.

Red parou de pôr sal na rodela de tomate e ergueu o olhar. Perguntou:

— Comigo?

— Não debes lamber-lhes as botas. Bajulá-los. Pores-te com vénias. Dizer-lhes: «Sim, senhor Barkalow», «Não, senhor Barkalow» e «Como queira, senhor Barkalow. Oh, não foi nossa intenção *incomodá-lo*».

Red estava a cortar um pedaço da rodela de tomate, sem olhar o pai nos olhos ou sequer parecer estar a ouvi-lo, mas as maçãs do rosto dele tinham um aspeto ruborizado, como se tivessem sido arranhadas pelas unhas de alguém.

— «Oh, senhor Barkalow» — disse o Sr. Whitshank numa voz afetada. — «Isto parece-lhe mutuamente *favorável*?»

— Deitámos abaixo o tronco, chefe — disse Landis. — Agora está praticamente rente ao chão.

Abby sentiu vontade de o abraçar.

O Sr. Whitshank estava a preparar-se para dizer mais qualquer coisa, mas fez uma pausa e desviou o olhar para Landis.

— Oh — disse ele. — Ainda bem. Agora só temos de esperar que o Mitch acabe de almoçar em casa do raio da sogra.

— Mais vale esperar sentado, chefe. Conhece a sogra dele? A mulher cozinha até mais não. Sete filhos, todos casados, todos já com filhos, e mesmo assim todos os domingos a seguir à missa juntam-se na casa dela e ela serve-lhes três tipos de carne, dois tipos de batata, salada, pickles, legumes...

Abby recostou-se na cadeira. Não se tinha apercebido do quão tensos estavam os músculos do seu corpo. Já não tinha fome e, quando a Sra. Whitshank lhe ofereceu mais um pedaço de frango, limitou-se a abanar a cabeça.

— Só mais uma coisa — disse Red.

Tinha parado ao lado de Abby quando os homens começaram a sair da sala de jantar. Abby, recolhendo uma mão-cheia de talheres sujos, virou-se para olhar para ele.

— Se estás a pensar que é melhor não ires ao casamento porque é demasiado em cima da hora — disse ele —, olha que não é problema nenhum. Muitas das pessoas que a Merrick convidou não vêm. Todos aqueles amigos de Pookie Vanderlin, assim como as mães e os pais deles, a maioria avisou que não vinha. Aposto que vai acabar por sobrar comida na receção.

— Eu não me esqueço — retorquiu Abby, dando-lhe uma breve palmadinha no braço como que a agradecer-lhe, mas o que ela queria realmente transmitir era que já tinha esquecido a tirada do pai dele e que esperava que ele fizesse o mesmo.

Dane, à espera de Red na entrada, piscou-lhe o olho. Às vezes gostava de fazer troça da devoção de Red, referindo-se a ele como «o teu rapaz». Por norma isso fazia-a sorrir, mas nesse dia continuou a levantar a mesa e pouco depois ele e Red foram juntar-se aos outros homens.

Ela pousou a cutelaria ao lado do lava-louça, onde a Sra. Whitshank se encontrava a lavar copos, e depois regressou à sala de jantar. Lá estava o Sr. Whitshank, a retirar um pedaço pegajoso de bolo de pêsego do prato com os dedos. Ficou paralisado assim que viu Abby, mas depois ergueu o queixo em jeito de desafio e enfiou o pedaço dentro da boca. Num gesto deliberado, limpou os dedos no guardanapo.

Abby disse:

— Deve ser complicado ser o senhor, senhor Whitshank.

Os dedos dele pararam em cima do guardanapo. Ele perguntou:

— O que é que disseste?

— Está todo satisfeito por a sua filha ir casar com um rapaz rico, mas irrita-o o facto de os rapazes ricos serem tão mimados. Quer que o seu filho faça parte da classe alta, mas fica zangado quando ele é educado para com eles. Nunca está satisfeito, pois não?

— Ó minha menina, não podes dirigir-te a mim nesse tom — disse ele.

Abby sentia-se como se estivesse prestes a ficar sem fôlego, mas aguentou firme.

— E então? — perguntou ela. — Nunca está satisfeito, pois não?

— Tenho orgulho nos meus dois filhos — respondeu-lhe o Sr. Whitshank, numa voz fria. — Algo que o *teu* paizinho já não pode dizer em relação a *ti*, parece-me, com essa tua língua de mal-educada.

— O meu pai tem muito orgulho em mim — disse-lhe ela.

— Bem, não admira, tendo em conta as tuas origens.

Abby abriu a boca, mas depois tornou a fechá-la. Pegou no prato que continha o bolo de pêsego e afastou-se em direção à cozinha, com as costas muito direitas e a cabeça erguida.

A Sra. Whitshank tinha parado de lavar os pratos para começar a secar alguns dos que estavam pousados em cima do escorredor da louça. Abby tirou-lhe o pano da louça das mãos e a Sra. Whitshank disse:

— Obrigada, minha querida — e depois regressou ao lava-louça. Não pareceu reparar no quanto tremiam as mãos de Abby. Esta sentia-se amargamente triunfante, mas também magoada em certa medida; doía-lhe a alma.

Como é que ele se atrevera a falar sobre as origens dela?! Logo ele, com o seu passado duvidoso e vergonhoso! A família dela era muito respeitável. Tinham antepassados de quem se podiam gabar: um trisavô, por exemplo, que em tempos tinha salvado um rei. (Na verdade, esse salvamento implicara simplesmente a retirada da roda de uma carroça que tinha caído na berma de uma estrada, mas o rei tinha-lhe agradecido pessoalmente com um aceno de cabeça, tanto quanto se sabia.) E uma tia-avó da região oeste que tinha andado na escola com Willa Cather, embora fosse um facto que na altura essa tia-avó nem sequer sabia da existência de Willa Cather. Oh, os Dalton não tinham nada de classe baixa, nada de segunda categoria, e a casa deles podia ser pequena mas pelo menos davam-se bem com os vizinhos.

A Sra. Whitshank estava a falar sobre máquinas de lavar louça. Não percebia a necessidade de existirem, dizia ela. Disse:

— Algumas das conversas mais agradáveis que já tive aconteceram enquanto lavava uma pia cheia de louça! Mas o Junior acha que devíamos ter uma máquina. Está mesmo decidido a comprar uma.

— O que é que ele percebe disso? — perguntou Abby.

A Sra. Whitshank ficou calada por uns instantes. Depois:

— Oh — retorqui —, ele só quer facilitar-me a vida, calculo eu.

Abby secou o prato, furiosamente.

— As pessoas nem sempre compreendem o Junior — disse a Sra. Whitshank. — Mas olha que ele é melhor pessoa do que parece, querida.

— Hum — replicou Abby.

A Sra. Whitshank sorriu para ela.

— Podes ir ao alpendre — pediu ela — ver se há mais pratos, por favor?

Abby ficou aliviada por poder sair dali. Não fosse dizer algo que depois lamentasse.

Não havia ninguém sentado no alpendre. Pegou na tigela de flocos de milho e na colher de Merrick, e depois endireitou-se e perscrutou o relvado. De momento, ambas as serras elétricas estavam silenciosas. O ar parecia estranhamente luminoso; pelos vistos aquele tronco nu fizera mais diferença do que ela pensava. Agora estava tombado no chão, apontando na direção da rua, e Landis estava a desapertar um pedaço de corda que tinha estado preso à volta da sua circunferência. Dane estava a fazer uma pausa para fumar um cigarro. Earl e Ward estavam a carregar o carrinho de mão e Red estava parado junto do cepo decepado, cabisbaixo.

Por causa da posição em que ele se encontrava, Abby pensou inicialmente que estivesse a matutar sobre o que tinha acontecido durante o almoço, pelo que se virou rapidamente para ele não saber que ela o tinha visto. Mas ao virar-se apercebeu-se de que afinal de contas estava a contar os anéis da árvore.

Depois de tudo por que tinha passado nesse dia (o esforço físico, o barulho, o calor insuportável, a altercação com o vizinho e depois a cena angustiante com o pai), Red estava a estudar calmamente o cepo para tentar descobrir a idade do mesmo.

Porque é que isso a entusiasmava tanto? Talvez fosse devido à firmeza da concentração dele. Talvez fosse a sua imunidade ao insulto ou a falta de ressentimento. «Oh, aquilo?», parecia estar a dizer. «Esquece aquilo. Todas as famílias têm os seus altos e baixos; vamos é tentar descobrir a idade deste tulipeiro.»

Abby sentiu-se animada por uma espécie de leveza no seu âmago, semelhante à leveza do relvado depois de a

árvore ter sido abatida. Voltou para o interior da casa com passos tão leves que quase não fez barulho.

— O que é que se está a passar lá fora? — indagou a Sra. Whitshank. Estava a limpar a bancada; a última panela já estava seca e arrumada.

Abby disse:

— Bem, já cortaram o tronco, mas o Mitch ainda não apareceu. O Dane está a fazer uma pausa para fumar, o Ward, o Earl e o Landis estão a limpar o jardim e o Red está a contar os anéis da árvore.

— Os anéis da árvore? — perguntou a Sra. Whitshank. Então, talvez imaginando que Abby não tivesse qualquer noção do mundo natural, disse: — Ah! Deve estar a tentar calcular a idade dela.

— Estava ali parado, depois daquela cena toda, a interrogar-se sobre a idade do tulipeiro — disse Abby e de repente sentiu-se à beira das lágrimas; não fazia ideia porquê. — Ele é um bom homem, senhora Whitshank — disse ela.

A Sra. Whitshank ergueu o olhar com uma expressão de surpresa e depois sorriu; um sorriso sereno, satisfeito e radiante que pareceu transformar-lhe os olhos em pequenos caracóis.

— Podes ter a certeza de que sim, minha querida — respondeu-lhe.

Então Abby tornou a sair para o alpendre e foi sentar-se no baloiço. Estava uma linda e fresca tarde, em tons de verde e amarelo, o céu exibia o mesmo azul irreal de um frasco de *Noxzema*, e dali a um minuto ela iria dizer a Red que gostaria muito de apanhar boleia com ele para o casamento. De momento, porém, estava a guardar isso para si — bem juntinho ao coração.

Empurrou uma tábua do soalho com o pé para ganhar balanço e ficou a balouçar lentamente para a frente e para

trás, traçando distraidamente as familiares e um pouco arenosas partes interiores dos braços do baloiço com as pontas dos dedos. Os seus olhos estavam postos em Dane agora; observava-o com uma sensação de pesar distante. Viu-o deitar o cigarro para o chão, esmagá-lo debaixo do calcanhar, pegar no machado e caminhar na direção de um ramo. Que mundo este. E depois a frase que se seguia a essa: «Quem havia de dizer», tinha-se interrogado a bruxa, «que uma menina boazinha como tu seria capaz de destruir a minha bela malvadez?»

Não obstante, Abby levantou-se do baloiço e começou a andar na direção de Red, e a cada passo começou a sentir que ficava mais feliz e com mais certezas.

PARTE 3

UM BALDE DE TINTA AZUL

CAPÍTULO DEZ

Todas as divisões do piso térreo, à exceção da cozinha, tinham portas de correr duplas, e por cima de cada porta havia uma bandeira rendilhada para o ar poder circular no verão. As janelas estavam fixas de tal maneira que nem mesmo o maior dos temporais de inverno conseguiria fazê-las abanar. O átrio do segundo piso tinha uma balaustrada cortada em ângulo que começava elegantemente nas escadas antes de descer para o átrio de entrada. Todos os soalhos eram feitos de castanheiro envelhecido. Todas as ferragens eram feitas de bronze: maçanetas, puxadores de armários e até os ganchos duplos que seguravam os cordéis das persianas de linho azul-marinho que eram trazidas do sótão todas as primaveras. Havia uma ventoinha de teto com pás de madeira pendurada em todas as divisões, tanto do piso de baixo como do piso de cima, e lá fora no alpendre havia três. A ventoinha por cima do átrio de entrada possuía uma envergadura com dois metros de comprimento.

A Sra. Brill quisera um lustre no átrio de entrada — brilhante, todo feito de cristal e com a forma de um bolo de casamento virado ao contrário. Que mulher tonta. Junior dissuadira-a salientando a impraticabilidade da mesma: assim que a mais pequena teia de aranha fosse avistada a emergir de um dos prismas, ele seria obrigado a enviar um dos empregados com um escadote de cinco metros. (Não lhe revelou que para outro cliente desenhara um habilidoso sistema de roldana para fazer baixar e subir o lustre sempre que necessário.) A sua principal objeção, claro, era que um lustre não tinha nada que ver com aquela casa. Tratava-se de uma casa simples, da mesma forma que uma arca feita à mão é simples; simples, mas impecavelmente construída, tal como Junior, que a construía, bem sabia.

Supervisionara cada pormenor, deitando as mãos a tudo, exceto o que podia ser feito por alguém que sabia fazer melhor, como a aplicação de minúsculos azulejos pretos e brancos na casa de banho, dispostos por dois irmãos que moravam em Little Italy e que não falavam uma palavra de inglês. A escadaria, contudo, com os balaústres que trespassavam as aberturas feitas à mão nos degraus, e as portas de correr que deslizavam quase silenciosamente para o interior das respetivas paredes: isso fora da responsabilidade de Junior. Era um homem rude e precipitado em todos os aspetos da vida, um homem que passava pelos sinais de *stop* sem sequer levar o pé ao travão, um homem que engolia a comida e emborcava as bebidas, e que dizia às crianças que gaguejavam «Diz lá isso de uma vez, anda!», mas que, quando tocava à construção de uma casa, tinha toda a paciência do mundo.

A Sra. Brill quisera também papel de parede aveludado na sala de estar, alcatifas de ponta a ponta nos quartos e um vitral vermelho e azul na bandeira por cima da porta de entrada. Nada disso lhe fora concedido. Ah! Junior ganhava todos os argumentos. Regra geral, e tal como tinha acontecido no caso do lustre, citava uma série de impraticabilidades, mas quando era preciso não tinha qualquer pudor em lançar a carta do bom gosto. «Não me pergunte porquê, senhora Brill», dizia ele, «mas olhe que não é assim que se faz. Os Remington não fizeram assim e os Waring também não» (referindo-se a duas famílias de Guilford que a Sra. Brill admirava particularmente). Então a Sra. Brill respondia: «Pronto, você é que sabe», e Junior fazia como tencionara logo à partida. Aquela era a casa da sua vida, afinal de contas (tal como um homem diferente teria o *amor* da sua vida), e indo contra toda a lógica agarrava-se à convicção de que um dia iria morar nela. Mesmo depois de os Brill se terem mudado para lá e as

decorações desordenadas deles sufocarem as divisões tão arejadas, manteve-se serenamente otimista. E quando a Sra. Brill começou a falar sobre o quão isolada se sentia, tão distante da Baixa, quando se fora completamente abaixo depois de ter encontrado as ditas ferramentas de ladrão no jardim de inverno, ele escutou o clique do seu mundo a fixar-se no lugar legítimo. Finalmente, a casa seria sua.

Fora-o sempre, na verdade.

Por vezes, nas semanas em que andara a arranjar a casa antes de mudar para lá a sua própria família, chegava de manhã bem cedo só para deambular pela casa, para apreciar as divisões emocionantemente vazias, os pisos de madeira que não rangiam e as torneiras robustas por cima do lavatório da casa de banho. (A Sra. Brill quisera umas torneiras que tinha visto num hotel em Paris, uns manípulos de cristal facetado do tamanho de bolas de pingue-pongue. Na opinião de Junior, porém, o *design* mais adequado era uma cruz de porcelana branca robusta — mais fácil de rodar com as mãos ensaboadas — e pela primeira vez o próprio Sr. Brill manifestara-se e concordara com ele.)

Ele gostava de contemplar a escadaria e imaginar a filha a descê-la, uma jovem elegante envergando um vestido de noiva feito de cetim branco. Visualizava a mesa da sala de jantar com duas filas de netos, na sua maioria rapazes, filhos do seu filho para darem continuidade ao nome dos Whitshank. Todos teriam o rosto virado na direção de Junior, como girassóis voltados para o Sol, a ouvi-lo dissertar sobre um qualquer assunto importante. Talvez ele definisse um tema para cada noite no início da refeição: música, arte ou assuntos da atualidade. Um fiambre ou mesmo um pato assado estaria pousado diante dele em cima da mesa, à espera para ser trinchado, e a água seria

servida em copos largos com pé, e os garfos para a salada seriam refrigerados antecipadamente, como ele tinha visto a criada fazer na casa dos Remington em Guilford.

Até então tudo tinha sido improvisado na vida dele — a educação reles, o namoro às escondidas, o casamento complicado e a sua miserável casa minúscula alugada num bairro degradado. Mas agora isso estava prestes a mudar. Poderia finalmente dar início à sua vida verdadeira.

Mas depois Linnie Mae teve de interferir com o baloiço do alpendre.

No tempo dos Brill, o baloiço do alpendre era uma coisa feia feita de ferro forjado branco, com uns arabescos de pontas aguçadas capazes de arrancar a espinha a uma pessoa. Os mosquetões cobertos de ferrugem faziam um som agudo e lamuriento, e as pesadas correntes podiam entalar os dedos quando agarradas de forma errada. Contudo, a Sra. Brill tinha utilizado esse mesmo baloiço em pequena, segundo contara ela a Junior, e, pela forma como falava, era por demais evidente que recordava com carinho esses tempos de criança e o quanto prezava a imagem da sua infância. Pelo que Junior fora forçado a autorizá-lo.

Quando os Brill saíram da casa, deixaram ficar todo o mobiliário do alpendre porque tinham ido morar para um apartamento. A Sra. Brill pedira a Junior, numa vozinha triste, que tomasse conta do baloiço dela e ele respondera-lhe: «Sim, senhora, assim farei.» Logo que eles se foram embora, porém, subiu a um escadote e retirou o baloiço ele mesmo. Já sabia o que tencionava colocar no seu lugar: um baloiço de madeira simples, envernizado em tons de mel, com uma fileira de barras torneadas a formar as costas e a suportar cada braço do baloiço. Deveria ser pendurado com cordas especiais mais claras e macias do que as cordas normais, mais suaves ao toque, e quando se mexesse não deveria ouvir-se um único som, quando muito um leve

rangido como o que ele imaginava ouvir-se nas velas de um barco à vela. Tinha visto um baloiço assim na sua terra natal, na casa do Sr. Muldoon. O Sr. Muldoon era o encarregado das minas de mica e a casa dele tinha um alpendre comprido com o soalho envernizado, e os degraus eram envernizados também, assim como o próprio baloiço.

Junior não conseguiu encontrar um baloiço assim já pronto, pelo que teve de o mandar fazer. Custou-lhe uma fortuna. Não disse a Linnie quanto. Ela perguntou-lhe, porque o dinheiro era escasso; a entrada para a casa tinha-os deixado na ruína. Mas ele respondera-lhe: «O que é que isso interessa? Nem penses que vou morar numa casa com um baloiço de macramé branco na entrada.»

Chegou em bruto, tal como ele especificara, para poder ser acabado no tom que ele tinha imaginado. Pediu a Eugene, o seu melhor pintor, para se encarregar desse assunto. Outro empregado entrançou as cordas nas pesadas ferragens de bronze, um tipo de Eastern Shore que sabia como é que essas coisas se faziam. (E que assobiou assim que viu as peças em bronze, mas Junior tinha o seu próprio depósito secreto, além de que não tinha culpa de haver uma guerra.) Quando o baloiço foi finalmente pendurado (o grão da madeira a transparecer através do verniz, as cordas brancas sedosas e silenciosas), ele ficou incrivelmente satisfeito. Pela primeira vez na sua vida algo com o qual tinha sonhado revelara-se tal e qual como planeado.

Até então, Linnie Mae mal tinha visitado a casa. Não parecia partilhar do mesmo entusiasmo de Junior. Ele não conseguia entender isso. A maior parte das mulheres estaria aos saltos de alegria! Mas ela tinha uma série de objeções insignificantes: era demasiado dispendiosa, demasiado pretensiosa, ficava demasiado longe das amigas dela. Bem, ela acabaria por se render às evidências. Ele

não iria gastar mais saliva. Mas, assim que o baloiço ficou pendurado, Junior ficou ansioso por lho mostrar e, no domingo seguinte de manhã, sugeriu levá-la a ela e aos miúdos a visitar a casa, na carrinha, logo a seguir à missa. Não fez qualquer referência ao baloiço porque queria que ela se apercebesse sozinha. Limitou-se a dizer que, uma vez que já só faltavam cerca de duas semanas para se mudarem, talvez ela quisesse levar algumas das caixas que tinha começado a embalar. Linnie retorquiu:

— Oh, está bem. — Mas depois da missa começou a adiar. Sugeriu que jantassem primeiro e, quando ele lhe disse que poderiam comer quando regressassem, respondeu-lhe: — Bem, então é melhor ir despir a minha roupa boa, pelo menos.

— A que propósito? — perguntou ele. — Vai assim como estás.

Ele ainda não tinha tocado no assunto, mas andava a pensar que, depois de eles se terem mudado, Linnie deveria começar a ter mais cuidado com a forma como se vestia. Tinha o hábito de se vestir como as mulheres da terra dela se vestiam. E confeccionava praticamente todas as peças de roupa dela, assim como as dos filhos. Havia algo de largo e espetado, reparara ele, em todas as peças de roupa que os seus filhos vestiam.

Contudo, Linnie disse:

— Não vou carregar com caixas velhas e cheias de pó vestida com a minha melhor roupa. — Pelo que ele teve de esperar que ela trocasse de roupa e que vestisse a roupa do dia a dia aos filhos. No entanto, ele próprio deixou-se ficar vestido com a roupa de domingo. Até então os futuros vizinhos, caso espreitassem à janela (e ele era capaz de apostar que o faziam), ainda só o tinham visto de fato-macaco e ele queria mostrar-lhes o seu lado mais elegante.

Na carrinha, Merrick sentou-se entre Junior e Linnie, e Red ia sentado ao colo de Linnie. Junior seguiu pelas ruas mais bonitas, para as poder mostrar a Linnie. Era abril e estava tudo em flor, as azáleas, as olaias e os rododendros, e quando chegaram à casa dos Brill (à casa dos Whitshank!) ele apontou para um cornizo.

— Quando nos mudarmos para cá podias plantar umas rosas — disse ele a Linnie, mas ela respondeu:

— Não posso plantar rosas naquele jardim! Está todo à sombra!

Ele mordeu a língua. Estacionou à frente da casa, apesar de fazer mais sentido estacionar na parte de trás por causa da quantidade de coisas que tinham para descarregar, saiu da carrinha e ficou à espera de que ela tirasse as crianças, contemplando a casa e tentando vê-la através dos olhos dela. Iria *certamente* adorá-la. Era uma casa que dizia «Bem-vindos», «Família», «Moram aqui pessoas sérias». Porém, Linnie dirigiu-se para a traseira da carrinha, para ir buscar as caixas.

— Deixa isso — disse-lhe Junior. — Já tratamos das caixas. Quero que subas e que conheças a tua nova casa.

Ele pousou a mão na base das costas dela, para a guiar. Merrick pegou na outra mão dele e caminhou ao seu lado, e Redcliffe seguiu atrás deles, com o seu trator de madeira artesanal preso por um cordel. Linnie disse:

— Oh, eles deixaram ficar a mobília do alpendre.

— Eu disse-te que iriam fazê-lo — respondeu ele.

— E cobraram-te por isso?

— Não. Disseram que podia ficar com ela de graça.

— Foi simpático da parte deles.

Ele não tencionava dizer nada sobre o baloiço. Ia esperar que ela reparasse nele.

Houve um momento em que se questionou se ela iria *realmente* reparar nele (às vezes conseguia ser muito

desatenta), mas depois ela parou e ele deteve-se também e ficou a vê-la interiorizar o que via.

— Oh — disse ela —, este baloiço é mesmo bonito, Junior.

— Gostas?

— É muito mais bonito assim do que se fosse em ferro forjado.

Ele deslizou a mão da base das costas para a cintura dela e depois puxou-a para si.

— E olha que é muito mais confortável, acredita — disse-lhe.

— De que cor é que o vais pintar?

— O quê?

— Podemos pintá-lo de azul?

— Azul! — exclamou ele.

— Estava a pensar num azul intermédio, estilo... bem, não sei bem como é que se chama esse tom, mas é mais escuro do que o azul-bebé e mais claro do que o azul-marinho. É um azul meio-termo, estás a ver? Estilo... se calhar chamam-lhe azul-sueco. Ou... será que existe o azul-holandês? Não, se calhar não. A minha tia Louise tinha um baloiço de alpendre nesse azul que estou a pensar; a mulher do meu tio Guy. Moravam em Spruce Pine, numa casinha pequenina mas muito engraçada. Eram um casal adorável. Eu costumava desejar que os meus pais fossem como eles. Os meus pais eram mais, bem, tu sabes, mas a tia Louise e o tio Guy eram muito simpáticos, divertidos e não tinham filhos, e eu costumava pensar: «Quem me dera que me convidassem para ser a filha única deles.» Sentavam-se os dois no baloiço do alpendre, sempre que estava uma bela noite de verão, e era de um tom azul muito bonito. Se calhar era azul-mediterrâneo. Achas que existe azul-mediterrâneo?

— Linnie Mae — disse Junior. — O baloiço já está pintado.

— Ai, sim?

— Ou pelo menos está envernizado. Está acabado. É assim que vai ficar.

— Oh, Junie, não o podemos pintar de azul? Por favor? Acho que a melhor maneira de o descrever é «azul-céu», mas refiro-me a um céu verdadeiro, um céu de verão azul-forte. Não é um azul-claro, nem azul-água, nem azul-pálido, é mais um, como é que se diz...

— Sueco — respondeu Junior, entredentes.

— Como?

— Azul-sueco; acertaste logo à primeira. Sei-o porque o raio das casas de Spruce Pine tinham todas a mobília do alpendre pintada de azul-sueco. Até parecia que tinham decretado uma lei qualquer nesse sentido. Era um tom *vulgar*. Era vulgar e de classe baixa.

Linnie fitou-o boquiaberta e Merrick puxou-o pela mão em direção à casa. Ele libertou os dedos e subiu o caminho de acesso com passos largos, deixando os outros para trás. Se Linnie dissesse mais uma palavra que fosse, atiraria a cabeça para trás e rugiria qual animal enjaulado. No entanto, ela não o fez.

O mais urgente que ele tinha para fazer antes de se mudarem para a casa era acrescentar um alpendre nas traseiras. A casa tinha apenas uma pequena entrada em cimento — uma das poucas batalhas com os Brill que Junior tinha perdido, apesar de lhes ter dito repetidamente que o arquiteto da casa não tinha proporcionado nenhum espaço para a balbúrdia da vida quotidiana, como as botas de neve, as máscaras de basebol, os *sticks* de hóquei e os chapéus de chuva molhados.

Junior fazia sempre um som escarrado quando alguém mencionava arquitetos.

Naquela altura não tinha homens que pudesse dispensar, por causa da guerra. Dois deles tinham-se alistado logo

após o incidente de Pearl Harbor, outro fora trabalhar para o estaleiro Sparrows Point e outros dois tinham sido recrutados. Como tal, tirou Dodd e Cary da obra na casa dos Adams e mandou-os começarem a construir o alpendre, tendo depois terminado o trabalho ele mesmo. Ia lá essencialmente ao final do dia, aproveitando a luz natural para o trabalho no exterior e depois passando para o interior (o alpendre era fechado numa das extremidades), para continuar sob a luz do teto que o eletricitista tinha instalado.

Gostava de trabalhar sozinho. A maior parte dos seus empregados, desconfiava ele (ou os mais novos, pelo menos), achava-o severo e desagradável. E ele não os contradizia. Conversavam sobre problemas com mulheres e trocavam histórias sobre farras de fim de semana, mas assim que ele aparecia calavam-se de imediato, e ele sorria por dentro pois mal eles sabiam... Mas era preferível que nunca descobrissem. Ele continuava a fazer certos trabalhos manuais; não se sentia particularmente orgulhoso disso, mas por norma levava-os a cabo numa divisão à parte — cortar lambrins, por exemplo, enquanto o resto dos homens estava a construir a estrutura de um anexo. Eles contavam mexericos, brincavam e metiam-se uns com os outros, mas Junior (regra geral tão falador) trabalhava em silêncio. Na sua cabeça costumava soar uma música de forma quase automática («You Are My Sunshine» para um tipo de tarefa e «Blueberry Hill» para outra) e o seu trabalho acompanhava o ritmo dessa canção. Por ocasião de uma longa semana de trabalho, em que tinha andado a montar uma escadaria complicada, dera por si a ouvir repetidamente «White Cliffs of Dover» e tivera a sensação de que jamais chegaria ao fim, tal era a lentidão e a tristeza com que estava a trabalhar. Apesar de depois se ter revelado ser uma escadaria muito bem construída. Oh,

não havia nada como o prazer de um trabalho bem feito — ver a forma ordenada como uma respiga encaixava numa mecha ou como o calço do tamanho certo, depois de devidamente aplanado e encaixado no lugar, conseguia fazer uma união parecer quase homogénea.

Uns dias depois de ter levado Linnie a visitar a casa, Junior foi até lá por volta das quatro da tarde e estacionou nas traseiras. Quando ia a sair da carrinha, porém, viu algo que o deixou petrificado.

O baloiço do alpendre encontrava-se junto ao caminho de acesso à casa, pousado em cima de uma lona.

E estava azul.

Oh, Deus, um azul medonho, um azul-sueco enfadonho, insignificante e deslavado. O choque foi tal que por instantes interrogou-se se estaria a alucinar, a experimentar alguma visão injuriosa dos seus tempos de juventude. Então deu uma espécie de resmungo. Bateu com a porta da carrinha e caminhou até ao baloiço. Estava realmente azul. Inclinou-se para pousar o dedo no apoio para o braço e sentiu-o pegajoso, o que não era de admirar, pois, assim ao perto, cheirava-lhe a tinta fresca.

Olhou rapidamente à sua volta, com a sensação de que estava a ser observado. Havia alguém escondido nas sombras, a vê-lo e a rir-se. Mas não, estava sozinho.

Já tinha tirado a chave do bolso quando se apercebeu de que a porta das traseiras se encontrava aberta.

— Linnie? — chamou. Entrou na casa e foi dar com Dodd McDowell junto ao lava-louça, a limpar um pincel num trapo manchado.

— Mas que diabo pensas que estás a fazer? — perguntou-lhe Junior.

Dodd voltou-se.

— Pintaste o baloiço? — indagou Junior.

— Sim, claro, Junior.

— Mas porquê? Quem é que te disse que podias fazer isso?

Dodd era um homem muito pálido e careca, com as sobancelhas e pestanas de um louro quase branco, mas agora estava muito ruborizado e as suas pálpebras ficaram tão rosadas que parecia prestes a chorar. Disse:

— Foi a Linnie.

— A Linnie!

— O Junior não sabia de nada?

— Onde é que viste a Linnie? — quis saber Junior.

— Ela ligou-me ontem à noite. Perguntou-me se podia comprar uma lata de azul-sueco de alto brilho e pintar-lhe o baloiço do alpendre. Achei que o Junior soubesse.

— Achaste que eu tinha procurado tudo à procura de madeira de cerejeira sólida, pago uma fortuna por ela e pedido ao Eugene para a envernizar de maneira a que ficasse no mesmo tom que o chão do alpendre, para depois tu lhe espetares com tinta azul em cima.

— Bem, eu não sabia. Pensei cá para os meus botões: *mulheres*. Está a ver? — Dodd estendeu os braços, ainda a segurar o pincel e o trapo.

Junior forçou-se a respirar fundo.

— Certo — disse. — Mulheres. — Deu uma gargalhada e abanou a cabeça. — O que é que se há de fazer? Mas ouve — disse ele, num tom mais calmo. — Dodd. A partir de agora só recebes ordens minhas. Entendido?

— Com certeza, Junior. Peço imensa desculpa.

Dodd continuava com ar de quem estava prestes a chorar. Junior disse:

— Bem, esquece. Não é nada que não se resolva. Mulheres! — tornou a dizer, com mais uma gargalhada, e depois deu meia-volta, saiu para a rua e fechou a porta atrás de si. Precisava de um momento para se controlar.

Ela era a desgraça da vida dele. Era a cruz à volta do seu pescoço. Naquela noite, em 1931, quando ele a fora buscar à estação de comboios e a encontrara à espera na entrada (com o casaco cinzento com a bainha torta demasiado fresco para o inverno em Baltimore e o chapéu de feltro de aba larga e mole tão fora de moda que até Junior se apercebeu), ocorrera-lhe o pensamento incongruente de que ela era como o bolor da madeira velha. Julgamos que já o limpámos mas depois um dia volta a aparecer.

Junior tinha posto a hipótese de *não* a ir buscar. Ela telefonara-lhe para a pensão e, quando ele ouvira aquele malfadado «Junie?» (mais ninguém o tratava assim) na voz aguda e fibrosa dela, reconheceu de imediato de quem se tratava e o coração caíra-lhe aos pés. Apetecera-lhe pousar o auscultador com toda a força no descanso. Mas tinha sido apanhado. Ela tinha o número de telefone da senhoria dele. Só Deus sabia onde é que o tinha arranjado.

Ele perguntou:

— O que é?

— Sou eu! É a Linnie Mae!

— O que é que queres?

— Acreditas que estou aqui em Baltimore? Estou na estação de comboios! Podes vir buscar-me?

— Para quê?

Seguiu-se uma ligeira pausa. Então:

— Para quê? — perguntou ela. A sua voz tinha perdido toda a vitalidade. — Por favor, Junie, estou com medo — disse ela. — Há aqui imensa gente de cor.

— As pessoas de cor não te vão fazer mal — retorquiu ele. (Não havia gente de cor na terra deles.) — Faz de conta que não os vês.

— O que é que eu posso fazer, Junior? Como é que te vou encontrar? Tens de me vir buscar.

Não, ele não tinha de a ir buscar. Ela não tinha direito nenhum sobre ele. Não existia nada entre eles. Ou melhor, havia somente a pior experiência da vida dele.

Mas já estava a admitir para si próprio que não a podia deixar lá. Estaria tão vulnerável como um pintainho.

Além disso, uma pequena chama de curiosidade tinha começado a formar-se na sua mente. Uma pessoa da sua terra. Em Baltimore!

A verdade era que não conhecia muita gente em Baltimore com quem pudesse falar.

Como tal:

— Bem — disse ele, por fim. — Espera aí, então.

— Mas despacha-te, Junie!

— Espera por mim à frente. Sai pela porta principal e entretanto hás de ver aparecer o meu carro, do lado da frente.

— Tens carro?

— Claro — retorquiu ele. Tentou soar despretensioso.

Foi ao piso de cima buscar o casaco. Quando tornou a descer, a senhoria abriu ligeiramente a porta da saleta e pôs a cabeça de fora para espreitar. Tinha o cabelo num tom dourado invulgar e uns caracóis que ele não conseguia perceber muito bem: eram muito redondos e espalmados, fazendo lembrar as moedas de um cêntimo, e estavam colados às têmporas.

— Está tudo bem, senhor Whitshank? — perguntou ela e Junior respondeu-lhe:

— Sim, senhora — e depois atravessou o átrio com dois passos largos e saiu.

Ora, os pertences de Junior nessa altura não chegavam para encher uma mala de tamanho normal, mas tinha um automóvel: um *Essex* de 1921. Comprara-o a outro carpinteiro por trinta e sete dólares, quando ambos tinham perdido o emprego no início da crise. Justificara esse gasto

com o facto de um carro lhe facilitar a procura de emprego, o que acabou por ser verdade, apesar de não ter contado com os seus inúmeros caprichos e avarias. Ocorreu-lhe, enquanto tentava ligar o motor frio, que podia ter dito a Linnie para apanhar um eléctrico. Mas sabia que isso seria demasiado complicado para ela. Não estava familiarizada com eléctricos. Acabaria por fazer asneira. Ele nem sequer conseguia imaginá-la a fazer a viagem de comboio sozinha, tendo sido obrigada a mudar de comboio em Washington, D.C., para não falar nos inúmeros apeadeiros antes disso.

Ele morava na zona das fábricas, a norte da estação ferroviária — a uma boa distância da mesma, aliás. Para seguir rumo a sul virou para este em direcção à St. Paul e depois avançou aos soluços por entre filas de casas mal iluminadas, chegando-se à frente de vez em quando para limpar a humidade do para-brisas. Passou pela estação e virou à direita, para o pavimento diante das colunas de aspeto importante. Avistou Linnie de imediato — a única pessoa na rua, o rosto pálido e ansioso a olhar de um lado para o outro. Mas ele não parou. Sem tomar essa decisão de forma consciente, acelerou e continuou em frente. Virou à direita na Charles Street e seguiu em direcção a casa, mas a meio do primeiro quarteirão começou a visualizar a testa dela a desenrugar-se assim que o visse, o alívio que transpareceria no rosto dela, o quão experiente e conhecedor ele lhe parecia ser ao volante do *Essex* vermelho. Deu meia-volta e tornou a passar perto das colunas importantes, mas dessa vez virou para a zona de recolha de passageiros. Parando o carro, viu-a pegar na mala de cartão e correr a abrir a porta do passageiro.

— Já tinhas passado por mim? — quis ela saber logo que se sentou.

Assim, sem mais nem menos, ele perdeu toda a superioridade.

— Estava a preparar-me para me ir deitar — explicou ele e, por alguma razão, a sua voz soou lamuriosa. — Estou meio a dormir.

Ela disse:

— Oh, pobre Junie. Peço desculpa — e debruçou-se sobre a mala de cartão para o beijar na face. Os lábios dela estavam quentes, mas ela cheirava a geada. Além disso, havia outro odor subjacente, algo que ele associava à sua terra: o cheiro a *bacon* frito. Sentiu-se desanimar.

Mas assim que começou a conduzir, pondo as várias mudanças do *Essex*, começou a sentir-se novamente com o controlo da situação.

— Não percebo o que é que estás aqui a fazer — disse-lhe.

— Não percebes porque é que estou *aqui*? — respondeu ela.

— E também não sei para onde é que te hei de levar. Não tenho dinheiro para te deixar num hotel. A não ser que *tu* tenhas trazido dinheiro.

Se trazia ou não, a verdade é que não o disse.

— Vais levar-me para casa contigo — disse-lhe ela.

— Não, não vou. A minha senhoria só aluga a homens.

— Podia entrar às escondidas.

— O quê, entrar às escondidas para o *meu* quarto?

Ela acenou afirmativamente.

— Nem penses — retorquiu ele.

Porém, continuou em direção à pensão, porque não sabia o que mais fazer.

Chegaram a um cruzamento, ele travou e virou-se para olhar para ela. Cinco anos, praticamente, não a tinham mudado em nada; ainda parecia ter treze anos. O rosto dela ainda parecia demasiado distendido, como se não tivesse pele suficiente para o cobrir, e os lábios continuavam finos e desprovidos de cor. Era como se tivesse parado no tempo

no dia em que ele se tinha ido embora. Nem sequer percebia por que motivo a tinha achado atraente. Mas era óbvio que ela não fazia ideia nenhuma do que ia na cabeça dele, pois sorriu-lhe, baixou o queixo e depois olhou-o de lado e disse:

— Calcei aqueles sapatos de que gostas tanto.

Que sapatos seriam esses? Ele não se lembrava de sapatos nenhuns. Baixou o olhar para os sapatos dela e viu uns sapatos escuros de salto alto atados com fitas nos tornozelos, tão grossos e desproporcionados que as canelas dela pareciam da grossura de caules de trevos.

— Como é que descobriste onde é que eu estava? — perguntou-lhe ele.

Ela parou de sorrir. Endireitou-se no lugar e equilibrou a bolsa enorme na beira dos joelhos.

— Bem — respondeu-lhe, com um acentuado aceno de cabeça. (Ele já se tinha esquecido dessa mania dela. Era como se dissesse: «Vamos lá ao que interessa.» E: «Eu trato disto.») — Há quatro dias fiz anos — explicou ela. — Agora já tenho dezoito anos.

— Parabéns — retorquiu ele, num tom apático.

— Dezoito, Junie! Maior de idade!

— A maioridade é aos vinte e um — disse-lhe ele.

— Bem, para votar, talvez... E já tinha a mala feita e tudo; já tinha juntado dinheiro. Ganhei-o a apanhar diapiensíaceas todos os outonos desde que te foste embora. Esperei até fazer dezoito anos, para que ninguém me pudesse impedir. Depois, no dia do meu aniversário, pedi à Martha Moffat para me levar até à serração de Parryville e pedi aos tipos de lá se me podiam dizer para onde é que tinhas ido.

— Perguntaste a toda a gente da serração? — indagou ele e ela tornou a acenar com a cabeça.

Ele conseguia imaginar o que isso lhes devia ter parecido.

— Um dos tipos disse-me que devias ter vindo para norte. Disse que se lembrava de teres aparecido um dia a perguntar se alguém sabia onde encontrar um carpinteiro a quem chamavam Trouble⁴, por o nome dele ser Trimble. E eles disseram-te que o Trouble tinha ido para Baltimore, e por isso se calhar era para lá que *tinhas* ido também, disse-me o tal tipo, à procura de trabalho. Por isso pedi à Martha para me levar a Mountain City e depois comprei um bilhete para Baltimore.

Veio à memória de Junior os desenhos animados em que o Bosko ou outra personagem qualquer dá um passo em frente num penhasco e nem sequer se apercebe de que está parado em pleno ar. Seria possível que Linnie não tivesse percebido o *risco* que correra? Ele podia ter-se ido embora há muitos anos. Podia estar a morar em Chicago ou em Paris, na França.

De repente teve a sensação de que era um autêntico fiasco da sua parte não o ter feito; o facto de continuar ali, tanto tempo depois. E que, de certa maneira, ela sabia que assim seria.

— A Martha Moffat agora chama-se Shuford — dizia Linnie. — Sabias que a Martha se tinha casado? Casou-se com o Tommy Shuford, mas a *Mary* Moffat continua solteira e isso está a dar cabo dela, dá para perceber. Agora zanga-se com a Martha por tudo e por nada. Mas elas também nunca se deram tão bem como seria de esperar.

— Tão bem — corrigiu-a ele.

— O quê?

Ele desistiu.

Estavam a atravessar a Baixa, com os edifícios lado a lado e os candeeiros de rua a brilharem, mas Linnie mal

olhou pela janela do carro. Ele julgara que ela fosse ficar mais impressionada.

— Quando saí do comboio em Baltimore — disse ela —, fui direita à cabina telefónica e procurei o teu nome na lista, mas como não te encontrei liguei para toda a gente que se chamava Trimble. Ou melhor, quase o fiz, porque afinal de contas o nome do Trouble é Dean e isso aparece ainda no princípio da lista. Ele disse-me que *tu* o tinhas procurado e que te tinha dito onde é que talvez conseguisses arranjar trabalho, mas não sabia se te tinham contratado ou não e também não fazia ideia onde é que estavas a morar, a não ser que ainda estivesses na pensão da senhora Bess Davies, onde muitos trabalhadores costumavam ficar hospedados quando chegavam ao Norte.

— Devias ir trabalhar para a Pinkerton — disse-lhe Junior. Não estava nada satisfeito por constatar a facilidade com que tinha sido encontrado.

— Tive receio de que já te tivesses mudado, arranjado casa própria e isso.

Ele franziu o sobrolho.

— Estamos em depressão — respondeu-lhe ele. — Ou será que não ouviste dizer?

— Não me importo que mores numa pensão — disse ela, dando-lhe uma palmadinha no braço. Ele afastou-se dela com um movimento brusco e durante uns segundos ela permaneceu em silêncio.

Quando chegaram à rua da Sra. Davies, estacionou a alguma distância da pensão, na extremidade mais escura do quarteirão. Não queria que ninguém os visse.

— Estás contente por eu estar aqui? — perguntou-lhe Linnie.

Ele desligou o motor. Disse:

— Linnie...

— Mas, quer dizer, não precisamos de falar sobre isso agora, assim de repente! — exclamou Linnie. — Oh, Junior, tive tantas saudades tuas! Nunca mais olhei para outro rapaz desde que te foste embora.

— Tinhas treze anos — disse Junior.

Insinuando: «Estiveste estes anos todos sem nunca ter tido um namorado?»

Contudo, Linnie, interpretando-o mal, esboçou um enorme sorriso e disse:

— Eu sei.

Pegou na mão direita dele, que continuava pousava em cima da manete das mudanças, e segurou-a com força entre as mãos. Estavam quentes, não obstante a temperatura que se fazia sentir, pelo que as dele deviam parecer-lhe muito frias.

— Mãos frias, amor todos os dias — disse-lhe ela. Depois: — Aqui estou eu, prestes a passar a minha primeira noite de sempre contigo. — Parecia estar completamente convencida de que ele tinha decidido deixá-la entrar às escondidas.

— A primeira e a única noite — respondeu-lhe ele. — Amanhã vais ter de arranjar outro sítio para ficares. Isto é muito arriscado; se a senhora Davies se apercebe da tua presença, põe-nos aos dois no olho da rua.

— Eu não me chateava nada — replicou Linnie. — Desde que estivesse contigo. Seria romântico até.

Junior retirou a mão e saiu do carro.

Obrigou-a a esperar ao fundo dos degraus da entrada, depois abriu silenciosamente a porta da frente e procurou a Sra. Davies com o olhar antes de fazer sinal a Linnie para entrar. A cada ranger da escada enquanto subiam, ele parava por breves instantes, cheio de medo, mas depois acabaram por ser bem-sucedidos. Quando alcançaram o terceiro piso (o andar dos criados, imaginara sempre ele,

devido aos quartos minúsculos com os tetos baixos e inclinados), fez sinal com o queixo na direção de uma porta meio aberta e sussurrou: «Casa de banho», porque não a queria a entrar e a sair do quarto a noite inteira. Ela acenou-lhe com os dedos e desapareceu no interior da mesma, e ele continuou a subir carregado com a mala dela. Deixou a porta aberta escassos centímetros, a luz a projetar-se no soalho do corredor, e depois Linnie entrou e fechou a porta atrás dela. Trazia o chapéu na mão e tinha o cabelo húmido junto às têmporas, reparou ele. Estava mais curto do que quando a conhecera. Costumava cair-lhe até à base das costas, mas agora dava-lhe pelo queixo. Ela estava sem fôlego e a rir-se ligeiramente.

— Não tinha o meu sabonete, nem uma toalha nem nada — disse. Apesar de estar a sussurrar, era um sussurro agudo e ressonante, e ele ralhou-lhe dizendo:

— Chiu. — Durante a ausência dela, ele despira-se e ficara de ceroulas. Havia uma poltrona pequena e meio quadrada no canto do quarto, com um divã de padrão diferente diante da mesma (as únicas peças de mobiliário para além da cama estreita e da cómoda com duas gavetas), e ele instalou-se o melhor que conseguiu, tapando-se com o casaco de inverno. Linnie ficou parada no meio do quarto, a observá-lo boquiaberta.

— Junie? — perguntou ela.

— Estou cansado — respondeu-lhe ele. — Amanhã tenho de trabalhar. — Virou-se de costas e fechou os olhos.

Não ouviu qualquer movimento durante uns minutos. Então escutou o roçar da roupa dela, o abrir das duas molas da mala de viagem e mais roçar. Depois o roçar ainda mais perceptível da roupa da cama. A luz do candeeiro apagou-se e ele sentiu o seu maxilar a descontrair-se, e depois abriu os olhos na escuridão.

— Junior? — perguntou ela.

Ele percebia que ela estava deitada de costas. A voz dela tinha um timbre ascendente.

— Junior, estás zangado comigo? O que é que eu fiz de mal?

Ele fechou os olhos.

— O que é que eu fiz, Junior?

Todavia, ele abrandou e uniformizou a sua respiração e ela não voltou a perguntar.

[4](#) *Trouble* significa «sarilhos». (NT)

CAPÍTULO ONZE

O que Linnie tinha feito de mal:

Bem, para começar, não lhe tinha dito a idade. A primeira vez que ele a vira, ela encontrava-se sentada em cima de uma manta de piquenique com as gémeas Moffat, Mary e Martha, ambas alunas do décimo segundo ano, e ele partira do princípio de que ela era da mesma idade que elas. Uma grande burrice da sua parte. Devia ter percebido logo pelo rosto simples e sem maquilhagem dela, pelo cabelo solto que lhe caía sobre as costas e pelo orgulho evidente dela na sua recente maturidade — em especial nos seios, que ela tocava sub-repticiamente com as pontas dos dedos, de vez em quando, como que a analisá-los. Mas eram seios *imensos*, tão apertados contra o corpete do vestido às bolas, e ela estava a usar umas sandálias enormes brancas de salto alto. Seria de admirar que tivesse julgado que ela era mais velha? Ninguém de treze anos usava saltos altos, tanto quanto Junior sabia.

Ele tinha aparecido acompanhado de Tillie Gouge, mas só porque ela lho pedira. Não sentia qualquer obrigação para com ela. Tirou um biscoito de melaço da mesa de piquenique cheia de comida e aproximou-se de Linnie Mae. Inclinando-se para a frente (o que devia ter parecido uma vénia), ofereceu-lhe o biscoito.

«É para ti», disse-lhe.

Ela ergueu os olhos, que eram praticamente do mesmo azul incolor dos frascos para compota.

«Oh!», exclamou ela, ficando muito corada e aceitando o biscoito. As gémeas Moffat ficaram muito atentas, sentando-se direitas e ficando à espera do que iria acontecer a seguir, mas Linnie baixou as pestanas claras e delicadas e deu uma pequena dentada no biscoito. Então, lambeu os dedos um a um. Os dedos de Junior também

estavam pegajosos (deveria ter escolhido uma bolacha de gengibre), pelo que os limpou no lenço que tirou do bolso, mas entretanto não tirava os olhos dela. Quando terminou, estendeu-lhe o lenço. Ela aceitou-o sem o olhar nos olhos, limpou os dedos e devolveu-lho, e depois deu mais uma dentada em forma de meia-lua no biscoito.

«Fazes parte da Whence Batista?», perguntou-lhe ele. (O piquenique era um piquenique de igreja, em honra do Primeiro de Maio.)

Ela disse que sim com a cabeça, mastigando com elegância, os olhos cabisbaixos.

«Eu nunca tinha vindo aqui», disse ele. «Queres mostrar-me este espaço?»

Ela tornou a acenar com a cabeça e por momentos parecia que aquilo ia ficar por ali, mas depois levantou-se, cambaleante e ruborizada (tinha estado sentada em cima da bainha do vestido, que ficara momentaneamente presa num dos saltos altos), e afastou-se com ele, sem sequer lançar um olhar para as gémeas Moffat. Continuava a comer o biscoito. No sítio onde o jardim da igreja dava lugar ao cemitério, ela deteve-se, passou o biscoito para a outra mão e tornou a lamber os dedos. Mais uma vez ele ofereceu-lhe o seu lenço e mais uma vez ela aceitou-o. Ele pensou, algo divertido, que aquilo iria continuar por tempo indefinido, mas quando ela terminou de limpar os dedos, pousou o biscoito em cima do lenço e dobrou-o com cuidado, como alguém a fazer um embrulho, e estendeu-lho. Ele enfiou-o no bolso esquerdo e continuaram a andar.

Ao recordar essa situação agora, parecia-lhe que cada pormenor, cada gesto, gritava «Treze!». Mas era capaz de jurar que essa ideia nem sequer lhe tinha passado pela cabeça na altura. Não era nenhum ladrão de berços.

Porém, tinha de admitir que o momento em que reparara nela fora o momento em que ela tinha levado as mãos aos

seios. Na altura parecera-lhe ser um gesto sedutor, mas pensando melhor podia muito bem ser interpretado como meramente infantil. O mais certo era ter estado somente a admirar a sua existência recente.

Ela entrara no cemitério caminhando à frente dele, os tornozelos esqueléticos a oscilarem dentro dos sapatos de salto alto, e indicara-lhe a lápide dos pais do pai dela — Jonas Inman e Loretta Carroll Inman. Ou seja, ela pertencia à família Inman, uma família conhecida por ser emproada.

«Como é que te chamas?», perguntou-lhe ele.

«Linnie Mae», respondeu ela, tornando a corar.

«Pois eu sou o Junior Whitshank.»

«Eu sei.»

Ele interrogou-se *como* é que ela sabia, o que teria ouvido dizer sobre ele.

«Diz-me uma coisa, Linnie Mae», disse ele, «é possível espreitar esta tua igreja?»

«Se quiseses», retorquiui ela.

Deram meia-volta e deixaram o cemitério para trás, atravessaram o jardim de terra e subiram os degraus da frente da Whence Cometh My Help. O interior era composto por uma única divisão mal iluminada com paredes escurecidas pelo fumo e uma fornalha arredondada, as parcas cadeiras de madeira voltadas para uma mesa enfeitada com um paninho. Pararam assim que transpuseram a porta; não havia mais nada para ver.

«És religiosa?», perguntou-lhe ele.

Ela encolheu os ombros e disse:

«Nem por isso.»

Isso criou um pequeno obstáculo na fluidez da conversa, visto não ser a resposta de que ele estava à espera. Pelos vistos, ela era mais complexa do que ele julgava. Esboçou um sorriso.

«És cá das minhas», respondeu-lhe.

Ela susteve o olhar dele, de repente. A palidez dos seus olhos apanhou-o novamente de surpresa.

«Bem, acho que é melhor ir dar um pouco de atenção à rapariga com quem vim», disse ele, em jeito de piada. «Mas amanhã à noite podia levar-te ao cinema.»

«Está bem», retorquiu ela.

«Onde é que moras?»

«Encontramo-nos na drogaria», replicou ela.

«Ah», foi a resposta dele.

Interrogou-se se ela teria vergonha de o mostrar à família. Mas depois pôs o assunto para trás das costas e disse:

«Sete horas?»

«Está bem.»

Tornaram a sair para a luz do dia e, sem olhar para trás, ela deixou-o especado na varanda e foi direita às gémeas Moffat. Que os estavam a observar, claro, com a curiosidade de dois pardais, os seus rostos pequenos e pontiagudos apontados na direção de Junior e Linnie.

Já namoravam há três semanas quando a idade dela veio à baila. Não que ela lha tenha dito; acontecera-lhe mencionar certa noite que o irmão mais velho iria concluir o oitavo ano no dia seguinte.

«O teu irmão mais *velho*?», perguntou-lhe ele.

Ela não se apercebeu, por momentos. Estava a contar-lhe que o irmão mais novo era muito inteligente, ao contrário do irmão mais velho, que andava a suplicar à família que o deixassem desistir da escola agora, em vez de ir fazer o secundário em Mountain City, como os pais queriam que fizesse.

«Ele nunca foi muito amigo dos livros», explicou ela. «Gosta mais de caçar e coisas assim.»

«Que idade é que ele tem?», indagou Junior.

«Hum? Tem catorze anos.»

«Catorze», repetiu Junior.

«Hum-hum.»

«E *tu?*», indagou Junior.

Foi então que ela se deu conta. Ficou muito corada. Mas ainda tentou desviar a conversa. Disse:

«Quer dizer, é mais velho do que o meu outro irmão.»

«Que idade é que tu tens?», insistiu ele.

Ela levantou o queixo e respondeu:

«Tenho treze anos.»

Ele teve a sensação de ter levado um pontapé no estômago.

«Treze», exclamou. «Ainda és uma... Tens metade da minha idade!»

«Mas são treze anos crescidos», replicou Linnie.

«Minha Nossa Senhora, Linnie Mae!»

Porque por essa altura já o andavam a fazer. Andavam a fazê-lo desde o terceiro encontro. Já não iam ao cinema, nem iam comer gelados e muito menos ter com amigos. (Que amigos poderiam ser esses?) Dirigiam-se para o rio na carrinha do cunhado dele, estendiam uma manta debaixo de uma árvore e apressavam-se a enrolar-se um no outro. Certa noite choveu, mas isso não os deteve nem por um instante; deitaram-se de costas com os braços abertos quando terminaram e deixaram que a chuva enchesse as suas bocas abertas. Contudo, não fora algo que ele a tivesse convencido a fazer. Fora Linnie quem, certa noite, dera o primeiro passo, recuando ligeiramente dele no interior da carrinha estacionada e, num gesto trémulo e urgente, abrindo os botões do vestido.

Ele podia ser preso.

O pai dela produzia tabaco *burley* e era dono do terreno. A mãe era proveniente do estado da Virgínia; toda a gente sabia que as pessoas da Virgínia achavam-se superiores às

outras pessoas. Denunciá-lo-iam ao xerife sem a menor hesitação. Oh, Linnie fora tão estouvada, tão enervantemente estúpida, tendo-se encontrado com ele na drogaria do centro da cidade envergando um vestido elegante e sapatos de salto alto! Junior morava perto de Parryville, a dez ou doze quilómetros de distância, pelo que possivelmente nenhuma das pessoas que os tinham visto juntos em Yarrow o conhecia, embora decerto tivessem reparado que já era um homem feito, quase sempre vestido com roupa andrajosa e botas de trabalho velhas, e com a barba de um dia ou dois, e com certeza não seria muito difícil descobrir o nome dele e onde morava. Perguntou a Linnie:

«Contaste a alguém sobre nós?»

«Não, Junior, juro que não.»

«Nem às gémeas Moffat?»

«A ninguém.»

«Olha que eu posso ir preso por isto, Linnie.»

«Não contei a ninguém.»

Ele decidiu deixar de se encontrar com ela, mas não lho disse logo porque ela desataria a chorar e pedir-lhe-ia para mudar de ideias. Linnie era algo dependente. Estava sempre a falar sobre o romance fantástico entre eles, a dizer-lhe que o amava, apesar de ele nunca ter mencionado a palavra amor, e a perguntar-lhe se achava esta ou aquela rapariga mais bonita do que ela. Ele achava que seria porque tudo aquilo era novidade para ela. Caramba, tinha-se metido com uma criança. Mal podia acreditar que tinha sido tão cego.

Dobraram a manta, entraram na carrinha e Junior levou-a de volta para a cidade, sem abrir a boca durante toda a viagem, apesar de Linnie Mae ter falado sem parar sobre a iminente festa do irmão para comemorar o fim do secundário. Quando parou diante da drogaria, disse-lhe que

não se poderia encontrar com ela na noite seguinte pois prometera ajudar o pai com um trabalho de carpintaria. Ela não pareceu achar estranho que ele fizesse trabalhos de carpintaria à noite.

«Então fica para depois de amanhã?», perguntou ela.

«Logo se vê.»

«Mas como é que eu vou saber?»

«Quando estiver disponível arranjo maneira de te mandar recado», retorquiu ele.

«Vou ter tantas saudades tuas, Junior!»

Então lançou-se para ele, pondo os braços à volta do seu pescoço, mas ele libertou-se dos braços dela e disse:

«É melhor ires andando.»

É claro que ele não lhe mandou recado nenhum. (Nem percebia como é que ela podia ter acreditado que ele o faria, uma vez que lhe tinha dito que não podiam contar nada a ninguém.) Manteve-se estritamente no seu próprio espaço — um hectare de terra barrenta vermelha nos arredores de Parryville, delimitado por uma vedação de madeira, na cabana de três assoalhadas com o pai e o único irmão, que ainda não tinha casado.

Quis o destino que os três tivessem realmente trabalho nessa semana, substituindo o telhado do barracão de uma senhora que morava ao fundo da rua. Partiam na carroça de manhã bem cedo, com um balde de estanho cheio de soro de leite e um pedaço de pão de milho para o almoço, depois soltavam a mula no campo de pasto da Sra. Honeycutt e subiam ao telhado para trabalhar o dia todo debaixo de sol. À noite, Junior estava tão cansado que já só lhe restava forças para comer o jantar. (O seu irmão Jimmy tinha assumido o controlo da cozinha após a morte da mãe deles — fritava toda e qualquer carne que tivessem caçado, usando o pedaço de banha que ficava permanentemente

dentro da frigideira em cima do fogão.) Às oito, oito e meia, já estavam na cama, horas típicas dos trabalhadores. Isso aconteceu durante três dias seguidos e Junior nem sequer pensou mais em Linnie Mae. Numa ocasião, Jimmy perguntou-lhe se ele queria ir à cidade a seguir ao jantar, para ver se encontravam umas raparigas, e Junior respondeu-lhe:

«Nem por isso», mas não era por causa de Linnie. Era porque estava completamente exausto.

Depois terminaram o telhado e não tinham mais nada agendado, pelo que Junior passou o dia seguinte em casa, mas sentia-se incrivelmente entediado e o pai estava mal-humorado, e decidiu que na manhã seguinte iria à serração procurar trabalho. Estavam habituados a que ele lá aparecesse; regra geral, dava-lhes jeito mais um par de mãos.

Estava sentado na varanda a fumar um cigarro, com os cães a seu lado (o lusco-fusco ainda naquele ponto de transparência, os pirilampos a começarem a piscar no jardim), quando um carro desconhecido entrou na propriedade, um *Chevrolet* em mau estado conduzido por um tipo que envergava um boné da loja das sementes. Uma rapariga saltou do lugar do passageiro e caminhou na direção dele, dizendo:

«Olá, Junior.» Tratava-se de uma das gémeas Moffat. Os cães levantaram a cabeça mas depois tornaram a pousar o focinho em cima das patas.

«Olá», retorquiu Junior, sem a tratar pelo nome, pois não sabia de qual das gémeas se tratava. Ela estendeu-lhe uma folha de papel branco e ele desdobrou-a, mas era difícil ler ao crepúsculo. «O que é isto?», perguntou.

«É da Linnie Mae.»

Ele ergueu a folha à ténue luz da lanterna que permeava a porta de rede.

«Junior, preciso de falar contigo», leu ele. «Deixa que os Moffat te deem boleia até minha casa.»

Sentiu um nó no peito. Quando uma rapariga dizia que precisava de falar... Oh, meu Deus. Uma parte dele já estava a pensar para onde fugir, como escapar antes de ela comunicar a notícia que o encurralaria para o resto da vida. Mas a gémea Moffat perguntou-lhe:

«Vens?»

«O quê, agora?»

«Sim, agora», respondeu ela. «Nós levamos-te lá.»

Ele levantou-se e calçou o cigarro com o pé.

«Pois», disse. «Está bem.»

Seguiu-a em direção ao carro. Tratava-se de um automóvel fechado com quatro portas, e ela sentou-se no lugar da frente, deixando que ele se instalasse no banco de trás ao lado da outra gémea, que disse:

«Olá, Junior.»

«Olá», replicou ele.

«Já conheces o nosso irmão, o Freddy.»

«Olá, Freddy», disse ele. Não se lembrava de alguma vez o ter visto. Freddy limitou-se a resmonear e depois meteu a mudança, saiu da propriedade e desceu a Seven Mile Road.

Junior sabia que devia fazer conversa, mas só conseguia pensar no que Linnie teria para lhe dizer e o que ele iria fazer em relação ao assunto. O que é que *podia* fazer? Não era safado a ponto de fingir que não tinha sido ele. Embora essa ideia lhe tivesse passado pela cabeça.

«Os pais da Linnie vão dar uma festa para o Clifford esta noite», explicou a primeira gémea.

«Quem é o Clifford?»

«O Clifford é o irmão dela. Terminou o oitavo ano.»

«Ah.»

Parecia-lhe curioso haver tanto alarido por causa do oitavo ano. Quando *ele* terminara o oitavo ano, o alarido

fora por ele querer seguir para o secundário. O pai tinha em mente pô-lo logo a trabalhar, mas Junior achava que havia uma série de coisas que ainda não tinha aprendido.

Linnie decerto não esperava que ele fosse à festa, pois não? Nem mesmo ela podia ser assim tão idiota.

Mas a gémea disse:

«Ela vai conseguir escapar-se facilmente, uma vez que vai lá estar imensa gente da família. Nem vão dar pela falta dela.»

«Ah», respondeu ele, aliviado.

Isso pareceu esgotar todos os tópicos de conversa entre eles.

Viraram na Sawyer Road em vez de seguirem em direção a Yarrow e ele calculou que a quinta dos Inman se situasse a norte da cidade. O cheiro a estrume fresco começou a entrar pela janela aberta. A Sawyer Road era uma estrada de terra e sempre que o *Chevrolet* passava por cima de uma lomba os faróis piscavam e ameaçavam apagar-se. Isso deixava-o nervoso. Bolas, *tudo* o deixava nervoso.

Interrogou-se se seria uma armadilha, se não teriam o xerife à sua espera na casa. Junior não era bem-visto pelo xerife. Em miúdo quase provocara um acidente quando ele e uns amigos, na traseira de uma carroça, tinham feito sinal ao carro imediatamente atrás de que era seguro fazer a ultrapassagem. E tinha havido outras ocasiões, ao longo dos anos.

Freddy virou à esquerda onde a Sawyer Road se encontrava com a Pee Creek Road, que era pavimentada e por isso proporcionava uma viagem mais estável. Alguma distância depois virou à direita, para um caminho feito de terra. A casa parecia grande aos olhos de Junior. Estava pintada de branco ou cinzento-claro e todas as janelas tinham a luz acesa. Viam-se carros e carrinhas estacionados em ângulos diferentes em cima do relvado da

frente. Contudo, Freddy seguiu em direção às traseiras, onde Junior avistou as silhuetas de vários barracões e celeiros.

«Chegámos», disse a primeira gémea.

Uma sombra desencostou-se do celeiro mais próximo e transformou-se na Linnie, vestida com algo de cor clara. Enquanto ela caminhava em direção ao carro, Junior perguntou aos Moffat:

«Vocês vão ficar aqui à minha espera ou quê?»

Antes de eles terem tempo de responder, Linnie acercou-se da janela dele e sussurrou:

«Junior?»

«Olá», disse ele.

Ela aproximou-se mais, mas decerto não estaria a pensar que ele faria fosse o que fosse à frente daquelas pessoas?

Ele evitou-a abrindo a porta, o que a obrigou a recuar.

«Esperem aqui», disse ele aos Moffat. «Vou precisar de boleia para casa.»

Linnie disse:

«Obrigada, Freddy. Olá, Martha; Olá, Mary.»

«Olá, Linnie», responderam as gémeas em uníssono.

Junior saiu do carro e fechou a porta atrás de si, e de imediato Freddy fez marcha-atrás e começou a afastar-se.

«Onde é que eles vão?», perguntou Junior a Linnie.

«Oh, a um sítio qualquer, acho eu.»

«Como é que vou para casa?»

«Eles depois voltam! Anda.»

Ela começou a conduzi-lo em direção ao celeiro de onde tinha emergido, puxando-o pela mão. Ele ofereceu resistência.

«Eu não me vou demorar», disse. «Eles deviam ter ficado à espera.»

«Anda daí, Junior. Senão ainda te veem!»

Ele desistiu e seguiu-a para o celeiro, que ficou completamente às escuras assim que ela fechou a porta atrás deles.

«Vamos lá para cima, para o sótão», sussurrou ela.

Não lhe parecia ser uma boa ideia. No sótão poderia ser encurralado.

«Podemos falar aqui em baixo», retorquiu ele. «Não me posso demorar. Tenho de voltar para casa. Tens a certeza de que os Moffat sabem que têm de me vir buscar? Porque é que lhes contaste sobre nós? Juraste que não dirias a ninguém.»

«E não disse! Só contei às gémeas. Elas acham que é romântico. Estão muito felizes por nós.»

«Meu Deus, Linnie.»

«Vamos lá para cima para o sótão, a sério. É mais confortável; está cheio de palha.»

Ele ignorou-a e dirigiu-se para o fundo do celeiro, atravessando um soalho rangente e coberto de palha. Ela disse:

«Não sei porque é que estás a ser do contra.» Estendeu a mão na escuridão, apalpando algo e em seguida puxando-o com um safanão, e uma lâmpada do teto acendeu-se, encandeando-o. Aquela gente tinha eletricidade até nos edifícios exteriores. Apercebeu-se de que estava parado ao lado de uma charrua ferrugenta. Uma faixa fina de palha prensada encontrava-se empilhada no canto do fundo. O rosto de Linnie parecia cheio de rugas sob a luz súbita e o dele também, calculava ele. Ela envergava um vestido que parecia demasiado decotado aos olhos dele. Admirava-o que a mãe dela o tivesse permitido; Linnie dera sempre a entender que a mãe era muito severa. Ele via os dois inchaços dos seios dela a emergirem imediatamente acima do tecido, mas isso não o afetou. Tirou o maço de *Camel* do bolso da camisa.

«Sobre o que é que me querias falar?», perguntou-lhe.

«Não podes fumar aqui!»

Ele tornou a guardar o maço de tabaco.

«Diz lá», insistiu.

«Digo o quê?»

«A razão por que me chamaste aqui.»

Ela endireitou-se.

«Junior», começou ela, «eu sei porque é que deixaste de me procurar. Achas que sou demasiado nova para ti.»

«O quê? Espera aí.»

«Mas a idade é só uma data no calendário. Não estás a ser justo. Estás a reagir a uma coisa que eu não posso controlar. E sabes bem que já sou uma mulher. Não achas que me tenho *comportado* como uma mulher? Não me *sentes* como se fosse uma mulher?»

Ela pegou na mão dele e pousou-a sobre o peito, imediatamente acima dos seios. Ele perguntou:

«Era isso que tinhas para me dizer?»

«Quero dizer-te que estás a ser tacanho de espírito.»

«Bolas, Linnie», respondeu ele. «Não estás grávida?»

«Grávida? Não!»

Ele não compreendia porque é que ela parecia tão chocada; nem sempre tinham sido cuidadosos. Mas sentiu um peso imenso a sair-lhe de cima dos ombros e deu uma gargalhada, depois inclinou-se e encostou os lábios aos dela, ao mesmo tempo que a sua mão deslizava até ao decote dela, bem fundo, e teve a sensação de que ela não estava a usar sutiã, apesar de lhe fazer falta. Deu-lhe um aperto e ela susteve a respiração, depois empurrou-a para o canto do celeiro e deitou-a sobre a palha, sem nunca tirar os lábios dos dela. Descalçou as botas, de alguma maneira. Despiu o fato-macaco e a roupa interior, tudo num só movimento. Linnie estava a tentar despir as cuecas e assim que ele a começou a ajudar ouviu... não foram palavras,

mas uma espécie de mugido, semelhante ao som de um touro, e depois:

«Minha Nossa Senhora!»

Ele virou-se e pôs-se de pé. Um homem magricelas vinha lançado na sua direção com os braços esticados, mas Junior deu um passo para o lado. O homem caiu em cima da charrua e endireitou-se rapidamente.

«Clifford!», rugiu. «Brandon!»

Junior teve a estranha sensação de que o homem estava a experimentar vários nomes para ver qual seria o dele, mas depois ouviu uma voz vinda do lado da casa:

«Paizinho?»

«Vem cá já! Traz uma arma!»

«Paizinho, espera, não estás a perceber», disse-lhe Linnie.

Todavia, o homem estava demasiado ocupado a tentar colocar as mãos à volta do pescoço de Junior. Ocorreu-lhe que ele lhe devia ter dado um minuto para tornar a vestir o fato-macaco; agora estava em desvantagem. Libertou-se dos dedos do Sr. Inman sem grande dificuldade, mas quando se virou para apanhar a roupa, o homem agarrou-o de novo. Então:

«Alto!», gritou alguém e ele virou a cabeça e viu dois rapazes parados na entrada, a apontarem-lhe duas espingardas *Winchester*.

Ficou petrificado.

«Dá cá isso», ordenou o Sr. Inman e o rapaz mais novo deu um passo em frente e estendeu-lhe a espingarda.

O Sr. Inman recuou o suficiente para pôr o comprimento da espingarda entre si e Junior, depois engatilhou-a e disse a Junior:

«Vira-te.»

Junior virou-se e ficou de frente para os dois rapazes, que pareciam mais curiosos do que zangados. Tinham os olhos

postos nos seus genitais. Junior sentiu o círculo frio e perfeito da boca da espingarda mesmo no centro do pescoço. Então levou uma estocada.

«Em frente», ordenou-lhe o Sr. Inman.

«É possível deixar-me...»

«Em frente!»

«Posso só ir buscar a minha roupa, senhor?»

«Não, não podes ir buscar a tua roupa. Se podes ir buscar a tua roupa...! Começa a andar. Sai do meu celeiro, pira-te da minha propriedade e desaparece deste *estado*, estás a ouvir?! Porque, se amanhã de manhã ainda cá estiveres, chamo a polícia, juro-te por Deus. Devia fazê-lo neste instante, só que não quero que a minha família passe pela vergonha.»

«Mas, paizinho, ele está em pelota», protestou Linnie.

«Tu cala-te», disse-lhe o Sr. Inman.

Bateu com a espingarda ainda com mais força na parte de trás do pescoço de Junior e este cambaleou para a frente, lançando um último olhar desesperado para o monte da sua roupa em cima da palha. A ponta de uma das suas botas espreitava por baixo da pilha.

O pátio encontrava-se às escuras, mas a lâmpada por cima da porta das traseiras da casa iluminava-o claramente, apercebeu-se ele, porque as pessoas que se estavam a acumular na varanda arquejaram e murmuraram — mulheres, dois homens e uma série de crianças de todas as idades, com os olhos arregalados do tamanho da Lua, os rapazes a acotovelarem-se uns aos outros.

Foi com alívio que saiu desse círculo de luz e entrou na escuridão aveludada e profunda adiante. Com uma última estocada com a boca da espingarda, o Sr. Inman deteve-se e deixou Junior continuar sozinho.

Não andava descalço desde a escola primária. Cada pedaço de pau e de pedra fazia-o encolher-se.

Ao lado da propriedade dos Inman ficava um arvoredor, uma espécie de matagal carregado de roseiras bravas que lhe arranhavam a pele despida, mas sempre era melhor do que a estrada aberta, onde as luzes dos faróis o iluminariam. Encontrou uma árvore de tamanho médio atrás da qual se pôde esconder, perto o suficiente para conseguir vislumbrar partes das janelas iluminadas dos Inman por entre os arbustos. Tinha esperança de que Linnie Mae acabasse por aparecer com a sua roupa.

Mosquitos zuniram-lhe aos ouvidos e rãs coaxaram. Ele mudou o peso do corpo de um pé para o outro e enxotou algo leve como uma pena, provavelmente uma traça. O seu batimento cardíaco normalizou.

Linnie não apareceu. Calculava que a tivessem trancado no quarto.

Ao fim de algum tempo despiu a camisa e atou as mangas à volta da cintura com o corpo da camisa pendurado à frente, como se fosse um avental. Em seguida, saiu de trás da árvore e dirigiu-se para a estrada. A berma estava cheia de pedras, pelo que caminhou no asfalto, que era plano e ainda se encontrava ligeiramente quente do calor de um dia inteiro de sol. A cada passo que dava ficava à escuta do som de um automóvel. Se fosse o carro dos Moffat, precisava de lhes fazer sinal. Já estava a imaginar as gémeas a fazerem troça dele logo que o vissem.

A dada altura ouviu um zunzum ténue adiante e vislumbrou uma espécie de resplendor no horizonte. Agachou-se atrás dos arbustos por precaução e ficou à coca, mas a estrada continuou vazia e o resplendor desapareceu. Fosse o que fosse, devia ter-se apagado algures. Regressou à estrada.

Se os Moffat aparecessem realmente, seria ele capaz de reconhecer o carro a tempo? Ou iria confundi-lo com outro

carro qualquer e seria apanhado sem calças por um estranho?

Aquele era o tipo de situação sobre o qual os homens com quem ele trabalhava costumavam fazer piadas, mas quando tentava imaginar-se a contá-lo a alguém, não era capaz. Para começar, a rapariga tinha treze anos. Esse facto só por si mudava muita coisa.

A Sawyer Road demorou tanto tempo a aparecer que ele começou a recear já ter passado por ela. Era capaz de jurar que era mais perto. Atravessou para o outro lado da estrada para se certificar de que não passaria por ela sem o saber, apesar de o outro lado ter arbustos mais rasteiros e ser mais fácil avistá-la. Ouviu o som de asas por cima de si, seguido do pio de uma coruja, o que, por alguma razão, o reconfortou.

Muito, mas mesmo muito depois do que estava à espera, alcançou a faixa estreita da Sawyer Road e virou para a mesma. O chão de gravilha era doloroso, mas há muito que ele tinha deixado de se contrair enquanto caminhava. Avançou com passos pesados, de uma forma obstinada, retirando um estranho prazer do facto de as plantas dos seus pés estarem provavelmente cheias de cortes.

Esperava que Linnie tivesse arranjado maneira de sair de casa e que estivesse no meio do pátio a chamar «Junior? Junior?» e a torcer as mãos. Boa sorte para ela, porque não voltaria a pôr-lhe a vista em cima enquanto fosse viva. Se ao menos ela não se tivesse apercebido de que ele tinha sido apanhado sem o fato-macaco, talvez a tivesse conseguido perdoar, mas dissera «Paizinho, mas ele está em pelota!» e agora qualquer sentimento, por mais pequeno que fosse, que ele nutrisse por ela tinha-se dissipado para sempre.

Não sabia que horas eram quando alcançou finalmente a Seven Mile Road. Caminhou no meio da estrada, onde o

asfalto era mais liso, mas os seus pés já estavam tão massacrados que mesmo isso era uma tortura.

Quando chegou a casa, o céu começava a clarear, ou se calhar ele tinha-se transformado numa espécie de animal com visão noturna. Empurrou com o pé o cão que dormia, abriu a porta de rede e entrou para a escuridão bafienta ao som de roncos. No quarto despiu a camisa que trazia atada à cintura, foi às apalpadelas até ao roupeiro e retirou um par de cuecas. Vesti-las foi a melhor sensação do mundo. Deixou-se cair em cima dos lençóis revoltos, ao lado de Jimmy, e fechou os olhos.

Mas não para dormir. Oh, não. Durante todo o caminho até casa ansiara por dormir, mas agora estava completa e eletricamente acordado, vendo imagens vívidas a passarem-lhe na mente. Os convivas da festa boquiabertos na varanda. As suas pernas brancas e magras sem calças. O rosto imbecil de Linnie com o queixo descaído.

Ele está em pelota!

Odiava-a.

Durante os seus primeiros meses em Baltimore, essas imagens faziam-no estremecer e sacudir bruscamente a cabeça para o lado, numa tentativa de as afastar da mente. Aos poucos, porém, começaram a ser menos claras. Ele agora tinha outras coisas em que pensar. Safar-se, por exemplo. Perceber como é que a vida funcionava. Adaptar-se ao aspeto inquietante do horizonte nessas bandas — a amálgama de edifícios baixos e muito próximos uns dos outros para onde quer que se virasse, a falta das amplas montanhas de cor púrpura erguendo-se à distância e que lhe conferiam a sensação de proteção.

A certa altura, ocorreu-lhe que era muito pouco provável que o Sr. Inman tivesse chamado a polícia. Como o próprio homem tinha dito, não queria que a família passasse pela vergonha. Provavelmente teria bastado que Junior se

tivesse mantido afastado por uns tempos e quem sabe ter-se envolvido numa ou duas brigas caso aparecesse no local errado. Mas essa tomada de consciência não o levou a fazer as malas e regressar a casa. Primeiro, porque tinha tido uma facilidade surpreendente em deixar a família para trás. A mãe era a única pessoa de quem ele gostava e tinha morrido quando ele tinha doze anos. O pai transformara-se numa pessoa má depois disso e Junior nunca fora próximo dos irmãos ou da irmã, que eram consideravelmente mais velhos do que ele. (Teria ele, no fundo, andado simplesmente à procura de uma desculpa para os deixar a todos?) Mas mais importante ainda: por essa altura já ele tinha arranjado trabalho. Trabalho *digno de orgulho*, do tipo que dá vontade de sair da cama todas as manhãs.

Quando perguntara sobre o paradeiro de Trouble na serração naquele dia, tinha em mente a hipótese de poder trabalhar para ele. Trouble sempre lhe parecera uma pessoa interessante. Levava o trabalho em madeira muito a sério. Aliás, a alcunha dele não era por acaso: assim que a sua carrinha aparecia na serração ouviam-se resmungos bem-humorados dos trabalhadores, porque sabiam que ele iria inspecionar minuciosamente cada tábuia. Não podiam ter orifícios deixados pelos nós, nem pontas mastigadas ou uma textura desagradável à vista. (Era essa a expressão que ele empregava: «desagradável à vista».) Construía elegantes peças de mobiliário, daí a exigência. Tinha trabalhado numa fábrica em High Point, mas despedira-se repugnado e montara o seu próprio negócio em Parryville, a terra natal da família da mulher. E em mais do que uma ocasião tinha dito aos trabalhadores da serração que o melhor seria desistir de Parryville também e partir rumo a norte, onde havia um maior mercado para o seu tipo de produto.

Como tal, quando Junior apareceu em casa do cunhado na manhã do dia em que saiu de casa (calçado com os sapatos de atacadores de ir à missa que lhe faziam doer ainda mais os pés massacrados), perguntou se podiam parar na serração antes de deixarem a cidade. A única coisa que conseguiu na serração foi a referência a Baltimore, mas teria de chegar. Tornou a entrar na carrinha e seguiram em direção à bomba de gasolina da Autoestrada 80.

«Diz ao resto da família que depois lhes envio um postal, assim que souber onde vou ficar», pediu ele, ao sair do veículo. Raymond ergueu uma mão do volante e depois fez marcha-atrás para voltar à estrada, e Junior entrou na estação de comboios para procurar alguém que fosse para norte.

Tinha um saco de papel com duas mudas de roupa, uma lâmina de barbear e um pente, e vinte e oito dólares no bolso.

Mas devia ter calculado que Trouble não o iria querer contratar. Trouble gostava de trabalhar sozinho. (E, fosse como fosse, faltava-lhe possivelmente dinheiro para pagar a um ajudante.) Depois de Junior ter passado dois dias à procura da loja dele, o homem nem sequer lhe oferecera um copo de água, apesar de ter sido muito educado.

«Trabalho? Trabalho de serração, queres tu dizer?», perguntara ele, sem tirar os olhos da parte da frente da gaveta que estava a biselar.

Junior respondera:

«Tinha em mente algo que exigisse alguma técnica. Tenho jeito para construir coisas. Gostava de fazer algo do qual me pudesse orgulhar mais tarde.»

Nesse instante, Trouble parou de biselar. Ergueu o olhar para Junior e disse-lhe:

«Bem, conheço um construtor nestas bandas que me parece muito talentoso. Chama-se Clyde Ward; às vezes faço armários de cozinha para ele. Posso dizer-te onde é que o podes encontrar.» Sugeriu-lhe também a pensão da Sra. Davies como residência, o que muito aliviou Junior, pois encontrava-se hospedado num hotel para marinheiros perto do cais, onde contavam que ele cantasse hinos todas as noites.

Depois disso, nunca mais tornou a ver Trouble. Mas alugou um quarto na pensão da Sra. Davies, numa casa de três andares em Hampden que em tempos devia ter pertencido ao proprietário de uma fiação, ou pelo menos ao gerente da mesma, e foi trabalhar para Clyde Ward, o construtor mais rigoroso que alguma vez conheceu. Foi com o Sr. Ward que aprendeu o grande prazer de fazer as coisas bem.

Enviou realmente um postal à família, mas esta nunca lhe respondeu e ele não tornou a enviar mais nenhum. Não havia problema; nem sequer pensava neles. E também não pensava em Linnie Mae. Ela era uma pessoa minúscula e indistinta escondida algures no fundo da sua mente, juntamente com outra pessoa, o seu *eu* anterior — essa pessoa sem qualquer relação com a pessoa atual e que todos os fins de semana tinha andado na pândega e que gastara todo o dinheiro em cigarros, raparigas fáceis e uísque de contrafação. O novo Junior tinha um plano de vida. Um dia seria o patrão de si mesmo. A sua vida era uma estrada reluzente e completamente a direito, agora com um destino bem definido, e de certa forma sentia-se grato por Linnie o ter posto nesse caminho.

CAPÍTULO DOZE

A primeira coisa que Linnie fez em Baltimore foi arranjar maneira de ambos serem expulsos.

Durante a noite, Junior tinha acordado duas vezes — a primeira vez com o coração a bater furiosamente porque pressentira a presença de alguém no quarto, mas depois apercebera-se de que estava deitado na poltrona e pensara: «Ah, é só a Linnie», o que era um alívio, dadas as circunstâncias; e a segunda vez foi quando acordou sobressaltado de um repouso sem sonhos mas com a realização súbita de que, quando Linnie tinha dito que já era maior de idade, provavelmente estaria a referir-se ao facto de já ter idade para casar. «Ela faz-me lembrar... faz-me lembrar um daqueles macacos», pensou ele, «com os braços muito apertados à volta do pescoço do tocador de realejo.» Dessa vez ficara várias horas sem conseguir voltar a adormecer.

Não obstante, acordou cedo, tanto por uma questão de inclinação natural como também porque havia sempre uma grande agitação na casa de banho todas as manhãs. Vestiu-se e foi-se barbear, e depois regressou ao quarto e deu uma palmadinha no ombro ossudo de Linnie.

— Levanta-te — disse-lhe.

Ela virou-se e fitou-o. Junior teve a sensação de que ela já se encontrava acordada há algum tempo; tinha os olhos bem abertos.

— Não podes ficar aqui enquanto eu vou trabalhar — disse-lhe. — Tens de te ir embora. Há uma rapariga que vem fazer a limpeza todas as manhãs.

— Oh — retorquiu ela. — Está bem. — Sentou-se na cama, afastou as mantas e deslizou os pés para o chão. Envergava uma camisa de noite que seria melhor para o verão, uma espécie de combinação de algodão branco que

mal lhe cobria os joelhos. Era a primeira vez que ele a via sem a roupa de inverno e apercebeu-se de que ela tinha mudado mais do que julgara inicialmente. Embora continuasse magra, tinha perdido o ar apalermado. As barrigas das pernas e os braços estavam mais curvilíneos.

Quando ela se levantou, ele desviou o olhar para não a ver a vestir-se e dirigiu-se para a cómoda. Uma pequena caixa de lata de papas de aveia estava pousada em cima da mesma; abriu-a e retirou um pedaço de pão que tinha mantido resguardado dos ratos. Em seguida, abriu a janela de guilhotina e alcançou o leite.

— Pequeno-almoço — disse ele a Linnie.

— O teu pequeno-almoço é isso? A tua senhoria não te dá pequeno-almoço?

— A mim não. Aos outros sim, porque podem pagar pelo serviço completo, mas eu não.

Fechou a janela, tirou a tampa da garrafa de leite e bebeu um trago. (Havia algo de prazeroso na forma como exibia o modo como lidava bem com a adversidade.) Em seguida, estendeu a garrafa para Linnie, tendo o cuidado de não olhar para ela, e sentiu-a a aceitá-la.

— Mas e quando o tempo está quente? — perguntou ela.
— Como é que evitamos que o leite azede quando estiver calor?

«Evitamos»? Ele tornou a sentir o pânico do tocador de realejo, mas respondeu-lhe com toda a serenidade.

— Quando faz calor, bebo coalho de leite — replicou. — Não há que enganar.

A garrafa de leite tocou-lhe no cotovelo e ele aceitou-a, estendendo-lhe uma fatia de pão em troca, sempre com o rosto virado para a janela, onde o fumo pairava sobre as chaminés lá fora, como se estivesse demasiado frio para se dispersar. Nessa noite guardaria o leite dentro do quarto; não queria que este congelasse por completo.

Linnie Mae estava agora a abrir os fechos da mala, a julgar pelo som que se ouvia. Junior dobrou a fatia de pão em quatro para a comer mais depressa, deu-lhe uma valente dentada e mastigou obstinadamente, ao mesmo tempo que escutava o roçar atrás de si. Depois ouviu o clique da fechadura da porta e virou-se de repente. Ela estava com a mão na maçaneta, pronta para abrir a porta, e ele correu para ela e lançou-se para a frente. Linnie ficou assustada, percebeu ele. Recuou como se julgasse que ele lhe fosse bater, o que ele jamais teria feito, mas, mesmo assim, ainda bem que ela tinha percebido que não estava para brincadeiras.

— Onde é que pensas que vais? — perguntou-lhe ele.

— Tenho de ir à casa de banho.

— Não podes. Ainda te veem.

— Mas preciso de fazer chichi, Junior. Estou muito aflita.

— O café ao fundo da rua tem casa de banho — explicou-lhe ele. — Veste o casaco; vamos embora. Eu mostro-te onde fica o café. — Ela estava a usar o que parecia ser um vestido de verão, cintado e com manga curta. Seria possível que na terra deles já não houvesse inverno? E nos pés tinha os mesmos sapatos de salto alto. — E calça uns sapatos mais quentes também — disse-lhe.

— Não trouxe sapatos mais quentes — respondeu ela.

Mas o que é que ela teria na cabeça?

— Então vem tal como estás — retorquiu ele. — É demasiado arriscado servires-te desta casa de banho; é utilizada por seis homens todas as manhãs.

Ela foi buscar o casaco ao roupeiro e vestiu-o tão meticulosamente que parecia que estava decidida a irritá-lo, e depois retirou a mala da prateleira do roupeiro. Entretanto, Junior tornou a colocar o leite do lado de fora da janela, depois vestiu o casaco e dirigiu-se para a cama. A mala continuava pousada em cima da mesma,

completamente aberta de uma forma descarada, e ele fechou-a e depois agachou-se para a enfiar debaixo da cama, encostando-a praticamente à parede do fundo. Após um último olhar em redor do quarto, disse:

— Pronto, podemos ir.

Espreitou à porta primeiro, para se certificar de que não havia ninguém no corredor. Fez-lhe sinal para ela sair primeiro e trancou a porta atrás deles, depois percorreram o corredor e desceram os dois lanços de escadas sem se cruzarem com ninguém. Atravessaram o átrio, a parte mais perigosa da operação, mas a porta da saleta permaneceu fechada. Junior ouviu o tilintar de louça e sentiu o odor a café. Não era homem de beber café, mas o cheiro dava-lhe sempre vontade de o beber — ou de tomar o pequeno-almoço na companhia de outras pessoas, com um feixe de luz matinal difundido sobre a toalha de mesa.

No passeio da rua, o ar frio atingiu-o inicialmente como uma bênção. (O terceiro piso acumulava todo o calor do edifício.) Junior parou e apontou para o cruzamento com a Dutch Street, onde era visível o letreiro de um café.

— Mas e se ainda não estiver aberto? — perguntou-lhe Linnie. Já não estava a falar em voz baixa, apesar de eles se encontrarem imediatamente debaixo da janela da saleta da Sra. Davies.

— Está aberto, sim. Isto é um bairro de gente trabalhadora.

— E depois? Para onde é que vou?

— Isso é um problema *teu* — respondeu ele.

— Não posso ir contigo para o teu trabalho? Podia ajudar-te, talvez. Sei martelar e serrar.

— Não é boa ideia — disse ele.

— Então posso esperar no teu carro! Não posso ficar o dia todo na rua ao frio!

Ela estava posicionada demasiado próximo dele, com o rosto erguido para o encarar. Ele sentia o fôlego quente dela e o odor de quem tinha estado a dormir. O cabelo tinha um aspeto despenteado e desmazelado, e o nariz estava rosado.

— Devias ter pensado nisso antes de vires para cá — retorquiu ele. — Vai sentar-te na estação de comboios ou algo do género. Apanha o elétrico para cima e para baixo. Encontramo-nos à frente do café pouco depois das cinco.

— Das cinco!

— Nessa altura falamos sobre os teus planos.

Ele percebeu pela forma como ela desfranziu a testa que achava que ele estava a referir-se aos planos *de ambos*. Mas não se deu ao trabalho de a elucidar.

O trabalho que andava a fazer nessa semana era para o casal de idosos que morava em Homeland: pôr o chão de um sótão por terminar e transformar um respiradouro do sótão numa janela. Arranjara-o da mesma forma que arranjava a maior parte dos trabalhos nos últimos tempos: indo de carro até um dos bairros mais ricos e batendo à porta das pessoas. No porta-luvas guardava uma carta de referência que o Sr. Ward escrevera quando a Ward Builders tinha sido forçada a encerrar, mas por norma as pessoas acreditavam na palavra de Junior de que sabia o que estava a fazer. Fazia questão de vestir roupa limpa e de se barbear todos os dias, de falar de forma respeitosa e de fazer os possíveis por falar corretamente. Depois, assim que conseguia o trabalho, ia de carro buscar todos os materiais de que iria necessitar; tinha um acordo de crédito com um fornecedor de construtores civis em Locus Point. Regressava com o *Essex* carregado qual formiga debaixo de uma migalha gigantesca. A melhor decisão da sua vida fora a aquisição desse *Essex*. Muitos trabalhadores tinham de transportar o material no elétrico (pagar um valor adicional

pelos metros de tubos ou de madeira e pedir ajuda ao motorista para os prender ao exterior do elétrico), mas Junior não.

Esse trabalho em concreto não era particularmente interessante, mas era muito mais lucrativo do que as prateleiras de lareira talhadas à mão e as estantes de bibelôs embutidas dos tempos do Sr. Ward. A filha mais velha do casal ia voltar para casa com os quatro filhos e o marido, que tinha perdido o emprego, e o sótão era o local onde as crianças iriam dormir. Além do mais, Junior sabia que, mais cedo ou mais tarde, as coisas acabariam por melhorar. As gentes dessas bandas voltariam a querer as suas prateleiras de lareira e as suas estantes de bibelôs embutidas, e ele seria a pessoa que eles se lembrariam de chamar.

As pessoas em Homeland tinham um certo espírito de clã, mas esse casal de idosos era muito simpático e às vezes a senhora chamava-o do fundo das escadas para lhe dizer que tinha deixado uma coisinha para o almoço dele. Nesse dia deixou-lhe uma sandes de ovo cortada na diagonal, pelo que ele comeu uma metade e embrulhou a outra metade no seu lenço para levar mais tarde para Linnie. Apesar de estar ansioso por se livrar dela, não era nada mau saber que tinha alguém, algures, à sua espera.

Junior não tinha tido muita sorte com as raparigas de Baltimore, para dizer a verdade. As raparigas do Norte eram mais difíceis. Mais complicadas de perceber e com personalidades mais inflexíveis também.

Saiu do trabalho ligeiramente mais cedo, mais perto das quatro e meia do que das cinco.

Encontrou um sítio para estacionar meio quarteirão mais à frente da pensão da Sra. Davies — uma das vantagens de sair do trabalho àquela hora. Quando estava a fazer a manobra, olhou para trás para a pensão, e o que viu ele se

não o chapéu de feltro antiquado e molengão com Linnie Mae por baixo dele, embrulhada num enorme casaco de ganga e sentada nos degraus da pensão da Sra. Davies com todo o à-vontade do mundo. Não sabia o que era mais inquietante: o facto de ela se ter mostrado em público daquela maneira ou ter conseguido ir buscar aquele chapéu, que não estava a usar nessa manhã, e o casaco de ganga que estava pendurado no fundo do roupeiro dele, à espera que viesse o tempo mais quente. Como é que ela o teria conseguido? Teria regressado ao quarto? Teria arrombado a fechadura dele ou algo do género?

Bateu a porta do carro com toda a força ao sair, e ela ergueu o olhar na direcção dele e sorriu.

— És tu! — exclamou.

— Mas que raio, Linnie...?!

Ela pôs-se de pé, apertando mais o casaco à sua volta. Por baixo envergava o seu próprio casaco.

— Não fiques zangado, Junie — disse ela, assim que ele se aproximou.

— Tinha ficado combinado esperares na esquina.

— Eu *tentei* esperar na esquina, mas não havia sítio para me sentar.

Junior agarrou-a pelo cotovelo, com toda a força, e afastou-a dos degraus, ficando ambos parados diante da porta da casa ao lado.

— Como é que tens o meu casaco vestido? — perguntou-lhe.

— Bem — começou ela por dizer —, foi o seguinte: primeiro fui ao café para ir à casa de banho, mas eles disseram-me que não podia porque não tinha consumido nada. Por isso disse-lhes que iria beber um chocolate quente e depois sentei-me a beber o chocolate quente, durante imenso tempo; bebia um bocadinho de meia em meia hora ou isso. Mas eles foram muito pouco

hospitaleiros, Junior. Passado algum tempo disseram que precisavam do meu banco. Por isso vim-me embora e fartei-me de caminhar, e depois encontrei um sítio com um banco corrido e sentei-me um bocadinho, e depois eu e uma velhota começámos a falar e ela disse-me que havia uma fila de distribuição de pão três ruas mais à frente; que devia ir com ela porque ela ia para lá; que era preciso ir cedo para a fila, caso contrário a comida esgotava-se. Ainda não eram dez, ou dez e meia, mas ela disse que devíamos ir logo para marcarmos os nossos lugares na fila. Eu ainda lhe respondi: «Fila para o pão!» e «Caridade?». Mas depois fui com ela porque pensei, bem, pelo menos há de estar quentinho lá dentro. Ficámos na fila quase uma eternidade; tantas pessoas lá connosco e algumas delas eram crianças, Junior, e eu deixei de sentir os pés; pareciam dois blocos de gelo. E depois, quando chegou a hora de o sítio abrir, sabes o que é que aconteceu? Não nos deixaram entrar. Saíram para o alpendre e estenderam uma sandes embrulhada em papel de cera a cada pessoa, duas fatias de pão com um pedaço de queijo no meio. Perguntei à velhota que estava comigo: «Não nos vão deixar sentar em algum sítio?» «Sentar!», disse ela. «Já temos sorte em ter alguma coisa para meter no bucho. A cavalo dado não se olha o dente», disse ela. E eu pensei: «Bem, ela tem a sua razão. Nós é que estamos a pedir.» Pensei: «Acabei de estar numa fila para o pão a pedinchar o meu almoço a estranhos», e comecei a chorar. Deixei lá a velhota e caminhei sei lá para onde, a comer a minha sandes e a chorar, e às tantas já não sabia onde é que estava, nem onde ficava o café à frente do qual tinha combinado encontrar-me contigo, e a sandes era seca como serradura, para que saibas, e só me apetecia beber um pouco de água e parecia que me estavam a espetar facas nos pés. E depois olhei para cima e o que é que vi? A pensão da senhora Davies. Foi como se tivesse

visto a minha casa, depois de tudo o que tinha passado. E pensei: «Bem, ele disse-me que a rapariga fazia a limpeza de manhã.» Como já não era de manhã...

Junior resmungou.

— ... entrei e o átrio estava tão quentinho e acolhedor! Subi as escadas sem que ninguém me visse, fui ao teu quarto e tentei abrir a porta, mas estava trancada.

— Já sabias que sim — respondeu Junior. — Viste-me a trancá-la.

— Ai vi? Bem, já não sei; devia estar distraída. Fizeste-me sair tão à pressa... Bem, e depois pensei: «Vou ficar aqui sentadinha à espera. Pelo menos está quentinho», e sentei-me no chão em frente à porta do teu quarto.

Ele tornou a resmungar.

— Quando dei por isso ouvi: «Ah!» Devo ter adormecido. «Ah!», ouvi eu, e vi uma rapariga de cor parada à minha frente, com uns olhos que pareciam duas luas. «Miss Davies! Venha cá rápido! Um ladrão!», gritou ela. Quando via perfeitamente que eu estava bem vestida. A senhora Davies ouviu-a e veio a correr, subiu as escadas sem fôlego e disse: «Explica-me já o que é que estás aqui a fazer!» Pensei que, sendo ela mulher, talvez tivesse bom coração. Lancei-me aos pés dela. «Senhora Davies», disse-lhe eu, «vou ser sincera consigo: cheguei agora da minha terra para vir ver o Junior porque nós os dois estamos apaixonados. Mas está tanto frio lá fora, nem imagina, apanhei tanto frio o dia inteiro e ainda só bebi um chocolate quente e comi uma sandes que fui buscar à fila para o pão, e um bocadinho de leite do parapeito do Junior, e uma fatia do pão dele...»

— Meu Deus, Linnie — exclamou Junior, com desdém.

— O que é que eu podia dizer? Achei que, sendo ela mulher... não pensarias o mesmo? Pensei que ela me respondesse: «Oh, pobrezinha. Deves estar completamente

gelada.» Mas ela foi má comigo, Junior. Eu devia ter percebido logo, por causa do cabelo pintado dela. «Rua!», disse-me. «Tu e ele, os dois! Eu aqui a pensar que o Junior Whitshank era um trabalhador decente!», disse ela. «Podia ter recebido uma renda muito mais alta de outra pessoa que comesse cá as refeições, mas deixei-o ficar, eu no meu bom espírito cristão, e é assim que ele me agradece? Rua», disse ela. «Isto aqui não é nenhum bordel», e depois tirou o molho de chaves que trazia pendurado no cinto, destrancou a tua porta e disse: «Pega nas tuas coisas, nas tuas e nas dele, e fora daqui.»

Junior levou a mão à testa.

— Depois ficou ali especada como se eu fosse uma criminosa, Junior, a ver-me empacotar as coisas. E a rapariga de cor especada ao lado dela, com os olhos ainda do tamanho de duas luas. O que é que elas pensavam que eu ia roubar? O que é que eu haveria de *querer* roubar? Não encontrei nenhuma mala tua, por isso perguntei-lhe, de uma forma muito educada: «Senhora Davies, acha que me pode emprestar uma mala de cartão, que eu prometo que lha devolvo mais tarde?» Mas ela respondeu: «Ah! Como se eu fosse confiar em ti!» Como se uma mala de cartão valesse alguma coisa. Tive de pôr as tuas coisas dentro de um dos teus fatos-macaco e atá-lo, porque não tinha mais nada.

— Embalaste todos os meus pertences? — perguntou-lhe Junior.

— Tudo num enorme fardo atado. E depois tive de...

— Guardaste a minha lata de *Prince Albert*?

— Guardei tudo o que tinhas, já te disse.

— Sim, mas e guardaste a minha lata de *Prince Albert*, Linnie?

— Guardei a tua lata de *Prince Albert*, sim. Porque é que estás a fazer tanto alarido por causa disso? Pensava que

fumavas *Camel*.

— Agora já não fumo nada — replicou ele, num tom amargo. — É demasiado caro.

— Então porque é que...?

— Vamos lá ver uma coisa — disse-lhe ele. — Quer dizer que já não tenho onde morar, é isso?

— É, e eu também não. Achas isto normal? Fazias ideia de que ela era assim tão megera? E depois tive de trazer aquilo tudo para a rua: a minha mala e aquele fardo enorme e a tua caixa de lata com o pão lá dentro e... oh, Junior! A tua garrafa de leite! Esqueci-me da tua garrafa de leite! Desculpa!

— Estás a pedir-me desculpa por *isso*?

— Eu depois compro outra para nós. O leite estava a dez cêntimos numa das lojas por que passei. Tenho dez cêntimos, à vontade.

— Estás-me a dizer que esta noite vou dormir na rua — disse Junior.

— Não, espera aí; deixa-me acabar. Lá estava eu, a arrastar os nossos pertences, a descer a rua a chorar, e estava à procura de um letreiro que dissesse «Quarto Aluga-se», mas não vi nenhum, por isso acabei por ir bater à porta de uma senhora e disse-lhe: «Se faz favor, eu e o meu marido ficámos sem casa e não temos onde ficar.»

— Pois, isso deve ter dado um grande resultado — respondeu-lhe Junior. (Nem se deu ao trabalho de abordar a parte do «marido».) — Metade do país está na mesma situação.

— Tens razão — disse Linnie, num tom jovial. — Não deu resultado, nem com ela nem com a senhora com quem falei a seguir, apesar de terem sido muito simpáticas. «Lamento, minha querida», disseram elas, e uma das senhoras ofereceu-me um quadrado de bolo de gengibre, mas eu ainda estava cheia por causa da sandes da instituição de

caridade. Por essa altura já estava na Dutch Street. Virei à esquerda junto do café e, claro, nem me dei ao trabalho de lhes perguntar a eles, não depois da forma como me trataram. Mas a senhora com quem falei a seguir disse que nos acolheria.

— O quê?

— E olha que o quarto é ainda mais agradável do que o teu. Tem uma cama maior, por isso já não precisas de dormir na poltrona. Não tem cómoda, mas tem uma mesa de cabeceira com gavetas e um roupeiro. A senhora deixou-me ficar com o quarto porque o marido está desempregado e ela tem andado a pensar em mandar o filho pequeno para morar com a irmã, para poderem arrendar o quarto dele por cinco dólares por semana.

— Cinco dólares! — exclamou Junior. — Porquê tão caro?

— Achas caro?

— Na pensão da senhora Davies pago quatro.

— Ai, sim?

— É com as refeições incluídas? — indagou Junior.

— Bem... não.

Junior lançou um olhar saudoso na direção da pensão da Sra. Davies. Por uma fração de segundo ainda pôs a hipótese de subir os degraus e tocar-lhe à campainha. Talvez pudesse chamá-la à razão. Ela sempre parecera simpatizar com ele. Dissera-lhe para a tratar por Bess, inclusivamente, mas isso teria sido algo despropositado da parte dele; ela devia estar na casa dos quarenta. E na última véspera de Natal convidara-o à sua saleta para tomar um copo de algo especial (como ela lhe chamara) que ela tinha comprado na loja das tintas, mas isso fora algo constrangedor porque, apesar de Junior sentir falta de pessoas com quem conversar, por alguma razão com a Sra. Davies não lhe ocorrera uma única coisa para dizer.

Talvez pudesse fingir que ia devolver a chave do quarto e depois pudesse referir que mal conhecia Linnie Mae (o que era verdade, aliás), que ela não tinha nada que ver com ele, que se tratava apenas de uma rapariga da sua terra à procura de um sítio para ficar e que ele tinha tido pena dela.

Mas, enquanto olhava para a casa, uma pequena abertura na cortina da saleta fechou-se com um safanão zangado e ele percebeu que de nada serviria tentar.

Afastou-se na direção do *Essex* e Linnie caminhou atrás dele com um balanço a cada passo, quase como se estivesse aos saltinhos.

— Vais gostar da Cora Lee — disse ela. — É da Virgínia Ocidental.

— Ah, e já a tratas por Cora Lee, é?

— Ela acha que somos muito giros e aventureiros por estarmos aqui sozinhos, tão longe das nossas famílias.

— Linnie Mae — disse ele, detendo-se no passeio —, porque é que lhe disseste que era teu marido?

— Que outra coisa poderia dizer às pessoas? Achas que nos cederiam um quarto se não pensassem que éramos casados? Além do mais, eu *sinto-me* casada. Nem parecia que estava a contar uma história.

— Nestas bandas a isso chama-se «mentira» — respondeu-lhe ele. — Ninguém se põe com tretas e lhe chama «contar uma história».

— Pois, mas é mais forte do que eu. Na minha terra é falta de educação dizer «mentira», aliás como tu bem sabes. — Ela deu-lhe uma pequena cotovelada nas costelas e recomeçaram a andar. — Seja como for — continuou ela —, não se aplica nenhuma das duas, nem «mentira» nem «história». Sinceramente, sinto que eu e tu somos marido e mulher desde sempre, desde que nascemos até.

Junior não sabia por onde começar a refutar as palavras dela.

Tinham alcançado o carro e Junior contornou-o, entrou para o lugar do condutor e ligou o motor, deixando que Linnie Mae abrisse a porta do passageiro ela mesma. Se ela não fosse a única pessoa que sabia onde é que estavam todos os seus pertences, de boa vontade tê-la-ia deixado ficar para trás.

O novo quarto não era melhor do que o anterior. Era inclusivamente mais pequeno, numa casa de ripas de construção ilegal que pertencia ao operário de uma fábrica de fiação, cerca de cinco quarteirões a sul da pensão da Sra. Davies. A cama era de solteiro com um colchão abaulado, manifestamente mais larga do que a cama pequena da Sra. Davies, mas não muito, e havia uma mancha de água no teto junto à janela. Mas Cora Lee até era simpática (uma mulher roliça de cabelo castanho com trinta e poucos anos) e as primeiras palavras dela enquanto lhe mostrou o quarto foram:

— Se algo não estiver bem, é favor dizerem, porque nunca tivemos inquilinos e não sabemos bem como é que estas coisas se fazem.

— Bem — disse Junior —, no outro quarto estava a pagar quatro dólares. *Estávamos* a pagar quatro dólares.

Mas, a julgar pela forma súbita como o rosto de Cora Lee ficou estarrecido, ele percebeu que ela estava realmente a contar com os cinco dólares. Um homem mais astuto teria regateado mesmo assim, mas Junior não teve coragem para tal e mudou o assunto para a utilização da casa de banho. Cora Lee pareceu ficar novamente satisfeita. Agora que o marido estava desempregado, explicou, Junior poderia ser o primeiro a servir-se da casa de banho todas as manhãs. Linnie, entretanto, estava ocupada a endireitar a coberta

da cama, num gesto desnecessário. Era evidente que se sentia pouco à vontade a discutir questões relacionadas com dinheiro.

Assim que Cora Lee os deixou a sós, Linnie aproximou-se e pôs os braços à volta do pescoço dele, como se fossem casados de fresco ou algo semelhante, mas ele libertou-se dela e foi espreitar o roupeiro.

— Onde é que está a minha lata de *Prince Albert*? — perguntou-lhe.

— Juntamente com as tuas coisas da barba.

Ele tirou um saco de papel amarfanhado da prateleira do roupeiro. Lá estava a lata, com os rolos de notas ainda dobrados no interior. Tornou a arrumá-la.

— Temos de ir comprar qualquer coisa para o jantar — disse ele.

— Oh, eu quero levar-te a jantar fora.

— Onde?

— Viste aquele restaurante na esquina? Sam and David's Eatery. A Cora Lee diz que é muito asseado. O prato do dia é rolo de carne, vinte cêntimos cada.

— Ou seja, quarenta cêntimos no total — respondeu ele. — Uma daquelas latas altas de salmão da mercearia não custa mais do que vinte e três cêntimos e dura-me meia semana.

Embora não fosse durar meia semana para duas pessoas, apercebeu-se ele, e sentiu algo semelhante a medo ao pensar em ter de alimentar duas bocas em vez de uma.

— Mas eu quero comemorar contigo — insistiu Linnie. — É a nossa primeira noite juntos a sério; ontem à noite não contou. E quero ser eu a pagar.

Ele perguntou-lhe:

— Mas quanto dinheiro é que tens, afinal?

— Sete dólares e cinquenta e oito cêntimos! — exclamou Linnie, como se fosse motivo de orgulho.

Ele suspirou.

— Mais vale poupá-lo — disse-lhe.

— Só desta vez, Junie. Só hoje, na nossa primeira noite, pode ser?

— Importas-te de não me tratar por Junie? — pediu ele.

Mas já estava a vestir o casaco.

Lá fora, na rua, Linnie estava rejubilante, pendurada no braço dele e a falar incessantemente enquanto caminhavam. Contou-lhe que Cora Lee iria emprestar-lhes uma prateleira na geleira.

— No frigorífico — corrigiu-se a si mesma. — Têm um *Kelvinator*. Podemos guardar lá o nosso leite e um pouco de queijo, e depois, quando tiver mais confiança com ela, um dia peço-lhe para utilizar o fogão. No fim limpo tudo muito bem para ela mo deixar utilizar outra vez, e depois, quando dermos por isso, será como se a cozinha fosse nossa. Eu sei como é que a cozinha funciona.

Junior não duvidava.

— E vou arranjar trabalho também — disse ela. — Amanhã começo a procurar.

— Como é que vais fazer isso? — perguntou-lhe Junior. — Não é como se não houvesse milhares de homens adultos a palmilharem estas mesmas ruas à procura de qualquer trabalho que possam arranjar.

— Oh, eu hei de encontrar qualquer coisa. Espera e verás.

Ele afastou-se e continuou a caminhar longe dela. Sentia-se como se estivesse emaranhado em fios de caramelo: tirava-os dos dedos de uma mão e eles colavam-se-lhe aos dedos da outra. Mas tinha de pensar muito bem na sua jogada seguinte, pois precisava do quarto que ela lhes tinha arranjado. Partindo do princípio de que não conseguiria convencer a Sra. Davies a recebê-lo de volta.

O restaurante Sam and David's era minúsculo, com os pratos do dia registados a leite de cal na montra embaciada. O prato de rolo de carne a vinte cêntimos incluía pão e feijão-verde. Junior deixou que Linnie o arrastasse para o interior. Havia quatro mesas pequenas e um balcão com seis bancos altos; Linnie escolheu uma mesa, apesar de Junior ter preferido um lugar ao balcão. Os clientes sentados ao balcão eram homens sozinhos vestidos de fato-macaco, em contraste com as pessoas sentadas às mesas, que eram casais.

— Não és obrigado a comer o rolo de carne — disse-lhe Linnie. — Podes escolher algo mais caro.

— O rolo de carne é mais do que bom.

Uma mulher vestida com um avental acercou-se da mesa e encheu-lhes os copos com água, e Linnie olhou-a com um enorme sorriso e disse:

— Ora então, olá! Eu sou a Linnie Mae e este aqui é o Junior. Acabámos de nos mudar para este bairro.

— Ai, sim? — retorquiu a mulher. — Chamo-me Bertha. Sou a mulher do Sam. Aposto que estão hospedados na casa dos Murphy.

— Como é que sabe?

— A Cora Lee passou por cá e disse-me. Estava muito satisfeita por ter encontrado um jovem casal tão simpático. Eu disse-lhe: «Eles é que deviam ficar satisfeitos, acredita.» Não há cá gente mais decente do que a Cora Lee e o Joe Murphy.

— Deu para perceber — respondeu Linnie. — Eu percebi logo. Olhei para aquela cara simpática dela e percebi logo. Faz-me lembrar as pessoas da minha terra.

— Somos todos como as pessoas lá da terra — disse-lhe Bertha. — Porque nós *somos* as pessoas lá da terra. Hampden está cheia delas.

— Somos mesmo uns sortudos, então!

Junior estudou o preçário na parede atrás do balcão até elas pararem de falar.

Enquanto comiam o rolo de carne, que afinal sabia melhor do que tudo o que ele tinha comido nos últimos tempos, Linnie contou-lhe o plano dela para baixarem a renda do quarto.

— Pões-te à coca para o caso de veres alguma coisa que precise de conserto — disse-lhe ela. — Uma tábua do soalho solta, uma dobradiça descaída ou algo assim. E depois perguntas à Cora Lee se podes consertá-la. Mas não fales em dinheiro, nem nada disso.

— Não fales — corrigiu-a ele.

Ela fechou a boca com força.

— Tens de parar de falar como uma pessoa do campo, se queres adaptar-te à vida aqui — disse-lhe ele.

— Bem, e passados uns dias consertas outra coisa qualquer. Dessa vez não perguntes nada; conserta-a só. Ela vai ouvir as marteladas e aparecer a correr. «Espero que não se importe», dizes-lhe tu. «Reparei agora mesmo e foi mais forte do que eu.» É claro que ela vai dizer que não se importa nada; dá para perceber pela infiltração no nosso teto que o *marido* não tenciona consertar coisa nenhuma. Depois dizes: «Sabe, tenho estado aqui a pensar. Parece-me que você precisa de alguém para manter esta casa em condições e ocorreu-me que talvez pudéssemos chegar a uma espécie de acordo.»

— Acho que lhes faz falta o dinheiro vivo, Linnie — disse-lhe ele.

— Dinheiro vivo?

— Preferem deixar a casa desmoronar-se e *comerem* todos os dias, é o que estou a dizer.

— Mas como é possível? Continuam a precisar de um teto! Continuam a precisar de um telhado que não tenha infiltrações.

— Diz-me uma coisa: as pessoas não estão com dificuldades no condado de Yancey? — perguntou-lhe Junior.

— É claro que estão com dificuldades! Metade das lojas está fechada e toda a gente está desempregada.

— Então o que é que não entendes em relação aos Murphy? Devem estar a uma prestação de o banco lhes ficar com a casa.

— Oh — exclamou Linnie Mae.

— As coisas já não são como eram — explicou ele. — Ninguém está em posição de fazer acordos connosco. E ninguém te vai dar um emprego. Vais gastar os teus sete dólares e depois acaba-se, e eu não tenho como te sustentar, mesmo que quisesse. Sabes quanto é que tenho na minha lata de *Prince Albert*? Quarenta e três dólares. É tudo o que consegui poupar. Dantes eram cento e vinte dólares, antes de as coisas terem mudado. Passei dificuldades durante anos, mesmo quando as coisas estavam melhores; deixei de fumar, deixei de beber, alimentei-me pior do que os cães do meu pai e quando sentia o estômago muito vazio ia à mercearia e comprava um picle diretamente do barril por um *penny*; um bom picle com aroma a endro mata a fome a qualquer um. Eu era o inquilino mais antigo da senhora Davies e não era por gostar de partilhar a casa de banho com cinco homens, mas porque tinha as minhas ambições. Queria começar o meu próprio negócio. Queria construir casas de qualidade para pessoas que as soubessem apreciar; com telhas verdadeiras no telhado e azulejos verdadeiros nos pisos, estava farto de papel alcatroado e de linóleo. Teria homens talentosos a trabalhar para mim, o Dodd McDowell e o Gary Sherman da Ward Builders, conduziria a minha própria carrinha com o nome da firma de ambos os lados. Mas para isso

precisaria de clientes e hoje em dia não os há. E agora vejo que isso nunca vai acontecer.

— Mas é claro que vai acontecer! — respondeu-lhe Linnie. — Junior Whitshank! Tu pensas que eu não sei, mas sei: fizeste o secundário todo seguido e nunca tiraste menos do que um vinte. Trabalhas em carpintaria com o teu pai desde pequenino e toda a gente na serração dizia que sabias responder a qualquer pergunta que te fizessem. Oh, tu vais vingar na vida, sim!

— Não — respondeu ele —, as coisas já não funcionam assim. — E depois disse: — Tens de voltar para casa, Linnie.

Os lábios dela entreabriram-se.

— Para casa?

— Chegaste a terminar o secundário sequer? Não terminaste, pois não?

Ela ergueu o queixo, o que era resposta mais do que suficiente.

— E a tua família deve estar a interrogar-se sobre onde é que andas.

— Quero lá saber — retorquiu ela. — Seja como for, eles não querem saber. Sabes que eu e a minha mãe nunca nos demos bem.

— Ainda assim — retorquiu ele.

— E o meu pai não fala comigo há quatro anos e dez meses.

Junior pousou o garfo.

— O quê, nem uma palavra? — perguntou.

— Nem uma palavra. Se precisa que lhe passe o sal, diz à minha mãe: «Ela que me passe o sal.»

— Isso é mesmo maldoso — disse Junior.

— Oh, Junior, o que é que pensavas? Que me apanhavam com um rapaz no celeiro e no dia seguinte esqueciam tudo? Por uns tempos ainda pensei que voltasses para me ires

buscar. Costumava imaginar como seria. Aparecias na carrinha do teu cunhado enquanto eu descia a Pee Creek Road e dizias-me: «Entra. Vou levar-te para longe daqui.» Depois pensei que talvez me enviasses uma carta, com o dinheiro para o meu bilhete lá dentro. Teria feito as malas e partido nesse instante, se o tivesses feito! Não era só o facto de o meu pai não falar comigo, pois quase ninguém falava. Até os meus dois irmãos se comportavam de maneira diferente perto de mim e as raparigas que eram muito simpáticas comigo na escola estavam só a tentar aproximar-se, acabei por descobrir, para que lhes contasse os pormenores. Pensava que quando passasse para o secundário ninguém saberia de nada e eu pudesse começar de novo, mas é claro que toda a gente sabia, porque os miúdos que passaram juntamente comigo lhes contaram. «Olha ali a Linnie Mae», diziam eles. «Ela e o namorado desfilaram em pelota na festa do irmão dela.» Porque por essa altura já se contava a coisa dessa maneira.

— Falas como se a culpa tivesse sido minha — disse-lhe ele. — Tu é que começaste.

— Não vou dizer que não. Portei-me *mal*. Mas estava apaixonada. Ainda estou apaixonada! E sei que tu também estás.

Ele disse:

— Linnie...

— Por favor, Junior — pediu ela. Estava a sorrir, ele não sabia porquê, mas tinha os olhos cheios de lágrimas. — Dá-me uma oportunidade. Será que não podes fazer isso, por favor? Não vamos falar sobre isto agora; vamos desfrutar do nosso jantar. É um belo jantar, não é? O rolo de carne está delicioso, não está?

Ele baixou o olhar para o prato.

— Sim — respondeu —, está sim.

Mas não tornou a pegar no garfo.

No caminho de regresso a casa, ela começou a perguntar-lhe sobre o quotidiano dele: como é que passava o serão, o que fazia ao fim de semana, se tinha amigos. Apesar de ele só ter bebido água à refeição, começou a experimentar a sensação eufórica que o álcool lhe costumava proporcionar. Devia ser por ter deitado cá para fora todas as palavras que guardara dentro de si durante tanto tempo. Porque a verdade era que *não* tinha quaisquer amigos, não desde que a Ward Builders tinha encerrado e ele tinha perdido o contacto com os outros trabalhadores. (Para socializar, uma pessoa precisava de ter dinheiro — ou pelo menos os homens precisavam. Precisavam de comprar álcool e hambúrgueres e gasolina; não podiam sentar-se simplesmente à conversa sem fazer nada, como as mulheres costumavam fazer.) Disse a Linnie que não fazia nada ao serão, que muitas vezes passava-os a lavar a roupa na banheira; e quando ela se riu, ele disse:

— Não, estou a falar a sério. E ao fim de semana durmo que me farto. — Ele já não sentia vergonha; contou-lhe toda a verdade, sem tentar aparentar ser popular ou bem-sucedido ou experiente. Subiram os degraus da casa dos Murphy e abriram a porta da frente, passando pela sala fechada, de onde provinha o som de um rádio ligado (uma espécie de música de dança) e de duas crianças a discutirem de forma afável por causa de algo.

— Tu espreitaste, eu vi!

— Não, não espreitei!

Apesar de não ser a sala de Junior e de nem sequer conhecer as crianças, ele sentiu-se em casa.

Subiram as escadas e foram para o quarto deles (não havia fechadura nessa porta), e de imediato Junior começou a ficar preocupado com o que se seguiria. Se estivesse sozinho, teria ido para a cama, uma vez que começava sempre a trabalhar muito cedo, mas isso talvez passasse

uma ideia errada a Linnie. Talvez ela já tivesse uma ideia errada; pressentiu-o pela forma reservada como ela despiu o casaco e o cuidado que teve a pendurá-lo no roupeiro. Tirou o chapéu e pousou-o na prateleira do roupeiro. Tinha o cabelo despenteado e tentou compô-lo com as pontas dos dedos, mantendo-se de costas voltadas, como se estivesse a preparar-se para ele. Algo na sua nuca suave e pálida, exposta pela separação fortuita do cabelo na parte de trás da cabeça, fê-lo sentir pena dela. Aclarou a garganta e disse:

— Linnie Mae.

Ela virou-se e respondeu:

— O que foi? — E depois acrescentou: — Porque é que não despes o casaco? Põe-te à vontade.

— Ouve, estou a tentar ser sincero — disse-lhe ele. — Quero que fique tudo bem claro entre nós.

Uma ruga começou a formar-se entre as sobrancelhas dela.

— Sinto-me mal por causa daquilo por que passaste em casa — disse ele. — Não deve ter sido nada agradável. Mas se pensares bem, Linnie, o que é que nós temos em comum? Mal nos conhecemos! Andámos durante menos de um mês! Além de que estou a tentar vingar sozinho. Já é complicado o suficiente para uma pessoa; para duas é impossível. Na nossa terra, pelo menos tens a tua família. Jamais te deixarão passar fome, por muito aborrecidos que estejam contigo. Acho que devias voltar para casa.

— Só estás a dizer isso porque estás zangado comigo — disse-lhe ela.

— O quê? Não, não estou...

— Estás zangado porque não te disse a minha idade, mas porque é que não me *perguntaste*? Porque é que não me perguntaste se andava na escola, ou se estava a trabalhar em algum sítio, ou como é que passava o meu tempo

quando não estava contigo? Porque é que não estavas *interessado* em mim?

— O quê? É claro que estava interessado!

— Oh, ambos sabemos muito bem em que é que estavas interessado!

— Espera aí — disse ele. — Achas isso justo? É preciso lembrar-te quem é que começou a tirar a roupa? Quem é que me fez tocar em ti? E *tu*, estavas interessada em como *eu* passava o meu tempo?

— Estava, sim — retorquiu ela. — E perguntei-te. Só que tu nunca te deste ao trabalho de responder, porque andavas demasiado ocupado a tentar apanhar-me deitada de costas. Eu disse-te: «Fala-me sobre a tua vida, Junior, vá lá, quero saber tudo sobre ti.» E tu contaste-me alguma coisa? Nada. Começavas logo a desapertar-me os botões.

Junior sentia-se a perder uma discussão que nem sequer lhe interessava ter. Era seu intuito salientar algo completamente diferente. Disse:

— Bolas, Linnie Mae — e enfiou os punhos com força dentro dos bolsos do casaco, mas algo dentro do seu bolso esquerdo deteve-o e ele retirou-o. Metade de uma sandes, embrulhada num lenço.

— O que é isso? — perguntou-lhe ela.

— É uma... sandes.

— Uma sandes de quê?

— De ovo? De ovo.

— Onde é que arranjaste uma sandes de ovo?

— Foi a senhora para quem trabalho que me deu hoje — replicou ele. — Comi metade e a outra metade trouxe para casa, para ti, mas depois tu fizeste muita questão em que fôssemos jantar fora.

— Oh, Junior — exclamou ela. — Que amoroso!

— Não, foi só...

— Foi muito simpático da tua parte! — disse ela, tirando-lhe a sandes da mão, com o lenço e tudo. O rosto dela estava rosado e de repente parecia bonita. — Adoro que me tenhas trazido uma sandes — disse. Desembrulhou-a, examinou-a por uns instantes e depois ergueu o olhar para ele, com os olhos rasos de lágrimas.

— Mas está esmagada — disse ele.

— Quero lá saber! Adoro que tenhas pensado em mim enquanto estavas a trabalhar. Oh, Junior, senti-me tão sozinha estes anos todos! Nem imaginas o quão sozinha. Estive sempre tão, mas tão sozinha este tempo todo!

Então lançou-se para ele, ainda com a sandes na mão, e começou a chorar.

Passados uns minutos, Junior levantou os braços e abraçou-a também.

Ela não arranjou trabalho, claro. Essa parte do plano não correu bem. Mas o plano para a partilha da cozinha resultou. Ela e Cora Lee tornaram-se amigas e cozinhavam juntas na cozinha, enquanto conversavam sobre o que quer que as mulheres conversam, e pouco depois passou a fazer todo o sentido Junior e Linnie comerem as suas refeições com Cora Lee e a família dela. Mais tarde, quando o tempo ficou mais quente, as duas mulheres engendraram um plano para comprar fruta e legumes aos agricultores que passavam por Hampden nas suas carroças e depois passavam o dia a enlatar, enchendo a cozinha de calor; depois Linnie era a corajosa que andava de um lado para o outro a tentar vender os produtos às pessoas da vizinhança. Não fizeram muito dinheiro, mas fizeram algum.

E Junior acabou por fazer realmente alguns consertos na casa, apenas porque, caso contrário, jamais teriam sido feitos, mas não cobrou nada pelos mesmos, nem tentou renegociar a renda.

Mesmo depois de as coisas terem melhorado e de Junior e Linnie se terem mudado para a casa de Cotton Street, Linnie e Cora Lee continuaram amigas. Bem, Linnie era amiga de toda a gente, era o que parecia a Junior. Às vezes interrogava-se se tantos anos de ostracismo lhe teriam inculcado uma necessidade pouco natural de socializar. Ele chegava do trabalho e dava com a cozinha cheia de mulheres, com os filhos pequenos a brincarem no jardim das traseiras.

— Não há jantar para mim? — perguntava ele e as mulheres iam-se embora, reunindo os filhos a caminho da saída. Mas ele não diria que Linnie era preguiçosa. Oh, não. Ela e Cora continuavam com o negócio delas dos enlatados, e ela atendia os telefonemas de Junior e tratava da faturação quando ele começou a ter mais clientes. Tinha mais jeito com os clientes do que ele, aliás, sempre disponível para fazer conversa de circunstância e perita em resolver qualquer problema ou queixa.

Por essa altura já ele tinha a sua carrinha (usada, mas de qualidade) e tinha alguns homens a trabalharem para ele, e era proprietário de uma bela coleção de ferramentas que tinha comprado a outros homens aqui e ali que andavam na mó de baixo. Eram ferramentas robustas, à moda antiga, elegantemente forjadas. Uma serra, por exemplo, com um cabo de madeira oleado esculpido com a gravura delicada e precisa de um ramo de rosmaninho. Era um facto que a transpiração que escurecera o cabo não era a transpiração dos seus antepassados, mas ainda assim ele sentia um certo orgulho no instrumento. Tinha sempre imenso cuidado com as suas ferramentas. E ia sempre a serrações onde pudesse escolher as suas próprias madeiras, tábua a tábua.

— Atenção, pessoal, que eu conheço muito bem o material. Não me deem nada com nós secos, nem nada

deformado ou bolorento...

— E se eu estivesse casado? — lembrou-se de perguntar a Linnie anos mais tarde. — E se tivesses vindo para norte e me tivesses encontrado com mulher e seis filhos?

— Oh, Junior — respondeu ela. — Tu nunca farias uma coisa dessas.

— Como é que sabes?

— Bem, por um lado, como é que tinhas seis filhos em cinco anos?

— Tu sabes onde é que eu quero chegar.

Ela limitou-se a sorrir.

Comportava-se como se fosse mais velha do que ele, de certa forma, e contudo noutros aspetos parecia ter eternamente treze anos — era refilona e desafiadora, além de incrivelmente obstinada. Ele ficou surpreendido com a facilidade com que ela cortou todos os laços familiares. Implicava um nível de ressentimento que jamais desconfiaria que Linnie tivesse dentro dela. Não mostrava qualquer vontade de abandonar a sua maneira rural de falar; continuava a dizer «berrar» em vez de «gritar», e «derreado» em vez de «cansado», e «dreto» em vez de «direto». E insistia em tratá-lo por «Junie». Tinha o hábito irritante de se rir imenso sozinha antes de lhe contar algo engraçado, como se o estivesse a instruir a rir-se. Encostava-se demasiado a ele quando o queria convencer de algo. Mexia-lhe na manga com dedos insistentes enquanto ele falava com alguém.

Oh, esse fardo terrível, opressivo e sufocante das pessoas que pensam que têm direitos sobre nós!

Mas se Junior é que era o rebelde, como é que fora Linnie Mae a causar todos os sarilhos em que ele se encontrara desde que se tinham conhecido?

Ele era um homem de ossos proeminentes e costelas estreitas, um homem sem um grama de gordura que nunca

tinha tido muito interesse por comida, mas que às vezes, quando chegava do trabalho no final da tarde e Linnie estava nas traseiras a dar à língua com a vizinha do lado, abria a porta do frigorífico e comia todas as costeletas de porco que tinham sobrado e depois as salsichas, o puré de batata frio, as ervilhas frias e as beterrabas cozidas, coisas de que nem sequer gostava, como se estivesse esfaimado, como se nunca tivesse conseguido o que realmente desejava, e depois Linnie dizia:

— Viste as ervilhas que eu tinha guardado? Mas onde é que elas estão? — e ele ficava calado como um rato. Ela sabia, com toda a certeza. O que é que pensaria: que a pequena Merrick sentira uma vontade súbita de comer ervilhas frias? Mas nunca disse nada. Isso fazia-o sentir-se simultaneamente grato e ressentido. Que arrogância a dela! Devia estar mesmo convencida de que o conhecia muito bem!

Nesses momentos ele revivia na sua mente a viagem de outrora à estação de comboios, dessa vez fazendo as coisas de forma diferente. Descia as ruas escuras, seguia em frente na estação, virava novamente para a Charles Street e regressava à pensão. Entrava no quarto e trancava a porta atrás dele. Deitava-se em cima da cama. E adormecia sozinho.

CAPÍTULO TREZE

Junior pediu a Eugene para levar o baloiço do alpendre à Tilghman Brothers, uma firma na zona do porto para onde as Construções Whitshank enviavam as portadas dos seus clientes quando estas estavam tão carregadas de tinta que mais pareciam caramelos meio comidos. Ao que parecia, os irmãos Tilghman possuíam uma cuba gigante cheia com uma solução cáustica qualquer que decapava tudo até restar somente a madeira.

— Diz-lhes que precisamos do baloiço daqui a exatamente uma semana — disse Junior a Eugene.

— De hoje a uma semana?

— Foi o que eu disse.

— Ó chefe, aquela gente pode demorar um mês a fazer estas coisas. Não gostam nada de ser apressados.

— Diz-lhes que é uma emergência. Diz que pagamos mais, se for caso disso. O dia da mudança é deste domingo a oito dias e quero o baloiço já pendurado nessa altura.

— Vou tentar, chefe — respondeu-lhe Eugene.

Junior percebeu que Eugene achava que aquilo era demasiado alvoroço por causa de um simples baloiço de alpendre, mas teve o bom senso de não dizer nada. Eugene era um homem experiente; o seu primeiro empregado de cor, contratado quando o exército recrutara um dos pintores da firma. E estava a sair-se bem, até à data. Aliás, na semana anterior Junior contratara mais um.

Nos últimos tempos, Linnie Mae receara que o próprio Junior fosse recrutado também. Quando ele lhe lembrou que tinha quarenta e dois anos, ela respondera-lhe:

— Não me interessa; eles podem aumentar a idade de recruta a qualquer momento. Ou tu podes decidir alistar-te.

— Alistar-me! — retorquiu ele. — Mas tomas-me por parvo ou quê?

Ele tinha a sensação de que às vezes a sua vida era como um vagão que tinha sido deixado sozinho num desvio ferroviário durante vários anos — todos os anos desperdiçados e tresloucados da sua juventude e os anos da Grande Depressão. Estava a ficar para trás; estava a correr para recuperar o terreno perdido; estava finalmente na linha principal e de modo algum uma guerra na Europa o iria deter.

Quando o baloiço voltou estava em madeira virgem; um autêntico milagre. Não se via a mais pequena gota de azul em lado nenhum. Junior examinou-o a toda a volta, maravilhado.

— Santo Deus, nem quero pensar o que é que eles têm dentro daquela cuba — disse ele a Eugene.

Eugene deu uma gargalhada.

— Quer que eu o envernize? — perguntou.

— Não — respondeu-lhe Junior. — Eu trato disso.

Eugene lançou-lhe um olhar admirado, mas não teceu qualquer comentário.

Os dois levaram-no para as traseiras e pousaram-no virado ao contrário em cima de uma lona, para que Junior pudesse envernizar a parte de baixo primeiro e depois dar-lhe tempo para secar antes de o virar novamente. Estava uma manhã de maio quente sem qualquer previsão de chuva, pelo que Junior decidiu que podia deixá-lo na rua durante a noite e voltar no dia seguinte para terminar o trabalho.

Tal como a maioria dos carpinteiros, detestava pinturas, além de que tinha a plena consciência de que não tinha muito jeito para o fazer. Mas, por alguma razão, parecia-lhe importante realizar essa tarefa sozinho, e trabalhou cautelosa e pacientemente, apesar de ser uma parte do baloiço que não ficaria visível. Tratava-se de uma tarefa agradável, na verdade. A luz do Sol furava as copas das

árvores, a brisa arrefecia-lhe o rosto e «Chattanooga Choo Choo» ecoava na sua mente.

Sais da Pennsylvania Station por volta de um quarto para as quatro,

Lês uma revista e depois estás em Baltimore...

Quando terminou, limpou o pincel e arrecadou o verniz e a aguarrás, e depois foi para casa jantar, sentindo-se muito satisfeito consigo próprio.

No dia seguinte regressou para terminar o serviço. O baloiço tinha secado, mas via-se uma camada fina de pólen colada à parte de baixo do banco. Ele devia ter antecipado isso. Não era de admirar que detestasse pinturas! Praguejando entredentes, arrastou a lona em direção ao alpendre das traseiras com o baloiço em cima. Em seguida, estendeu a lona na parte fechada do alpendre, içou o baloiço e pousou-o com o lado direito para cima. Aquilo seria feito como devia ser, por Deus. Tentou abstrair-se da noção de que as superfícies inferiores dos apoios para os braços lhe tinham parecido rugosas nas pontas dos dedos quando as segurara.

Eugene tinha pintado o interior do alpendre das traseiras no início da semana e a combinação dos cheiros a tinta e a verniz faziam Junior sentir-se levemente tonto. Deslizava o pincel a todo o comprimento da madeira com pinceladas sonhadoras. Era deveras interessante a forma como a madeira quase parecia contar uma história — era possível seguir-lhe as linhas e ser surpreendido pelo comprimento das mesmas ou pela maneira como eram interrompidas bruscamente.

Interrogou-se se algum dia Merrick seria pedida em casamento nesse mesmo baloiço, se os filhos de Redcliffe balouçariam para a frente e para trás com tanta força que a mãe deles seria obrigada a segurar as cordas para os parar.

Depois de Junior ter descoberto o que um homem pode sentir pelos filhos, passou a sentir uma raiva profunda e permanente em relação ao próprio pai. O seu pai tivera seis filhos e uma filha, e largara-os mais depressa do que uma cadela larga as crias. Quanto mais velho Junior ficava, mais lhe custava a compreender o porquê.

Fez um gesto rápido e depreciativo com a cabeça e tornou a mergulhar o pincel.

O verniz era da cor de mel do trigo-sarraceno. Realçava a integridade da madeira e acrescentava-lhe profundidade. Já chegava desses eternos baloiços caseiros em azul-sueco! Bastava de tapetes de farrapos entrançados e de cadeiras de metal enferrujadas; já chegava de tetos de alpendre em azul-bebé que tinham o intuito, calculava ele, de imitar o céu; bastava de pisos de alpendre em tons de cinzento-baço.

Linnie iria subir o caminho de acesso à casa no dia da mudança e quando chegasse aos degraus do alpendre: «Oh!», diria ela. Ficaria a olhar para o baloiço; levaria a mão à boca. «Oh! Mas porque é que...?» Ou talvez não. Talvez disfarçasse a sua surpresa; poderia ser astuta a esse ponto. Fosse como fosse, o próprio Junior subiria as escadas sem hesitações. Não daria qualquer indicação de que algo estava diferente. «Vamos entrar?», perguntar-lhe-ia ele, virando-se para ela e fazendo um gesto hospitaleiro na direção da porta da frente.

Havia uma certa satisfação em imaginar essa cena e, contudo, ele sentia que faltava alguma coisa. Ela não teria consciência de tudo o que tinha estado por trás: o choque dele perante o que ela tinha feito, a afronta e a sensação de injustiça, bem como todo o trabalho para reparar o estrago. A deslocação de Eugene à Tilghman Brothers, o valor exorbitante que lhe tinham cobrado pelo serviço rápido (exatamente o dobro do valor normal), as duas deslocações

isoladas de Junior para aplicar o verniz e a última deslocação que faria na sexta-feira de manhã para tornar a enfiar as cavilhas, voltar a pôr as cordas nos mosquetões e pendurar o baloiço no teto: ela não teria ideia nenhuma de nada disso. Era um reflexo da vida deles em conjunto; todos os segredos que ele guardara dela apesar da vontade imensa de os partilhar. Ela jamais saberia o quanto ansiara por se livrar dela anos antes, que tinha ficado apenas porque sabia que ela jamais sobreviveria sem ele, o penoso que tinha sido continuar em frente, dia após dia, tentando compensar pelo que tinha feito de errado. Não, ela estava completamente convencida de que ele tinha ficado porque a amava. E se lhe dissesse o contrário (se conseguisse, de alguma maneira, convencê-la do sacrifício que tinha feito), ela ficaria de rastos e o sacrifício teria sido em vão.

Ele contornou cada eixo com o pincel, espalhando o verniz em cada união, traçando as fendas de cada ripa com pinceladas delicadas e carinhosas.

Jantar no restaurante,

Não há nada mais entusiasmante

Do que comer fiambre com ovos na Carolina...

Na sexta-feira, quando regressou para pendurar o baloiço, levou mais umas caixas de casa e algumas peças pequenas de mobiliário — a mesa de brincar do quarto das crianças e as respetivas cadeiras pequenas. Mais valia ir adiantando o serviço. Estacionou nas traseiras e levou tudo pela cozinha para o piso superior. Lá em cima, aproveitou para fazer uma vistoria à sua casa nova. Parou junto à balaustrada para admirar o átrio resplandecente lá em baixo e depois entrou no quarto principal para se regozijar com a amplitude do mesmo. As camas já estavam no sítio — camas separadas, idênticas às dos Brill, entregues na semana anterior pela Shofer. Linnie não compreendia por

que motivo não podiam continuar a partilhar a cama de casal antiga, mas Junior dissera-lhe:

«Faz mais sentido assim, se pensares bem. Sabes que dou muitas voltas durante a noite.»

«Mas eu não me importo nada que dê muitas voltas», respondera Linnie.

«Mas vamos experimentar assim, está bem? Não deitamos fora a de casal. Se mudarmos de ideias, podemos sempre ir buscá-la ao quarto de hóspedes.»

Embora, no seu íntimo, ele não fizesse qualquer tenção de voltar a utilizá-la. Agradava-lhe a ideia de camas separadas; tinham um glamour ao estilo de Hollywood. Além do mais, passara quase toda a sua infância a partilhar a cama com vários irmãos.

No canto do fundo do quarto estava o roupeiro dos Brill, que ele considerava igualmente glamoroso. Ficou muito corado, porém, ao recordar que julgara inicialmente que se chamava «roupazeiro».

«Senhora Brill», dissera ele, «ouvi dizer que não vai levar o seu roupazeiro para a casa nova. Acha que lho posso comprar?»

A Sra. Brill franzira o sobrolho.

«O meu...?», perguntara.

«O roupazeiro que está no seu quarto. O seu filho disse que era demasiado grande.»

«Ah! Sim, claro. Jim? O Junior estava aqui a perguntar se nos pode comprar o roupeiro.»

Só então é que Junior se apercebera do seu engano. Ficara furioso por a Sra. Brill o ter testemunhado, apesar de, ele tinha de admitir, ela ter agido com imenso tato.

De certa maneira, fora o tato dela que o deixara furioso.

Oh, era sempre, mas sempre, «eles e nós». Fossem as crianças da cidade no secundário ou as pessoas ricas de Roland Park, havia sempre alguém para chamar a atenção

para o facto de ele estar aquém, de não ser bem-sucedido. E partia-se do princípio de que a culpa era dele, porque morava numa nação onde, teoricamente, ele *podia* ser bem-sucedido. Não havia nada a impedi-lo. Só que *havia* algo, sim; ele apenas não conseguia identificar o que era. Havia sempre um pequeno truque de indumentária ou de articulação que o fazia sentir-se excluído.

Que disparate. Já bastava disso. Ele agora era dono de um imenso roupeiro revestido a cedro que servia apenas para guardar roupa de lã. O papel de parede desse quarto tinha vindo de França. As janelas eram tão altas que, quando ele se posicionava diante de uma delas, as pessoas na rua lá em baixo podiam vê-lo da cabeça aos joelhos.

Mas depois ele reparou numa zona com tinta empolada num dos cantos do parapeito. Os Brill deviam ter deixado a janela aberta durante uma chuvada. Ou então era o resultado de condensação; *isso* não era nada bom.

Além disso, o papel de parede por baixo tinha a linha de junção demasiado visível. Aliás, havia um espaçamento entre as duas linhas. Aliás, no sítio onde o papel ficava encostado ao parapeito, este estava a encaracolar ligeiramente para fora.

Sábado foi o dia em que ele andou de um lado para o outro a dar orçamentos; era o dia em que os maridos estavam em casa. Como tal, não foi à casa nova. Despachou-se cedo, pois no dia seguinte iriam fazer a mudança e ainda havia muita coisa para embalar. Chegou a casa por volta das três da tarde e dirigiu-se logo para a cozinha, onde foi encontrar Linnie a retirar produtos de limpeza da caixa de laranjas por baixo do lava-louça. Estava ajoelhada no chão e as plantas dos pés, viradas para ele, estavam cinzentas de tanta sujidade.

— Já cheguei — disse-lhe ele.

— Ah, ainda bem. Podes passar-me a travessa que está em cima da geleira? Esqueci-me completamente dela! Ia deixá-la cá na certa.

Ele foi buscar a travessa que estava em cima do frigorífico e pousou-a em cima da bancada.

— Se calhar ainda vou levar mais uma carrinha cheia para a casa antes que escureça — disse-lhe ele. — Sempre facilitava as coisas para amanhã de manhã.

— Oh, não faças isso. Vais ficar exausto. Espera por amanhã, quando o Dodd e os outros chegarem.

— Não ia levar as coisas mais pesadas. Só umas caixas e isso.

Ela não lhe respondeu. Ele desejou que ela tirasse a cabeça da caixa de laranjas e olhasse para ele, mas estava toda entretida, pelo que pouco depois deixou-a.

Na sala de estar, as crianças estavam a empilhar caixas vazias para construírem algo. Ou melhor, Merrick estava a fazê-lo. Redcliffe ainda era demasiado pequeno para ter ideias dessas, mas estava encantado por Merrick estar a brincar com ele e cambaleava de um lado para o outro muito feliz, arrastando caixas sempre que ela lho pedia. O tapete tinha sido enrolado para a mudança, proporcionando-lhes uma boa extensão de soalho exposto.

— Olha aqui o nosso castelo, pai — disse Merrick, e Junior respondeu:

— Muito bonito — e depois dirigiu-se ao quarto para despir a roupa boa. Vestia sempre o fato para ir dar orçamentos.

Quando voltou à cozinha, Linnie estava a empacotar os produtos de limpeza numa caixa de *Duz*.

— O marido da senhora Abbott recusou metade das coisas que ela queria fazer — disse-lhe Junior. — Passou a lista a pente fino: «Porque é que isto é tão caro? E aquilo?»

Só tenho pena de não ter sabido isso antes de ter tido tanto trabalho com o orçamento.

— Que chatice — respondeu Linnie Mae. — Pode ser que ela fale com ele mais tarde e o convença.

— Não, ela estava a concordar com ele. «Oh», dizia ela, toda triste e chorosa, sempre que ele riscava uma coisa.

Esperou que Linnie comentasse, mas ela não o fez. Estava a embrulhar um frasco de amoníaco dentro de um pano da louça. Desejou que ela olhasse para ele. Começava a sentir-se pouco à vontade.

Linnie Mae não era do tipo de gritar, amuar ou atirar com coisas quando se zangava por causa de algo; deixava simplesmente de olhar para ele. Bem, olhava se houvesse uma razão para isso, mas não o *estudava*. Falava com educação, sorria, comportava-se como habitualmente, contudo parecia haver sempre algo a necessitar da atenção dela. Nessas alturas, ele ficava surpreendido com a sua necessidade urgente do olhar dela. De repente, apercebia-se da frequência com que ela olhava realmente para ele, da forma como os olhos dela se demoravam nos seus como se tivesse prazer em olhar para ele.

Não lhe ocorria nenhum motivo para ela estar zangada com ele nesse momento, contudo. Ele é que deveria estar zangado; e *estava* realmente zangado. Ainda assim, detestava aquela sensação de incerteza. Aproximou-se e posicionou-se mesmo à frente dela, somente a caixa de *Duz* entre os dois, e perguntou-lhe:

— Queres ir jantar a um restaurante hoje à noite?

Raramente jantavam num restaurante. Faziam-no apenas em ocasiões especiais. Mas Linnie continuava sem olhar para ele. Replicou:

— Se calhar é melhor, pois hoje levei tudo o que havia na geleira para a casa nova.

— Ai, sim? — respondeu-lhe ele. — Como?

— Oh, a Doris tinha ficado com as crianças para eu poder embalar umas coisas e pensei: «Porque é que não vou ver a casa nova sozinha?» Nunca o tinha feito, como bem sabes. Por isso enchi dois sacos com comida e apanhei o elétrico para lá.

— Podíamos ter posto a comida na carrinha amanhã — disse Junior. A sua mente estava a cem à hora. Teria visto o baloiço já envernizado? De certeza que sim. Disse: — Não sei o que é que te deu para carregares isso tudo sozinha.

— Já que ia lá, mais valia levar alguma coisa comigo — retorquiu ela. — Assim podemos tomar lá o pequeno-almoço amanhã, sem estarmos no caminho dos homens da mudança.

Ela estava concentrada na lata de *Bon Ami* que tinha posto em pé num dos cantos da caixa.

— Bem — respondeu ele —, o que é que achaste da casa?

— Gostei — disse ela. Enfiou uma escova com cabo no outro canto da caixa. — Mas a porta está meio perra.

— Qual porta?

— A da entrada.

Portanto, ela tinha entrado pela frente da casa. Bem, era óbvio que sim, tendo descido na paragem do elétrico.

Ele disse:

— Essa porta não está nada perra!

— Carrega-se no trinco e nada acontece. Por uns momentos pensei que não a tivesse destrancado bem, mas quando puxei ligeiramente a porta para mim e depois a empurrei, ela lá se abriu.

— Isso é da fita isoladora — explicou Junior. — Tem uma boa fita isoladora por causa do frio, por isso é que oferece resistência. A porta não está perra.

— A mim pareceu-me que sim.

— Pois, mas não está.

Ele esperou. Quase lhe perguntou. Quase lhe disse diretamente: «Reparaste no baloiço? Ficaste admirada por o ver como estava antes? És capaz de admitir agora que fica melhor assim?»

Mas isso seria expor-se demasiado, deixando-a saber que ele se importava com a opinião dela. Ou deixando-a *pensar* que ele se importava.

Ela talvez lhe dissesse que o baloiço estava ridículo; que era uma cópia demasiado forçada do baloiço de uma pessoa endinheirada; que ele estava a fingir ser alguém que não era.

Por essa razão, disse apenas:

— Vais dar graças a essa fita quando chegar o inverno, acredita.

Linnie encaixou uma caixa de flocos de sabão ao lado da lata de *Bon Ami*. Passados uns segundos, ele saiu da cozinha.

No caminho a pé para o restaurante sob o lusco-fusco, eles passaram por pessoas sentadas nos alpendres e todas elas (conhecidas ou não) lhes disseram «Boa noite» ou «Está uma bela noite». Linnie disse:

— Espero que os novos vizinhos também nos cumprimentem.

— É claro que vão cumprimentar — retorquiu Junior.

Ele levava Redcliffe às cavalitas. Merrick seguia adiante dentro do seu carrinho de madeira, empurrando-o para a frente com os pés. Já estava demasiado grande para ele, mas não lhe podiam comprar um triciclo porque havia escassez de borracha.

— Aquela senhora Brill — disse Linnie. — Lembras-te de como ela costumava dizer «o meu merceeiro» e «o meu droguista»? Como se lhe pertencessem! Por altura do Natal, quando vinha cá deixar o cabaz, ela dizia: «O

azevinho veio do meu florista», e eu pensava: «Se o florista soubesse que te pertence ficava admirado!» Espero bem que os novos vizinhos não falem dessa maneira.

— Ela não estava a falar nesse sentido — respondeu-lhe Junior. Então deu dois longos passos para a frente dela e virou-se de maneira a caminhar de costas, olhando-a diretamente no rosto. — Provavelmente o que ela queria dizer era que o *nosso* florista talvez não tivesse azevinho, mas que o dela sim.

Linnie deu uma risada.

— O *nosso* florista! — repetiu. — Imaginas tal coisa?

Porém, os olhos dela estavam postos no velho Sr. Early, que estava a molhar os degraus da frente com a mangueira, e ela acenou-lhe e disse:

— Tudo bem, senhor Early?

Junior desistiu e virou-se novamente para a frente.

O máximo de tempo que ela tinha estado sem olhar para ele fora quando quisera ter um bebé e ele não. Há vários anos que o desejava e ele estava sempre a adiar (não havia dinheiro suficiente, não era boa altura), e ela aceitara a situação durante uns tempos. Depois, por fim, ele dissera-lhe:

«Linnie Mae, a verdade é que *nunca* vou querer ter filhos.» Ela tinha ficado chocada. Fartara-se de chorar; de discutir; de alegar que ele era dessa opinião por causa do que tinha acontecido com a mãe dele. (A mãe dele morrera durante um parto, levando o bebé com ela. Mas isso nada tinha que ver com o assunto. A sério! Há muito que tinha posto isso para trás das costas.) E depois, aos poucos, Linnie pareceu deixar de ter prazer em olhar para ele. Junior tinha de admitir que sentira falta disso. Sempre soubera, mesmo sem que ela o dissesse, que ela o achava atraente. Não que ele se importasse com esse tipo de coisa!

Mas, de qualquer modo, tinha consciência desse facto, e agora estava a faltar algo.

Dessa vez fora ele quem cedera. Aguentara cerca de uma semana. Depois dissera:

«Ouve, se tivéssemos filhos...», e o desviar súbito e atento dos olhos dela para o seu rosto fizera-o sentir o mesmo que uma planta ressequida sente quando recebe finalmente água.

Durante o jantar, ele conversou com Merrick e Redcliffe sobre como haveria um quarto para cada um deles de agora em diante. Redcliffe estava entretido a apertar as cascas das suas favas, mas Merrick disse:

— Mal posso esperar. Detesto ter de partilhar o meu quarto! O Redcliffe cheira a chichi todas as manhãs.

— Não sejas assim — ralhou-lhe Linnie Mae. — Tu também já cheiraste a chichi.

— Nunca!

— Quando eras bebé, sim.

— O Redcliffe é bebé! — disse Merrick, fazendo troça do irmão numa voz cantarolada.

Redcliffe apertou mais uma fava.

— Quem é que quer gelado? — perguntou Junior.

Merrick replicou:

— Eu! — e Redcliffe disse:

— Eu quero!

— Linnie Mae? — indagou Junior.

— Pode ser — retorquiu Linnie Mae.

Mas agora estava virada para Redcliffe, limpando as cascas das favas dos dedos dele.

Era habitual ouvirem rádio juntos depois de as crianças terem ido para a cama — Linnie a costurar ou a remendar algo, Junior a rever o plano de trabalho para o dia seguinte.

Mas a sala de estar estava uma confusão e o rádio estava arrumado dentro de uma caixa. Linnie disse:

— Se calhar vou-me deitar também — ao que Junior respondeu:

— Eu subo já.

Demorou-se uns minutos a empacotar os seus papéis de trabalho para a mudança e depois apagou as luzes e subiu ao piso de cima. Linnie já estava de camisa de dormir, mas continuava a arrumar coisas, colocando as coisas que estavam em cima da cómoda dentro de gavetas. Ela perguntou:

— Vais precisar do despertador?

— Não, o mais certo é acordar sozinho — respondeu ele.

Despiu-se até ficar em roupa interior e pendurou a camisa e o fato-macaco nos ganchos do lado de dentro da porta do roupeiro, embora tivesse por hábito pendurar a roupa na cadeira, uma vez que as iria usar no dia seguinte.

— É a nossa última noite nesta casa, Linnie Mae — disse.

— Hum-hum.

Ela dobrou o pano da cómoda e pô-lo na gaveta de cima.

— Inclusivamente é a nossa última noite nesta cama.

Ela foi ao roupeiro e reuniu uma série de cabides vazios.

— Mas posso sempre ir *visitar-te* à tua cama nova — disse ele, dando-lhe uma palmada divertida no traseiro quando ela passou perto dele.

Ela encolheu-se num movimento subtil, o que fez com que a palmada dele falhasse, e depois baixou-se para pôr os cabides dentro da gaveta da cómoda.

— Junior — disse ela —, diz-me a verdade: de onde é que apareceu aquele saco de ferramentas de ladrão?

— Ferramentas de ladrão? Quais ferramentas de ladrão?

— O do jardim de inverno da senhora Brill. Sabes bem do que é que estou a falar.

— Não faço a mínima ideia — retorquiu ele.

Enfiou-se dentro da cama e puxou as mantas para cima, depois virou o rosto para a parede e fechou os olhos. Ouviu Linnie dirigir-se novamente para o roupeiro e tirar mais uma coleção de cabides do varão. Pela janela aberta ouviu-se um carro a passar (um modelo mais antigo, a julgar pelo som engasgado) e o cão de alguém começou a ladrar.

Uns minutos depois ele ouviu-a aproximar-se da cama e sentiu-a deitar-se do lado dela. Posicionou-se de costas viradas para ele; ele sentiu o leve puxar das mantas. O candeeiro da mesa de cabeceira dela apagou-se com um clique.

Ele interrogou-se como é que ela teria reagido quando vira o baloiço envernizado pela primeira vez. Teria piscado os olhos? Teria arquejado? Teria exclamado em voz alta?

Imaginou-a a subir o caminho de acesso carregada com os dois sacos de comida: Linnie Mae Inman no seu chapéu de palha de aspeto rural com as cerejas de madeira na aba, e o seu vestido de algodão com as mangas curtas com punho que deixavam ver os braços magricelas e os cotovelos ásperos. A imagem fê-lo sentir-se... magoado, por algum motivo. Sentia a mágoa dela. Completamente sozinha, a subir a ladeira sob aqueles tulipeiros enormes em direção ao enorme alpendre da frente. Completamente sozinha, descobrira qual elétrico apanhar, um que nunca tinha apanhado antes (só costumava ir aos grandes armazéns em Howard Street), e decidira para que lado virar na esquina onde descera, e decerto levantara o queixo com orgulho enquanto passara ao lado das outras casas, para o caso de os vizinhos a estarem a observar.

Abriu os olhos e virou-se de costas.

— Linnie Mae? — disse, falando para o teto. — Estás acordada?

— Sim.

Ele virou-se e o seu corpo ficou encaixado atrás do corpo dela e depois pôs os braços à volta da cintura dela. Linnie Mae não se afastou, mas permaneceu rígida. Ele inspirou profundamente o odor salgado e fumado do cabelo dela.

— Perdoa-me — disse ele.

Ela continuou em silêncio.

— Estou a esforçar-me tanto, Linnie. Se calhar estou a esforçar-me *demasiado*. Só quero estar à altura. Só quero fazer as coisas como deve ser, nada mais.

— Oh, Junior — respondeu ela, virando-se para ele. — Junie, meu querido, é claro que sim. Eu sei isso. Eu conheço-te, Junior Whitshank. — Então ela segurou o rosto dele entre as mãos.

Na escuridão, ele não conseguia ver se ela estava a olhar para ele ou não, mas sentia as pontas dos dedos dela a traçarem as suas feições antes de ela encostar os lábios aos seus.

Dodd McDowell, Hank Lothian e os empregados novos de cor chegariam às oito (Junior deixava os seus homens começar um pouco mais tarde quando trabalhavam ao fim de semana), pelo que às sete levou Linnie e os filhos de carro para a casa, juntamente com algumas caixas com artigos de cozinha. O plano era ela ficar lá a desempacotar as coisas enquanto ele ajudava a carregar a mobília.

Assim que começaram a arrancar com o carro em direção à estrada, Doris Nivers, da casa ao lado, emergiu vestida com uma bata e com uma planta envasada nas mãos. Linnie baixou o vidro do seu lado e chamou:

— Bom dia, Doris!

— Estou a tentar não desatar a chorar — disse-lhe Doris. — O bairro já não vai ser o mesmo! Esta planta pode não te parecer grande coisa agora, mas vai florir daqui a umas semanas e dar-te imensas zínias lindíssimas.

Pronunciou-o «zénias», à moda de Baltimore. Estendeu a planta a Linnie pela janela aberta do carro e encostou-lhe o nariz como se ela já estivesse a florir.

— Não vou dizer «obrigada» — disse ela a Doris — porque não quero que ela morra, mas sabes que me vou lembrar de ti sempre que olhar para ela.

— É bom que sim! Adeus, meninos. Adeus, Junior — disse Doris, dando um passo atrás e acenando com a mão.

— Até à próxima, Doris — respondeu-lhe Junior. As crianças, que ainda estavam meio a dormir, limitaram-se a fitá-la, mas Linnie acenou-lhe e manteve a cabeça fora da janela até a carrinha ter dobrado a esquina e Doris ter desaparecido de vista.

— Oh, vou ter tantas saudades dela! — disse Linnie a Junior, enfiando a cabeça para dentro do carro. Inclinou-se para Redcliffe para pousar a planta no chão entre os pés dela. — Sinto que acabei de perder uma irmã ou algo do género.

— Não a perdeste. Vais ficar a três quilómetros de distância dela! Podes convidá-la para ir lá a casa sempre que quiseres.

— Não, eu sei como é que as coisas são — retorquiu Linnie. Enxugou a pele debaixo do olho direito e depois do olho esquerdo com o dedo indicador. — Imagina que a convido para almoçar — disse ela. — A ela e à Cora Lee. Se lhes servir algo fino para comer, vão dizer que estou armada aos cágados, mas se lhes servir o que costumo servir, vão dizer que eu acho que não têm a mesma classe que os meus vizinhos novos. E não voltam a convidar-me; vão dizer que as casas delas já não são boas para mim e, aos poucos, vão deixar de aceitar os meus convites e pronto.

— Linnie Mae. Não é um crime punível com pena de morte a pessoa mudar-se para uma casa maior — disse-lhe

Junior.

Linnie Mae enfiou a mão no bolso à procura de um lenço.

Quando ele parou diante da casa, ela perguntou:

— Não será melhor estacionarmos nas traseiras? Temos tanta coisa para descarregar.

— Achei que podíamos tomar o pequeno-almoço primeiro — respondeu ele.

O que não fazia qualquer sentido, na verdade (podiam tomar o pequeno-almoço mesmo que ele estacionasse nas traseiras), mas ele desejava fazer da chegada deles uma ocasião especial. E Linnie deve tê-lo percebido, pois limitou-se a dizer:

— Estás a ver? Agora já estás contente por eu ter trazido aquela comida.

Enquanto ela se despachava (procurando a carteira no chão e alcançando a planta), ele contornou a carrinha e abriu-lhe a porta. Ela pareceu ficar surpreendida, mas passou-lhe Redcliffe e em seguida desceu da carrinha.

— Vamos lá, meninos — disse Junior, pousando Redcliffe no chão. — Vamos entrar com toda a pompa e circunstância. — E os quatro começaram a subir o caminho de acesso.

Por causa da sombra das árvores, a frente da casa não apanhava o sol da manhã, mas isso só servia para conferir um ar ainda mais acolhedor ao alpendre fundo cheio de sombra. E o tom mel e dourado do baloiço, visível agora por entre a balaustrada, encheu de alegria o coração de Junior. Teve de se conter para não dizer a Linnie: «Estás a ver? Estás a ver como ficou tão bem?»

Quando os seus olhos captaram a cor azul, ele atribuiu esse facto a mera sugestão; uma espécie de efeito secundário louco por causa de tudo o que tinha acontecido antes.

Foi então que tornou a olhar e ficou petrificado.

Um rasto de tinta azul descia as lajes do caminho de acesso; uma explosão dispersa de azul que começava diretamente à frente dos degraus e que depois se juntava para criar uma faixa larga a todo o comprimento do acesso, estreitando-se num fio esguio à medida que se aproximava dos pés dele. Era tão denso que quase parecia possível arrancá-lo com as unhas; era tão brilhante que ele encolheu instintivamente o pé mais próximo, apesar de, mediante uma inspeção mais de perto, ter percebido que já tinha secado. Além de que qualquer pessoa (ou seria apenas Junior?) percebia de imediato que a tinta tinha sido atirada num gesto de raiva.

Linnie, entretanto, tinha largado a mão dele e caminhava mais à frente, dizendo:

— Mais devagar, Merrick! Mais devagar, Redcliffe! O papá ainda tem de destrancar a porta!

Os seus homens demorariam vários dias a limpar aquilo. Seriam necessários químicos e abrasivos (assim de repente, nem sequer sabia bem quais), seria preciso esfregar, raspar e polir; e, ainda assim, iriam permanecer vestígios de azul. Na verdade, o azul jamais desapareceria por completo. Restariam pontos microscópicos de azul no cimento para sempre, provavelmente invisíveis ao olhar de estranhos mas evidentes aos olhos de Junior. Via o futuro a desenrolar-se à sua frente com a mesma clareza de um filme: experimentar um método, depois outro, consultar especialistas, as noites em branco, pesquisar diferentes soluções qual homem possuído, e sem dúvida acabar por ter de arrancar tudo e começar de novo. Em falhando isso, o caminho de acesso ficaria indelevelmente marcado, gravado com azul-sueco para toda a eternidade.

E, entretanto, Linnie Mae subia o caminho de acesso com as costas muito direitas e o chapéu nivelado, o exemplo da

inocência e da descontração. Nem sequer um olhar de soslaio para trás, para ver a reação dele.

Porque é que ele receara, por um segundo sequer, abandoná-la na estação de comboios? Ela ter-se-ia saído *lindamente* sem ele! Ter-se-ia saído bem em qualquer lado.

Ela tomara a decisão de lhe dificultar a vida e fora bem-sucedida sem grande esforço. Tinha suportado cinco anos de escárnio público completamente sozinha. Tinha apanhado sabe Deus quantos comboios em sabe Deus quantas linhas ferroviárias e tinha-o descoberto sem qualquer dificuldade. Ele vira-a esticar o pescoço na zona de recolha de passageiros; vira-a a tocar à campainha de senhoras estranhas, com a sua mala de cartão e o fardo de trapo; vira-a a rir-se na cozinha com Cora Lee. Vira-a virar-lhe a vida do avesso como quem vira uma camisola molhada acabada de sair do tanque da roupa, para a esticar e dar-lhe forma.

De certa forma, ele devia sentir-se grato por essa última parte.

Redcliffe tropeçou, mas tornou a levantar-se. Merrick corria adiante.

— Esperem aí — gritou-lhes Junior, pois já estavam perto dos degraus. Eles pararam e voltaram-se para ele, e Junior caminhou mais depressa para os apanhar. Pássaros cantavam no cimo dos tulipeiros. Pequenas borboletas brancas esvoaçavam numa área cheia de sol. Quando chegou perto de Linnie, pegou-lhe na mão e os quatro subiram os degraus. Atravessaram o alpendre. Ele destrancou a porta. Entraram na casa. A vida deles começou.

PARTE 4

UM CARRINHO DE LINHA AZUL

CAPÍTULO CATORZE

Há muitos anos, quando as crianças eram pequenas, Abby tinha dado início à tradição de pendurar uma fila de fantasmas a todo o comprimento do alpendre da frente durante o mês de outubro. Eram seis no total. As cabeças eram feitas de bolas de borracha branca atadas numa gaze de algodão, que chegava quase ao chão e que flutuava à mínima brisa. Toda a frente da casa ficava com um ar enublado e flutuante. No Dia das Bruxas, os miúdos que batiam às portas e gritavam «doçuras ou travessuras» tinham de se haver com véus transparentes, os mais velhos a rirem-se, mas os mais novos à beira do pânico, em especial se a noite estivesse ventosa e a gaze de algodão se erguesse, esvoaçasse e se enrolasse à volta deles.

Os três filhos de Stem insistiram para que se enfeitasse o alpendre com os fantasmas como habitualmente, mas Nora disse-lhes que tal não era possível.

— O Dia das Bruxas é na quarta-feira — disse-lhes ela. — Nessa altura já cá não estaremos. — Iriam deixar a casa no domingo; a data mais cedo em que Red poderia mudar-se para o apartamento. A ideia era estarem todos devidamente instalados quando começasse a semana de trabalho.

Mas Red ouviu-os e disse:

— Oh, eles que pendurem os fantasmas, porque não? É a última oportunidade que eles têm para o fazer. Depois os nossos empregados podem tirá-los, quando vierem na segunda-feira de manhã.

— Boa! — gritaram os miúdos, e Nora riu-se e atirou as mãos ao ar num gesto de derrota.

Pelo que os fantasmas foram trazidos das suas caixas de toalhas de papel do sótão e Stem subiu a um escadote para os pendurar na fileira de ganchos de bronze espetados no teto do alpendre. Vistos de perto, os fantasmas pareciam

desmazelados. Estava na altura da renovação de fatos periódica, mas ninguém tinha tempo para isso com tudo o que se andava a passar.

As coisas selecionadas por Jeannie e Amanda já tinham sido levadas pelos dois Hugh na *pickup* de Red. As coisas de Stem estavam reunidas num canto da sala de jantar. A caixa de Denny estava no quarto dele, mas ele disse que não a poderia levar no comboio.

— Mandamos-ta pela UPS — decidiu Jeannie.

— Ou, se calhar, uma de *vocês* podia ficar com ela — sugeriu ele. E o assunto ficou por aí, de momento.

Havia ainda algumas coisas no sótão e algumas coisas na cave; a maioria delas para ser deitada fora. O resto da casa estava tão vazio que fazia eco. Um sofá e uma poltrona estavam sozinhos no chão despido da sala de estar, à espera de irem para o apartamento de Red. A mesa da sala de jantar tinha sido enviada para uma loja de artigos em segunda mão à consignação, tendo sido substituída pela mesa da cozinha, ridiculamente pequena e modesta, também para ir com Red. As peças maiores de mobiliário tiveram de ser retiradas pela porta da entrada, pois manobrá-las pela cozinha era demasiado complicado; e, sempre que isso acontecia, alguém tinha de agarrar nas longas caudas dos dois fantasmas centrais do alpendre e pendurá-las de lado com cordas. Mesmo assim, Stem e Denny (ou quem quer que estivesse a carregar algo) por vezes ficavam presos nas faixas de gaze de algodão, baixando-se, praguejando e tentando libertar-se das mesmas.

— Mas por que raio é que estas coisas tinham de ser penduradas numa altura destas... — exclamava um deles. Mas ninguém chegou ao ponto de sugerir que fossem retirados.

A família inteira já tinha comentado o quão prestável Denny andava nos últimos tempos, mas o que é que ele foi fazer a seguir? Anunciou na noite de sábado que partiria na manhã seguinte.

— Amanhã de manhã? — perguntou Jeannie. O contingente de Bouton Road encontrava-se a jantar em casa dela, agora que os tachos e panelas estavam todos empacotados, e ela tinha acabado de pousar um lombo de porco assado diante do Hugh da Amanda, para este o trincar. Em seguida, sentou-se na sua cadeira e disse: — Mas o pai vai mudar-se de manhã!

— Sim, sinto-me um pouco mal por causa disso — respondeu Denny.

— E o Stem à tarde!

— Mas o que é que posso fazer? — perguntou Denny para a mesa em geral. — Vem aí um furacão. Isso muda tudo.

A família dele pareceu ficar estupefacta. (O furacão estava em todas as notícias, mas previa-se que atingisse uma região a norte deles.) O Hugh da Jeannie disse:

— Por norma, as pessoas fogem dos furacões, não correm na direcção deles.

— Pois, mas tenho de me certificar de que está tudo trancado lá em casa — retorquiu Denny. Seguiu-se uma pausa; uma espécie de estupefação oculta na atmosfera. «Casa» não era uma palavra que a família associasse a Nova Jérсия. Nem mesmo Denny, tanto quanto sabiam os restantes familiares. Jeannie piscou os olhos e abriu a boca para falar. Red olhou em redor da mesa com uma expressão de interrogação; não era perceptível se teria ouvido ou não. Deb foi a primeira a conseguir falar. Disse:

— Pensava que as tuas coisas estavam todas arrumadas numa garagem, tio Denny.

— E estão — respondeu-lhe Denny. — Estão na garagem da minha senhoria. Mas ela mora sozinha; não lhe posso dizer para se desenrascar sozinha, pois não?

Stem perguntou:

— Não podes ficar até fazermos a mudança do pai, pelo menos?

— No canal de meteorologia disseram que a Amtrak talvez cancele todos os comboios a partir de amanhã à tarde. Depois fico aqui preso.

— Preso! — exclamou Jeannie, parecendo ofendida.

— Estão a pensar cortar todos os serviços do Corredor Nordeste.

— Bem — disse Red. Inspirou profundamente. — Deixa ver se percebi. Estás a pensar em ir-te embora amanhã de manhã.

— Exato.

— Antes de eu me ter mudado para a casa nova.

— Infelizmente.

— A questão aqui é a seguinte — disse Red —, como é que vai ser com o meu computador?

Denny respondeu:

— Como assim?

— Estava a contar contigo para me montares o *wi-fi*. Sabes que não tenho jeito nenhum para essas coisas! E se não conseguir estabelecer a ligação? E se o meu portátil se passar por causa de ter mudado de sítio? E se eu tentar aceder e não conseguir e depois me aparecer o raio daquela mensagem «Ligação à Internet não estabelecida»? E se aquilo continuar por tempo indeterminado e eu não conseguir sair daquilo, nem estabelecer qualquer contacto e nem conseguir ligar-me a nada?

Estava a perguntar não só a Denny mas a todos os presentes, olhando em redor da mesa com uma expressão tresloucada. Denny disse:

— Pai. O Hugh da Amanda percebe muito mais de computadores do que eu.

Porém, o Hugh da Amanda respondeu:

— Quem, eu? — E Red continuava a fitar alternadamente cada um dos presentes. Por fim, Nora, que estava sentada ao lado dele, pousou a mão sobre a dele.

— Nós tratamos disso, prometo-lhe, pai Whitshank — tranquilizou-o ela.

Red fitou-a por uns instantes e depois descontraiu-se. Ninguém fez referência ao facto de Nora nem sequer ter conta de *e-mail*.

— Fantástico — disse Jeannie a Denny. Tirou as luvas de ir ao forno e pousou-as com força ao lado do seu prato. — Desapareces sempre que te apetece; para tudo por causa do Lorde Denny. Estamos todos muito gratos por teres ficado todo este tempo; toda a gente está a tratar-te com paninhos quentes porque é um privilégio tão raro e especial quando nos honras com a tua presença.

— O filho pródigo — disse Nora com satisfação e depois sorriu para Petey, sentado na outra ponta da mesa. — Não é? — perguntou-lhe ela.

Contudo, Petey estava mais preocupado com o furacão. Disse:

— E se fores pelos ares, tio Denny, como aquela vizinha malvada d’*O Feiticeiro de Oz*? Achas que pode acontecer?

— Nunca se sabe — replicou Denny, tirando um pão do cesto e atirando-o ao ar antes de o pousar dentro do prato.

O domingo amanheceu enublado e agourento, o que não foi surpresa para ninguém. Mesmo sem os afetar diretamente, o furacão iria decerto espalhar vento, chuva e falhas de eletricidade por toda a cidade. Por essa razão, e antes que as coisas piorassem, Jeannie e Amanda deixaram logo os maridos na casa do pai delas, para ajudarem com o

trabalho pesado, e depois Amanda foi buscar os três miúdos e a cadela, e levou-os para sua casa para não atrapalharem a mudança. A tarefa de Jeannie era levar Red de carro para o apartamento dele, assim como uma série de pequenos utensílios de cozinha, e ajudá-lo a começar a instalar-se. Não valia a pena obrigá-lo a assistir à desmontagem final da casa, fora a opinião geral. No entanto, ele estava a demorar o seu tempo. Por norma um homem que detestava incomodar, recusara irritantemente a oferta de Nora de cereais frios para o pequeno-almoço e solicitara ovos mexidos, apesar de estes já estarem guardados numa arca portátil e a frigideira estar no fundo de uma caixa.

— Pai... — tinha começado Stem por dizer, mas Nora replicou:

— Não faz mal. Eu faço os ovos num instante.

Depois, Red demorou tanto tempo a comê-los que ainda estava a fazê-lo quando Jeannie chegou. Ela teve de ficar à espera, quase sem conseguir disfarçar a sua impaciência, enquanto ele comia lenta e metodicamente pequenas garfadas, mastigando com uma expressão contemplativa, ao mesmo tempo que observava Stem e os dois Hugh a atravessarem a sala de jantar de um lado para o outro carregados com caixas para o carro de Jeannie.

— Ela está sempre a dizer-me que devia ter percebido logo o tipo de pessoa que eu era quando descobriu que eu não fazia reciclagem — contava o Hugh da Amanda a Stem —, mas então é o que *eu* devia ter percebido logo pelo recado que ela me deixou a queixar-se disso?

Jeannie agitou as chaves do carro e disse:

— Pai? Vamos andando ou quê?

— Ontem à noite sonhei que a casa tinha ardido por completo — disse-lhe ele.

— O quê, esta casa?

— Dava para ver todas as vigas e postes que não estavam expostos desde que o meu pai a construiu.

— Ah, pois... — respondeu Jeannie, olhando disfarçadamente com uma expressão triste para Nora, que voltava a embrulhar a frigideira em papel de jornal. — É perfeitamente compreensível — disse ela. Em seguida, perguntou: — E o Denny, foi-se embora? Correu tudo bem?

— Não — respondeu Red. — Acho que ainda está na cama.

— Na cama!

Nora disse:

— Bati à porta do quarto dele há pouco e disse que estava a levantar-se, mas se calhar tornou a adormecer.

— Mas se estava ansioso para se ir embora!

— Tenham lá calma — respondeu Denny. — Já me levantei.

Estava parado na entrada da porta, já com o casaco vestido e com uma mochila de lona pendurada em cada ombro e um terceiro saco, muito maior, aos pés.

— Bom dia a todos — cumprimentou.

Jeannie respondeu:

— Finalmente!

— Parece que nos safámos da chuva.

— Só se tivermos muita sorte — replicou ela. — Pensava que estavas cheio de pressa!

— Deixei-me dormir.

— Perdeste o comboio?

— Não, ainda vou a tempo. — Ele olhou para o pai, que perseguia insistentemente um pedaço de ovo com o garfo.

— Como é que te sentes, pai? — perguntou-lhe.

— Estou bem.

— Entusiasmado com a casa nova?

— Não.

— Há café — disse Nora a Denny.

— Deixa estar. Bebo na estação. — Ele fez uma pausa. — Chamo um táxi? — perguntou. — Ou não é preciso?

Estava a olhar para Jeannie, mas foi Nora quem lhe respondeu.

— Eu levo-te — disse-lhe.

— Parece-me que já estás muito atarefada.

Ele tornou a olhar para Jeannie. Ela sacudiu o rabo de cavalo num gesto irritado e retorquiui:

— Eu não posso. Tenho o carro cheio até acima.

— Não me custa nada, a sério — insistiu Nora.

— Está pronto, pai? — perguntou Jeannie.

Red pousou o garfo. Limpou a boca com uma folha de papel de cozinha. Em seguida, disse:

— Não me parece nada bem ir-me embora e deixar os outros a fazer todo o trabalho.

— Mas também há trabalho para fazer na casa nova. Só tu é que me podes dizer onde é que queres guardar as tuas espátulas.

— Oh, quero lá saber onde é que guardo as espátulas — retorquiui Red, numa voz subitamente elevada.

No entanto, pôs-se de pé, e Nora avançou para lhe dar um beijo na face.

— Vemo-nos amanhã à noite — disse-lhe. — Não se esqueça de que prometeu ir jantar lá a casa.

— Não me esqueci.

Ele levantou o anoraque das costas da cadeira e começou a vesti-lo. Mas depois deteve-se e olhou para Denny.

— Ouve lá — perguntou-lhe. — O tipo com a trompa, foi ideia *tua*?

Denny replicou:

— O quê?

— Foste tu que combinaste tudo? Estou mesmo a ver-te. A pagares bom dinheiro a um tipo só para que sentíssemos a tua falta.

— Não sei do que é que estás a falar.

Red abanou a cabeça e disse:

— Certo. — Deu uma gargalhada para si mesmo. — Seria um bocado disparatado, realmente — disse. Vestiu o anoraque e ajeitou o colarinho. — Seja como for — disse —, quantos tipos de camisa de alças é que ouvirão música clássica?

Denny olhou para Jeannie com uma expressão confusa, mas ela estava a ignorá-lo.

— Tens tudo, pai?

— Na verdade, não — retorquiu ele. — Mas os outros hão de trazer o resto, penso eu.

Então aproximou-se de Denny e pousou a palma da mão nas costas dele, num gesto que era um misto de palmada e abraço.

— Boa viagem, filho.

— Obrigado — respondeu Denny. — Espero que corra tudo bem com o apartamento novo.

— Sim, eu também.

Red virou as costas a Denny e saiu da sala de jantar, com Jeannie e Nora atrás dele. Denny pegou no saco que tinha aos pés e seguiu-os.

— Até logo — disse Red aos dois Hugh no átrio. Estavam de regresso depois de terem levado mais uma carga para a carrinha, ambos ligeiramente sem fôlego.

O Hugh da Jeannie perguntou a Jeannie:

— Vais-te embora agora? Se calhar ainda conseguimos pôr lá mais uma caixa.

— Esquece; põe-na na carrinha — replicou ela. — Quero-me ir embora. — Em seguida, passou por ele e apressou-se a apanhar Red, como se receasse que ele tentasse fugir. Caminharam por entre as faixas de gaze de algodão do alpendre; Stem afastou-se para o lado para os deixar passar.

— Daqui a mais ou menos uma hora estamos lá — disse ele a Red. Este não lhe respondeu.

No fundo dos degraus, Red deteve-se e virou-se para olhar para a casa.

— Por acaso, não foi um sonho normal — disse ele a Jeannie.

— Como assim, pai?

— Quando sonhei que a casa tinha ardido por completo, não foi propriamente um *sonho*. Foi mais uma daquelas imagens que nos passam pela cabeça quando estamos meio a dormir. Estava deitado na cama e a imagem veio-me à cabeça: a estrutura queimada da casa. «Não, não, tira isso da tua cabeça», foi o que eu pensei. «A casa vai ficar bem sem nós.»

— Vai, sim — retorquiu Jeannie.

Ele virou-se novamente para a frente e desceu o caminho de acesso, mas Jeannie ficou à espera de Denny e de Nora, e quando por fim eles a alcançaram, ela estendeu os braços para a confusão de mochilas de Denny para lhe dar um abraço.

— Despede-te da casa — disse-lhe ela.

— Adeus, casa — disse ele.

— A última vez que faltei à missa estava no hospital a ter o Petey — disse Nora a Denny, enquanto conduzia.

— Quer isto dizer que vais para o Inferno?

— Não — retorquiu ela, num tom sério. — Mas que é estranho, é. — Ela ligou o pisca. — Talvez ainda tente ir ao serviço da noite, se já estivermos despachados da mudança.

Denny estava a olhar pela janela, vendo as casas passar. A sua mão esquerda, pousada em cima do joelho, não parava de tamborilar um ritmo privado.

— Deves estar satisfeito por poderes voltar ao ensino — disse ela, após uns minutos de silêncio.

Ele respondeu:

— Hum? — E depois disse: — Exato.

— Vais trabalhar sempre como substituto ou gostavas de arranjar uma posição mais permanente?

— Oh, para isso precisava de fazer mais formação — respondeu ele. Parecia estar a pensar noutra coisa qualquer.

— Aposto que terias imenso jeito com miúdos do secundário.

Ele virou os olhos para ela.

— Não — retorquiu —, a experiência não foi nada boa, se queres saber. Foi algo deprimente. O que temos para lhes ensinar não passa de uma gota no oceano; e nem tudo são coisas úteis para o dia a dia, na sua maioria. Estou a pensar fazer outra coisa qualquer.

— Como, por exemplo?

— Bem, estava a pensar em fazer peças de mobiliário.

— Mobiliário — repetiu ela, como se estivesse a testar a palavra.

— Quer dizer, um trabalho que me desse algo... que se visse, entendes? Para ter o que mostrar no final do dia. Para quê negá-lo: venho de uma família de pessoas que constroem coisas.

Nora acenou com a cabeça, para si mesma, e Denny desviou novamente o olhar para a janela.

— Aquela cena da trompa — disse ele, olhando para um autocarro que ia a passar. — Percebeste do que se tratava?

Nora replicou:

— Não faço ideia.

— Espero que ele não esteja a perder o juízo.

— Ele vai ficar bem — retorquiu Nora. — Vamos mantê-lo debaixo de olho.

Tinham alcançado agora o cimo da St. Paul Street. Dali até à Penn Station seria um instante no sentido sul. Nora recostou-se no seu assento, os dedos ao de leve na base do volante. Mesmo a conduzir, ela dava a impressão de estar a flutuar. Disse:

— Gostava que soubesses, Denny, ou melhor, eu e o Douglas gostávamos que soubesses que estamos muito gratos por teres vindo dar uma ajuda. Foi muito importante para os teus pais. Espero que saibas isso.

Ele tornou a olhar para ela.

— Obrigado — disse. — Quer dizer, de nada. Mas obrigado também aos dois.

— E foi muito generoso da tua parte não teres dito nada em relação à mãe dele.

— Oh, quer dizer, ninguém tem nada que ver com isso.

— Não teres dito ao Douglas, quero eu dizer. Quando ele era miúdo.

— Ah.

Seguiu-se novo silêncio.

— Sabes o que é que aconteceu? — perguntou ele, de súbito. Havia algo alarmante no seu tom de voz, como se não tivesse tencionado dizer nada até esse instante. — Lembras-te de quando remendei a camisa do pai?

— Sim.

— Aquela espécie de *dashiki*.

— Lembro-me, sim.

— Estava a pensar que jamais conseguiria encontrar o mesmo tom de azul, porque era um azul muito *vivo*. Mas fui ao armário da roupa de casa onde a mãe costumava guardar a caixa de costura, abri a porta e, antes de ter tempo de pegar na caixa, um carrinho de linha azul-vivo rolou do fundo da prateleira. Fiz uma concha com a mão, junto à prateleira, e o carrinho caiu-me mesmo na mão.

Agora estavam parados no semáforo. Nora lançou-lhe um olhar atencioso e distante.

— É claro que há uma explicação para isso — disse ele. — Primeiro, é claro que a mãe tinha esse tom, pois afinal de contas foi ela que fez a *dashiki* e ninguém deita fora um carrinho de linha só porque é velho. Quanto ao facto de estar fora da caixa daquela maneira... bem, eu tinha entornado uma série de coisas antes, quando tive de pregar um botão. E o carrinho deve ter rolado quando eu abri a porta do armário. Por causa da deslocação do ar, ou algo assim; não sei.

O semáforo mudou para verde e Nora continuou em frente.

— Mas naquela fração de segundo, antes de me ter dado conta de tudo isto — explicou ele —, quase imaginei que era ela que mo estava a dar. Uma espécie de sinal secreto, estás a ver? É parvoíce, não é?

Nora respondeu.

— Não.

— Pensei: «É como se ela estivesse a dizer que me perdoa» — disse Denny. — Depois levei a *dashiki* para o meu quarto e sentei-me em cima da cama para a remendar, mas de repente ocorreu-me outra coisa. Pensei: «Ou então está a dizer-me que sabe que eu é que a perdoei a *ela*.» E de repente fui invadido por uma enorme sensação de alívio.

Nora acenou com a cabeça e fez sinal de que iria virar.

— Enfim, estas coisas são sempre um mistério, não é? — perguntou Denny, olhando para a fila de casas que passavam a correr.

— Pois parece-me que tu já o solucionaste — disse-lhe Nora.

Ela virou para a Penn Station.

Na zona de largada de passageiros, ela estacionou o carro e abriu a bagageira.

— Não te esqueças de ir dando notícias — disse-lhe ela.

— Oh, claro. Jamais desapareceria sem dizer nada; esta malta precisa de mim para o drama.

Ela esboçou um sorriso; as suas covinhas do rosto ficaram ainda mais visíveis.

— É o mais certo — replicou. — Olha que acho que tens toda a razão. — Então recebeu o beijo dele na face e acenou ligeiramente com a mão quando ele saiu do carro.

As nuvens lá no alto exibiam agora uma tonalidade cinzento-escura, agitando-se como revoltas águas lamacentas do fundo de um lago, e, no interior da estação, a claraboia (habitualmente um caleidoscópio de tons verde-água pálidos e translúcidos) revelava uma cor opaca. Denny passou pelas bilheteiras automáticas, cujas filas se estendiam por toda a entrada, e dirigiu-se para a fila de atendimento pessoal. Mesmo aí havia dez ou doze pessoas à sua frente, pelo que pousou os sacos e empurrou-os com o pé à medida que a fila ia avançando. Pressentia a ansiedade na multidão de gente. Um casal de meia-idade parado atrás dele aparentemente não se lembrara de fazer reservas e a mulher não parava de dizer:

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, eles já não devem ter lugares disponíveis, pois não?

— Claro que sim — respondeu-lhe o marido. — Deixa-te de coisas.

— Eu sabia que devíamos ter ligado a reservar os bilhetes. Está toda a gente a tentar fugir do furacão.

«Furacon», foi como ela pronunciou a palavra. Tinha um sotaque de Baltimore, flexível e metálico, e uma voz rouca de fumadora.

— Se não houver lugares neste, apanhamos o próximo — disse-lhe o marido.

— O próximo! Olha que não deve haver nenhum a seguir. Eles vão cancelar todos depois deste.

O marido bufou, exasperado, mas Denny compreendia a mulher. Apesar de já ter o seu lugar reservado, não estava muito confiante. E se cancelassem todos os comboios antes de chegar o seu? E se ele fosse obrigado a voltar para Bouton Road? Enclausurado com a sua família, preso. Encravado, qual unha do dedo do pé.

O homem à sua frente foi chamado ao guiché e Denny empurrou os sacos para a frente. Ia calhar-lhe o funcionário idoso com a expressão reprovadora; tinha a certeza. «Lamento, cavalheiro...», diria o funcionário, não aparentando lamentar nada.

Mas não, calhou-lhe a senhora afro-americana de expressão sorridente e as primeiras palavras dela, quando ele lhe deu o número de confirmação, foram:

— Que sortudo! — Ele assinou a compra do bilhete com satisfação, sem se queixar do preço como era seu hábito. Agradeceu e carregou os sacos em direção à Dunkin' Donuts, a fim de comprar um café e, pensando melhor, um bolo também, para comemorar. Afinal iria conseguir sair dali.

As poucas mesas à frente da Dunkin' Donuts estavam ocupadas, assim como todos os lugares da sala de espera. Ele teve de comer de pé junto a um pilar, com os sacos empilhados a seus pés. Viam-se mais passageiros de um lado para o outro do que era habitual por altura do Natal ou mesmo do Dia de Ação de Graças, todos com uma expressão exausta.

— *Não*, não podes comprar uma barra de chocolate — dizia uma mãe ao filho pequeno. — Não saias de perto de mim, senão perdes-te.

Uma voz melífera feminina anunciou no altifalante a chegada de um comboio com destino a sul no Portão B.

— B de Barro — disse a voz, o que Denny achou muito estranho. E, pelos vistos, a mulher sentada ao seu lado também — uma ruiva atraente com um tom de pele dourado que era sempre um prazer ver numa ruiva. Ela arqueou as sobrancelhas para ele, convidando-o a partilhar a sua estupefação.

Às vezes olhamos para uma mulher, e ela olha para nós, e dá-se uma espécie de reconhecimento subtil, um momento de cumplicidade, e depois disso tudo pode acontecer. Ou não. Denny desviou o olhar e deitou o copo de papel dentro do cesto do lixo.

O comboio do Portão B de Barro ia para DC, onde ninguém parecia querer ir, mas quando o comboio com destino a norte de Denny foi anunciado, houve uma afluência de gente em direção às escadas. Denny pensou no que o Hugh da Jeannie tinha dito na noite anterior; não seria melhor todas essas pessoas seguirem no caminho *oposto* ao do furacão? Mas as casas delas deviam ficar a norte, calculava ele — atraindo-as de forma irresistível, como se fossem aves migratórias. Empurraram-no para a frente, pelas escadas abaixo, e quando chegou à plataforma sentiu uma pequena vertigem quando passou demasiado perto da linha. Avançou, caminhando na direção das carruagens da frente. Mas não optou pela carruagem mais sossegada. As carruagens sossegadas deixavam-no inquieto; gostava de se sentar rodeado por um mar de conversas anónimas, gostava do conforto das conversas ao telemóvel misturadas.

Ao longe, o comboio curvou na direção deles, quase do mesmo tom de cinzento que o ar pesado por entre o qual avançava, e uma série de carruagens passou diante dele até o comboio parar com um ruído estridente. Não parecia haver nenhuma carruagem sossegada, tanto quanto Denny podia ver. Embarcou na porta mais próxima e escolheu o

primeiro lugar vazio, ao lado de um adolescente vestido com um casaco de cabedal, porque sabia que não havia qualquer hipótese de ficar sentado sozinho. Primeiro puxou a bagagem para o porta-bagagens por cima dos bancos e só depois perguntou:

— Este lugar está vago? — O rapaz encolheu os ombros e desviou o olhar para a janela. Denny sentou-se no lugar e tirou o bilhete do bolso do peito.

Há sempre essa sensação de «Ahhhh» quando nos instalamos finalmente num determinado lugar. Quase sempre seguida, numa questão de minutos, de: «Quando é que posso sair daqui?» Mas, para já, sentia-se completa e gratamente repousado.

As pessoas estavam a ter dificuldade em arranjar lugares. Acumulavam-se nos corredores, de um lado para o outro com as mochilas saltitantes, chamando-se uns aos outros com vozes agitadas.

— Dina? Onde é que estás?

— Estou aqui, mãe.

— Há lugares mais à frente, meus senhores! — gritou um revisor da ponta do fundo.

O comboio começou a mexer-se e as pessoas que ainda estavam de pé foram projetadas para a frente, agarrando-se para não caírem. Uma mulher possivelmente com idade suficiente para que lhe fosse oferecido um lugar parou junto de Denny por uns instantes, e ele examinou o seu bilhete com muita atenção até outra mulher a ter chamado e ela se ter afastado.

Filas de casas passaram num fluxo lento e sombrio — as janelas das traseiras fechadas com cortinas ou tapadas por estores de papel, os alpendres das traseiras atulhados com churrasqueiras e caixotes do lixo, os jardins uma amálgama de eletrodomésticos estragados cheios de ferrugem. No interior da carruagem, a agitação acalmou-se

gradualmente. O rapaz sentado ao lado de Denny encostou a cabeça ao vidro da janela e fitou a rua lá fora. Num gesto o mais sub-reptício possível, Denny tirou o telemóvel do bolso. Premiou a tecla de marcação rápida e depois inclinou-se para a frente até ficar quase dobrado. Não queria que ninguém ouvisse essa conversa.

«Olá, ligou para a Alison», disse a voz da gravação. «Ou saí ou não estou disponível, por isso é favor deixar mensagem.»

— Atende, Allie — disse ele. — Sou eu.

Seguiu-se uma pausa e depois ouviu-se um clique.

— Até parece que o facto de dizeres «sou eu» me vai fazer largar tudo e vir a correr — disse ela.

Noutra altura, ele talvez tivesse respondido: «E não foi o caso?» Há três meses, talvez o tivesse respondido. Mas agora limitou-se a dizer:

— A esperança é a última coisa a morrer.

Ela não lhe respondeu.

— O que é que estavas a fazer? — perguntou ele, por fim.

— A tentar preparar-me para o *Sandy*.

— Quem é o *Sandy*?

— O que é o *Sandy*, idiota. O furacão *Sandy*; onde é que tens andado?

— Ah.

— Nas notícias estão a mostrar pessoas a pôr sacos de areia à porta, mas onde raio é que vou comprar isso?

— Eu trato disso — respondeu-lhe ele. — Já estou no comboio.

Mais uma pausa, durante a qual ele permaneceu completamente imóvel. Mas, no final, ela disse apenas:

— Denny.

— O que foi?

— Eu ainda não disse que sim.

— Eu sei — retorquiu ele. Disse-o depressa de mais, para que ela não pudesse retirar a palavra «ainda». — Mas tenho esperança de que, assim que puseres a vista em cima da minha irresistível pessoa, se faça magia.

— Não me digas — retorquiu ela, num tom seco.

Ele semicerrou os olhos, quase fechando-os, e ficou à espera.

— Já discutimos este assunto — disse ela. — Nada mudou. Nem penses que vou permitir que as coisas continuem como estavam.

— Eu sei isso.

— Estou cansada. Estou farta. Tenho trinta e três anos.

O revisor estava parado ao lado dele. Denny endireitou-se no lugar e estendeu-lhe o bilhete, sem olhar.

— Preciso de alguém com quem possa contar — disse ela.

— Preciso de um tipo que não mude de emprego mais vezes do que a maioria das pessoas muda de ginásio, que não parta numa viagem sem avisar e que não passe o dia sentado de cuecas a fumar erva. E, acima de tudo, alguém que não esteja sempre taciturno, taciturno, taciturno. Taciturno por nenhuma razão aparente! Apenas taciturno!

Denny voltou a inclinar-se para a frente.

— Ouve — disse ele. — Allie. Estás sempre a perguntar-me o que raio é que se passa comigo, mas não achas que eu também me interrogo? Tenho-me perguntado o mesmo toda a minha vida; acordo a meio da noite e pergunto-me: «O que é que se passa comigo? Como é que pude dar cabo de tudo?» Olho para a maneira como às vezes me comporto e não sei explicá-lo.

O silêncio do outro lado era tão profundo que ele se interrogou se ela teria desligado.

— Al?

— O que é?

— Estás aí?

— Estou.

Ele disse:

— O meu pai diz que sente que a minha mãe já cá não está mesmo quando está a dormir.

— Isso é muito triste — disse Allie, passados uns segundos.

— Mas eu também — respondeu ele. — Senti que tu não estavas comigo cada segundo que estive fora.

A única coisa que ele ouviu foi o silêncio.

— Quero voltar para casa — disse ele. — Quero fazer as coisas de maneira diferente desta vez.

Mais silêncio.

— Allie?

— Bem — respondeu ela —, acho que podemos levar as coisas um dia de cada vez.

Ele exalou. Disse:

— Não te vais arrepender.

— Provavelmente, até vou.

— Não vais nada, juro por Deus.

— Mas é só à experiência, entendes? Só estás aqui à prova.

— Com certeza. Quanto a isso, não há dúvidas — disse ele. — Podes pôr-me na rua à primeira asneira.

— Meu Deus, não sei porque é que sou tão parva.

Ele disse:

— As minhas coisas ainda estão na tua garagem?

— Continuavam lá da última vez que lá fui.

— Então e... posso levá-las de volta para casa?

Como ela não lhe respondeu de imediato, ele agarrou o telemóvel com mais força.

— Não é obrigatório fazê-lo — disse ele. — Quer dizer, se me disseres que tenho de ficar a morar por cima da garagem outra vez, agora de início, eu compreendo.

Allie respondeu:

— Bem, não me parece que seja preciso ir *tão* longe.
Ele relaxou a mão que segurava o telemóvel.

As duas raparigas atrás dele não paravam de rir. Estavam constantemente a desmanchar-se em cascatas de risadas, perdigotos e guinchos. Mas a que é que as raparigas daquela idade achavam tanta graça? Os outros passageiros estavam a ler, a ouvir música ou a escrever nos seus portáteis, mas aquelas duas não paravam de exclamar: «Oh, oh, oh», e de arquejar, e depois desatavam novamente às gargalhadas.

Denny olhou de soslaio na direção do rapaz sentado ao seu lado, quase à espera de poder trocar olhares de admiração com ele, mas para seu horror viu que o rapaz estava a chorar. Não estava apenas com lágrimas nos olhos; estava a soluçar, a boca distendida em sofrimento, as mãos agarradas convulsivamente aos joelhos. Denny não sabia o que fazer. Oferecer-lhe apoio? Ignorá-lo? Mas ignorá-lo parecia-lhe demasiado insensível. E quando alguém manifestava o seu sofrimento de uma forma tão aberta, não estaria necessitado de ajuda? Denny olhou em redor, mas nenhum dos passageiros parecia ciente da situação. Transferiu o seu olhar para as costas do banco à sua frente e desejou que o momento passasse.

Era como quando Stem tinha ficado lá em casa da primeira vez, quando dormia no quarto de Denny e todas as noites chorava até adormecer, e Denny ficava muito quieto e rígido, a fitar a escuridão, tentando não o ouvir.

Ou como quando ele próprio, anos mais tarde no colégio interno, passava o dia a ansiar pela hora de dormir, para poder deixar as lágrimas escorrerem secretamente das suas faces para a almofada, apesar de não existir nenhum motivo para tal, pois só Deus sabia o quanto estava aliviado por estar longe da sua família e o quanto eles ficavam

aliviados por se livrarem dele. Graças a Deus que os outros rapazes nunca se tinham apercebido.

Foi esse último pensamento que lhe disse o que fazer em relação ao rapaz sentado ao seu lado: nada. Fingir não reparar. Olhar para lá dele, para a janela salpicada de chuva. Concentrar-se unicamente na paisagem, que agora tinha dado lugar a campos abertos, deixando para trás as fileiras de casas deterioradas, deixando para trás a estação sob o peso das nuvens negras e turvas, e as ruas vazias da cidade em redor, e as ruas mais estreitas mais a norte com as árvores reviradas pelo vento, e a casa em Bouton Road onde os fantasmas de saias transparentes brincavam e dançavam no alpendre já sem ninguém a ver.